N.º 4 Bibliotheca da ACTUALIDADE 1874

OBRAS COMPLETAS

DE

LUIZ DE CAMÕES

EDIÇÃO CRITICA

Com as mais notaveis variantes

TOMO I

PARNASO DE LUIZ DE CAMÕES

Vol. 4.º—Eclogas (conclusão)

PORTO

IMPRENSA PORTUGUEZA — EDITORA

1874

EGLOGAS

PARNASO

DE

LUIZ DE CAMÕES

EGLOGAS

RECOLHIDAS PELO LICENCIADO SOROPITA EM 1595

EGLOGA I (*)

Á morte de D. Antonio de Noronha, que morreu em Africa, e á morte de D. João III de Portugal e de D. João, pãe de el-rei Dom Sebastião.

INTERLOCUTORES

UMBRANO, FRONDELIO, AONIA

Que grande variedade vão fazendo, [1]
Frondelio amigo, as horas apressadas!
Como se vão as cousas convertendo
Em outras cousas várias e insperadas!
Hum dia a outro dia vae trazendo
Por suas mesmas horas já ordenadas;
Mas quão conformes são na quantidade,
Tão differentes são na qualidade. [2]

Eu vi já d'este campo as varias flôres
Ás estrellas do céo fazendo inveja;
Adornados andar vi os pastores [3]
De quanto por o mundo se deseja; [4]
E vi co'o campo competir nas côres
Os trajes, de obra tanta e tão sabeja,
Que se a rica materia não faltava,
A obra de mais rica sobejava.

(*) No Ms. de Luiz Franco intitula-se: *Egloga funerea.* Fl. 13, v.

E vi perder seu preço ás brancas rosas,
E quasi escurecer-se o claro dia
Diante de humas mostras perigosas,
Que Venus mais que nunca engrandecia.
As pastoras, emfim, vi tão formosas, [5]
Que o Amor de si mesmo se temia;
Mas mais temia o pensamento falto
De não ser para ter temor tão alto.
Agora tudo está tão differente,
Que move os corações a grande espanto; [6]
E parece que Jupiter potente
Se enfada já d'o mundo durar tanto.
O Tejo corre turvo e descontente,
As aves deixam seu suave canto,
E o gado, inda que a herva lhe fallece, [7]
Mais que da falta d'ella se emmagrece.

FRONDELIO

Umbrano irmão, decreto he da natura,
Inviolavel, fixo e sempiterno,
Que a todo bem succeda desventura,
E não haja prazer que seja eterno:
Ao claro dia segue a noite escura,
Ao suave verão o duro inverno; [8]
E se ha cousa que saiba ter firmeza, [9]
He sómente esta lei da natureza.
Toda alegria grande e sumptuosa
A porta abrindo vem ao triste estado: [10]
Se hum'hora vejo alegre e deleitosa,
Temendo estou do mal apparelhado.
Não vês que móra a serpe venenosa
Entre as flôres do fresco e verde prado?

Ah! não te engane algum contentamento; [11]
Que mais instavel he que o pensamento.
E praza a Deos que o triste e duro fado
De tamanhos desastres se contente;
Que sempre hum grande mal inopinado
He mais do que o espera a incauta gente:
Que vejo este carvalho que queimado
Tão gravemente foi do raio ardente,
Não seja ora prodigio que declare [12]
Que o barbaro cultor meus campos are.

UMBRANO

Em quanto do seguro azambujeiro
Nos pastores de Luso houver cajados,
Com o valor antiguo, que primeiro [13]
Os fez no mundo tão assinalados,
Não temas tu, Frondelio companheiro, [14]
Qu'em algum tempo sejam sobjugados,
Nem que a cerviz indomita obedeça
A outro jugo qualquer que se lhe offreça. [15]
E postoque a soberba se levante
De inimigos a torto e a direito, [16]
Não crêas tu que a força repugnante [17]
Do fero e nunca já vencido peito,
Que desde quem possue o monte Atlante
Adonde bebe o Hydaspe tem sujeito, [18]
O possa nunca ser de fôrça alheia,
Em quanto o sol a terra e o céo rodeia.

FRONDELIO

Umbrano, a temeraria segurança
Qu'em fôrça, ou em razão não se assegura,
He falsa e vã; que a grande confiança

Não he sempre ajudada da ventura.
Que lá junto das aras da esperança,
Némesis moderada, justa e dura,
Hum freio lhe está pondo e lei terribil, [19]
Que os limites não passe do possibil.
E se attentares bem os grandes danos [20]
Que se nos vão mostrando cada dia,
Porás freio tambem a esses enganos
Que te está figurando a ousadia. [21]
Tu não vês como os lobos Tingitanos,
Apartados de toda cobardia,
Matam os cães do gado guardadores,
E não sómente os cães, mas os pastores? [22]
Pois o grande curral, seguro e forte, [23]
Do alto monte Atlas não ouviste
Que com sanguinolenta e fera morte
Despovoado foi por caso triste?
Oh triste caso! oh desastrada sorte, [24]
Contra quem fôrça humana não resiste!
Que alli tambem da vida foi privado
O meu Tionio, ainda em flôr cortado! [25]

UMBRANO

Em lagrimas me banha rosto e peito [26]
D'esse caso terrivel a memoria,
Quando vejo quão sabio e quão perfeito,
E quão merecedor de longa historia
Era esse teu pastor, que sem direito
Deu ás Parcas a vida transitoria.
Mas não ha hi quem d'herva o gado farte,
Nem de juvenil sangue o fero Marte. [27]
Porém, se te não fôr muito pezado,
(Já qu'esta triste morte me lembraste) [28]

Canta-me d'esse caso desastrado [29]
Aquelles brandos versos que cantaste,
Quando hontem, recolhendo o manso gado,
De nós-outros pastores te apartaste;
Qu'eu tambem que as ovelhas recolhia,
Não te podia ouvir como queria.

FRONDELIO

Como queres renove ao pensamento [30]
Tamanho mal, tamanha desventura?
Porqu'espalhar suspiros vãos ao vento,
Para os que tristes são, he falsa cura.
Mas, pois te move tanto o sentimento [31]
Da morte de Tionio, triste e escura,
Eu porei teu desejo em doce effeito,
Se a dôr me não congela a voz no peito. [32]

UMBRANO

Canta agora, pastor, que o gado pace [33]
Entre as humidas hervas socegado;
E lá nas altas serras, onde nace,
O sacro Tejo á sombra recostado,
C'os seus olhos no chão, a mão na face,
Está para te ouvir apparelhado;
E com silencio triste estão as Nymphas [34]
Dos olhos destillando claras lymphas. [35]
O prado as flôres brancas e vermelhas
Está suavemente presentando; [36]
As doces e solicitas abelhas, [37]
Com sussurro agradavel vão voando; [38]
As candidas, pacíficas ovelhas,
Das hervas esquecidas, inclinando [39]

As cabeças estão ao som divino
Que faz, passando, o Tejo crystallino.
  O vento d'entre as arvores respira, [40]
Fazendo companhia ao claro rio;
Nas sombras a ave gárrula suspira,
Sua magoa espalhando ao vento frio. [41]
Toca, Frondelio, toca a doce lira;
Que d'aquelle verde alamo sombrio
A branda Philomela entristecida
Ao mais saudoso canto te convida. [42]

FRONDELIO

  Aquelle dia as aguas não gostaram
As mimosas ovelhas; e os cordeiros
O campo encheram d'amorosos gritos.
E não se penduraram dos salgueiros [43]
As cabras, de tristeza; mas negaram
O pasto a si, e o leite a os cabritos.
Prodigios infinitos
Mostrava aquelle dia,
Quando a Parca queria
Principio dar ao fero caso triste.
E tu tambem (ó corvo) o descobriste,
Quando da mão direita em voz escura,
Voando, repetiste
A tyrannica lei da morte dura.
  Tionio meu, o Tejo crystallino,
E as arvores que já desamparaste [44]
Choram o mal de tua ausencia eterna,
Não sei porque tão cedo nos deixaste!
Mas foi consentimento do destino,
Por quem o mar e a terra se governa.
A noite sempiterna, [45]

Que tu tão cedo viste
Cruel, acerba, e triste,
Sequer de tua idade não te dera
Que lográras a fresca primavera?
Não usára comnosco tal crueza, [46]
Que nem nos montes fera,
Nem pastor ha no campo sem tristeza.
  Os Faunos, certa guarda dos pastores,
Já não seguem as Nymphas na espessura,
Nem as as Nymphas aos cervos dão trabalho.
Tudo, qual vês, he cheio de tristura: [47]
Ás abelhas o campo nega as flôres,
Como ás flôres a aurora nega o orvalho.
Eu, que cantando espalho
Tristezas todo o dia,
A frauta que soía
Mover as altas árvores tangendo,
Se me vae de tristeza enrouquecendo;
Que tudo vejo triste n'este monte:
E tu tambem correndo
Manas envolta e triste, ó clara fonte.
  As Tagides no rio, e na aspereza
Do monte as Oreádas, conhecendo
Quem te obrigou ao duro e fero Marte;
Como em geral sentença vão dizendo, [48]
Que não póde no mundo haver tristeza
Em cuja causa Amor não tenha parte.
Porqu'elle, emfim, d'est'arte [49]
Nos olhos saudosos,
Nos passos vagarosos,
E no rosto, que Amor com phantasia [50]
Da pallida viola lhe tingia, [51]
A todos de si dava sinal certo

Do fogo que trazia;
Que nunca soube amor ser encoberto.
  Já diante dos olhos lhe voavam
Imagens e phantasticas pinturas,
Exercicios do falso pensamento; [52]
Já por as solitarias espessuras [53]
Entre os penedos sós, que não fallavam,
Fallava e descobria seu tormento.
Em longo esquecimento [54]
De si, todo embebido,
Andava tão perdido,
Que quando algum pastor lhe perguntava
A causa da tristeza que mostrava, [55]
Como quem para penas só vivia,
Sorrindo, lhe tornava:
Se não vivesse triste, morreria.
  Mas como este tormento o sinalou, [56]
E tanto no seu rosto se mostrasse,
Entendendo-o já bem o pae sisudo, [57]
Porque do pensamento lh'o tirasse,
Longe da causa d'elle o apartou:
Porque, emfim, longa ausencia acaba tudo.
Oh falso Marte rudo, [58]
Das vidas cobiçoso!
Que d'onde o generoso [59]
Peito resuscitava em tanta gloria
De seus antecessores a memoria.
Alli, fero e cruel, lhe destruiste,
Por injusta victoria,
Primeiro que o cuidado, a vida triste.
  Parece-me, Tionio, que te vejo,
Por tingires a lança cobiçoso
N'aquelle infindo sangue Mauritano,

No Hispanico ginete bellicoso, [60]
Que ardendo tambem vinha no desejo
De atropellar por terra ao Tingitano.
Oh confiado engano!
Oh encurtada vida!
Que a virtude opprimida
Da multidão forçosa do inimigo
Não pôde defender-se do perigo:
Porque assi o Destino o permittiu;
E assi levou comsigo
O mais gentil pastor que o Tejo viu.
Qual o mancebo Euryalo enredado
Entre o poder dos Rutulos, fartando
As íras da soberba e dura guerra;
Do cristallino rosto a côr mudando,
Cujo purpureo sangue, derramado
Por as alvas espaldas, tinge a serra;
Que como flôr, que a terra
Lhe nega o mantimento,
Porque o tempo avarento
Tambem o largo humor lhe têm negado,
O collo inclina languido e cansado:
Tal te pinto, ó Tionio, dando o esprito [61]
A quem t'o tinha dado;
Que este he sómente eterno e infinito.
Da congelada boca a alma pura, [62]
Co'o nome juntamente da inimiga
E excellente Marfida, derramava.
E tu, gentil senhora, não te obriga
A pranto sempiterno a morte dura
De quem por ti sómente a vida amava?
Por ti aos eccos dava
Accentos numerosos;

Por ti aos bellicosos
Exercicios se deu do fero Marte.
E tu ingrata o amor já n'outra parte
Porás, como acontece ao fraco intento:
Que, emfim, emfim, d'est'arte
Se muda o feminino pensamento.
Pastores d'este valle ameno e frio,
Que de Tionio o caso desastrado
Quereis nas altas serras que se conte;
Hum tumulo, de flôres adornado, [63]
Lhe edificae ao longo d'este rio,
Que a vela enfreie ao duro navegante:
E o lasso caminhante,
Vendo tamanha mágoa,
Arraze os olhos d'ágoa,
Lendo na pedra dura o verso escrito, [64]
Que diga assi: *Memoria sou, que grito*
Para dar testimunho em toda parte
Do mais gentil Esprito
Que tiraram do mundo Amor e Marte.

UMBRANO

Qual o quieto somno aos cansados
Debaixo de algum'arvore sombria;
Ou qual aos sequiosos encalmados
O vento respirante e a fonte fria:
Taes me foram teus versos delicados,
Teu numeroso canto e melodia:
E ainda agora o tom suave e brando
Os ouvidos me fica adormentando.
Em quanto os peixes humidos tiverem
As areosas covas d'este rio, [65]
E correndo estas aguas conhecerem

Do largo mar o antiguo senhorio; [66]
E em quanto estas hervinhas pasto derem
A's petulantes cabras, eu te fio
Que em virtude dos versos que cantaste
Sempre viva o pastor que tanto amaste.
Mas já que pouco a pouco o sol nos falta,
E dos montes as sombras se accrescentam;
De flôres mil o claro céo se esmalta,
Que tão ledas aos olhos se presentam; [67]
Levemos por o pé d'esta serra alta
Os gados, que já agora se contentam
Do que comido têem, Frondelio amigo:
Anda; que até o outeiro irei comtigo.

FRONDELIO

Antes por este valle, amigo Umbrano,
Se t'aprouver, levemos as ovelhas;
Porque, se eu por acerto não me engano, [68]
De lá me sôa hum ecco nas orelhas [68]
O doce accento não parece humano.
E, se em contrário tu não me aconselhas, [70]
Eu quero descobrir que cousa seja; [71]
Que o tom m'espanta, e a voz me faz inveja.

UMBRANO

Comtigo vou, que quanto mais me chego, [72]
Mais gentil me parece a voz que ouviste,
Peregrina, excellente; e não te nego
Que me faz cá no peito a alma triste.
Vês como têm os ventos em socego?
Nenhum rumor da serra lhe resiste:
Nenhum passaro vôa, mas parece
Que, do canto vencido, lhe obedece. [73]

Porém, irmão, melhor me parecia
Que não fossemos lá; que estorvaremos;
Mas sobidos n'est'arvore sombria,
Todo o valle de aqui descobriremos.
Os çurrões e cajados, todavia,
N'este comprido tronco penduremos:
Para subir fica homem mais ligeiro.
Deixa-me tu, Frondelio, ir primeiro.

FRONDELIO

Espera, assi, dar-te-hei de pé, se queres:
Subirás sem trabalho e sem ruido;
E despois que subido lá estiveres,
Dar-me-has a mão de cima; que he partido.
Mas primeiro me dize, se o poderes [74]
Vêr, donde nasce o canto nunca ouvido;
Quem lança o doce accento delicado.
Falla; que já te vejo estar pasmado.

UMBRANO

Cousas não costumadas na espessura,
Que nunca vi, Frondelio, vejo agora;
Formosas Nymphas vejo na verdura,
Cujo divino gesto o céo namora.
Huma de desusada formosura,
Que das outras parece ser senhora,
Sobre hum triste sepulcro, não cessando,
Está perlas dos olhos destillando. [75]
De todas estas altas semidéas,
Que em tôrno estão do corpo sepultado,
Humas regando as humidas arêas, [76]
De flores têm o tumulo adornado;
Outras, queimando lagrimas sabêas,

Enchem o ár de cheiro sublimado;
Outras em ricos pannos, mais avante,
Envolvem brandamente hum novo infante.
Huma, que d'entre as outras se apartou,
Com gritos, que a montanha entristeceram,
Diz, que despois que a morte a flôr cortou
Que as estrellas sómente mereceram,
Este penhor carissimo ficou [77]
D'aquelle, a cujo imperio obedeceram
Douro, Mondego, Tejo e Guadiana, [78]
Até o remoto mar da Taprobana. [79]
Diz mais, que se encontrar este menino
A noite intempestiva, amanhecendo,
O Tejo, agora claro e crystallino, [80]
Tornará a fera Alecto em vulto horrendo.
Mas que, a ser conservado do Destino, [81]
As benignas estrellas promettendo [82]
Lhe estão o largo pasto de Ampelusa,
Co'o monte que em máo ponto viu Medusa.
Este prodigio grande Nympha bella
Com abundantes lagrimas recita.
Porém, qual a eclipsada clara estrella, [83]
Que entre as outras o céo primeiro habita:
Tal coberta de negro vejo aquella,
A quem só n'alma toca a grã desdita.
Dá cá, Frondelio, a mão; e sóbe a ver [84]
Tudo o mais que eu de dôr não sei dizer.

FRONDELIO

Oh triste morte, esquiva e mal olhada,
Que a tantas formosuras injurias!
Aquella deusa bella e delicada [85]
Sequer algum respeito ter devias.

Esta he, por certo, Aonia filha amada
D'aquelle grã Pastor, que em nossos dias
Danubio enfreia, manda o claro Ibero, [86]
E espanta o morador do Euxino fero.
  Morreu-nos o excellente e poderoso, [87]
(Que a isto está sujeita a vida humana)
Doce Aonio, d'Aonia caro esposo. [88]
Ah lei dos fados, aspera e tyranna!
Mas o som peregrino e piedoso,
Com que a formosa Nympha a dôr engana,
Escuta hum pouco. Nota e vê, Umbrano,
Quão bem que sôa o verso Castelhano.

AONIA

  Alma, y primero amor del alma mia,
Espiritu dichoso, en cuya vida
La mia estuvo en cuanto Dios queria!
  Sombra gentil de su prision salida,
Que del mundo á la patria te volviste,
Donde fuiste engendrada y procedida!
  Recibe allá este sacrificio triste,
Que te offrecen los ojos que te vieron;
Si la memoria dellos no perdiste.
  Que, pues los altos cielos permitieron,
Que no te acompañase en tal jornada,
Y para ornarse solo á ti quisieron;
  Nunca permitirán, que acompañada
De mí no sea esta memoria tuya,
Que está de tus despojos adornada.
  Ni dejará, por mas que el tiempo huya, [89]
De estar en mí con sempiterno llanto,
Hasta que vida y alma se destruya.

Mas tú, gentil Espíritu, entretanto
Que otros campos y flores vas pisando,
Y otras zampoñas oyes, y otro canto;
Agora embevecido estés mirando
Allá en el Empireo aquella Idea,
Que el mundo enfrena y rige con su mando;
Agora te posuya Citherea
En el tercero asiento, ó porque amaste, 90
Ó porque nueva amante allá te sea;
Agora el sol te admire, si miraste
Como vá por los Signos, encendido,
Las tierras alumbrando que dejaste:
Si en ver estos milagros no has perdido
La memoria de mí, ó fué en tu mano
No pasar por las aguas del olvido;
Vuelve un poco los ojos á este llano,
Verás una, que á ti con triste lloro 91
Sobre este mármol sordo llama en vano.
Pero si entraren en los Signos de oro
Lágrimas y gemidos amorosos,
Que muevan el supremo y santo coro;
La lumbre de tus ojos tan hermosos
Yo la veré muy presto: y podré verte;
Que á pesar de los hados enojosos
Tambiem para los tristes hubo muerte.

EGLOGA II

INTERLOCUTORES

ALMENO e AGRARIO

Ao longo do sereno
Tejo, suave e brando,
N'hum valle d'altas árvores sombrio,
Estava o triste Almeno
Suspiros espalhando
Ao vento, e doces lagrimas ao rio.
No derradeiro fio
O tinha a esperança,
Que com doces enganos
Lhe sustentára a vida tantos annos
N'huma amorosa e branda confiança;
Que quem tanto queria,
Parece que não erra, se confia.
A noite escura dava
Repouso aos cansados
Animaes esquecidos da verdura;
O valle triste estava
Co'uns ramos carregados,
Qu'inda a noite faziam mais escura. [1]
Offrecia a espessura [2]
Hum temeroso espanto:
As roucas rãas soavam
N'hum charco de agua negra, e ajudavam
Do passaro nocturno o triste canto:
O Tejo com som grave
Corria mais medonho que suave.

Como toda a tristeza
No silencio consiste,
Parecia que o valle estava mudo.
E com esta graveza
Estava tudo triste,
Porém o triste Almeno mais que tudo:
Tomando por escudo
De sua doce pena,
Para poder soffrel-a,
Estar imaginando a causa d'ella;
Qu'em tanto mal he cura bem pequena.
Maior o he o tormento,
Que toma por allívio hum pensamento.
Ao rio se queixava
Com lagrimas em fio,
Com que as ondas cresciam outro tanto. [3]
Seu doce canto dava
Tristes aguas ao rio,
E o rio triste som ao doce canto.
Ao sonoroso pranto, [4]
Que as aguas enfreava, [5]
Responde o valle umbroso.
De tanta voz o accento temeroso [6]
Na outra parte do rio retumbava;
Quando, da phantasia
O silencio rompendo, assi dizia:
Corre suave e brando
Com tuas claras ágoas,
Sahidas de meus olhos, doce Tejo;
Fé de meus males dando,
Para que minhas mágoas
Sejam castigo igual de meu desejo:
Que, pois em mim não vejo

Remedio, nem o espero;
E a morte se despreza
De me matar, deixando-me á crueza
D'aquella por quem meu tormento quero;
Saiba o mundo meu dano,
Porque se desengane em meu engano.
Já que minha ventura,
Ou a causa qu'a ordena, [7]
Quer qu'em pago da dôr tome o soffrel-a; [8]
Será mais certa cura
Para tamanha pena
Desesperar d'haver já cura n'ella.
Porque se minha estrella
Causou tal esquivança, [9]
Consinta meu cuidado
Que me farte de ser desesperado,
Para desenganar minha esperança:
Pois sómente nasci [10]
Para viver na morte, e ella em mi.
Não cesse meu tormento
De fazer seu officio,
Pois aqui têm hum'alma ao jugo atada: [11]
Nem falte o soffrimento,
Porque parece vício
Para tão doce mal faltar-me nada.
Oh Nympha delicada,
Honra da natureza!
Como póde isto ser,
Que de tão peregrino parecer
Pudesse proceder tanta crueza?
Não vem de nenhum geito
De causa divinal contrário effeito.

Pois como pena tanta
He contra a causa d'ella?
Fóra he do natural minha tristeza.
Mas a mi que m'espanta?
Não basta (ó Nympha bella)
Que pódes perverter a natureza?
Não he a gentileza
De teu gesto celeste
Fóra do natural?
Não póde a natureza fazer tal:
Tu mesma (ó bella Nympha) te fizeste; [12]
Porém, porque tomaste
Tão dura condição, se te formaste? [13]
Por ti o alegre prado
Me he penoso e duro; [14]
Abrolhos me parecem suas flôres.
Por ti do manso gado,
Como de mi, não curo,
Por não fazer offensa a teus amores.
Os jogos dos pastores,
As lutas entr'a rama,
Nada me faz contente:
E sou já do que fui tão differente,
Que quando por meu nome alguem me chama,
Pasmo, porque conheço [15]
Qu'inda commigo proprio me pareço. [16]
O gado, que apascento,
São n'alma os meus cuidados; [17]
As flôres, que no campo sempre vejo, [18]
São no meu pensamento
Teus olhos debuxados,
Com qu'estou enganando o meu desejo.
Do frio e doce Tejo [19]

As aguas se tornaram
Ardentes e salgadas,
Despois que minhas lagrimas cansadas
Com seu puro licor se misturaram;
Como quando mistura
Hyppanis co'o Exampêo sua agua pura. [20]
Se ahi no mundo houvesse
Ouvires-me algum'hora,
Assentados na praia d'este rio;
E d'arte te dissesse
O mal que passo agora,
Que pudesse mover-te o peito frio!...
Oh quanto desvario,
Qu'estou imaginando! [21]
Já agora meu tormento
Não póde pedir mais ao pensamento,
Qu'este phantasiar, d'onde penando [22]
A vida me reserva.
Querer mais de meu mal será soberba.
Já a esmaltada Aurora
Descobre o negro manto [23]
Da sombra, que as montanhas encobria.
Descansa, frauta, agora,
Pois meu escuro canto [24]
Não merece que veja o claro dia.
Não canse a phantasia
D'estar em si pintando
O gesto delicado,
Em quanto traz ao pasto o manso gado
Esse pastor, que lá só vem fallando.
Callar-me-hei sómente;
Que o meu mal nem ouvir se me consente.

AGRARIO.

Formosa manhã clara e deleitosa,
Que, como fresca rosa na verdura,
Te mostras bella e pura, marchetando
As Nymphas, espalhando teus cabellos [25]
Nos verdes montes bellos; tu só fazes,
Quando a sombra desfazes triste e escura,
Formosa a espessura e a clara fonte, [26]
Formoso o alto monte e o rochedo,
Formoso o arvoredo e deleitoso,
E emfim tudo formoso co'o teu rosto
D'ouro e rosas composto e claridade;
Trazes a saudade ao pensamento,
Mostrando em um momento o rôxo dia,
Com a doce harmonia nos cantares
Dos passaros a pares, que voando
Seu pasto andam buscando nos raminhos,
Para os amados ninhos que mantém.
Oh grande e summo bem da natureza!
Estranha subtileza de pintora,
Que matiza em hum'hora de mil côres [27]
O céo, a terra, as flôres, monte e prado!
Oh tempo já passado! quão presente
Te vejo abertamente na vontade!
Quão grande saudade tenho agora [28]
Do tempo que a pastora minha amava,
E de quanto prezava a minha dôr!
Então tinha o amor maior poder,
Quando em hum só querer nos igualava; [29]
Porque quando hum amava a quem queria, [30]
Logo ecco respondia d'affeição [31]
No brando coração da doce imiga.

N'esta amorosa liga concertavam
Os tempos, que passavam com prazeres.
Mostrava a flava Ceres por as eiras
Das brancas sementeiras ledo fruto,
Pagando seu tributo aos lavradores;
E enchia aos pastores todo o prado
Pales do manso gado guardadora.
Hiam Zéphyro e Flora passeando, [32]
Os campos esmaltando de boninas;
Nas fontes cristallinas triste estava [33]
Narciso, qu'inda olhava n'agua pura
Sua linda figura e delicada:
Mas Ecco, namorada de tal gesto, [34]
Com pranto manifesto, seu tormento
No derradeiro accento lamentava.
Alli tambem se achava o sangue tinto
Do purpureo Jacintho; e o destrôço [35]
De Adonis bello moço; morte fêa [36]
Da bella Cytherêa tão chorada;
Toda a terra esmaltada d'estas rosas.
Hiam Nymphas formosas por os prados; [37]
E os Faunos namorados apoz ellas,
Mostrando-lhes capellas de mil côres,
Ordenadas das flôres que colhiam: [38]
As Nymphas lhe fugiam espantadas, [39]
As faldas levantadas, por os montes. [40]
Via-se a agua das fontes espalhar-se; [41]
Vertumno transformar-se alli se via;
Pomona, que trazia os doces fruitos; [42]
Alli pastores muitos, que tangiam
As gaitas que traziam. e cantando [43]
Estavam enganando as suas penas,
Tomando das Sirenas o exercicio.

Ouvia-se Salicio lamentar-se;
Da mudança queixar-se crua e fêa
Da dura Galathêa tão formosa:
E da morte invejosa Nemoroso
Ao monte cavernoso se querella,
Que a sua Elisa bella em pouco espaço
Cortou inda em agraço. Ah dura sorte! [44]
Oh immatura morte, que a ninguem
De quantos vida tem jámais perdoas! [45]
Mas tu, tempo, que voas apressado,
Hum deleitoso estado quão asinha
N'esta vida mesquinha transfiguras
Em mil desaventuras, e a lembrança
Nos deixas por herança do que levas!
Assi que se nos cevas com prazeres,
He para nos comeres no melhor.
Cada vez em peor te vás mudando:
Quanto vens inventando, qu'hoje approvas,
Logo ámanhã reprovas com instancia.
Oh perversa inconstancia e tão profana [46]
De toda cousa humana inferior,
A quem o cego error sempre anda annexo!
Mas eu de que me queixo? ou eu que digo? [47]
Vive o tempo commigo? ou elle tem
Culpa no mal que vem da cega gente?
Por ventura elle sente, ou elle entende
Aquillo que defende o ser divino?
Elle usa de contino seu officio,
Que já por exercicio lhe he devido:
Dá-nos fructo colhido na sazão [48]
Do formoso verão; e no inverno, [49]
Com seu humor eterno congelado,
Do vapor levantado co'a quentura

Do sol, a terra dura lhe dá alento, 50
Para que o mantimento produzindo,
Estê sempre cumprindo seu costume.
Assi que não consumme de si nada,
Nem muda da passada vida hum dedo:
Antes sempre está quedo no devido,
Porqu'este he seu partido e sua usança;
E n'elle esta mudança he mais firmeza.
Mas quem a Lei despreza, e pouco estima,
De quem de lá de cima está movendo
O céo sublime e horrendo, o mundo puro,
Este muda o seguro e firme estado
Do tempo, não mudado de verdade.
Não foi n'aquella idade d'ouro claro
O firme tempo caro e excellente?
Vivia então a gente moderada;
Sem ser a terra arada dava pão;
Sem ser cavado o chão as fructas dava;
Nem aguas desejava, nem quentura; 51
Suppria então natura o necessario.
Pois quem foi tão contrario a esta vida?
Saturno, que, perdida a luz serena,
Causou, qu'em dura pena, desterrado,
Fosse do céo lançado, onde vivia; 52
Porque os filhos comia, que gerava.
Por isso se mudava o tempo igual
Em mais baixo metal: e assi descendo
Nos veiu, emfim, trazendo a este estado. 53
Mas eu, desatinado, aonde vou?
Para onde me levou a phantasia?
Qu'estou gastando o dia em vãs palavras?
Quero ora minhas cabras ir levando
Ao Tejo claro e brando; porque achar 54

No mundo qu'emendar, não he d'agora:
Basta que a vida fóra d'elle tenho:
Com meu gado me avenho, e estou contente.
Porém, se me não mente a vista, eu vejo
N'esta praia do Tejo estar deitado
Almeno, que enlevado em pensamentos,
As horas e os momentos vae gastando:
Vou-me a elle chegando, só por vêr [55]
Se poderei fazer que o mal que sente,
Hum pouco se lhe ausente da memoria.

ALMENO

Oh doce pensamento! oh doce gloria! [56]
São estes por ventura os olhos bellos,
Que têm de meus sentidos a victoria?
São estas, Nympha, as tranças dos cabellos,
Que fazem do seu preço o ouro alheio,
Como a mi de mi mesmo só com vêl-os? [57]
He esta a alva columna, o lindo esteio,
Sustentador das obras mais que humanas,
Qu'eu n'estes braços tenho, e não o creio? [58]
Ah falso pensamento, que me enganas!
Fazes-me pôr a bôcca onde não devo,
Com palavras de doudo, ou quasi insanas! [59]
Como a alçar-te tão alto assi me atrevo? [60]
Taes azas dou-t'as eu, ou tu m'as dás?
Levas-me tu a mi, ou eu te levo?
Não poderei eu ir onde tu vás?
Porém, pois ir não posso onde tu fôres,
Quando fôres, não tornes onde estás. [61]

AGRARIO

Oh que triste successo foi de amores,
O que a este pastor aconteceu,
Segundo ouvi contar a outros pastores!
Tanto emfim, por seu damno se perdeu, [62]
Que o longo imaginar em seu tormento,
Em desatino Amor lh'o converteu.
Oh forçoso vigor do pensamento,
Que póde em outra cousa estar mudando
A fórma, a vida, o siso, o entendimento! [63]
Está-se hum triste amante transformando
Na vontade d'aquella, que tanto ama,
De si a propria essencia transportando. [64]
E nenhum'outra cousa mais desama,
Que a si, se vê qu'em si ha algum sentido,
Que d'este fogo insano não se inflamma.
Almeno que aqui 'stá tão influido
No phantastico sonho, que o cuidado
Lhe traz sempre ante os olhos esculpido,
Está-se-lhe pintando, de enlevado,
Que tem já da phantastica pastora [65]
O peito diamantino mitigado.
Em este doce engano estava agora [66]
Fallando como em sonho, mas achando [67]
Ser vento o que sonhava, grita e chora.
D'est'arte andavam sonhos enganando
O pastor somnolento, que a Diana
Andava entre as ovelhas celebrando;
D'est'arte a nuvem falsa, em fórma humana,
O vão pae dos Centauros enganava: [68]
(Que Amor quando contenta, sempre engana).

Como este, que comsigo só fallava, [69]
Cuidando que fallava, de enleado,
Com quem lhe o pensamento figurava. [70]
Não póde quem quer muito, ser culpado
Em nenhum êrro, quando vem a ser
Este amor em doudice transformado. [71]
Amor não será amor, se não vier [72]
Com doudices, deshonras, dissensões,
Pazes, guerras, prazer e desprazer;
Perigos, linguas más, murmurações
Ciumes, arruidos, competencias,
Temores, nojos, mortes, perdições. [73]
Estas são verdadeiras penitencias [74]
De quem põe o desejo onde não deve,
De quem engana alheias innocencias.
Mas isto têm o amor, que não se escreve
Senão donde he illicito e custoso;
E donde he mais o risco, mais se atreve. [75]
Passava o tempo alegre e deleitoso [76]
O troiano pastor, em quanto andava
Sem ter alto desejo e perigoso.
Seus furiosos touros coroava,
E nos álamos altos escrevia
Teu nome (Enone) quando a ti só amava.
Os álamos cresciam, e crescia [77]
O amor que elle te tinha: sem perigo,
E sem temor, contente te servia. [78]
Mas despois que deixou entrar comsigo
Illicito desejo e pensamento,
De sua quietação tão inimigo;
A toda a patria poz em detrimento
Com mortes de parentes e de irmãos, [79]
Com crú incendio, e grande perdimento.

N'isto fenecem pensamentos vãos:
Tristes serviços mal galardoados,
Cuja gloria se passa d'entre as mãos.
Lagrimas e suspiros arrancados
D'alma, todos se pagam com enganos:
E oxalá foram muitos enganados!
Andam com seu tormento tão ufanos,
Que gastam na doçura d'hum cuidado [80]
Apoz huma esperança muitos annos.
E tal ha tão perdido namorado,
Tão contente co'o pouco, que daria
Por hum só volver d'olhos todo o gado. [81]
Em todo povoado e companhia, [82]
Sendo ausentes de si, se vêm presentes [83]
Com quem lhes pinta sempre a phantasia. [84]
Co'hum certo não sei que andam contentes, [85]
E logo hum nada os torna, ao contrario,
De todo ser humano differentes.
Oh tyrannico Amor, oh caso vario,
Que obrigas a hum querer que sempre seja
De si continuo e aspero adversario!
E que outr'hora nenhuma alegre esteja, [86]
Senão quando do seu despôjo amado
Sua inimiga estar triumphando veja. [87]
Quero fallar com este, que enredado
N'esta cegueira está sem nenhum tento.
Acorda já, pastor, desacordado.

ALMENO

Oh porque me tiraste hum pensamento,
Que agora estava aos olhos debuxando,
De quem aos meus foi doce mantimento?

AGRARIO

N'esta imaginação estás gastando [88]
O tempo e vida, Almeno? Perda grande!
Não vês quão mal os dias vás passando?

ALMENO

Formosos olhos, ande a gente e ande;
Que nunca vos ireis d'est'alma minha,
Por mais que o tempo corra, a morte o mande. [89]

AGRARIO

Quem poderá cuidar que tão asinha
Se perca o curso assi do siso humano,
Que corre por direita e justa linha?
Que sejas tão perdido por teu dano,
Almeno meu, não he por certo aviso; [90]
He só doudice grande, grande engano.

ALMENO

Ó Agrario meu, que vendo o doce riso, [91]
E o rosto tão formoso, como esquivo,
O menos que perdi foi todo o siso.
E não entendo, desque sou captivo, [92]
Outra cousa de mi, senão que mouro:
Nem isto entendo bem, pois inda vivo.
Á sombra d'este umbroso e verde louro
Passo a vida, ora em lagrimas cansadas,
Ora em louvores dos cabellos d'ouro.
Se perguntares porque são choradas,
Ou porque tanta pena me consumme,
Revolvendo memorias magoadas;

Desque perdi da vida o claro lume,
E perdi a esperança e causa d'ella,
Não choro por razão, mas por costume.
Jámais pude co'o fado ter cautella; [93]
Nem houve nunca em mi contentamento,
Que não fosse trocado em dura estrella.
Que bem livre vivia e bem isento, [94]
Sem que ao jugo me visse submettido [95]
De nenhum amoroso pensamento!
Lembra-me, amigo Agrario, que o sentido [16]
Tão fóra d'amor tinha, que me ria
De quem por elle via andar perdido.
De várias côres sempre me vestia;
De boninas a fronte coroava;
Nenhum pastor cantando me vencia.
A barba então nas faces me apontava;
Na luta, na carreira, em qualquer manha, [97]
Sempre a palma entre todos alcançava.
Da minha idade tenra, em tudo estranha,
Vendo (como acontece) affeiçoadas
Muitas Nymphas do rio e da montanha;
Com palavras mimosas e forjadas,
De solta liberdade e livre peito,
As trazia contentes e enganadas.
Mas não querendo Amor, que d'este geito [98]
Dos corações andasse triumphando,
Em quem elle criou tão puro affeito; [99]
Pouco a pouco me foi de mi levando
Dissimuladamente ás mãos de quem
Toda esta injuria agora está vingando. [100]

AGRARIO

D'este teu caso, Almeno, eu sei mui bem
O principio e o fim; que Nemoroso
Contado tudo isto, e mais, me tem.
Mas (quero-te dizer) se este enganoso [101]
Amor he tão usado a desconcertos,
Que nunca amando fez pastor ditoso; [102]
Já que n'elle estes casos são tão certos,
Porque os estranhas tanto, que de mágoa
Te choram valles, montes e desertos? [103]
Vejo-te estar gastando em viva fragoa,
E juntamente em lagrimas; vencendo
A grã Sicilia em fogo, o Nilo em agua. [104]
Vejo que as tuas cabras, não querendo
Gostar as verdes hervas, se emmagrecem, [105]
As tetas aos cabritos encolhendo.
Os campos, que co'o tempo reverdecem,
Os olhos alegrando descontentes,
Em te vendo, parece, se entristecem. [106]
De todos teus amigos e parentes, [107]
Que lá da serra vêm por consolar-te,
Sentindo na alma a pena, que tu sentes.
Se querem de teus males apartar-te,
Deixando a choça e gado vás fugindo, [108]
Como cervo ferido, a outra parte.
Não vês que Amor, as vidas consummindo,
Vive só de vontades enlevadas
No falso parecer d'hum gesto lindo?
Nem as hervas das aguas desejadas
Se fartam; nem de flôres as abelhas;
Nem este Amor de lagrimas cansadas.

Quantas vezes, perdido entre as ovelhas,
Chorou Phebo de Daphne as esquivanças,
Regando as flôres brancas e vermelhas?
Quantas vezes as asperas mudanças
O namorado Gallo têm chorado
De quem o tinha envolto em esperanças?
Estava o triste amante recostado,
Chorando ao pé d'hum freixo o triste caso,
Que o falso Amor lhe tinha destinado.
Por elle o sacro Pindo e o grã Parnaso,
Na fonte de Aganippe destillando,
Se faziam de lagrimas hum vaso. [109]
O intonso Apollo o vinha alli culpando, [110]
A sobeja tristeza perigosa
Com asperas palavras reprovando.
Gallo, porque endoudeces? que a formosa
Nympha, que tanto amaste, descobrindo
Por falsa a fé, que dava, e mentirosa;
Por as alpinas neves vae seguindo
Outro bem, outro amor, outro desejo; [111]
Como inimiga, emfim, de ti fugindo. [112]
Mas o misero amante, que o sobejo
Mal empregado amor lhe defendia
Ter de tamanha fé vergonha ou pejo;
Da falsífica Nympha não sentia
Senão que o frio do gelado Rheno
Os delicados pés lhe offenderia.
Ora se tu vês claro, amigo Almeno,
Que d'Amor os desastres são de sorte,
Que para matar basta o mais pequeno,
Porque não pões um freio a mal tão forte,
Qu'em estado te põe, que sendo vivo,
Já não se entende em ti vida nem morte?

ALMENO

Agrario; se do gesto fugitivo,
Por caso de fortuna desastrado, [113]
Algum'hora deixar de ser captivo; [114]
Ou sendo para as Ursas degradado,
Adonde Boreas tem o Oceano [115]
Co'os frios Hyperboreos congelado;
Ou d'onde o filho de Climene insano, [116]
Mudando a côr das gentes totalmente,
As terras apartou do trato humano;
Ou se já por qualquer outro accidente [117]
Deixar este cuidado tão ditoso,
Por quem sou de ser triste tão contente;
Este rio, que passa deleitoso,
Tornando para traz, irá negando [118]
Á natureza o curso pressuroso.
As cabras por o mar irão buscando [119]
Seu pasto; e andar-se-hão por a espessura
Das hervas os delfins apascentando.
Ora se tu vês, n'alma quão segura
D'este amor tenho a fé, para qu'insistes [120]
N'esse conselho e prática tão dura?
Se de tua porfia não desistes, [121]
Vae repastar teu gado a outra parte;
Qu'he dura a companhia para os tristes.
Huma só cousa quero encommendar-te,
Para repouso algum de meu engano,
Antes que o tempo, emfim, de mi te aparte:
Que s'esta fera, qu'anda em traje humano,
Por a montanha vires ir vagando, [122]
De meu despôjo rica e de meu dano,

Com os vivos espritos inflammando [123]
O ár, o monte e a serra, que comsigo
Continuamente leva namorando;
Se queres contentar-me, como amigo,
Passando, lhe dirás: Gentil pastora,
Não ha no mundo vicio sem castigo.
Tornada em puro marmore não fôra
A fera Anaxarete, se amoroso
Mostrára o rosto angelico algum'hora.
Foi bem justo o castigo rigoroso:
Porém quem te ama (Nympha) não queria
Nódoa tão feia em gesto tão formoso. [124]

AGRARIO

Tudo farei, Almeno, e mais faria
Por algum dia vêr-te descansado, [125]
Se s'acabam trabalhos algum dia.
Mas bem vês como Phebo já empinado
Me manda que da calma iniqua e crua
Recolha em algum valle o manso gado.
Tu n'essa phantasia falsa e nua, [126]
Para engano maior de teu perigo,
Não queres companhia mais que a sua. [127]
Vou-me d'aqui, e fique Deos comtigo; [128]
E ficarás melhor acompanhado.

ALMENO

Elle comtigo vá, como commigo [129]
Me fica acompanhando o meu cuidado.

EGLOGA III

(Continuação da passada)

INTERLOCUTORES

ALMENO e BELISA

Passado já algum tempo que os amores
D'Almeno, por seu mal, eram passados,
Porque nunca Amor cumpre o que promette;
Entr'huns verdes ulmeiros apartado, [1]
Regando por o campo as brancas flôres,
Em lagrimas cansadas se derrete:
Quando a linda pastora, que compete
Co'o monte em aspereza,
Co'o prado em gentileza,
Por quem o pastor triste endoudecia, [2]
Por a praia do Tejo discorria
A lavar a beatilha e o trançado:
O sol já consentia [3]
Que sahisse da sombra o manso gado.
Já acordado d'aquelle pensamento [4]
Que tão desacordado sempre o teve, [5]
Viu por acêrto o bem, que incerto tinha.
E porque d'onde amor a mais se atreve,
Alli mais enfraquece o entendimento, [6]
Não lhe soube dizer o que convinha.
Como homem que á aprazada briga vinha,
A quem de fóra engana
A confiança humana,
E depois, vendo o rosto a quem resiste,
Treme, e teme o perigo e não insiste;
Já se arrepende, a audacia lhe fallece:

Dest'arte o pastor triste
Ousa, receia, esforça e enfraquece.
E tendo assi já attonito o sentido, [7]
Commetteu com furor desatinado,
E tirou da fraqueza coração. [8]
Comettimento foi desesperado: [9]
Qu'huma só salvação têm hum perdido,
Perder toda a esperança á salvação.
As mágoas, que passaram, se dirão:
Mas as que ella dizia,
Lembrando-lhe que via
As aguas murmurar do Tejo amenas,
Remetto a vós, ó tagides Camenas;
Qu'eu, de mágoa, não posso dizer tanto; [10]
Porqu'em tamanhas penas
Me cansa a penna, e a dôr m'impede o canto. [11]

BELISA

Que alegre campo e praia deleitosa!
Quão saudosa faz esta espessura [12]
A formosura angelica e serena
Da tarde amena! Quão saudosamente [13]
A sesta ardente abranda, suspirando,
De quando em quando o vento alegre e frio!
No fundo rio os mudos peixes saltam;
Os céos se esmaltam todos d'ouro e verde, [14]
E Phebo perde a fôrça da quentura.
Por a espessura levam, passeando,
O gado brando ao som das çanfoninas,
Pizando as finas e formosas flôres,
Os guardadores, que cantando o gesto
Formoso e honesto das pastoras qu'amam, [15]
Por o ár derramam mil suspiros vãos. [16]

Hum louva as mãos, louva outro os raios bellos, [17]
Outro os cabellos d'ouro, em som suave:
E a amorosa ave leva o contraponto. [18]
Mas oh que conto e saudosa historia
Que na memoria aqui se m'offerece!
Se não m'esquece, já d'este lugar [19]
Ouvi soar os valles algum dia, [20]
E respondia o ecco o nome em vão
N'hum coração, *Belisa* retumbando.
Estou cuidando como o tempo passa,
E quão escassa he toda alegre vida;
E quão comprida, quando he triste e dura.
N'esta 'spessura longo tempo amei:
Se m'enganei com quem do peito amava,
Não me pezava de ser enganada.
Fui salteada, emfim, d'um pensamento,
Que hum movimento tinha casto e são.
Conversação foi fonte d'este engano
Que, por meu dano, entrou com falsa côr.
Porque o amor na Nympha, que he segura,
Entra em figura de vontade honesta.
Mas que me presta agora dar desculpa?
Pois se houve culpa, foi do firme amor [21]
Só, n'hum pastor, que nunca sol nem lua, [22]
Ou serra alguma, desde o Ibero ao Indo,
Outro tão lindo viram, tão manhoso. [23]
N'est'amoroso estado, e fé que tinha
N'est'alma minha tão secretamente, [24]
Vivi contente, amando e encobrindo.
Elle fingindo mentirosos danos,
Que são enganos que não custam nada;
Tendo alcançada já no entendimento
A fé e intento meu só n'elle posto;

(Que logo o rosto mostra os corações,
E as affeições co'os olhos se praticam
Que mais publicam muito, que palavras)
Com suas cabras sempre á parte vinha,
Ond'eu mantinha os olhos do desejo.
Tu, manso Tejo, e tu, florído prado,
Do mais passado, emfim, que aqui não digo,
Sereis, m'obrigo, testimunho certo;
Pois descoberto vos foi tudo e claro. 25
Oh tempo avaro! oh sorte nunca igual!
Quão grande mal quereis á humana gente! 26
Porque hum contente estado assi trocastes?
Vós me tirastes do meu peito isento
O pensamento honesto e repousado,
Já dedicado ao côro de Diana;
Vós n'uma ufana vida me puzestes,
E alli quizestes que gozasse o dano
Do doce engano, que se chama amor,
Com cujo error passava o tempo ledo:
E vós tão cedo me tiraes hum bem, 27
Que Amor já tem impresso n'alma minha,
Despois qu'a tinha envolta em esperanças;
E com lembranças tristes me deixaes?
Mal me pagaes a fé que sempre tive.
Mas assi vive quem sem dita nace.
Mas já a face alegre o sol esconde; 28
E não responde alguem a tantas mágoas,
Senão as aguas, que dos olhos sahem.
As sombras cahem; vão-se as alimarias, 29
Fartas das várias hervas, seu caminho;
Buscam seu ninho os passaros sem dono: 30
Já por o somno esquecem o comer.
Quero esquecer tambem tão doce historia, 31

Pois he memoria que traz mór cuidado.
Isto he passado; e se me deu paixão,
Os dias vão gastando o mal e o bem;
E não convém querer-me magoar
Do qu'emendar não posso já com mágoas.
Nas claras aguas d'este rio brando,
Que vão regando o valle matizado, 32
Este trançado lavar quero emfim;
Que já de mim m'esqueço co'a lembrança
D'esta mudança, qu'esquecer não sei:
Bem qu'eu verei mudar a opinião, 33
Pois homens são: a quem o esquecimento
Depressa faz mudar o pensamento.

ALMENO

Se a vista não m'engana a phantasia,
Como já m'enganou mil vezes, quando 34
Minha ventura enganos me soffria;
Parece-me, que vejo estar lavando
Huma Nympha algum véo no claro Tejo, 35
Que se m'está Belisa figurando.
Não póde ser verdade isto que vejo;
Que facilmente aos olhos se figura 36
Aquillo que se pinta no desejo.
Oh acontecimento, qu'a ventura
Me dá para mór damno! Esta he, certo;
Que não he d'outrem tanta formosura.
Se poderei fallar-lhe de mais perto?
Mas fugir-me-ha. Não póde ser; que o rio
Para acolá não tem caminho aberto.
Oh temor grande! oh grande desvario,
Qu'a voz m'impede, e a lingua negligente
Assi m'está tornando, e o peito frio! 37

De quanto me sobeja, estando ausente,
Que para lhe fallar sempre imagino,
Tudo me falta quando estou presente. [38]
Oh aspecto suave e peregrino!
Pois como? tão asinha assi s'esquece
Huma fé verdadeira, hum amor fino?

BELISA

Oh altas semideas! pois padece [39]
Em vosso rio a honra delicada
De quem tamanha força não merece:
Ou seja por vós, Nymphas, preservada; [40]
Ou em arvore alguma, ou pedra dura [41]
Me deixae velozmente transformada.

ALMENO

Ah Nympha! não te mudes a figura:
Nem vós, deosas, queiraes qu'eu seja parte
De se mudar tão rara formosura. [42]
Porqu'a quem falta a voz para fallar-te,
E a quem falta o despejo da ousadia, [43]
Tambem faltarão mãos para tocar-te.

BELISA

Que me queres, Almeno, ou que porfia
Foi a tua tão áspera commigo?
Minha vontade não t'o merecia.
Se com amor o fazes, eu te digo, [44]
Qu'amor, que tanto mal me faz em tudo,
Não póde ser amor, mas inimigo.
Não és tu de saber tão falto e rudo,
Que tão sem siso amasses, como amaste.

ALMENO

Onde viste tu, Nympha, amor sisudo?
  Porque já não te lembra que folgaste [45]
Com meus tormentos tristes, e algum'hora
Com teus formosos olhos já m'olhaste? [46]
  Como t'esquece já (gentil pastora) [47]
Que folgavas de lêr nos freixos verdes
O que de ti 'screvia cada hora?
  Porqu'a memoria tão á pressa perdes [48]
Do amor que me mostravas, qu'eu não digo, [49]
Se o vós, ó altos montes, não disserdes?
  E como te não lembras do perigo, [50]
A que só por m'ouvir t'aventuravas,
Buscando horas de sesta, horas d'abrigo?
  Co'a maçã da discordia me tiravas;
Qu'a Venus, qu'a ganhou por formosura,
Tu, como mais formosa, lh'a ganhavas.
  E escondendo-te logo na 'spessura, [51]
Hias fugindo, como vergonhosa
Da namorada e doce travessura.
  Não era esta a maçã d'ouro formosa
Com qu'encoberta assi d'astucia tanta [52]
Cydippe s'enganou por cubiçosa, [53]
  Nem a que o curso teve d'Atalanta;
Mas era aquella, com que Galathêa
O pastor captivou, como elle canta.
  Se más tenções puzeram nodoa fêa
Em nosso firme amor, d'inveja pura,
Porque pagarei eu a culpa alhêa?
  Quem d'esta fé, quem d'est'amor não cura,
Nunca teve sujeito o coração;
Que o firme amor com a alma eterna dura.

BELISA

Mal conheces, Almeno, huma affeição;
Que s'eu d'esse amor tenho esquecimento,
Meus olhos magoados t'o dirão. [54]
Mas teu sobejo e livre atrevimento,
E teu pouco segredo, descuidando,
Foi causa d'este longo apartamento.
Vês as Nymphas do Tejo, que mudando
Me vão já pouco a pouco, o claro gesto
N'outra mais dura fórma traspassando.
Hum só segredo meu te manifesto:
Que te quiz muito em quanto Deos queria;
Mas de pura affeição, d'amor honesto. [55]
E pois de teus descuidos e ousadia [56]
Nasceu tão dura e aspera mudança,
Folgo; que muitas vezes t'o dizia.
Fica-te embora, e perde a confiança
De vêr-me nunca mais, como já viste: [57]
Que assi se desengana huma esperança.

ALMENO

Oh duro apartamento! oh vida triste!
Oh nunca acontecida desventura!
Pois como, Nympha? assi te despediste?
Assi s'ha d'ir tornando (ah sorte dura!) [58]
N'esta sylvestre e aspera rudeza
Tão branda e excellente formosura?
Tua nunca entendida gentileza,
E teus membros assi se transformaram,
Negando-se-lhe a propria natureza?

D'est'arte os teus cabellos se tornaram [59]
(Deixando já seu preço ao ouro fino)
Em folhas, que a côr têm do que negaram?
Se este consentimento foi divino,
Consinta-me tambem que perca a vida, [60]
Antes que a mais me obrigue o desatino.
Pois se a fortuna sempre embravecida [61]
Em meu tormento tanto se desmede, [62]
Não viva mais huma alma tão perdida. [63]
E vós, feras do monte, pois vos pede
Minha pena o remedio derradeiro,
Fartae já de meu sangue vossa sêde. [64]
E vós, pastores rudos d'este outeiro,
Porque a todos, emfim se manifeste
Que cousa he amor puro e verdadeiro;
Á sombra d'este funebre cypreste [65]
Me fareis hum sepulcro sem arrêo
De boninas que o prado ameno veste.
As desusadas musicas de Orphêo [66]
Aqui me cantareis; e d'esta sorte
Não haverei inveja ao mausolêo.
E porque a minha cinza se conforte, [67]
Em vossos metros doces e suaves
As exequias direis de minha morte. [68]
Alli responderão as altas aves,
Não modulas no canto nem lascivas,
Mas de dôr ora roucas, ora graves.
Não correrão as aguas fugitivas,
Alegres por aqui, mas saudosas,
Que pareça que vem dos olhos vivas. [69]
Nascerão por as praias deleitosas
Os asperos abrolhos em logar
Dos rôxos lirios, das pudicas rosas.

Não trarão as ovelhas a pastar
De redor do sepulcro os guardadores; [70]
Pois nada comeriam de pezar. [71]
Virão os Faunos, guarda dos pastores,
Se morri por amores, perguntando;
Responderão os eccos: *por amores.*
Dos que por aqui forem caminhando, [72]
Hum epitaphio triste se lerá,
Que esteja minha morte declarando.
E no tronco de huma arvore estará,
N'huma rude cortiça pendurado
Escripto co'huma fouce, e assi dirá:
Almeno fui, pastor de manso gado,
Em quanto o consentiu minha ventura,
De Nymphas e pastores celebrado. [73]
Se algum dia, por caso, na 'spessura [74]
Se perder o amor e a affeição,
Tirem a pedra d'esta sepultura,
E em figura de cinza os acharão. [75]

EGLOGA IV

(A uma Dama)

INTERLOCUTORES

FRONDOSO e DURIANO

Cantando por hum valle docemente
Desciam dous pastores, quando Phebo
No reino neptunino se escondia: [1]
De idade cada qual era mancebo; [2]
Mas velho no cuidado, e descontente
Do que lh'elle causava parecia.
O que cada hum dizia
Lamentando seu mal, seu duro fado,
Não sou eu tão ousado,
Que o pretenda cantar sem vossa ajuda: [3]
Porque se a minha ruda
Frauta d'este favor vosso fôr dina, [4]
Posso escusar a fonte Caballina.

Em vós tenho Helicon, tenho Pegáso;
Em vós tenho Calliope e Thalia; [5]
E as outras sete Irmãs, co'o fero Marte;
Em vós deixou Minerva sua valia;
Em vós estão os sonhos do Parnaso;
Das Piérides em vós s'encerra a arte.
Com qualquer pouca parte, [6]
Senhora, que me deis d'ajuda vossa
Podeis fazer qu'eu possa
Escurecer ao sol resplandecente:
Podeis fazer que a gente
Em mi do grão poder vosso s'espante;
E que vossos louvores sempre cante.

Podeis fazer que cresça d'hora em hora
O nome Lusitano, e faça inveja
A Esmirna, que d'Homero s'engrandece.
Podeis fazer tambem que o mundo veja
Soar na rude frauta o que a sonora
Cithara mantuana só merece.
Já agora me parece,
Que podem começar os meus pastores
A cantar seus amores. [7]
Porqu'inda que presentes não estejam
As qu'elles vêr desejam,
Mudança de logar, menos d'estado,
Não muda hum coração do seu cuidado.
Já deixava dos montes a altura,
E nas salgadas ondas s'escondia
O sol, quando Frondoso e Duriano,
Ao longo d'hum ribeiro, que corria
Por a mais fresca parte da verdura
Claro, suave e manso, todo o anno,
Lamentando seu damno,
Vinham já recolhendo o manso gado. [8]
Hum estava callado, [9]
Em quanto hum pouco o outro se queixava;
Apoz elle tornava
A dizer de seu mal o que sentia;
E em quanto este fallava, aquelle ouvia. [10]
Vinham-se assi queixando aos penedos,
Aos sylvestres montes e á aspereza,
Que quasi de seus males se doiam.
Alli as pedras perdiam a dureza; [11]
Alli correntes rios estar quedos,
Promptos ás suas queixas, pareciam.
Sómente as que podiam [12]

Estes males curar, pois os causavam,
O ouvido lhes negavam,
Por perderem de todo a esperança:
Mas elles, que mudança
D'amor com tantos damnos não faziam, [13]
Com ellas fallando inda, assi diziam:

FRONDOSO

Isto be o que aquella verdadeira
Fé com que t'amei sempre, merecia,
Sem nunca te deixar hum só momento?
Como (cruel Belisa) t'esquecia
Hum mal, cuja esperança derradeira
Em ti só tinha posto o seu assento?
Não vias meu tormento?
Não vias tu a fé com que t'amava?
Porque não t'abrandava
Est'amor, que me tu tão mal pagaste?
Mas pois já me deixaste
Co'a esperança de ti toda perdida,
Perca, quem te perdeu, tambem a vida.

DURIANO

Se os males que por ti tenho soffrido
(Oh Silvana, em meus males tão constante!)
Quizesses que algum'hora te dissera: [14]
Inda que, qual durissimo diamante,
Fôra o teu cruel peito endurecido,
Creio que a piedade te movêra.
Já agora em branda cêra
Os montes são tornados e os penedos;
E os rios, qu'estão quedos,
Sentiram meus suspiros, minhas queixas.

Tu só, cruel, me deixas,
Qu'es mais, que montes e penedos, dura,
E fugitiva mais qu'a fonte pura. [15]

FRONDOSO

Ond'está aquella falla, que sohia
Só com seu doce tom, que me chegava,
Avivar-me os espiritos cansados? [16]
Onde está o olhar brando, que cegava
O sol resplandecente ao meio dia?
Ond'estão os cabellos delicados,
Que ao vento espalhados
Escureciam o ouro, a mi matavam; [17]
E a quantos os olhavam,
Causavam tambem novos accidentes?
Porque, cruel, consentes
Que outro goze da gloria a mi devida? [18]
Perca, quem te perdeu, tambem a vida.

DURIANO

Nenhum bem vejo, que a meu mal espere,
Se não fosse esperar que morte dura [19]
Me venha emfim a dar a saudade.
Vejo faltar-me a tua formosura;
A vontade me diz que desespere,
Contradiz-me a razão esta vontade.
Diz que em huma beldade,
Em quem mostrou o cabo a natureza,
Não ha tanta crueza,
Que hum tão constante amor desprezar queira, [20]
E fé tão verdadeira; [21]
Mas tu que de razão jamais curaste,
Porque era dar-me a vida, m'a tiraste.

FRONDOSO

A quem, Belisa ingrata, t'entregaste?
A quem déste, cruel, a formosura,
Que a meu tormento só, só se devia? [22]
Porque huma fé deixaste, firme e pura?
Porque tão sem respeito me trocaste
Por quem só nem olhar-te merecia?
O bem que t'eu queria, [23]
E que não perderei se não por morte,
Não he de maior sorte,
Que quanto a cega gente estima e preza?
Só a tua crueza
Foi n'isto contra mi endurecida.
Perca, quem te perdeu, tambem a vida.

DURIANO

Levaste-me o meu bem n'hum só momento: [24]
Levaste-me com elle juntamente
De cobral-o jámais a confiança:
Deixaste-me em logar d'elle sómente
Huma continua dôr, hum grão tormento, [25]
Hum mal, de que não póde haver mudança. [26]
Tu, que eras a esperança
Dos males que, cruel, tu me causaste, [27]
De todo te trocaste,
Com Amor conjurada em minha morte.
Porém se a minha sorte
Consente que por ti seja causada,
Morte não foi mais bemaventurada.

FRONDOSO

Não nasceste d'alguma pedra dura;
Não te gerou alguma tigre hyrcana;
Não te criaste, não, entre a rudeza, [28]
A quem, cruel, sahiste deshumana?
No céo formada foi tal formosura, [29]
Onde a mesma brandura he natureza.
Pois, logo, essa dureza [30]
D'onde teve principio, ou a tomaste?
Porque, dura, engeitaste
De hum verdadeiro amor, que tu bem vias, [31]
A fé, que conhecias, [32]
Por outra de ti nunca conhecida?
Perca, quem te perdeu, tambem a vida.

DURIANO

Vae-se co'o seu pastor o manso gado,
Porque d'amor entende aquella parte,
Qu'a natureza irracional lh'ensina. [33]
O rustico leão sem algum'arte, [34]
Do natural instincto só ensinado,
Aonde sente amor, logo se inclina.
E tu, que de divina
Não tens menos que Venus e Cupido,
Porque sequer co'o ouvido
Hum amor verdadeiro não soccorres?
Ah! porque te não corres [35]
De que o leão te vença em piedade,
Se não te vence Venus na beldade?

FRONDOSO

A mi não me faltava o que se preza
Entre os celestes deoses, que formaram
A tua mais que humana formosura:
Em mi os voluntarios céos faltaram;
Em mi se perverteu a natureza
D'huma cruel formosa creatura.
Mas, pois, Belisa dura,
Que do mais alto céo a nós vieste,
E em teu peito celeste [36]
Hum tal contrário pôde aposentar-se,
Não he contrário achar-se
Tamanha fé tão mal agradecida.
Perca, quem te perdeu, tambem a vida.

DURIANO

Por ti a noite escura me contenta;
Por ti o claro dia m'aborrece;
Abrolhos me parecem frescas flôres;
A doce philomela m'entristece:
Todo contentamento m'atormenta
Com a contemplação de teus amores;
As festas dos pastores,
Que podem alegrar toda a tristeza.
Em mi tua crueza
Faz que o mal cada hora vá dobrando.
Oh cruel! até quando
Ha de durar em ti tal pensamento, [37]
E a vida em mi, que soffre tal tormento?

FRONDOSO

Fugiste d'um amor tão conhecido,
Fugiste d'huma fé tão clara e firme;
E seguiste a quem nunca conheceste,
Não por fugir d'amor, mas por fugir-me;
Pois bem vês, quanto eu tinha merecido [38]
Esse amor que tu a outro concedeste.
A mim me não fizeste
Alguma semrazão; que bem conheço [39]
Que tanto não mereço:
Fizeste-a áquelle bem firme e sincero
Que sabes que te quero,
Em lhe tirar a gloria merecida.
Perca, quem te perdeu, tambem a vida.

DURIANO

Cresce cad'hora em mi mais o cuidado,
E vejo qu'em ti cresce juntamente
Cad'hora mais de mi o esquecimento.
Oh Silvana cruel! porque consente
Esse peito formoso e delicado [40]
Que s'esqueça hum tão áspero tormento? [41]
Tal aborrecimento
Merece hum capital teu inimigo:
Mas eu, que só comtigo
Estou contente, e nada mais desejo,
Se algum'hora te vejo.
Tu és hum só meu bem, huma só gloria, [42]
Que nunca se m'aparta da memoria.

FRONDOSO

Olhos, que víram tua formosura; [43]
Vida, que só de vêr-te se sostinha;
Vontade, que em ti estava transformada; [44]
Alma, que essa alma tua em si só tinha,
Tão unida comsigo, quanto a pura
Alma co'o debil corpo está liada; [45]
E que agora apartada [46]
Te vê de si com tal apartamento,
Qual será seu tormento?
Qual será aquelle mal que têm presente?
Maior he que o que sente
O triste corpo em última partida. [47]
Perca, quem te perdeu, tambem a vida.

DURIANO

Regendo em outro tempo o manso gado,
Tangendo a minha frauta n'estes vales, [48]
Passava a doce vida alegremente:
Não sentia o tormento d'estes males;
Menos sentia o mal d'este cuidado;
Que tudo então em mi era contente.
Agora não sómente
D'esta vida suave me apartaste,
Mas outra me deixaste,
Que ao duro mal que sinto cá no peito,
Me têm já tão affeito,
Que sinto já por gloria a minha pena, [49]
Por natureza o mal, que me condena.

FRONDOSO

Juntamente viver compridos annos,
Os fados te concedam, que quizeram
Ajuntar-te com tal contentamento.
Pois os bens para ti todos nascêram, 50
Nasceram para mi todos os danos,
Logra tu tua gloria, eu meu tormento.
Nenhum apartamento,
Belisa, me fará deixar de amar-te;
Porque em nenhuma parte
Poderás nunca estar sem mi hum'hora.
Consente pois agora,
Qu'em pago d'esta fé tão conhecida,
Perca, quem te perdeu, tambem a vida.

DURIANO

Veja-t'eu, crua, amar quem te desame,
Porque saibas que cousa he ser amada
De quem tanto aborreces e desprezas. 51
Veja-te eu ser ainda desprezada
De quem tu mais desejas que te ame,
Porque sintas em ti tuas cruezas,
Sintas tuas durezas,
E quanto póde o seu cruel effeito
N'hum coração sujeito.
Porque em sentindo o mal, qu'eu sinto agora,
Espero que algum'hora
Faça o teu proprio mal de mi lembrar-te,
Já que não pôde o meu nunca abrandar-te.

FRONDOSO

Mil annos de tormento me parece
Cad'hora que sem ti, sem esperança [52]
Vivo de poder mais tornar a vêr-te.
A vida só me dá tua lembrança; [53]
A vida sôbre tudo m'entristece;
A vida antes perdêra, que perder-te.
Mas eu se, por querer-te
Hum bem qu'em ti só tem seu firme assento,
Padeço tal tormento, [54]
Qu'esperará de ti quem te desama,
Ou quem ao menos te ama [55]
Com algum falso amor, ou fé fingida?
Perca, quem te perdeu, tambem a vida.

DURIANO

Então, cruel, verás se te merece
Com tamanho desprêzo ser tratada
Hum'alma, que d'amar-te só se preza.
Mas como poderás ser desprezada, [56]
Se o menos que em ti fóra se parece,
Póde abrandar dos montes a aspereza? [57]
Porque se a natureza
Em ti o remate pôz da formosura,
Qual será a pedra dura,
Que a teu valor resista brandamente?
Que fará a fraca gente, [58]
Se ao humano parecer não se defende, [59]
E a mesma Venus deosa ao teu se rende?

FRONDOSO

E pois fé verdadeira, amor parfeito,
Tormento desigual e vida triste,
Junta com hum contino soffrimento,
E hum mal, em que o mal todo, emfim, consiste, 60
Não puderam mover teu duro peito
A mostrares sequer contentamento
De vêr o meu tormento; 61
Antes tudo, soberba, desprezaste, 62
E a outrem te entregaste
Por nada me ficar em que esperasse, 63
Senão quando acabasse
A vida, a pezar meu, já tão comprida, 64
Perca, quem te perdeu, tambem a vida.

DURIANO

Longo curso de tempo, e apartado
Logar a um coração, que vive entregue,
Não podem apartar de seu intento.
Porque foges, cruel, a quem te segue?
Não vês que teu fugir he escusado,
Pois sem mim não estás hum só momento? 65
Nenhum apartamento,
Inda que a alma do corpo se m'aparte 66
Poderá já ausentar-te 67
D'est'alma triste, que continuamente
Em si te tem presente.
Torna, cruel; não fujas a quem te ama:
Vem a dar vida, ou morte a quem te chama. 68
A noite escura, triste e tenebrosa,
Que já tinha estendido o negro manto,

De escuridade a terra toda enchendo,
Fez pôr a estes Pastores fim ao canto,
Que ao longo da ribeira deleitosa
Vinham seu manso gado recolhendo.
Se aquillo que eu pretendo
D'este trabalho haver, que he todo vosso,
Senhora, alcançar posso;
Não será muito haver tambem a gloria
E o louro da victoria, [69]
Que Virgilio procura e haver pretende,
Pois o mesmo Virgilio a vós se rende.

EGLOGA V (*)

(Proseguindo a passada)

A D. Antonio de Noronha

Falla hum só pastor

A quem darei queixumes namorados
Do meu Pastor queixoso e namorado?
A branda voz, suspiros magoados,
A causa porque n'alma he magoado?
De quem serão seus males consolados?
Quem lhe fará devido gasalhado?
Só vós, Senhor famoso, e excellente,
Especial em graças entre a gente.

(*) Na edição de 1593 traz a rubrica: *Feita do Auctor na sua puericia.*

Por partes mil lançando a phantasia,
Busquei na terra estrella, que guiasse
Meu rudo verso; em cuja companhia [1]
A santa piedade sempre andasse
Luzente e clara, como a luz do dia,
Que o rudo engenho meu me allumiasse;
E em vossas perfeições, grão Senhor, vejo
Ainda além cumprido o meu desejo. [2]

A vós se dão, a quem junto se ha dado [3]
Brandura, mansidão, engenho e arte,
D'hum esprito divino acompanhado.
Dos sobrehumanos hum em toda parte:
Em vós as graças todas se hão juntado;
De vós em outras partes se reparte.
Sois claro raio, sois ardente chamma;
Gloria e louvor do tempo, azas da fama.

Em quanto eu apparelho hum novo esprito,
E voz de cysne tal, que o mundo espante,
Com que de vós, Senhor, em alto grito
Louvores mil em toda parte cante;
Ouvi o canto agreste em tronco escrito,
Entre vaccas e gado petulante:
Que quando tempo fôr, em melhor modo
Ha de m'ouvir por vós o mundo todo. [4]

As vãs querellas, brandas e amorosas,
Sejam de vós tratadas brandamente;
Verdades d'alma pouco venturosas,
Sahidas com suspiro vivo e ardente:
Em vossas mãos s'entregam valerosas, [5]
Porqu'ao futuro vivam entre a gente, [6]
Chorando sempre a antigua crueldade,
Para mover as almas a piedade. [7]

Já declinava o sol contra o Oriente,
E o mais do dia já era passado, [8]
Quando o pastor co'o grave mal que sente,
Por dar allivio em parte a seu cuidado,
Se queixa da pastora docemente,
Cuidando de ninguem ser escutado.
Eu que o escutei, n'uma árvore escrevia [9]
As mágoas que cantou; e assi dizia:

Ou tu do monte Pindaso és nascida, [10]
Ou marmor te pariu formosa e dura:
Não póde ser que fosse concebida [11]
Dureza tal de humana creatura:
Ou quiçá que és em pedra convertida, [12]
Ou tens da natureza tal ventura; [13]
Porém não fez em ti boa impressão,
Só de marmor tornar-te o coração. [14]

Já, já com minha voz rouca e chorosa [15]
A gente mais austera moveria;
E com esta corrente lagrimosa
Os tigres em Hyrcania amansaria. [16]
Se não fosses cruel, quanto formosa,
Meu longo suspirar te abrandaria:
Mas suspirar por ti, mas bem querer-te, [17]
Que fazem senão mais endurecer-te?

Se deixáras vencer a crueldade
De tua tão perfeita formosura;
Hum pouco víras bem minha vontade,
E víras a fé minha, limpa e pura, [18]
Por ventura, que houveras já piedade, [19]
E tivera eu quiçá melhor ventura: [20]
Mas nunca achou igual tua belleza, [21]
Se não se foi em ti tua dureza.

Já hum peito abrandára, que não sente,
Este meu grave mal, segundo he forte;
Se descêra do inferno ao Polo ardente,
A piedade movêra a propria morte.
Pois se huma gotta de água brandamente
Torna brando hum penedo, duro e forte, [22]
Tantas lagrimas minhas não farão
Hum pequeno sinal n'hum coração?

Na testa fonte viva tenho d'agua, [23]
Que por meus olhos tristes se derrama;
E no peito de fogo viva fragoa, [24]
Que tudo em si converte, tudo inflamma:
Amor em de redor, por maior mágoa,
Voando mais accende a ardente chamma.
Se queres vêr se ardentes são seus tiros, [25]
Olha se são ardentes meus suspiros.

Quando grita e rumor grande se sente, [26]
Porque fogo se ateia em casa, ou torre,
De pura compaixão vai toda a gente,
Água ao fogo, gritando; e cada hum corre. [27]
D'est'arte anda o meu peito em chamma ardente, [28]
E com a água dos olhos se soccorre;
Que quem me abraza, outra água me defende,
Porque com esta o fogo mais se accende.

Quando vêmos que sae lá no Oriente [29]
O sol, seu curso antigo começando,
Formoso, intenso, puro, refulgente,
O monte, o campo, o mar, tudo alegrando;
Quando de nós s'esconde no Ponente,
E em outras terras sae, allumiando, [30]
Sempre, em quanto vai dando ao mundo giro, [31]
Choram por ti meus olhos, e eu suspiro.

Caminha o dia todo o caminhante,
E, emfim, lhe chega a noite, em que descança; [32]
Trabalha na tormenta o navegante, [33]
Traz-lhe a clara manhã feliz bonança;
Recobra o fructo fertil e abundante
Da terra o lavrador, se n'ella cança:
Mas eu de meu cuidado e mal tão forte [34]
Tormento espero só, só crua morte.
De ouvir meu damno as rosas matutinas, [35]
Condoidas se cerram, s'emmurchecem;
Com meu suspiro ardente as côres finas
Perdem o cravo, o lyrio, e não florecem.
Co'a rôxa aurora as pallidas boninas,
Em vez de se alegrarem, s'entristecem:
Deixam seu canto Progne e Philomena;
Que mais lhes doe, que a sua, a minha pena.
Responde o monte concavo a meus ais,
E tu como aspid, cerras-lhe o ouvido;
Os indomitos feros animaes, [36]
Sem humano sentir, mostram sentido:
Mas em ti minhas dôres desiguaes [37]
Nunca movem o peito endurecido:
Por muito que te chame, não respondes;
E quanto mais te busco, mais te escondes.
N'aquella parte d'onde costumavas [38]
Apascentar meus olhos e teu gado;
Alli d'onde mil vezes me mostravas,
Que era o pastor de ti mais desejado,
Vezes mil te busquei, por vêr se davas
Algum breve descanso a meu cuidado.
Busco-te em vão no valle, em vão no monte,
Qual o ferido cervo busca a fonte.

Este logar de ti desamparado,
Com cujas sombras frias já folgaste,
Agora triste, escuro he já tornado; [39]
Que todo o bem comtigo nos levaste.
Eras tu nosso sol mais desejado: [40]
Não temos luz, despois que nos deixaste.
Torna, meu claro sol; torna, meu bem:
Qual he o Josué que te detém?
Despois que d'este valle te apartaste,
Não pasce já algum gado, com seccura; [41]
Seccou-se o campo, des que lhe negaste
Dos teus formosos olhos a luz pura;
Seccou-se a fonte, d'onde já te olhaste,
Quando menos, que agora, áspera e dura; [42]
Nega sem ti a terra, ouvindo gritos, [43]
Ás cabras pasto e leite a os cabritos.
Sem ti, doce, cruel minha inimiga,
A clara luz, escura me parece:
Este ribeiro, quando a dôr m'obriga, [44]
Com meu chorar por ti contino crece.
Não ha fera, a que a fome não persiga; [45]
Algum prado sem ti já não florece:
Cegos estão meus olhos; nada vêm, [46]
Porque não podem vêr seu claro bem.
O campo, como d'antes, não se esmalta
De boninas azues, brancas, vermelhas;
Falta água ao pasto, e sentem d'água a falta [47]
As candidas, pacíficas ovelhas:
Bem conhecem tambem que o céo lhes falta
As doces e solícitas abelhas:
Com lagrimas, que manam dos meus olhos,
A terra nos produz duros abrolhos. [48]

Torna pois já, pastora, ao nosso prado,
Se restituir-lhe queres a alegria: [49]
Alegrarás o valle, o campo, o gado,
E aquelle espelho teu da fonte fria.
Torna, torna, meu sol tão desejado, [50]
Farás a noite escura claro dia;
E alegra já esta vida magoada,
Em que só tua ausencia he Parca irada.

Vem, como quando o raio transparente [51]
D'este nosso horisonte, que escondido,
Deixa hum certo temor á mortal gente,
Causado de vêr o orbe escurecido; [52]
E quando torna a vir claro e luzente,
Alegra o mundo todo entristecido:
Que assi he para mi tua luz pura [53]
Claro sol, como a ausencia noite escura.

Mas tu esquecida já do bem passado, [54]
E do primeiro amor, que me mostraste,
Teu coração de mi tens apartado,
Não menos que do valle te apartaste. [55]
Não te quero eu a ti mais que a meu gado?
Não sou eu mesmo aquelle que tu amaste?
Onde o meu êrro viste, ou desvario, [56]
Que pôde merecer-te hum tal desvio?

Bem vês que por Amor se move tudo,
E que d'elle não ha quem seja isento; [57]
O mais simple animal, mais baixo e rudo, [58]
O de mais levantado pensamento:
Debaixo d'agua fria o peixe mudo [59]
Tambem lá tem d'ardor seu movimento.
Pois as aves, que no ár cantando vôam,
Não menos humas d'outras se affeiçôam.

A musica do leve passarinho
Que sem concêrto algum sólta e derrama,
De hum raminho saltando a outro raminho, [60]
Mostra que por amor suspira e chama;
Em quanto no secreto amado ninho
Não acha aquelle, que só busca e ama,
No canto, a nós alegre, triste chora,
Porque teme perder a quem namora.
A fera, que he mais fera, e o leão,
Sempre acha outro leão, sempre outra fera [61]
Em quem possa empregar huma affeição,
Que o conversar no peito seu lhe gera: [62]
Tambem sabe sentir sua paixão,
Tambem suspira, morre, desespera;
Acena, salta, brada, ferve e geme;
E não temendo a nada, a Amor só teme. [63]
O cervo, que escondido e emboscado,
Temendo ao cobiçoso caçador, [64]
Está na selva, monte, bosque ou prado,
Alli donde anda e vive, vive amor. [65]
De temor e d'amor acompanhado,
Com justa causa amor tem e temor:
Temor a quem para feril-o vinha, [66]
Amor a quem já, já ferido o tinha.
Pois se a fera insensivel, que não sente, [67]
Tambem sente d'Amor a frecha dura,
Porque a ti não te abranda hum fogo ardente, [68]
Que procede da tua formosura?
Porque escondes a luz do sol á gente,
Que n'esses olhos trazes bella e pura?
Mais pura, mais suave, mais formosa, [69]
Que lyrio, que jasmim, que cravo e rosa.

Póde ser, se me visses, que sentiras [70]
Vêr liquidar hum peito em triste pranto;
E bem pouco fizeras, se me víras,
Pois eu só por te vêr suspiro tanto:
As mágoas, os suspiros, que me ouviras [71]
Te puderam mover a grande espanto,
A dôr, a piedade, a sentimento,
E a mais, que para mais he meu tormento.
Os pensamentos vãos, que o vento leve:
O suspirar em vão tambem ao vento;
Hum esperar á calma, á chuva, á neve, [72]
E nunca poder vêr-te hum só momento;
Tormento he, que sómente a ti se deve.
E se póde inda haver maior tormento,
Quem te viu, e se vê de ti ausente, [73]
Muito mais passará mais levemente.
Faz mossa a pedra dura em sua dureza
Com a agua que lhe toca brandamente;
Abranda o ferro forte a fortaleza,
Se lhe toca tambem o fogo ardente:
Em ti só desconheço a natureza; [74]
Que, a ser de pedra ou ferro totalmente, [75]
Já teu peito cruel fôra desfeito
Das aguas e das chammas do meu peito. [76]
Quando a formosa Aurora mostra a fronte,
Alegra toda a terra, vendo o dia;
Quando Phebo apparece no horisonte,
Manifesta tambem grande alegria;
Contente pasce o gado ao pé do monte, [77]
Contente a beber vae na fonte fria:
Está tudo contente, alegre tudo;
Eu só, só pensativo, triste e mudo.

Se já d'alma e do corpo tens a palma, [78]
E do corpo sem alma não tens dó,
Ha dó do corpo só, que está sem alma,
Pois sem alma não vive o corpo só.
Nas chammas e no ardor, no fogo e calma, [79]
Na affeição, no querer eu sou hum só:
Não acharás vontade tão captiva; [80]
Nem outra como a tua tão esquiva.

Se te apartas por não ouvir meu rôgo,
Onde estiveres te hei de importunar:
Postoque vás por agua, ferro ou fogo, [81]
Comtigo em toda parte me has de achar;
Que o fogo em que ardo, e a agua em que m'affogo,
Emquanto eu vivo fôr, hão de durar;
Pois o nó, que me enlaça, he de tal sorte,
Que não se ha de soltar em vida, ou morte.

N'este meu coração sempre estarás,
Emquanto a alma estiver com elle unida:
Tambem o meu esprito possuirás [82]
Despois que a alma do corpo fôr partida.
Por mais e mais que faças, não farás
Que deixe o amar-te n'esta e essa outra vida: [83]
Impossivel será que eternamente
Ausente estês de mim, estando ausente. [84]

Cá m'acompanhará vossa memoria, [85]
Se o rio, que se diz do esquecimento,
Da minha não borrar tão longa historia,
Tão grave mal, tão duro apartamento.
Até quando vos veja entrar na gloria, [86]
Viverei n'hum contino sentimento:
E ainda então vereis (se isto ser possa) [87]
Esta minha alma lá servir a vossa.

Aqui com grave dôr, com triste accento,
Deu o triste pastor fim a seu canto:
Co'o rosto baixo e alto o pensamento,
Seus olhos começaram novo pranto:
Mil vezes parar fez no ár o vento, [88]
E apiedou no céo o côro santo:
As circumstantes sylvas s'inclinaram, [89]
Condoidas das maguas qu'escutaram.

Com huma mão na face, reclinado, [90]
Tão enlevado em sua dôr estava,
Que, como em grave somno sepultado,
Não via que já o sol no mar entrava. [91]
Berrando andava em roda o manso gado, [92]
Que o seguro curral já desejava:
Nas covas as rapozas, e em seus ninhos
Se recolhem os simples passarinhos.

Já sobre um secco ramo estava posto
O mocho com funesto e triste canto:
Ao som d'elle o pastor ergueu o rosto, [93]
E viu a terra envolta em negro manto.
Quebrando então o fio de seu gosto, [94]
E o fio não quebrando de seu pranto,
Por não se descuidar de seu cuidado,
Levou para os curraes o manso gado.

EGLOGA VI

Ao Duque de Aveiro

INTERLOCUTORES

AGRARIO *(pastor)* — ALICUTO *(pescador)*

A rustica contenda desusada
Entre as Musas dos bosques, das areias,
De seus rudos cultores modulada;
A cujo som attonitas e alheias
Do monte as brancas vaccas estiveram,
E do rio as saxatiles lampreias;
Desejo de cantar. Que se moveram
Os troncos ás avenas dos pastores, [1]
E já sylvestres brutos suspenderam:
Não menos o cantar dos pescadores
As ondas amansou do fundo pégo, [2]
E fez ouvir os mudos nadadores.
E se por sustentar-se o moço Cego
Nos trabalhos agrestes a alma inflamma,
O que he mais proprio no ocio e no socego;
Mais maravilhas dando á voz da fama,
No mesmo mar undoso e vento frio
Brazas rôxas accende a rôxa flamma.
Vós, ó ramo d'hum tronco alto e sombrio,
Cuja frondente cóma já cobriu
De Luso todo o gado e senhorio;
E cujo são madeiro já sahiu
A lançar a forçosa e larga rêde
No mais remoto mar que o mundo viu;

E vós, cujo valor tão alto excede,
Que, a cantal-o com voz alta e divina, [3]
A fonte do Parnaso move a sêde;
Ouvi da minha humilde çanfonina
A harmonia, que vós já levantaes
Tanto, que de vós mesmo a fazeis dina.
Mas se agora que affabil m'escutaes, [4]
Não ouvirdes cantar com alta tuba
O que vos deve o mundo, que douraes;
E se os Reis avós vossos, que de Juba [5]
Os reinos debellaram, não ouvis
Que nas azas do excelso verso suba;
Se não sabem as frautas pastorís
Pintar de Toro os campos semeados
D'armas e corpos fortes e gentís; [6]
Por hum moço animoso sustentados,
Contra o indomito rei de toda Hespanha,
Contra a fortuna vã e injustos fados:
Hum Moço, cujo esfôrço, brio e manha, [7]
Do Olympo fez descer o duro Marte,
E dar-lhe a quinta esphera, que acompanha;
Se não sabem cantar a menor parte [8]
Do sapiente peito e grão conselho,
Que pôde, ó reino illustre, descançar-te;
Peito, que ao douto Apollo faz, vermelho, [9]
Deixar o sacro Monte e as nove Irmãs,
Porque a elle se affeitem como a espelho; [10]
Saberão bem cantar, em nada vãs, [11]
D'Alicuto as contendas e d'Agrario;
Hum d'escamas coberto, outro de lãs.
Vereis, Duque sereno, o estylo vário,
A nós novo, mas n'outro mar cantado
De hum, que só foi das Musas secretario:

O pescador Sincero, que amansado
Têm o pégo de Prochyta co'o canto [12]
Por as sonoras ondas compassado.
D'este seguindo o som, que póde tanto,
E misturando o antigo Mantuano,
Façamos novo estylo, novo espanto. [13]
Partíra-se do monte Agrario insano
Para onde a fôrça só do pensamento
Lh'encaminhava o lasso pêzo humano.
Embebido em um longo esquecimento [14]
De si, e do seu gado e pobre fato,
Apoz hum doce sonho e fingimento,
Rompendo as sylvas horridas do mato,
Vae por cima d'outeiros e penedos,
Fugindo, emfim, de todo humano trato.
Ante os seus olhos leva os olhos ledos
Da branca Dinamene, que enverdece [15]
Só co'o meneo valles e rochedos.
Ora se ri comsigo, quando tece
Na phantasia algum prazer fingido;
Ora falla; ora mudo s'entristece.
Qual a tenra novilha, que corrido
Têm montanhas fragosas e espessuras,
Por buscar o cornigero marido;
E cansada nas humidas verduras
Cahir se deixa ao longe d'hum ribeiro,
Já quando as sombras vêm cahindo escuras; [16]
E nem co'a noite ao valle seu primeiro
Se lembra de tornar, como sohia,
Perdida por o bruto companheiro: [17]
Tal Agrario chegado, emfim, se via
Onde o grão pégo horrisono suspira
N'huma praia arenosa, humida e fria.

Tanto que ao mar estranho os olhos víra,
Tornando em si, de longe ouviu tocar-se
De douta mão não vista e nova lyra.
Fez-lhe o som desusado desviar-se
Para onde mais soava, desejando
D'ouvir e conversar, e de provar-se.
Muito não tinha proseguido, quando [18]
Em a concavidade d'hum penedo,
Que pouco a pouco fôra o mar cavando,
Topou hum pescador, que prompto e quedo, [19]
N'huma pedra assentado, brandamente
Tangendo, faz o mar sereno e ledo. [20]
Mancebo era d'idade florecente,
Pescador grande do alto, conhecido
Por o nome de toda humida gente: [21]
Alicuto se chama: que perdido
Era por a formosa Lemnoria; [22]
Nympha que tem o mar ennobrecido.
Por ella as redes lança noite e dia;
Por ella as ondas tumidas despreza;
Por ella soffre o sol e a chuva fria.
C'o seu nome mil vezes a braveza
D'irados ventos amansou co'o verso, [23]
Que remove das rochas a dureza.
E agora em som de voz, suave e terso,
Está seu nome aos eccos ensinando
Por estylo do agreste som diverso.
Ouvindo Agrario, attonito, affroxando [24]
Da phantasia hum pouco seu cuidado,
Suspenso esteve os numeros notando.
Mas Alicuto, vendo-se estorvado
Por hum pastor da musica divina, [25]
O rosto levantou bem socegado,

E disse assi: Vaqueiro da campina,
Que vens buscar ás arenosas praias,
Onde a bella Amphitrite só domina?
Que razão ha, pastor, para que saias [26]
A este nosso escamoso e vil terreno
Dos teus floridos myrtos e altas faias?
Pois s'agora o mar vês brando e sereno,
E estender-se estas ondas por a areia,
Amansadas das mágoas, com que peno, [27]
Logo verás o como desenfreia [28]
Eolo o vento por o mar undoso,
De sorte que Neptuno se receia.
Responde Agrario: Oh musico e amoroso
Pescador! eu não venho a vêr o lago
Bravo e quieto, ou vento brando e iroso; [29]
Mas o meu pensamento, com que apago
As flammas ao desejo, me trazia
Sem ouvir e sem vêr, suspenso e vago:
Até que a tua angelica harmonia
M'acordou, vendo o som, com que aqui cantas
A tua perigosa Lemnoria. [30]
Mas se de vêr-me cá no mar t'espantas,
Eu m'espanto tambem do estylo novo
Com que as ondas horrisonas quebrantas.
Porém se com verdade o louvo e approvo, [31]
Desejo de o provar contra o sylvestre
Antigo pastoril, qu'eu mal renóvo.
E tu, que no tocar pareces mestre,
Bem julgarás se ha clara differença [32]
Entr'o canto maritimo e o campestre.
Não ha (disse Alicuto) em mi detença:
Alvorôço antes ha, por mais que veja [33]
Que a tua confiança só me vença.

Mas, porque saibas que nenhuma inveja
Os pescadores temos aos pastores [34]
Do som que pelo mundo se deseja,
Toma a lyra na mão, que os moradores
Do vitreo fundo vendo estou juntar-se [35]
Para ouvir nossos rusticos amores.
Bem vês por essa praia presentar-se [36]
Nas conchas vária côr á vista humana;
E o mar vir por entr'ellas e tornar-se. [37]
Socegada do vento a furia insana,
Encrespa brandamente o ameno rio,
Que seu licôr aqui mistura e dana.
Este penedo concavo e sombrio,
Que de cangrejos vês estar coberto,
Nos dá abrigo do sol, quieto e frio.
Tudo nos mostra, emfim, repouso certo,
E nos convida ao canto, com que os mudos
Peixes sahem ouvindo ao ar aberto.
Assi se desafiam estes rudos
Poetas, nos officios discrepantes;
Nos enganos porém subtis e agudos.
Eis já mil companheiros circumstantes [38]
Estavam para ouvir, e apparelhavam
Ao vencedor os premios semelhantes.
As bem sonantes lyras se tocavam; [39]
Agrario começava, e da harmonia
Os pescadores todos s'admiravam;
E d'est'arte Alicuto respondia.

AGRARIO

Vós semicapros deoses do alto monte,
Faunos longevos, Satyros, Sylvanos;
E vós, deosas do bosque e clara fonte,

E dos troncos que vivem largos annos;
Se tendes prompta hum pouco a sacra fronte
A nossos versos rusticos e humanos,
Ou me dae já a capella de loureiro, [40]
Ou penda a minha lyra d'um pinheiro.

ALICUTO

Vós humidas deidades d'este pégo,
Tritões ceruleos, Proteo, com Palemo;
Vós, Nereidas do sal em que navego,
Por quem do vento as furias pouco temo; [41]
Se ás vossas sacras aras nunca nego [42]
O congro nadador na pá do remo,
Não consintaes, que a musica marinha
Vencida seja aqui na lyra minha.

AGRARIO

Pastor se fez hum tempo o moço louro,
Que do sol as carretas move e guia;
Ouviu o rio Amphriso a lyra d'ouro,
Que o seu claro inventor alli tangia.
Io foi vacca; Jupiter foi touro:
Mansas ovelhas junto d'agua fria
Guardou formoso Adonis; e tornado
Em bezerro Neptuno foi já achado.

ALICUTO

Pescador já foi Glauco, e deos agora [43]
He do mar; e Protêo Phocas guarda.
Nasceu no pégo a deosa, que he senhora
Do amoroso prazer, que sempre tarda.
Se foi bezerro o deos, que cá se adora, [44]
Tambem já foi delfim. Se se resguarda,

Vê-se que os moços pescadores eram, [45]
Que o escuro enygma ao primo Vate deram.

AGRARIO

Formosa Dinamene, se dos ninhos
Os implumes penhores já furtei
Á doce Philomela; e dos murtinhos
Para ti (fera!) as flôres apanhei;
E se os crespos madronhos nos raminhos
Com tanto gôsto já te presentei, [46]
Porque não dás a Agrario desditoso
Hum só revolver d'olhos piedoso?

ALICUTO

Para quem trago d'agua em vaso cavo [47]
Os curvos camarões vivos saltando?
Para quem as conchinhas ruivas cavo
Na praia, os brancos buzios apanhando?
Para quem de mergulho no mar bravo
Os ramos de coral vou arrancando, [48]
Senão para a formosa Lemnoría,
Que co'hum só riso a vida me daria?

AGRARIO

Quem viu o desgrenhado e crespo inverno [49]
D'atras nuvens vestido, horrido e feio,
Ennegrecendo á vista o céo superno,
Quando os troncos arranca o rio cheio; [50]
Raios, chuvas, trovões, um triste inferno,
Que ao mundo mostra um pallido receio: [51]
Tal o amor he cioso, a quem suspeita [52]
Que outrem de seus trabalhos se aproveita.

ALICUTO

Se alguem vê, se alguem ouve o sibilante [53]
Furor lançando flammas e bramidos,
Quando as pasmosas serras traz diante,
Horrido aos olhos, horrido aos ouvidos:
A braços derribando o já nutante [54]
Mundo, co'os elementos destruidos:
Assi me representa a phantasia
A desesperação de vêr hum dia.

AGRARIO

Minha alva Dinamene, a primavera,
Que os deleitosos campos pinta e veste, [55]
E rindo-se huma côr aos olhos gera,
Qu'em terra lhes faz vêr o arco celeste; [56]
As aves, as boninas, a verde hera,
E toda a formosura amena, agreste
Não he para os meus olhos tão formosa,
Como a tua que abate o lirio e rosa.

ALICUTO

As conchinhas da praia, que presentam [57]
A côr das nuvens, quando nasce o dia;
O canto das Sirenas, que adormentam;
A tinta, que no múrice se cria;
O navegar por ondas, que se assentam [58]
Co'o brando bafo, com que o sol s'enfria,
Não podem, Nympha minha, assi aprazer-me,
Como o ver-te, se em tanto chego a vêr-me. [59]

AGRARIO

A deosa, que na Lybica lagôa [60]
Em fórma virginal appareceu,
Cujo nome tomou, que tanto sôa,
Os olhos bellos tem da côr do céo:
Garços os tem; mas huma, que a corôa
Das formosas do campo mereceu,
Da côr do campo os mostra graciosos.
Quem diz, que não são estes os formosos?

ALICUTO

Perdoem-me as deidades; mas tu, diva,
Que no liquido marmore és gerada, [61]
A luz dos olhos teus, celeste e viva,
Tens por vicio amoroso atravessada:
Nós petos lhe chamâmos; mas quem priva
De luz o dia, baixa e socegada [62]
Traz a dos seus nos meus, qu'eu o não nego;
E com toda esta luz sempre estou cego.
Assi cantavam ambos os cultores
Do monte e praia, quando os atalharam
A hum pastores, a outro pescadores.
E quaesquer a seu Vate coroaram
De capellas idoneas e formosas,
Que as Nymphas lhes teceram e ordenaram:
A Agrario de murtinhos e de rosas;
A Alicuto d'hum fio de torcidos
Buzios e conchas ruivas e lustrosas.
Estavam n'agua os peixes embebidos
Com as cabeças fóra; e quasi em terra
Os musicos delfins estão perdidos.

Julgavam os pastores que na serra
O cume e preço está no antigo canto;
Que quem o nega, contra as Musas erra.
Dizem os pescadores que outro tanto
Tem na sonora frauta, quanto teve
O monte pastoril da antigua Manto. [63]
Mas já o pastor d'Admeto o carro leve
Molhava n'agua amara, e compellia
A recolher a rôxa tarde e breve:
E foi fim da contenda o fim do dia.

EGLOGA VII

OS FAUNOS.—Dirigida a D. Antonio de Noronha

INTERLOCUTORES

SATYRO I—SATYRO II

As doces cantilenas, que cantavam
Os semicapros deoses, amadores
Das Napêas, que os montes habitavam,
Cantando escreverei: que se os amores
A sylvestres deidades maltrataram, [1]
Já ficam desculpados os pastores.
Vós, senhor Dom Antonio, aonde acharam
O claro Apollo e Marte hum ser perfeito,
Em quem suas altas mentes assinaram; [2]
Se o meu engenho é rudo, ou imperfeito,
Bem sabe onde se salva, pois pretende
Levantar com a causa o baixo effeito.
Em vós minha fraqueza se defende;
Em vós instilla a fonte do Pegáso,
O que o meu canto por o mundo estende. [3]

Vêdes que as altas Musas do Parnaso
Cantando vos estão na doce lyra,
Tomando-me das mãos tão alto caso.
Vêdes o louro Apollo, que me tira
De louvar vossa estirpe, e escurece
O que a vosso louvor meu canto aspira. [4]
Ou por me haver inveja me fallece,
Ou por não vêr soar na frauta ruda
O que a sonora cithara merece.
Pois sei dizer, senhor, que a lingua muda,
Em quanto Progne triste o sentimento
Da corrompida irmã co'o pranto ajuda;
E em quanto Galatea ao manso vento
Solta os cabellos louros da cabeça,
E Tityro nas sombras faz assento;
E em quanto flôr aos campos não falleça,
(Se não recebeis isto por affronta)
Fará que o Douro e o Ganges vos conheça.
E já que a lingua n'isto fica promta,
Consenti que a minha Egloga se conte,
Em quanto Apollo as vossas cousas conta.
No cume do Parnaso, duro monte,
De sylvestre arvoredo rodeado,
Nasce huma crystallina e clara fonte;
D'onde hum manso ribeiro derivado,
Por cima d'alvas pedras mansamente
Vae correndo suave e socegado.
O murmurar das ondas excellente
Os passaros incita, que cantando
Fazem o verde monte mais contente. [5]
Tão claras vão as aguas caminhando,
Que no fundo as pedrinhas delicadas
Se podem, huma e huma, estar contando. [6]

Não se verão em derredor pizadas [7]
De fera ou de pastor, que alli chegasse,
Porque de espesso monte são vedadas.
Herva se não verá, que alli creasse
O monte ameno, triste ou venenosa,
Senão que lá no centro as igualasse.
O rôxo lirio a par da branca rosa,
A cecêm pura, a flôr que dos amantes [8]
A côr tem magoada e saudosa;
Alli se vêm os myrtos circumstantes
Que a crystallina Venus encobriram,
Escondendo-a dos Faunos petulantes. [9]
Hortelã, mangerona, alli respiram,
Onde nem frio inverno, ou quente estio,
As murcharam jamais, ou sêccas viram.
D'est'arte vae seguindo o curso o rio,
O monte inhabitado e o deserto
Sempre com verdes árvores sombrio.
Aqui huma linda Nympha, por acêrto
Perdida da fragueira companhia,
A quem este logar era encoberto; [10]
Cansada já da caça vindo hum dia,
Quiz descansar á sombra da floresta,
E tirar nas mãos alvas d'água fria.
A novidade vendo manifesta [11]
Do sítio, e como as árvores co'o vento
As calmas defendiam da alta sesta;
Das aves o lascivo movimento,
Qu'em seus modulos versos occupadas
As azas dão ao doce pensamento;
Tendo notado tudo, já passadas
As horas da grã sesta, se tornou
A buscar as irmãs, no centro, amadas.

Despois que largamente lhes contou
Do não visto logar, que perto estava
E tanto por extremo a namorou, [12]
Que ao outro dia fossem, lhes rogava,
A lavar-se em aquella fonte amena, [13]
Que tão formosas aguas destillava.
Já tinha dado um giro a luz serena
Do grão pastor d'Admeto, e já nascia
Aos ditosos amantes nova pena,
Quando as formosas Nymphas em porfia
Para o logar do monte caminhavam,
Rompendo a manhã rôxa, alegre e fria.
D'huma os louros cabellos s'espalhavam [14]
Por o formoso collo sem concêrto,
E com mil nós suaves s'enlaçavam;
Outra, levando o collo descoberto.
Por mais despejo em tranças os atára,
Havendo por pezado o desconcêrto.
Dinamene e Ephyre, a quem topára
Nuas Phebo em hum rio, e encobriram
Seus delicados corpos n'água clara;
Syrinx e Nyse, que das mãos fugiram
Do Tegêo Pan; Amanta e mais Elisa, [15]
Destras nos arcos mais que quantas tiram;
A linda Daliana, com Belisa,
Ambas vindas do Tejo, que como ellas
Nenhuma tão formosa as hervas pisa:
Todas estas angelicas donzellas,
Por o viçoso monte alegres hiam, [16]
Quaes no céo largo as nitidas estrellas.
Mas dous sylvestres deoses, que traziam
O pensamento em duas occupado,
A quem de longe mais que a si queriam,

Não lhes ficava monte, valle ou prado,
Nem árvore, por onde quer que andavam,
Que não soubesse d'elles seu cuidado.
Quantas vezes os rios, que passavam,
Detiveram seu curso ouvindo os danos,
Que aos proprios duros montes magoavam! [17]
Quantas vezes amor de tantos annos
Abrandára qualquer vontade isenta,
Se em Nymphas corações houvesse humanos!
Mas quem de seu cuidado se contenta,
Offereça de longe a paciencia;
Que Amor d'alegres mágoas se sustenta.
Que o moço Idalio quiz n'esta sciencia
Que se compadecessem dous contrarios
Diga-o quem tiver d'elle experiencia.
Indo os deoses, emfim, por montes varios
Exercitando os olhos saudosos,
Ao crystallino rio tributarios;
Toparam dos pés alvos e mimosos
As pizadas na terra conhecidas,
As quaes foram seguindo pressurosos.
Mas, encontrando as Nymphas que despidas
Na clara fonte estavam, não cuidando
Que d'alguem fossem vistas ou sentidas,
Deixaram-se estar quedos, contemplando
As feições nunca vistas, de maneira
Que vissem, sem ser vistos, espreitando.
Porém a espessa mata, mensageira
Da cilada dos dous, com o rugido [18]
Dos raminhos d'huma áspera aveleira,
Manifestando claro o escondido, [19]
Todas huma alta grita levantaram,
Que o monte pareceu ser destruido.

Assi despidas logo se lançaram [20]
Por a espessura tão ligeiramente,
Que mais que o proprio vento então voaram.
Qual o bando das pombas, quando sente
A rapida aguia, cuja vista pura [21]
Não obedece ao sol resplandecente;
Empresta-lhe o temor da morte dura
Nas azas novo alento; e, não parando, [22]
Veloz rompendo o ár fugir procura:
D'est'arte as deosas timidas, deixando [23]
De seu despôjo os ramos carregados,
Nuas por entre as sylvas vão voando.
Mas os amantes já desesperados,
Que para as alcançar, emfim, se viam
Nada dos pés caprinos ajudados;
Com amorosos brados as seguiam.
Hum só (que o outro ainda não tomava
Fôlego algum da pressa que traziam)
D'esta sorte sentido se queixava: [24]

SATYRO PRIMEIRO

Ah Nymphas fugitivas,
Que só por não usar humanidade
Os perigos dos matos não temeis!
Para que sois esquivas?
Qu'inda de nós não peço piedade,
Mas d'essas alvas carnes, que offendeis.
Ah Nymphas! não vereis
Que Eurydice, fugindo d'essa sorte,
Fugiu do amante, e não da fera morte?
Tambem assi Eperie foi mordida [25]
Da vibora escondida.

Olhae a serpe occulta na herva verde.
Quem o rigor não perde, perde a vida.
 Que tigre, ou que leão,
Que peçonhenta fera venenosa,
Ou que inimigo, emfim, vos vae seguindo?
D'hum brando coração,
Que preso d'essa vista rigorosa
De si para vós foge, andaes fugindo?
Olhae que em gesto lindo
Não se consente peito tão disforme;
Se não quereis que tudo se conforme.
Postoque bellas n'água vos vejaes,
Á fonte não creaes,
Que vos traz enganados por vingança
D'esta nossa esperança, que enganaes.
 Mas ah! que não consinto
Que nem palavra minha vos offenda,
Postoque me desculpe a mágoa pura.
Digo, Nymphas, que minto: [26]
Pois mal póde haver nunca quem pretenda
Negar-vos essa rara formosura.
Se amor de tanta dura
Por tanto mal tão pouco bem merece,
Não estranheis, minh'alma se endoudece:
Que se doudices falla de improviso [27]
Sem tento e sem aviso,
Queira Deos, que dureza tão crescida
Me não prive da vida além do siso. [28]
 Cousas grandes e estranhas
Por o mundo tem feito e faz natura, [29]
Que a quem vos não viu, Nymphas, muito espantam.
Nas Libycas montanhas
As Scitales são feras, de pintura [30]

Tão singular, que só co'a vista encantam.
As hienas levantam [31]
A voz tão natural á voz humana,
Que a quem as houve, facilmente engana.
E vós, ó gentis feras, cujo aspeito
O mundo tem sujeito,
Tendes de natureza juntamente
A vista e voz de gente, e fero o peito.
  Das amorosas leis,
Com que liga natura os corações,
Andaes fugindo, ó Nymphas, na espessura? [32]
Como? E não vos correis
D'haver em vós tão duras condições,
Que possam mais que a próvida natura?
Se vossa formosura
He sobrenatural, não he forçado
Que assi tenha tambem o peito irado:
Antes ao puro Amor, em cuja mão [33]
Os corações estão,
Por vossa gentileza tão formosa
Lhe deveis amorosa condição.
  Amor he hum brando affeito,
Que Deos no mundo pôz e a natureza,
Para augmentar as cousas que creou.
De Amor está sugeito
Tudo quanto possue a redondeza:
Nada sem este affecto se gerou. [34]
Por elle conservou
A causa principal o mundo amado,
D'onde o pae famulento foi deitado.
As cousas elle as ata e as confórma
Com o mundo, e reforma

A materia. Quem ha que não o veja?
Quanto meu mal deseja sempre fórma.
  Entre as plantas do prado [35]
Não ha machos e femias conhecidas,
Que junto huma da outra permanece? [36]
Não estão carregados
Os ulmeiros das vides retorcidas,
Onde o cacho enforcado amadurece?
Não vêdes que padece
Tanta tristeza a rôla por a morte
Da sua amada e unica consorte?
Pois lá no Olympo, a quantos captivou
Cupido e maltratou?
Melhor qu'eu o dirá a subtil donzella,
Que já na sua téla o debuxou.
  Ah caso grande e grave!
Ah peitos de diamante fabricados,
E das leis absolutos naturaes!
Aquelle amor suave,
Aquelle poder alto, que forçados
Os deoses obedecem, desprezaes?
Pois quero que saibaes,
Que contra o fero Amor nunca houve escudo:
Costume he seu tomar vingança em tudo. [37]
Eu vos verei lançar em hum momento
Suspiros mil ao vento,
Lagrimas, triste pranto e nova dôr
Por quem tenha outro amor no pensamento.
  Mais quizera dizer
O desditoso amante, que ajudado
Se via então da mágoa e da tristeza;
Mas foi-lh'o defender
O outro companheiro, como irado

Com tão disforme e áspera dureza.
Aquillo que a rudeza
D'huma sciencia agreste lhe ensinára, [38]
Disse, qual se em tal ponto despertára
D'horrendo sonho com pezado grito.
O mais que alli foi dito,
Vós, montes, o direis, e vós penedos;
Que em vossos arvoredos anda escrito.

SATYRO SEGUNDO

Nem vós nascidas sois de gente humana,
Nem foi humano o leite que mamastes,
Mas de alguma disforme fera Hyrcana; [39]
Lá no Caucaso horrendo vos criastes;
D'aqui trouxestes a aspereza insana;
D'aqui os calidos peitos congelastes.
Sois Esphinges nos gestos naturaes,
Que de humanas os rostos só mostraes. [40]
Se vós fostes criadas na espessura,
Onde não houve cousa que se achasse,
Agua, pedra, arbor, flôr, ave, alma dura, [41]
Que em seu passado tempo não amasse,
Nem a quem a affeição suave e pura
N'essa presente fórma não mudasse;
Porque não deixareis tambem memoria
De vós em namorada e longa historia?
Olhae como, na Arcadia soterrando
O namorado Alpheo sua agua clara,
Lá na ardente Sicilia vae buscando
Por debaixo do mar a Nympha cara.
Assi tambem vereis passar nadando [42]
Atys, que Galatêa tanto amára,

Por onde do Cyclope a grande mágoa
Converteu do mancebo o sangue em agoa.
  Virae os olhos, Nymphas, á Erycina
Espessura; vereis alli mudar-se [43]
Egeria, e em fonte clara e crystallina
Por a morte de Numa distillar-se.
Olhae que a triste Biblis vos ensina,
Com perder-se de todo e transformar-se
Em lagrimas, que emfim puderam tanto,
Que accrescentaram sempre o verde manto.
  E se entre as claras aguas houve amores, [44]
Os penedos tambem foram perdidos.
Olhae os dous conformes amadores
Lá no monte Ida em pedra convertidos: [45]
Lathêa, por cahir em vãos errores
De sua formosura procedidos;
Oleno, porque a culpa em si tomava,
Por escusar a pena a quem amava. [46]
  Tomae exemplo, e vêde em Cypro aquella
Por quem Iphis no laço poz a vida;
Tambem vereis em pedra a Nympha bella,
Cuja voz foi por Juno consummida,
E, se queixar-se quer de sua estrella,
A voz extrema só lhe he concedida.
E tu tambem, ó Daphnis, que trouxeste [47]
Primeiro ao monte o doce verso agreste!
  Tamanho amor lhe tinha a branda amiga, [48]
Que em inimiga, emfim, se foi tornando:
Porque outra Nympha extranha já o sogiga, [49]
Suas magicas hervas vae buscando.
Olhae a quanto a crua dôr obriga! [50]
Por vingar-se, assi irada transformando

O foi em pedra. Oh dura confusão!
Despois lhe pezaria; mas em vão.
  Olhae, Nymphas, as arvores alçadas,
A cuja sombra andaes colhendo flores,
Como em seu tempo foram namoradas;
Do que inda agora o tronco sente as dores. [51]
Vereis, entre as de fructo matizadas,
Como a côr das amoras he de amores:
O sangue dos amantes na verdura [52]
Testimunha de Tisbe a sepultura.
  E lá por a odorifera Sabêa
Não vêdes que de lagrimas d'aquella,
Que com seu pae se junta e se recrêa, [53]
Arabia s'enriquece, e vive d'ella?
Lembrae-vos da verde arvore Penêa, [54]
Que foi já n'outro tempo Nympha bella,
E Cyparisso angelico mancebo;
Ambos verdes com lagrimas de Phebo.
  De Phrygia vêde o moço delicado [55]
No mais alto arvoredo convertido,
Que tantas vezes fere o vento irado;
Galardão de seus erros merecido:
Pois, da alta Berecynthia sendo amado, [56]
Por huma Nympha baixa foi perdido;
E a deosa, a quem perdeu do pensamento,
Quiz que tambem perdesse o entendimento.
  O subito furor lhe figurava [57]
Que as arvores e os montes se cahiam;
Já dos pudicos membros se privava,
Que os horrores a tanto o constrangiam; [58]
Já indignado no monte se lançava:
De sua morte as feras se doiam.

D'est'arte perdeu Atys na espessura,
Despois de tantas perdas, a figura.
   Lembre-vos quando as gentes celebravam
Em Grecia as grandes festas de Liêo,
Onde as formosas Nymphas se juntavam,
E os sacros moradores do Licêo.
Todos em doce somno se occupavam
Por o monte, despois que anoiteceu;
Mas o deos do Hellesponto não dormia;
Que hum novo amor o somno lh'impedia.
   Mas ella emfim, os braços estendendo,
Em ramos se lhe foram transformando;
Em raizes os pés se vão torcendo;
E o nome Loto só lhe vae ficando.
Vêde, Napêas, este caso horrendo,
Que vos está de longe ameaçando.
Assi tambem d'aquella, a quem seguia [59]
O sacro Pan, a fórma se perdia.
   Que vos direi de Filis, pois perdida [60]
Da saudosa dôr com que vivia,
Á desesperação emfim trazida
Do comprido esperar de dia em dia,
Por desatar do corpo a triste vida
Atava ao collo a cinta que trazia.
Mas o tronco sem fôlha por o monte
Rhodope abraça o lento Demophonte.
   Nas boninas, tambem vereis Jacinto,
Por quem Phebo de si se queixa em vão;
Vereis o monte Idalio em sangue tinto
Do neto de seu pae, da mãe irmão.
Chora Venus a dôr do moço extinto,
Maldiz o céo e a terra, com razão;

A terra, porque logo não se abriu;
O céo, porque tal morte permittiu.
E tu, constante Clycie, a quem fallece
A fé de teus amores enganosos,
No louro amante, que de ti s'esquece,
S'esquecem os teus olhos saudosos.
Nenhum alegre estado permanece;
Que são do mundo os gostos mentirosos;
E á tua clara luz, por quem suspiras, [61]
Ainda agora em herva os olhos víras.
Trago-vos estas cousas á lembrança,
Porque s'estranhe mais vossa crueza
Com vêr que a criação e longa usança
Vos não perverte e muda a natureza.
Dou as lagrimas minhas em fiança, [62]
Qu'em tudo quanto está na redondeza,
Cousa d'Amor isenta, se attentaes, [63]
Em quanto vos não virdes, não vejaes.
Já disse, que d'Amor sempre tiveram
As cousas insensiveis pena e gloria;
Vêde as sensiveis como se perderam.
E dir-vos-hei das aves larga historia:
As penas, qu'em su'alma se soffreram, [64]
Nas azas lhes ficaram por memoria;
E aquelle altivo e leve movimento [65]
Lhes ficou do voar do pensamento.
O doce rouxinol e a andorinha,
D'onde lhes veiu o ir-se transformando, [66]
Senão do puro amor que o Thracio tinha,
Qu'em poupa ainda a amada vae chamando? [67]
Clama sem culpa a misera avezinha,
Que n'areia de Phasis habitando,

Do rio toma o nome; e quando clama,
Cruel á mãe, ao pae injusto chama.
Vêde a que engeitou Pallas por fallar,
(Que dos amores he maior defeito)
E aquella, que succede em seu logar,
Ambas aves; de amor usado effeito; 68
Huma, porque fugia ao deos do mar;
Outra, porque tentára o patrio leito: 69
E Scylla, que a seu pae pôz em perigo,
Só por ser muito amiga do inimigo.
E Pico, a quem ficaram inda as côres 70
Da purpura real, que antes vestia;
Esaco, que o seguir de seus amores
O trouxe a vêr tão cedo o extremo dia:
Ou vêde os dous tão firmes amadores,
Que amor aves tornou na praia fria.
Do rei dos ventos era genro o triste;
Mas contra o fado, emfim, nada resiste.
Estava a triste Halcyone, esperando
Com longos olhos o marido ausente;
Mas os ventos indomitos soprando, 71
Nas águas o affogaram tristemente.
Em sonhos se lh'está representando;
Que o coracão preságo nunca mente:
Só do bem as suspeitas mentirão,
Mas as do mal futuro certas são.
Ao pranto os olhos seus a triste ensaia:
Buscando o mar com elles hia e vinha,
Quando o corpo sem alma achou na praia;
Sem alma o corpo achou, que n'alma tinha
Ó Nereidas do Egêo, consolae-a, 72
Pois este pio officio vos convinha.

Consolae-a; sahi das vossas aguas;
Se consolação ha em grandes mágoas.
  Mas oh nescio de mi! que estou fallando
Das avesinhas mansas e amorosas?
Pois tambem teve Amor natural mando [73]
Entre as feras montezes venenosas.
O leão e a leoa, como, ou quando
Taes fórmas alcançaram temerosas?
Sabe-o da deosa Dindymene o templo,
E a que a Adonis o dava por exemplo. [74]
  Quem fosse a mansa vacca dil-o-hia;
Mas o grão Nilo o diga, pois a adora. [75]
Que fórma, teve a Ursa, saber-se-hia
Do Pólo Boreal, onde ella mora.
O caso d'Acteon tambem diria
Em cervo transformado; e melhor fôra
Se dos olhos perdera a vista pura, [76]
Que em seus galgos achar a sepultura.
  Tudo isto Acteon viu na fonte clara,
Onde a si de improviso em cervo viu: [77]
Que quem assi d'est'arte alli o topára,
Que se mudasse em cervo permittiu.
Mas, como o triste principe em si achára [78]
A desusada fórma, se partiu.
Os seus, desconhecendo-o, o vão chamando; [79]
E, tendo-o alli presente, o vão buscando.
  Co'os olhos e co'o gesto lhes fallava;
Que a voz humana já perdida tinha.
Qualquer d'elles por elle então chamava,
E a multidão dos cães contra elle vinha.
Hum cervo acude a vêr (qualquer gritava) [80]
Acteon, d'onde estás? acude asinha.

Que tardar tanto he este? (repetia)
He este, he este, o ecco respondia.
  Quantas cousas em vão estou fallando
(Oh Napêas esquivas!) sem que veja [81]
O peito de diamante hum pouco brando
De quem meu damno tanto só deseja.
Pois, por mais que de mi me andaes tirando, [82]
E por mais longa emfim que a vida seja,
Nunca em mi se verá tamanha dôr,
Que Amor a não converta em mais amor.
  Aqui (formosas Nymphas) vos pintei [83]
Todo d'amores hum jardim suave;
D'aguas, de pedras, d'arvores contei, [84]
De flôres, d'almas, feras, de huma, outra ave.
Se este amor, que no peito aposentei,
Que dos contentamentos têm a chave,
Por dita em tempo algum determinasse
Que de tão longos damnos vos pezasse,
  Quanto mais de vagar vos contaria
De minha larga historia e não alheia?
E com quanta mais agua regaria,
Que o rio, de contente, a branca areia? [85]
Novo contentamento me seria
Formar de meu cuidado a nova ideia:
E vós, gostando d'este estado ufano,
Zombarieis então de vosso engano. [86]
  Mas com quem fallo já? que estou gritando,
Pois não ha nos penedos sentimento?
Ao vento estou palavras espalhando;
A quem as digo, corre mais que o vento.
A voz e a vida a dôr me está tirando, [87]
E o tempo não me tira o pensamento.

Direi, emfim, ás duras esquivanças
Que só na morte tenho as esperanças.
  Aqui, sentido, o Satyro acabou, [88]
Com huns soluços que a alma lhe arrancavam,
Os montes insensiveis, que abalou,
Nas ultimas respostas o ajudavam.
Então Phebo nas aguas se encerrou [89]
Co'os animaes que o mundo allumiavam,
E co'o luzente gado appareceu [90]
A candida pastora por o céo.

EGLOGA VIII

Piscatoria

SERENO

  Arde por Galatêa branca e loura
Sereno pescador pobre, forçado
D'huma estrella, que quer á mingua moura.
  Os outros pescadores têm lançado
No Tejo as redes; elle só fazia
Este queixume ao vento descuidado:
  Quando virá, formosa Nympha, hum dia, [1]
Em que te possa dar a conta estreita
D'esta doudice triste e vã porfia?
  Não vês, que me foge a alma e que m'engeita,
Buscando em hum só riso d'essa boca, [2]
Nos teus olhos azues mansa colheita?
  Se ao teu esprito alguma mágoa toca, [3]
Se d'amor fica n'elle huma pégada,
Que te vae, Galatêa, n'esta troca?

Dar-te-hei minh'alma: lá m'a tens roubado:
Não t'a demandarei: dá-me por ella
Huma só volta d'olhos descuidada.
Se muito te parece, a minha estrella
Não consentir ventura tão ditosa,
Dou-te as azas do Amor perdidas n'ella.
Que mais te posso dar, Nympha formosa,
Inda que o mar d'aljofar me cubríra
Toda esta praia leda e graciosa?
Amansam-se ondas, quebra o vento a ira: [4]
Minha tormenta só nunca socega;
O meu peito arde em vão, em vão suspira.
Anda no romper d'alva a nevoa cega
Sobre os montes d'Arrabida viçosos,
Em quanto o solar raio lhes não chega. [5]
Eu, vendo apparecer outros formosos
Raios, que a graça e côr ao céo roubaram,
Se os olhos cegos vi, vejo saudosos. [6]
Quantas vezes as ondas se encresparam
Com meus suspiros! quantas com meu pranto
As fiz parar de mágoa e me escutaram!
Se na fôrça da dôr a voz levanto,
E ao som do remo, que agua vae ferindo, [7]
Perante a lua meu cuidado canto;
Os maviosos delfins me estão ouvindo:
A noite socegada; o mar callado:
Tu só foges d'ouvir-me, e te vás rindo. [8]
Estranhas, por ventura, o mar cercado
Da fraca rede; a barca ao vento solta;
E hum pobre pescador aqui lançado?
Antes que o sol no céo cerre huma volta [9]
Se póde melhorar minha ventura,
Como a outros succede, n'agua envolta. [10]

Igual preço não he da formosura
D'outro a areia, que o rico Tejo espraia, [11]
Mas hum amor, que para sempre dura.
Vejam teus olhos (bella Nympha) a praia;
Verás teu nome na mimosa areia.
Nunca sobre elle o mar com furia saia!
Vento algum atégora o não salteia: [12]
Tres dias ha que escripto aqui o deixou
Amor, e o veda a toda força alheia. [13]
Elle com suas mãos proprio ajudou
A escolher estas conchas, affirmando
Que o sol para ti só as matisou.
Hum ramo te colhi de coral brando:
Antes que o ár lhe desse, parecia
O que de tua boca estou cuidando. [14]
Ditoso se o soubesse inda algum dia!

EGLOGA IX (*)

RECOLHIDAS PELO PADRE THOMAZ JOSÉ DE AQUINO DOS INEDITOS DE MANOEL DE FARIA E SOUSA, E PUBLICADAS EM 1779.

Piscatoria

PALEMO

Despois que o leve barco ao duro remo,
Onde menos das ondas se temia,
Atou o pescador pobre Palemo;

(*) ADVERTENCIA DE FARIA: «Ha em toda esta Ecloga muitas cousas que estão no Manuscripto differentes do que se vê na impressão de Bernardes: não as aponto por não ser necessario: esta vae conforme ao

Em quanto as negras redes estendia
Seu companheiro Alcão na branca arêa,
E Lico as longas cordas envolvia: [1]
De cima d'huma rocha, a qual rodêa
O mar quebrando n'ella de contino,
Começou a chamar por Galatêa. [2]
Deixa o molle licôr e crystallino, [3]
(Dizia) ó Nympha, já que o sol deseja
Enxugar teu cabello d'ouro fino.
Inda que tem de ti tão grande inveja, [4]
Não temas que te queime o rosto brando: [5]
Basta para abrandar-se que te veja.
Não te detenhas mais, vem já cortando
Com teu candido peito as brancas ondas, [6]
Escumas menos brancas levantando. [7]
Dar-te-hei (com condição que não t'escondas
De mi lá n'essas humidas moradas, [8]
E que algum'hora, branda me respondas) [9]
Mil conchas n'hum cordão verde enfiadas,
Todas d'huma feição; não d'huma côr,
Pois d'ellas são azues, d'ellas rosadas. [10]
Indaque seja pobre pescador, [11]
Não sei se em desprezar-me muito acertas,
Pois rico do amor teu me fez Amor.
Para ti n'outras praias mais desertas
Irei pescar por entre pedras duras, [12]
Que sempre verde musgo tem cobertas,
As pardas ostras, onde gottas puras [13]
De fresco orvalho, dentro endurecidas,
Não podem da cubiça estar seguras.

mesmo Manuscripto, porque n'elle estão melhoradas algumas d'ellas. Isto mesmo digo das quatro que se seguem, pelo não dizer em cada uma. Em todas apontarei sómente os logares em que houver alguma consideravel differença ou alteração».

Porque deixas de vir? porque duvídas? [14]
Por ventura de algum meu companheiro?
Inda as rêdes ao sol tem estendidas.
Toda a noite pescaram, e primeiro
Querem dormir a sésta n'esta praia,
Que o barco polo mar levem ligeiro.
Eu, vigiando aqui como atalaia,
Te chamarei, até que de cansado [15]
Hum dia d'esta rocha abaixo caia,
Deixando este logar tão infamado
Com minha morte, que dos marinheiros
Com o dedo de lá será mostrado. [16]
Dirão os naturaes e os estrangeiros: [17]
Alli morreu Palemo. Ai triste historia!
Guardae a náo de alli, ventos ligeiros. [18]
Antes que tal succeda, vê que gloria [19]
Alcanças com deixar aos navegantes
Da tua ingratidão esta memoria.
Da nossa differença não te espantes:
Tu Nympha, eu pescador: Glauco, deos vosso,
Qual eu agora sou, tal era d'antes.
Tambem eu entre as hervas achar posso [20]
Aquella, a quem o céo deu tal virtude,
Que muda n'outro sêr este sêr nosso.
Mas este amor, qu'eu cá mudar não pude, [21]
Inda que vá a morar lá n'essas águas,
Não temas que a mudança em mi o mude.
Serão as vivas ondas vivas frágoas, [22]
Em que estarei ardendo noite e dia,
Se não tiveres dó de tantas mágoas.
As horas naturaes da pescaria
Não vês que vão passando? Como as passas? [23]
Quem d'este passatempo te desvia?

Ah rigorosa Nympha! ah! não me faças [24]
Dar em vão tantos gritos: vem; iremos
Ambos a levantar as verdes naças.
Ambos os anzoes curvos cobriremos [25]
De mentirosas iscas, com que os peixes
A todo prazer nosso prenderemos.
Assi d'Amor cruel nunca te queixes,
E d'essa formosura as mais formosas [26]
Nymphas do mar azul vencidas deixes;
Que venhas (pois por ti com saudosas [27]
Lagrimas vou gastando a vida e alma)
A tirar-me esperanças duvidosas.
A praia está callada, o mar em calma,
Por cima d'esta rocha brandamente
Zephyro respirando a desencalma. [28]
Aqui não sinto cousa certamente [29]
Porque deixes de vir, como sohias,
Senão, que não és tu d'isso contente. [30]
Se desgostas das grossas pescarias, [31]
Marisco appetitoso aqui não falta,
Já sejam luas cheias, já vazias, [32]
Polos pés d'esta rocha dura e alta [33]
Irei eu despegando huns como pés
D'hum pequeno animal, que n'ella salta.
E vivos te darei (se d'elles és
Amiga) mil cangrejos vagarosos, [34]
Que verás ir andando de revés.
Não te darei ouriços espinhosos,
Porque te quero tanto, que receio [35]
Qu'esses teus dedos piquem tão mimosos.
Faz d'aqui perto o mar hum largo seio,
Onde de ameijoas lisas, sem trabalho,
Podemos apanhar hum cesto cheio.

Mas além de tudo isto hum crespo galho [36]
De vermelho coral te darei logo,
Que por dita arrastou o meu tresmalho. [37]
Mas ai! qu'em vão te chamo, em vão te rógo;
Que nem tu a meus rogos tens respeito,
Nem eu, por mais que grite, desaffógo. [38]
Hum coração em lagrimas desfeito
Como já não te abranda? quem encerra [39]
Crueza tal em tão formoso peito?
Não reina Amor no mar como na terra?
Bem sabes que mil vezes já venceu [40]
A Neptuno teu rei em clara guerra.
Sua formosa mãe onde nasceu,
Senão no proprio mar em que te banhas? [41]
Onde Thetis por Péleo em fogo ardeu?
Se das pedras nascesses nas montanhas, [42]
Se com leite de tigres te creáras,
Mais duras não tiveras as entranhas.
Apparecêras tu, e então tornáras [43]
Logo a esconder-te, logo, se quizeras
Nas ondas, que de ti me são avaras.
Com huma mostra só que de ti deras,
A vida, que me foge em não te vendo, [44]
Co'os teus formosos olhos detiveras.
Então víras os meus, d'onde correndo [45]
De lagrimas se vêm dous largos rios,
Que o mar tambem em si vae recolhendo.
Ah! nescio pescador! que desvarios [46]
Me deixo aqui dizer! a quem os digo!
A surdas ondas já, já a ventos frios.
Elles e ellas já crescem: já em p'rigo [47]
O barco vejo: ai! ei-lo combatido.
Ellas e elles o levam já comsigo.

Olhos, que lá me tendes o sentido, [48]
A culpa he vossa só, que me não vêdes.
Mas, pois o pescador anda perdido,
Perca-se o barco seu, percam-se as rêdes. [49]

EGLOGA X

Piscatoria

MELISO

Encheu do mar azul a branca praia
Meliso pescador de mil querellas;
Meliso, que por Lilia arde e desmaia.
Despois que á luz da lua e das estrellas,
Sobre dura fatexa o barco pôsto,
As redes recolheu, remos e velas:
Qué gosto, ó Lilia, (disse) ou que desgosto
Te move a me negar, vendo qual ando,
Teus olhos côr do céo, teu alvo rosto?
Se tu queres que pene desejando,
Se queres que no mar em fogo viva;
Ardendo sempre estê, sempre penando.
Mas olha, ó branda Lilia, (antes esquiva) [1]
Que não merece ser tão mal tratada
Hum'alma d'esses olhos tão captiva. [2]
Vives dos meus cuidados descuidada:
Coitado de quem traz a duvidosa
Vida no mar e terra aventurada! [3]
Bem pódes com razão ser piedosa
Com quem não quer mór bem, que bem querer-te, [4]
Não sendo tão cruel como és formosa.

Ora deixa já, ingrata, deixa ver-te [5]
A meus cansados olhos, que de tantas
Lagrimas são movidos, sem mover-te.
Se tu me vences, e se tu m'encantas [6]
Com tua doce falla, doce riso,
Porque foges de mi? porque te espantas?
Lembre-te a formosura de Narciso,
E qual pago lhe deu seu desamor: [7]
Olha que com amor d'isto te aviso.
Mas quando essa crueza tanta for, [8]
Que mereça do céo novo castigo,
Qual herva será digna de tal flor?
Amor que me persegue, Amor que sigo,
Me faz d'hum grave mal andar temendo;
D'hum mal, qu'eu sinto na alma e que não digo.
Quanto mais ledo já te estive vendo
Aqui as mansas ondas esperando,
Que por chegar a ti vinham correndo,
E da molhada areia despegando
Com a candida mão roxas conchinhas, [9]
A fórma de teu pé n'ella deixando?
D'aquellas, de que tu mais gosto tinhas, [10]
Muitas te trago aqui, postoque temo
Que menos o terás por serem minhas.
Hum temor tal me chega a tal extremo, [11]
Que, vencido d'hum triste esquecimento,
No mar me cahe da mão o duro remo. [12]
E quando a branca vela solto ao vento,
Tão descuidado vou do fiel leme,
Que me leva a perder meu pouco tento.
Mas quem arde por ti, quem por ti treme,
Os seus maiores riscos não receia, [13]
Os teus que sente mais, muito mais teme.

Despois que te não vi, (não sei que creia
D'esta tardança tua e morte minha)
Sendo a lua vazia, he quasi cheia.
O tempo, que nos gostos passa asinha,
Detem-se n'este mal da saudade,
Por me dobrar a dôr que d'antes tinha.
Não desprezes, ó Lilia, huma vontade,
Que por te contentar tudo despreza,
Tudo julga, sem ti, por pouquidade.
Se pretendes amor, já tens certeza
Que não pódes ser nunca mais amada
Dos que vencidos traz tua belleza.
Se por ventura estás affeiçoada
A gentil parecer, a bom engenho,
A ninguem n'estas partes devo nada. [14]
Se fazes caso d'honra, olha que venho
De geração d'honrados pescadores;
Se de riqueza, barco e redes tenho.
Por erros julgarás estes louvores; [15]
E oxalá não os julgues por doudice!
Mas quem siso quer ter não tenha amores.
E mais tudo foi pouco quanto disse,
Pondo os olhos no muito que meu fado
Nos teus, que vêr desejo, quiz que visse.
Aconteceu-me hum caso desusado,
(Inda que d'huma cousa n'outra salto)
Digno, por ser de amor, de ser contado.
Pescando hontem á tarde no mar alto,
Suspenso n'essa rara formosura, [16]
A quem com mil lembranças nunca falto,
Comecei a cantar: Lilia, mais dura [17]
Que a mais inculta rocha rodeada
Do mar, de cujo encontro está segura;

Mais alva que jasmins, e mais córada [18]
Que purpureas cerejas polo Maio;
Mais loura que manhã desentrançada;
Não vês... dizer queria que desmaio,
Quando (cousa que mal me será crida)
No mar, vencido d'hum, do barco caio? [19]
Alli tivera fim a triste vida,
Se d'hum brando delfim, que me escuitava,
Não fôra, por ser tua, soccorrida.
Parece que tambem vencido estava
Do mal, de que me via andar vencido,
Quem em tamanho risco me ajudava.
Trouxe-me sobre si adormecido,
Nadando ao som das ondas mansamente,
Até que me sentiu em meu sentido.
Livre d'este mortal, bravo accidente,
Tal foi o espanto meu, tal meu temor,
Que d'outro me livrei escassamente.
Mas logo o amoroso nadador
Me pôz junto do barco, que tão perto
Esteve de ficar sem pescador.
O sol era de todo já coberto,
Quando eu, entrando n'elle, sahi fóra
Do perigo, onde tive o fim tão certo.
Porém outro maior me causa agora,
De que mal sahirei, se te não vir
Amanhecer aqui co'a nova aurora.
Não póde ella tardar em descobrir [20]
As suas louras tranças desatadas,
Das quaes as tuas bem se podem rir. [21]
Pois por cima das ondas, acordadas,
As Halcyoneas ouço lamentar-se,
Do seu antigo damno inda lembradas.

E sinto o fresco orvalho derramar se
Mais congelado e frio; e Venus bella
Polo Oriente já vejo levantar-se. [22]
Bem pódes, Lilia, competir com ella,
E com Pallas e Juno em gentileza;
Em amor não, pois elle nasceu d'ella:
Desterrou-o de ti tua aspereza,
Que desterra de mi prazer e vida,
Deixando em seu logar mágoa e tristeza.
No silencio da noite, que convida
A descanso commum, tanto me cança,
Que não sei se remedio ou morte pida.
Se tu quizesses dar-me huma esperança [23]
De te servir de mi ou tarde, ou cedo,
Nunca me negaria o mar bonança.
Polas inchadas ondas, que põe medo,
Eu só, sem mais ajuda, levaria
Sempre á força de braço o barco quedo.
Tão seguro por ellas andaria,
Como pelo seu campo o lavrador
No mais quieto, claro e bello dia. [24]
Olha que não ha destro pescador,
Que mais manhoso as redes desencolha, [25]
Nem os tortos anzoes isque melhor.
Os peixes deixarei em tua escolha:
Aquelles de que fêres mais amiga,
Nunca te faltarão de fôlha a fôlha.
Não sei, Lilia formosa, que mais diga, [26]
Que mova amor em ti, que mova mágoa;
Sei que mágoa, e que amor a mais obriga.

Mas antes que o sol dê n'aquella frágoa, [27]
Onde meus ais dilata a triste Ecco,
Vou-me segurar mais o barco na agua,
Porque de baixamar não fique em sêcco.

EGLOGA XI

INTERLOCUTORES

ANZINO E LIMIANO

Parece-me, pastor, se mal não vejo,
Que já te vi mais ledo andar outr'hora
Nos largos campos do famoso Tejo?

LIMIANO

Podia ser; que muito tempo fóra
Andei d'esta ribeira, patria minha,
Onde triste me vês andar agora.
Tinha lá para mi, que a vida tinha
Mais socegada cá e mais segura,
Entre os meus, que com gosto a buscar vinha. [1]
Foi d'outro parecer minha ventúra:
Discordias sós achei, e achei dureza, [2]
Em logar de socego, e de brandura.
Achei as boas leis da natureza
Vencidas do interesse; e a gente cega,
Tanto, que mais que o sangue, o gado préza. [3]
Dizem que quando o mar bonança nega,
Correndo vae aquella náo mór p'rigo, [4]
Que á desejada terra mais se chega.

Assi m'aconteceu a mi commigo;
Seguro sempre ao longe, sempre ledo;
Triste ao perto, e tratado como imigo. 5

ANZINO

Sempre (pódes-me crêr este segredo)
Desejei de te vêr: mas com desgôsto,
Inda te não quizera vêr tão cedo.
Prestando para cousas de teu gôsto, 6
Como camalião não mudo côres;
Qual he meu coração, tal é meu rosto.

LIMIANO

Não são logo assi, não, outros pastores, 7
Que de promessas vãs te fazem rico,
E nunca fructo dão: tudo são flôres.
Mas desejo saber com quem pratíco,
Porque não caia em falta, e porque entenda
A quem tamanho amor devendo fico.

ANZINO

Antes que tempo n'isso se dispenda, 8
Busquemos hum logar mais fresco e frio,
Que da calma que cahe, bem nos defenda. 9

LIMIANO

Vamos alli, que alli bosque sombrio 10
Nos dará fresco abrigo, assento o prado,
Formosa vista o valle, o monte, o rio:
O rio, que verás tão socegado,
Que te parecerá que se arrepende
De levar agua doce ao mar salgado.

Nem cabra, nem ovelha alli offende
Herva, folha, nem flôr, ou ferro duro: [11]
A planta polo ár livre se estende.
Verás cahindo em gottas crystal puro [12]
No vão d'uma caverna carcomida,
Por entre o musgo molle, verde-escuro.

ANZINO

Quem traz á saudade a alma rendida, [13]
A saudade busca, onde descansa;
Mas o descanso d'ella encurta a vida.
Com tudo, quem do céo na terra alcansa
Poder gozar-se d'esta liberdade, [14]
Que mais deseja ter? que mais o cansa?
Affirmo-te de mi esta verdade, [15]
Que muitos valles vi, muitas ribeiras;
Mas esta me dobrou a saudade.
Oh que viçosas murtas! que oliveiras! [16]
Que freixos! como estão d'hera cingidos!
Quantas voltas lhes dá de mil maneiras!
Os lirios junto d'agua bem nascidos
Quanta graça que têm entre as boninas,
Sem ordem, com mais graça entremetidos!
Vem encrespando as águas crystallinas
A branda viração; a folha treme; [17]
O movimento apenas determinas.
A rôla seu amor suspira e geme; [18]
Escondida se queixa Philomela:
Parece que do campo inda se teme. [19]
Espanta a quem se atreve, vêr aquella
Rocha por cima d'água pendurada
Como já se não deixa cahir n'ella.

Ó ribeira do Lima, celebrada
De mil brandos espritos sempre sejas,
Sempre de brandas Nymphas povoada.
Fujam longe de ti duras invejas; [20]
Peçonha de pastores, morte sua:
Tudo sintas amor, tudo amor vejas.
De dia o claro sol, de noite a lua,
Em teu favor inspirem de maneira, [21]
Que sempre fertil seja a praia tua.
Tornando, emfim, á prática primeira, [22]
Por dar-te, como queres, de mi conta,
Larga t'a quero dar e verdadeira.
Apartar-te do gado leva em conta; [23]
Que, pois com elle fica o pegureiro,
Que te detenha hum pouco, pouco monta.
O meu nome he Anzino: fui vaqueiro [24]
Na grã Serra da Estrella, que não tive;
Não sei se natural, ou se estrangeiro. [25]
Hum pastor me criou, que já não vive;
De todos por seu filho era julgado;
E eu tambem n'este engano hum tempo estive. [26]
Até que d'elle soube ser achado
Em huma anzina envolto em pobres panos;
E d'aqui veiu, que Anzino fui chamado.
N'este meu desengano outros enganos [27]
Fundou de novo a pouca dita minha,
Com que o vim a servir mais de sete annos.
Tinha muito de seu e mais não tinha
De filhos, que huma filha bem formosa,
Á qual por morte d'elle tudo vinha.
Conversação doméstica e damnosa,
Na livre formosura e tenra idade,
Em ambos accendeu chamma amorosa.

Como ella de mi soube esta verdade,
Com outro amor, com outros exercicios,
N'ella ganhei de novo outra vontade.
Amor mestre me fez de mil officios
Para meio do fim que desejava; [28]
E d'elle sinal davam mil indicios.
Tecia alvos cestinhos, quando andava
Com as vaccas no prado: á noite hum cheio
De fructa, outro de flôres lhe levava.
Nas mangas muitas vezes e no seio
As nozes lhe levei com as castanhas, [29]
Quer do souto do pae, quer d'outro alheio.
Nos intrincados bosques, nas montanhas, [30]
Por seu amor as feras perseguia,
Fôrças agora usando, agora manhas. [31]
Vivos os mansos cervos lhe trazia;
Vivas medrosas lebres fugitivas: [32]
Ligeireza de pés não lhes valia.
Mas, se lhe dava as mansas feras vivas, [33]
Mortas lhe dava as que por natureza,
Sem domar-se, são bravas, ou esquivas.
Certo dia achei eu n'huma aspereza,
Sem mãe, hum cervo branco e pequenino;
Trouxe-lh'o; ella o creou; inda hoje o préza.
Ou já creação seja, ou já destino,
Tanto que não o vê, geme e suspira.
Como menos fará o triste Anzino?
Tangia mal na frauta, mal na lyra;
Despois tão bem tangia, qu'era espanto [34]
A quem antes d'amor tanger m'ouvíra.
Ouvia celebrar sempre em meu canto [35]
Ulina a sua rara formosura:
(Tal nome tem aquella, a que amo tanto.) [36]

Contava-lhe meus males por figura:
Ficava eu, de medroso, frio e mudo;
Ficava ella suspensa; a historia escura.
Assi com tal temor, com tal estudo, [37]
Amor fui grangeando longamente,
Á conta d'este amor perdendo tudo. [38]
Ella, dos meus desejos innocente,
O mesmo amor me tinha, tanto, digo;
Que no ser era tudo differente. [39]
Praticava seus gostos só commigo;
Seus desgostos tambem, seus pensamentos,
Com rara graça e com saber antigo. [40]
Outras vezes, confusa nos intentos,
Os modos me notava, e me dizia: [41]
Entre irmãos de que servem comprimentos?
Eu quizera, Senhora, (respondia) [42]
Que soubesses de mi, que irmão não sendo,
Não com menos amor te serviria.
Tornou-me: Essa resposta não entendo:
O que não quiz o céo, queres que seja?
Que castellos no vento andas fazendo?
Se me queres vêr leda, não te veja
Soltar essas palavras ociosas:
Materia mais honesta nos sobeja.
Dizendo assi, nasciam-lhe outras rosas
N'aquellas proprias suas, sobre a neve
Das suas faces mais que o sol formosas.
D'estas quebras commigo algumas teve; [43]
Cujas fôrças amor quebrava logo
N'outra conversação mais branda e leve.
Cresceu d'esta maneira o vivo fogo, [44]
Que ardendo dentro na alma encurta a vida;
Cujo princípio foi um brinco, ou jôgo.

Mas ella n'este tempo era pedida
De muitos a seu pae em casamento;
Nova dôr para mi, mortal ferida!
Elle lhe nomeava mais de cento:
D'elles paternamente lhe rogava [45]
Hum escolhesse a seu contentamento.
Com mil razões fingidas s'escusava,
Sendo só a razão, não ser contente; [46]
Com que desgôsto ao pae, gôsto a mi dava.
Estando nós por huma sesta ardente
Á sombra d'huns madronhos repousando,
Affastados da casa e mais da gente,
Já d'uma e d'outra cousa praticando;
Soltou com um suspiro estas palabras:
Desde hontem para cá em mi não ando.
Logo que nosso pae tornou das labras,
Me disse que assentára de casar-me
Com Tityro, pastor de muitas cabras. [47]
Que não buscasse causas d'escusar-me,
Como por muitas vezes já fizera, [48]
Pois tinha muitas mais de contentar-me.
Que afóra esta tenção, que a sua era,
O mesmo seus parentes lhe diziam,
A quem de seus intentos conta dera.
As águas, que dos olhos me corriam,
Em quanto elle me disse o que te digo,
Por mi, que fiquei muda, respondiam.
Com seu chôro abrandou ao pae amigo;
Qu'emfim, deixando-a menos magoada,
Lhe disse que fallasse isto commigo.
Assi me disse; e que determinada
Estava a qualquer mal que lhe viesse,
Antes que ser com Tityro casada.

Que por mais de mil cabras que tivesse,
Jámais esta vontade mudaria;
Que buscava saber, não interesse.
E que de melhor mente casaria
Com hum qualquer pastor, pobre de gado, 49
Se n'elle as partes visse que em mi via.
Por extremo de mi lhe foi louvado
O pensamento seu; e sem detença 50
Tal resposta lhe dei acautelado:
Se a dar meu parecer me dás licença,
Hum pastor te darei de qualidade,
Que em nada de mi tenha differença; 51
Nem de menos saber, nem mais idade;
Nas manhas outro tal, e em corpo e gesto: 52
Da fazenda não sei a quantidade.
Se esse me fazes bom, d'aqui protesto 53
De não receber outro por marido:
Me respondia com semblante honesto.
Pois sabe (respondi) que já admittido
Me tens com gôsto teu por teu esposo;
Que com dar-te-me dou o promettido.
Não pude dizer mais, de vergonhoso,
Nem ella me deixou com ouvir tal, 54
Suspeitando de mi amor vicioso.
Logo me respondeu: Ah desleal!
Ah deshonesto irmão! isso pretendes?
Mas não, irmão, imigo capital.
O céo, que com injusto amor offendes,
Tome, cruel, de ti justa vingança, 55
Antes que de tamanho error t'emendes.
Andavas-me enganando na esperança
Com esses falsos e indevidos meios
Ao sangue nosso e minha confiança?

Fizestes verdadeiros os receios,
A que confusamente me levavas
De sombras enganosas com rodeios. [56]
Desejo no teu peito agasalhavas
Tão torpe, tão infame, tão alheio
Do puro amor, a que obrigado estavas?
Não te desculpes, não; que já não creio [57]
Lagrimas, nem palavras, nem desculpas
De quem imaginou caso tão feio.
Timido respondi: De que me culpas? [58]
Se ouvido me não dás, não tens razão;
Acaba de me ouvir o fim das culpas.
Tem-me, Ulina, por teu, não por irmão: [59]
Se me não queres crêr esta verdade,
De teu pae saberás se minto, ou não.
Por filho me criou: a flôr da idade
Gastei em o servir por teu respeito:
Olha o que te merece esta vontade. [60]
Se com ser isto assi tenho êrro feito
Em grangear-te, que a ti só desejo,
Eis este ferro aqui, eis este peito.
Isto ouvindo, mostrou hum ledo pejo,
Pondo os olhos no chão, formosa e branda;
E cuido que inda assi nos meus a vejo. [61]
Disse-me: Em que revoltas o amor anda!
No bem, como no mal, tambem me enleia:
Inda agora o senti, já reina e manda.
Como queres, Anzino, que eu te creia
Cousa que nem sonhada foi tégora?
Não sabes de quem ama, o que receia? [62]
Fallarei com meu pae: fica-te embora:
No desengano seu teu bem consiste;
Da palavra que dei não estou fóra.

Com isto me deixou alegre e triste.
O comêço já ouviste de meu dano, [63]
Amigo Limiano: o fim amargo,
Em que não serei largo, escuita agora.
Fulgencia, outra pastora, que visinha [64]
Era da amada minha e grande amiga,
(Não sei como isto diga que não moura)
Pastora branca e loura, que na serra
Era a segunda guerra dos pastores,
Por mal dos meus amores me quiz bem.
Fundava-se porém em casamento;
E d'este fundamento lhe nascia,
Que, como me não via, o valle, o monte,
O bosque, o rio, a fonte rodeava.
Em busca minha andava aquella sesta;
Entrou pola floresta, onde nos viu;
E tudo nos ouviu quanto fallamos,
Entre huns espessos ramos escondida. [65]
Cruelmente ferida dos ciumes,
Foi-se a fazer queixumes (descobrindo
Mais do que esteve ouvindo) ao pae d'Ulina.
Eis logo desatina o triste velho;
Eis que sem mais conselho a filha entrega,
Que com chôro se nega e com palabras,
Ao simples guarda cabras, por esposa. [66]
Ah hora desditosa! ah sorte dura!
D'aquella formosura desusada,
De tantos desejada, e de mi tanto
Servida com espanto e puro amor,
Quizeste, por mais dôr, enriquecer
Quem não sabe entender o preço d'ella?
Ó tu, Serra d'Estrella, que tal viste,
Como te não abriste; e no teu centro

Me não cerraste dentro, estando vivo,
Porque mal tão esquivo não sentíra?
Oh cega, oh cruel ira! oh pae fingido! [67]
Para me vêr perdido me criaste?
Porque me não deixaste no deserto?
Menos crueza, certo, então usáras,
Inda que me deixáras (não te aggraves)
Ás cruas feras e aves da montanha. [68]
Não vês que o céo estranha isso que tratas?
Não vês que a ti te matas cobiçoso?
Na porta o novo esposo tropeçou;
Na casa não entrou co'o pé direito:
Gritou sobolo teito a noite inteira
A ave, que he mensageira de fins tristes. [69]
O mesmo vós sentistes, cães da aldeia,
Quando por má estreia, juntos todos,
Com differentes modos huiviastes. [70]
Serranas, que esperastes n'estas vodas
Cantar alegres todas Hymeneos,
Dos vossos alvos seios, alvas flôres,
Em logar dos licôres mais custosos,
Por cima dos esposos derramando;
Ou vendo estar bailando, estando quedas,
Ao som das gaitas ledas no terreiro
O moço tão ligeiro á maravilha,
Que quasi o pé não trilha o junco mole;
Qual será que console a triste amiga,
A quem a força obriga do pae duro, [71]
A quem o Amor puro obriga tanto,
Que n'hum contino pranto se consumme?
Assi do grande cume da esperança [72]
Com subita mudança derribado,
Me poz em tal estado a triste nova,

Como sabe por prova quem bem ama.
Levou a leve fama a minha dor [73]
A Sincero pastor, meu grande amigo,
Que com rogos comsigo me levou,
Do monte, onde me achou, já noite escura,
Chorando a desventura em que me via.
As vaccas, vindo o dia, derramadas,
De mi desamparadas, vem bramando,
Sinal n'aldeia dando em seu bramido
De que era já perdido o pastor seu. [74]
Tamanha pena deu á bella Ulina
(Bella, porém mofina) a pena minha,
Sôbre quantas já tinha no seu peito,
Que mais do triste leito não se ergueu. [75]
Seu pae adoeceu tambem de nojo:
Da morte foi despojo ao dia quinto,
A dôr que d'aqui sinto he sem medida.
Pois me apartou da vida, a vida acabe,
Ou n'alma, onde não cabe, faça pausa.
Fulgencia, que foi causa d'estes males, [76]
Des que montes e valles descobriu,
Despois que me não viu em toda a serra,
Deixou, deixando a terra, magoa aos pais,
Que d'ella nunca mais novas souberam. [77]
Emfim, tal fim tiveram meus amores,
Choraram os pastores juntamente
De Ulina descontente a triste sorte,
Do pae a breve morte, e de Fulgencia [78]
A vingadoura ausencia de seu êrro;
De mi este destêrro em que me pôz.

Mas mais chorastes vós, meus olhos tristes,
Quando de vossa luz, sem a do dia,
Por terras tão estranhas vos partistes.

Cuido que meia noite então seria;
Cantando os gallos já na triste aldeia, [79]
Chorava só quem d'ella se partia.
Casa de meus suspiros sempre cheia,
(Disse eu, quando passei pela de Ulina) [80]
Tal fructo colhe quem amor semeia!
Fortuna, a mi cruel, sempre benina
Em tudo seja áquella que em ti mora,
Indaque em outros braços se reclina.
Fica-te aqui, minha alma, fica embora,
Que, pois assi o quiz fado inimigo,
Jámais te não verei dia nem hora.
D'alli nos ricos campos dei commigo,
Que das aguas do Tejo são regados;
Onde te vi mais ledo, como digo.
Por vêr se posso agora a meus cuidados
Achar algum repouso, algum socêgo,
Atravessando vou montes e prados.
Passei as claras aguas do Mondego,
Das Lusitanas Musas caro ninho; [81]
As do Douro despois em turvo pégo.
D'aqui continuando meu caminho,
Espero vêr a casa aos céos acceita, [82]
Na terra que da nossa aparta o Minho.
Onde vou visitar na urna estreita
Os santos ossos do Varão divino,
Que pretendeu do Mestre a mão direita.
Assi, d'hum logar n'outro de contino,
O bem que já cantei, chorando venho; [83]
Tornei-me de vaqueiro, peregrino:
Tal habito me vês, tal vida tenho. [84]

LIMIANO [85]

Anzino, he breve o dia [86]
Para poder contar
O que sinto de tua desventura.
E sei bem que erraria,
Se quizesse louvar
O grave estylo teu, tua brandura.
Aquella formosura,
Por quem alegre fôras;
Que tu ledo cantaste,
E que despois choraste
Tão triste, que inda agora triste choras;
Vivendo eterna n'ella,
Será magua commum e louvor d'ella.
As maguas deixo emfim;
Tambem louvores deixo,
Por grandes ellas, elles por pequenos,
Tu, por amor de mim,
(Dir-te-hei de que me queixo)
Repousa hoje commigo, quando menos:
Assi vejas serenos
Esses teus tristes lumes.
Abranda a dura magua,
Que tira fontes de agua
Do fogo em que chorando te consummes;
Dar-te-hei conta mais larga
Da vida que aqui passo tão amarga.
E mais saber desejo
Se a fama nos engana, [87]
Que diz, que o grão Pastor dos Lusitanos,
Com todos os do Tejo, [88]
E com fato e cabana,

Reside já nos campos africanos;
Onde mil soberanos
Triumphos, d'elle dinos,
Lhe ordena a fatal sorte,
Com grande estrago e morte
Dos brutos mal nascidos Sarracinos,
Que de si despejados
Os curraes deixam já cheios de gados.
  Que sendo assi, te digo
Que não espero mais
N'esta para mi sempre ingrata terra.
Quem traz guerra comsigo
Entre seus naturaes, [89]
Não deve d'estranhar extranha guerra.
Sem mi de serra a serra
(O céo assi o queira)
Logrem meus inimigos [90]
Os valles e pacigos
D'esta, donde nasci, fresca ribeira; [91]
Na qual (se não me engano)
Inda será chorado Limiano.

ANZINO

  Limiano, já bem tenho entendido
Quanto sentes meu mal; mas eu te digo [92]
Que o teu mal he de mi menos sentido.
  Ácerca de ficar hoje comtigo,
Farei pois (já que assi nos detivemos) [93]
Tudo o que tu quizeres, como amigo.
  E, pois o dia já passado temos, [94]
Vamos-nos mais chegando para o gado;
E lá nas outras cousas fallaremos.

Todavia de funda e de cajado
Te vae apercebendo a som de guerra;
Que não foi tal pastor cá do céo dado,
Para não dar ao céo tão larga terra.

EGLOGA XII

INTERLOCUTORES

DELIO, ALCIDO, GALASIO

DELIO

Agora, Alcido, em quanto o nosso gado
Pasce diante nós manso e seguro,
Sentemos-nos aqui n'este abrigado.
Logremos este sol sereno e puro,
Que livre se nos dá, antes que venha
A noite fria com seu manto escuro.
O rico com seu ouro lá se avenha;
Não se farta a cobiça co'a riqueza: [1]
Mais arde o fogo quando têm mais lenha.
Com pouco se contenta a natureza. [2]
Quem isto bem olhasse, certifico
Que não fugisse tanto da pobreza.
O sol tambem me aquenta, como ao rico; [3]
A fonte agua me dá, fructos a terra:
Com pouco mantimento farto fico.
Ah! que a má vaidade nos faz guerra! [4]
(Para que gasto tempo em mais palabras?)
Os olhos de razão esta nos cerra.

Alcido, tens ovelhas, e tens cabras,
De que tiras da lã, tiras do leite;
E não te faltam campos em que labras.
Inda tu queres mais? Amigo (eu hei-te
De fallar claro e sem lisongerias: [5]
Não hajas medo tu, que eu as affeite)
Tu cantavas amor, amor tangias;
Fallava a tua frauta; agora he muda:
Que mal te mudou tanto em poucos dias?

ALCIDO

Muda-se a idade, Delio; e se se muda
Com ella a condição, nada me espanto;
O gôsto me ajudou, já não me ajuda.
Se já cantei amor, se amor não canto, [6]
Culpas do tempo são, que vae mudando
O meu cantar alegre em triste pranto.
O tempo, que tão leve vae voando,
Delio, não torna mais; e assi fugindo,
Mil claros desenganos nos vae dando. [7]
Pouco a pouco se veiu descobrindo
O mal d'uma esperança vã e incerta,
Que me deixou chorando, e foi-se rindo.
Quem nasce sem ventura, ou quem acerta [8]
De fazer fundamento em peito alheio,
De mil contas que faz nenhuma he certa. [9]

DELIO

Pois se isso entendes tu, d'onde te veiu
Sentir tão de verdade as sem razões,
Não sendo d'outra cousa o mundo cheio?

ALCIDO

Não queres tu que sintam corações
Obrigados com dôr a sentimento,
Vendo a razão vencida d'affeições? [10]

DELIO

Emfim, todas as cousas querem tento:
Encobre a dôr, e guarda-te d'extremos; [11]
Que sempre trazem arrependimento.
Ao nosso doce canto nos tornemos:
Das nossas Nymphas, bellas inimigas, [12]
Crueza e formosura celebremos.

ALCIDO

Como cantarei eu novas cantigas
Em terra tão esteril, cheia de ira, [13]
Que nega flôres, e que nega espigas?
Pendurei n'um salgueiro a minha lyra:
Ouvil-a ao som do vento he huma mágoa:
Em logar de tanger, geme e suspira.
A Amarilia pintei, pintada trago-a [14]
Aqui n'este meu seio, e tambem chora:
Seus olhos me dão fogo, os meus dão-lhe água.
Mas vejo vir Galasio.

DELIO

Venha embora.
Galasio, queres tu cantar commigo?

GALASIO

Eu nunca me roguei: menos agora.

DELIO

Cantaremos d'Amor cruel imigo, [15]
Ou brando e amoroso, em razão pôsto,
Tyranno e cego, e cego até comsigo?

GALASIO

Cada qual cante do que fôr seu gôsto;
Quer mimos, quer rigores d'Amor fero;
Ou d'olhos verdes cante, ou d'alvo rosto.

ALCIDO

Em quanto vós cantaes, recolher quero
O gado, que são horas de ordenhar: [16]
A' noite na malhada vos espero.

GALASIO

Isso não: has de ouvir para julgar [17]
Qual de nós melhor canta e melhor sente.

DELIO

Eu já não cantarei, sem apostar. [18]
Aposto o meu rafeiro, que Valente
Se chama, e com razão; que o lobo affasta,
Se não cantar mais branda e docemente. [19]

GALASIO

Hum cervo manso aposto.

DELIO

Isso não basta;
Põe mais hum par de cabras.

GALASIO

Deos me guarde;
Porque, Delio, este gado he de madrasta. [20]

ALCIDO

Fazeis-me vós juiz? Quereis que aguarde?
Ora cantae sem preço e sem inveja;
E seja logo, porque já he tarde. [21]

DELIO

Learda minha, branca mais que a neve,
E muito mais corada que a grã fina;
Se inda Amor a vencer-te não se atreve,
Que fará quem de amor por ti se fina?
Eu morro; e tu meu mal julgas por leve? [22]
Não vês tu como já me desatina?
Ai triste! que me vêm valles e montes,
Regados de meus olhos feitos fontes.

GALASIO

Marfida, branca mais que o branco leite;
Vermelha muito mais que a rosa pura; [23]
Assi descuido em ti nunca suspeite,
Assi me trates inda com brandura;

Que a cabana, que a vida e a alma engeite [24]
Por ti, quando tu mais que marmor dura:
Testimunhas serão montes e valles,
A quem dou larga conta de meus males.

DELIO

Quando a minha Learda desencolhe [25]
Os seus cabellos de ouro, longo, ondado,
O sol, de pura inveja, se recolhe,
Corrido de se vêr menos dourado.
Livre pastor não ha, que bem os olhe, [26]
Sem se achar logo n'elles enlaçado.
Ai! não soltes, Learda, os teus cabellos,
Pois tanto prendem quantos ousam vêl-os. [27]

GALASIO

Os tristes corações se tornam ledos,
Ouvindo de Marfida o doce canto;
Os furiosos ventos estão quedos; [28]
Não guia o claro sol seu carro em tanto.
Converte-se a dureza dos penedos
Em brando amor: Amor desfaz-se em pranto,
Vencido d'essa voz, doce Marfida; [29]
Mas tu nunca d'Amor foste vencida.

DELIO

O campo de verdura vejo pobre; [30]
O céo chuivoso sempre, e turvo o rio;
Da sua leve folha a terra cobre
O bosque, que foi já verde e sombrio.
Mas se Learda o rosto seu descobre,
Logo desapparece o tempo frio:

Comsigo a primavera traz Learda.
Ai quem a visse já! Ai quanto tarda! [31]

GALASIO

A triste Progne já despareceu; [32]
A toda flôr o frio foi imigo;
A doce Philomela emmudeceu, [33]
Rouca de lamentar seu mal antigo.
Mas venha por aqui quem me venceu [34]
Com hum só volver d'olhos; qu'eu m'obrigo,
Que as aves tornem logo a seus amores,
E os campos se matizem de mil flôres.

DELIO

A viva chamma, aquelle vivo ardor,
Que brando sinto já pelo costume,
De noite dá de si tal resplandor, [35]
Que os pastores vêm d'elle a tomar lume.
Pasmados ficam, vendo em mi de amor
O fogo, que me queima e não consumme: [36]
E tu, por quem eu ardo noite e dia,
Quando vês tal ardor ficas mais fria!

GALASIO

Eu sempre chóro, e tanto já chorei,
Vencido da grã dôr que n'alma tinha,
Que mil vezes de lagrimas fartei
Meu gado, quando a fonte a buscar vinha. [37]
Chorando as duras pedras abrandei;
Mas nunca a ti, cruel imiga minha,
Que, vendo que por ti m'estillo em água,
Nenhuma mágoa tens de minha mágoa.

DELIO

Quando vires, Learda, o nosso Lima,
Que lá vae de meu chôro acompanhado,
Tornar com suas águas para cima,
De seu curso esquecido, costumado; [38]
Então embora julga, então estima
Que tenho n'outra parte o meu cuidado.
Mas deixarão os rios de correr, [39]
Primeiro que deixe eu de te querer.

GALASIO

Estas serras, Marfida, por certeza
De minha firme fé só quero dar-te: [40]
Quando com espantosa ligeireza
D'aqui correr as vires a outra parte,
Então cuida que falta em mi firmeza,
Qu'então deixarei eu, meu bem, de amar-te.
Mas mudar-se d'aqui bem podem ellas,
E eu não mudar de mi graças tão bellas.

ALCIDO

Se esta vontade minha não deseja
A vossos versos dar justos louvores,
Hora nunca na vida alegre veja. [41]
Acceitae meu desejo, meus pastores:
Mais vos não póde dar quem traz o esprito
De todo entregue a damnos, mágoas, dôres. [42]
Mas porque dê de vós público grito
A leve fama, como vêdes, deixo
O vosso canto e o meu juizo escrito

No liso tronco d'este verde freixo. [43]
Delio n'este logar doce cantou
Com Galasio, que doce respondia:
Hum Learda, Marfida outro louvou,
Com inveja de qual melhor diria.
Alcido, que o seu canto bem notou
Por vêr quem a victoria levaria, [44]
Como livre juiz, deu por sentença,
Que não havia entre elles differença.

EGLOGA XIII

PHYLLIS

Pascei, minhas ovelhas: eu, em quanto
Aquelle passarinho canta ou chora,
Chamarei Corydon com triste pranto.
Se entre vós, bellas plantas, amor mora [1]
(Plantas, já vós amastes) tende mágoa
De mi, pois que m'ouvis queixar agora. [2]
Ai cruel Corydon! cruel a frágoa
Em que vivo por ti! Não tens piedade
De vêr meu peito fogo, os olhos água?
Já não amas a Phyllis? Ah crueldade! [3]
Ai triste! E que farei? Em poucos dias
Mudaste tu de mi tua vontade. [4]
A Phyllis já deixaste, a quem trazias
No formoso verão formosas fruitas,
Sinal do grande bem que me querias?
Sabes, cruel, que tenho causas muitas [5]
Para te convencer, de que queixar-me;
Por isso vás fugindo e não me escuitas.

Puderão os teus rogos abrandar-me:
Os meus (triste de mi!) mais te endurecem.
Já não acho em que possa confiar-me. [6]
Aquelles doces versos já t'esquecem,
Que tu nos lisos álamos cortavas, [7]
Onde com teus enganos inda crescem?
Arder por meu amor n'elles mostravas:
Eu, crendo que era assi, não entendia [8]
Quanto fingiste amar, quão pouco amavas.
Tristes meus fados foram, triste o dia
Em que nasci: coitada de mi triste,
Que em mágoa se tornou minha alegria!
Logo que a tua Galatêa viste, [9]
Vi eu d'este meu mal grandes agouros;
E tu da parte esquerda hum corvo ouviste.
E não tem Galatêa mais thesouros,
Nem tem mais formosura, inda que seja
Ou d'alvo rosto, ou de cabellos louros.
Á negra violeta tem inveja
O branco lirio, porque tal não tem
O cheiro, que vencido não se veja.
Tityro arde por mi; Tityro, a quem
Mil Nymphas dão capellas de mil flôres;
Mas elle a mi só chama, a mi quer bem.
Eu desprézo por ti muitos pastores,
E tu por Galatêa me desprezas!
Tal pago dás, cruel, a meus amores? [10]
Em que te mereci tantas cruezas,
Quantas usas commigo? Por ventura
Usei comtigo de ira, ou de asperezas?
Prouvera a Deos que tão isenta e dura
Me víras para ti, que nunca víras
Em mi sinal d'amor, ou de brandura!

S'eu fugíra de ti, tu me seguíras;
Por mi ardêras, não por huma ingrata,
Por quem choras em vão, em vão suspiras.
Bem me vinga de ti pois te maltrata:
Mas eu te quero tanto, que desamo
(Por mais que tu me mates) quem te mata. [11]
Respondem-me estes montes, quando chamo
Por ti com triste voz; Ecco responde [12]
Das lagrimas, movida, que derramo.
E tu não me respondes, nem sei onde
Te leva esse desejo; mas bem sei
Que amor e desamor de mi te esconde.
Ai triste Phyllis, triste! Onde acharei
Remedio a tanto mal? O fogo puro [13]
Em que m'abrazo, com que abrandarei?
Já fugíra d'aqui por mais que duro
Fosse o deixar o ninho em que nasci:
Mas não ha contra Amor logar seguro.
A morte só (mil vezes isto ouvi
Á nossa Celia) por remedio espere
Aquelle que a Amor fez senhor de si. [14]
Então, porque de todo desespere,
Este cego, a quem cegos nós seguimos, [15]
A mi por ti, e a ti por outra fere.
S'eu morrêra no ponto em que nos vimos, [16]
Não víra tanto mal. Mas que da sua
Sorte fugisse alguem, nós nunca ouvimos. [17]
Eu me queixo de ti, e tu da tua
Galatêa te queixas; e não vês
Que mais piedosa te he, quando mais crua. [18]
Sendo tu tão cruel, (tão cego es!)
Queres achar piedade? Como queres
Que te creiam teu mal, se o meu não crês?

Que eu viva com pezar, tu com prazeres, [19]
Não quer o justo céo. Ou ambos tristes,
Ou ledos ambos, si: mais não esperes. [20]
Selvas, que n'outro tempo nos cobristes
Com frescas sombras lá do ardor de cima,
Dizei, se a Corydon dizer ouvistes:
Primeiro ha de tornar o brando Lima
As águas de crystal á fonte clara,
Que no meu peito novo amor se imprima.
Primeiro que eu te deixe, Phyllis cara,
Me ha de deixar a mi a propria vida. [21]
Mas quem, por não deixar-te, a não deixára?
Pois tu, Phyllis, m'a dás, eu off'recida
A tenho a teu querer; tu d'ella ordena
Como, doce amor meu, fôres servida.
Por ti me será branda a dura pena;
Por ti suave a dôr, leve o tormento,
A que m'inclina o fado, ou me condemna. [22]
Ah falso Corydon! teu pensamento
Era enganàr-me: dada a fé me tinhas;
E a fé co'as palavras leva o vento.
Mas (ai triste de mi!) tambem as minhas
O vento vae levando. O sol he pôsto. [23]
Porque, ligeira luz, te não detinhas,
Em quanto em meu queixume achava gôsto?

———

EGLOGA XIV (*)

INTERLOCUTORES

ERGASTO, DELIO, LAURENO

ERGASTO

Agora, já que o Tejo nos rodeia, [1]
N'este penedo, donde mansamente
Murmurando se quebra a branda veia,
Espera, Delio, até que do Occidente
D'azul deixe a ribeira matizada
O sol, levando o dia a outra gente.
Entretanto d'aqui verás pintada
A praia de conchinhas d'ouro e prata, [2]
E a agua dos mansos sôpros encrespada.
Verás como do monte se desata
A vagarosa fonte por penedos,
Que pouco a pouco cava e desbarata;
E como move os frescos arvoredos
Favonio, que de flôres pinta o prado; [3]
E como se estão rindo os campos ledos.
Ditoso o que do céo foi tão amado,
Que no campo alcançou passar a vida,
Livre de pena, livre de cuidado. [4]
O rouxinol na vara, que vestida
De verdes folhas, sombra faz ao rio,
Lhe canta o doce verso sem medida.

(*) Traz a rubrica: «Nunca impressa até ao anno de 1779.» Encontra-se porém em nome de *Bernardo Rodrigues* nas obras de Estevam Rodrigues de Castro.

Agora ao pé d'hum alamo sombrio [5]
Vê como dous carneiros se offerecem,
Os cornos inclinando, a desafio. [6]
Como ao que vence todos obedecem
E folgam de o vêr fóra de perigo;
E outros com face esquiva o aborrecem.
Ditoso aquelle, que co'o ferro antigo
Lavra os campos do pae, e se contenta,
Nos seus mólhos atando o louro trigo!
Este a furia do mar não exp'rimenta,
Nem corre, por achar a pedra rica, [7]
A extranha praia, que outro sol aquenta.
Onde, quando a esperança o fortifica
Em adquirir mais ouro e mais riqueza,
Ouro, esperança, e vida a muitos fica.
Este vive quieto na pobreza;
E d'este confiarei que a anteponha [8]
A quanto o mundo mais procura e presa.
Comendo em mesa vil, não se envergonha:
Antes bebe nas mãos a fonte pura, [9]
Que em precioso metal cruel peçonha.
Oh feliz tempo d'ouro! Inda aqui dura,
Inda conversa aqui com os humanos
A Justiça, fugindo á gente impura!
Quem visse bem tão claros desenganos,
E quanto mal nos vicios se apparelha,
No campo gastaria bem os annos.
Ao dia a nossa vida se assemelha, [10]
Porque quando no mar o sol se banha
Se costuma tingir de côr vermelha.
Assi, se olharmos bem, sempre se ganha
Lá no occaso da mal gastada vida
Rubicunda vergonha em magua estranha.

DELIO

A gloria, Ergasto meu, que he possuida;
Nunca sabe de nós ser tida em preço: [11]
Só despois que se perde he conhecida.
E d'esta vida os bens, que eu não mereço,
Quando os perco e o mal d'outra já me espera, [12]
Com grandes maguas d'alma os reconheço.
Oh se em ditosa sorte me coubera
Por favor ou destino das estrellas,
Que entre pastores, eu pastor vivêra!
Muitas vezes te ouvira as luzes bellas [13]
Cantar da linda Nise, nas quaes arde
Teu peito, sempre ufano de arder n'ellas.
Buscae pastor, ovelhas, que vos guarde;
Que o céo não quer que eu mais vos guarde e conte,
E despois vos recolha, sobre a tarde.
Não vos verei saltar junto da fonte,
Cabras minhas, já meu querido gado, [14]
Nem da rocha pender no verde monte.

ERGASTO

Consente agora, ó Delio, que chorado
Em triste verso seja apartamento,
Que assi me deixa triste e magoado.

DELIO

Não: que se dobrará meu sentimento. [15]
Mas se queres, Ergasto, que me esqueça
Partida, que lembrada he só tormento, [16]
Canta aquelle Soneto, que começa:
Quantas vezes do fuso se esquecia.
Que digas hum dos teus, não sei se o peça.

ERGASTO

Se com me ouvir, a dôr se te allivia,
Eu o direi. Mas eis cá vem Laureno, [17]
Que a cantar vezes mil me desafia.
Cantando venceu já Tityro e Almeno:
E eu, inda que sei certo ser vencido,
Apostar a cantar com elle ordeno.

LAURENO

Ergasto, pois o tempo se ha offrecido, [18]
Celebremos amor e formosura,
Em quanto o gado á sombra está acolhido. [19]

ERGASTO

Postoque já a victoria tens segura,
Não cantarei sem preço, porque saia
Mais ledo quem cantar com mais brandura.

LAURENO

Eu hum vaso porei de lisa faia, [20]
Divina obra de Alceo, que celebrado
Será sempre por claro n'esta praia. [21]
A vide, de que em roda está cercado,
Os roxos cachos cobre; e primor teve
Em pôr no meio a Dama e Pan cansado. [22]
Parece que a beijal-a o deos se atreve,
E que ainda dos beijos mal soffridos
Inclinado lhe foge o tronco leve. [23]

ERGASTO

Outro vaso porei d'hera cingido,
No qual Orpheo das aves esquecidas
E dos suspensos bosques he seguido.
Não cuido que de faia são sahidas
De tal arte, lavor de tal maneira: [24]
Tambem obra he d'Alceo, das mais polidas.
Esta, das que me deu, foi a primeira;
Que a dar-m'a o velho Alcido emfim s'abranda, [25]
Ouvindo-me cantar n'esta ribeira.
Ouviu-me então, estando d'esta banda;
E dando-m'a, dizia-me: Este seja
O premio, Ergasto, d'essa Musa branda.

LAURENO

Delio o nosso cantar pondere, e veja
Qual dos dous a voz dá mais docemente;
Que huma tal causa tal juiz deseja.

DELIO

Se o meu juizo cada qual consente,
Tu, Ergasto, ao doce canto dá comêço;
Tu responde, Laureno, juntamente:
E eu fico que nenhum perca o seu preço. [26]

ERGASTO

Alcida, que na côr o leite puro,
E a rosa da manhã deixas vencida, [27]
Culpa he dos olhos teus, n'elles o juro,
Este amor de que estás tão offendida.
Castiga-os com me vêrem; que eu seguro [28]
Que a vingança será d'elles sentida:

Nem temas tu d'os meus alegres serem,
Vendo tristes taes olhos por me vêrem. [29]

LAURENO

Violante minha, cuja côr iguala,
Mas antes vence os cravos, vence a neve;
D'esta dôr, que atéqui minha alma cala,
Teu amoroso riso a culpa teve.
Se só por viver d'ella e por amál-a,
Julgas que algum castigo se me deve,
A vêr-te sempre rindo me condena, [30]
Pois crescendo o amor mais, mais cresce a pena.

ERGASTO

Com a mãe, que maçãs colhendo andava,
Inda pequena, a bella Alcida vinha: [31]
Eu os ramos da terra já tocava,
Já facil para amar o tempo tinha. [32]
Não sei que fogo ou neve se passava
D'aquelles olhos seus a esta alma minha,
Que me deixaram pôsto em tal extremo,
Que até de cuidar n'elles ardo e tremo. [33]

LAURENO

No bosque a Violante vi hum dia,
Doce principio d'estas doces dôres;
A flôr cahia n'ella, e parecia
Dizer cahindo: Aqui reinam amores.
Humilde em tanta gloria ella se ria.
E errando hiam sôbre ella as várias flôres: [34]
Eu, que vencido fui de hum error cego,
Áquelle honesto riso est'alma entrego.

ERGASTO

Pastores d'este bosque, que buscaes,
Anoitecendo, o lume por costume; 35
Chegae a mi; que eu fico, se chegaes,
Que d'estes meus suspiros leveis lume.
Accesos sahem d'alma os doces ais
No ardor, que pouco a pouco me consumme;
Mas nem as chammas, que em suspiros deito, 36
Accenderam jámais hum frio peito.

LAURENO

Pastores, que buscaes na sombra amada
A fonte, por fugir o ardor do estio,
Vinde a mi, porque d'água destillada
Por meus olhos, se sólta hum largo rio;
Tal, que a sede d'Amor nunca apagada,
Fartál-a já de lagrimas confio.
Mas com chôro de tanta quantidade 37
Não movo aquelles olhos a piedade.

ERGASTO

Se quando a minha Alcida esta alma visse
Nos meus olhos, d'Amor tão maltratada;
Se quando a grave dôr fóra sahisse
Entre suspiros mil rôta e quebrada,
Sequer com brandos olhos m'admittisse, 38
Ficando de vergonha mais córada;
Ditoso fôra, vendo-a juntamente
Com ser mais bella, d'este amor contente. 39

LAURENO

Se á vista de Violante derramadas
As lagrimas de amor, que vive n'ellas, [40]
Tal fôrça lhe fizessem, que orvalhadas
Lhe ficassem de dôr ambas estrellas, [41]
E as rosas entre a neve semeadas,
Co'o piedoso orvalho, inda mais bellas;
Ditoso me fizera. Hora ditosa, [42]
Se a víra ser mais bella e ser piedosa!

ERGASTO

Claros olhos, que ao sol fazeis inveja,
Que brandos vos mostreis já vos não peço;
Mas que poder-vos vêr paga me seja,
Se por tamanho amor tanto mereço:
Armados de esquivança então vos veja
Cheios de hum não sei que, com que pereço;
Que doce me será tal esquivança.
Doce o morrer, que em olhos taes se alcança! [43]

LAURENO

Olhos, que vos moveis tão docemente,
Que traz vós todo o mundo ides levando,
Eu não sei se tomaes do céo luzente
O movimento seu, se lh'o estaes dando:
Sei certo (e não me engano,) sei sómente
Que a vós de mi minha alma ides passando:
Mas não posso entender como deixaes
Ao descuido o que vós em vós levaes.

ERGASTO

Por mais que a minha soberana Alcida
(Minha não, porque só sua belleza
Vem a ser minha em ser de mi querida)
Me trate vezes mil com aspereza;
Huma só vez que d'ella acho admittida
Minha pequena vista na grandeza
Da luz do rosto seu, sinto tal gloria,
Que de todo o penar perco a memoria.

LAURENO

Quando a minha mais que unica Violante
(Se minha póde ser a que he tão sua)
Aquella santa luz hum breve instante
Me deixa vêr, por mais que a vêja crua;
A vista tanto em mi vejo a diante,
Que não he muito, não, que me attribua
A soberba de ser huma aguia nova,
Que do céo no ôlho claro a vista prova.

DELIO

Pastores, que alcançar pudestes tanto
Com vossa branda Musa, que já n'esta
Idade renovaes o antigo canto;
Para vosso louvor, que verso presta?
Que hera digna será? que louro dino [44]
Que em premio a cada qual adorne a testa?
Em parte paga Amor, se de contino
Por dentro a cada hum gasta os espritos,
Pois co'o divino canto o faz divino.

Nós veremos por annos infinitos [45]
Nos altos troncos d'estas faias bellas
Os nomes vossos por memoria escritos.
De unicas flôres mereceis capellas: [46]
Têm Alcida e Violante sós taes flôres;
E, pois ellas as têm, dêm-vol-as ellas.
Os vossos premios recolhei, pastores:
Cada qual igualmente o seu merece;
E ambos d'Apollo os mereceis maiores.
Recolhamos o gado; que anoitece.

EGLOGA XV

Á morte de D. Catharina de Athayde, Dama da Rainha (•)

INTERLOCUTORES

SOLISO e SYLVANO

SOLISO

De quanto alento e gôsto me causava [1]
A vista da manhã resplandecente,
Com que toda a tristeza se alegrava;
Que quando vinha o sol claro e luzente,
Bem claro então em mi se conhecia
Huma nova alegria differente;
Tanto agora me offende o novo dia, [2]
Vendo que me não mostra a formosura,
De que só me mantinha e só vivia. [3]

(•) Rubrica do Ms. de Faria e Sousa. No *Cancioneiro* de Luiz Franco, traz tambem a rubrica: *Ecloga á morte de D. Catharina de Athayde.* Fl. 287.

E não me quiz deixar triste ventura
Esperanças de mais tornar a vel-a!
Oh destino cruel! oh sorte dura!
Oh querida Natercia! oh Nympha bella,
Em quem emfim, mostrou a natureza
O mais que se podia esperar d'ella!
Se lá no assento da maior alteza
Te lembras de quem viste cá na terra,
Para te magoar sua tristeza;
Lembre-te de contino a cruel guerra, [4]
Que contínua me faz tua lembrança,
Esquecido do gado, valle e serra.
Lembre-te que perdi a confiança
De vêr os olhos teus, e juntamente [5]
De todo o bem d'Amor toda a esperança.
Lembre-te que por ti de mi ausente
A crystallina fonte me he nojosa,
Com que já n'outro tempo fui contente.
Que por ti a manhã clara e formosa [6]
Males cada momento me accrescenta;
Sendo-me em outros dias deleitosa.
Por ti o puro sol me descontenta;
Com seu canto m'offende a Philomella:
Mas, porque n'elle chora, me contenta.
Por ti, Natercia pura, Nympha bella,
Na verdura suave d'este prado
Os males multiplico só com vel-a.
Por ti não curo já do manso gado:
Com o mesmo que então meu bem crescia, [7]
Agora vae crescendo o meu cuidado.
Não sou já, já não sou quem ser sohia; [8]
Mudou-se-me a vontade co'a ventura;
Mudou-se co'os tormentos a alegria; [9]

Tornou-se o claro dia em noite escura:
Nem he muito que tudo se mudasse,
Pois se mudou a tua formosura.
Não via outro reparo, que cuidasse [10]
Poder aproveitar ao meu tormento,
Nem outra glória alguma em que esperasse, [11]
Senão em quanto o triste pensamento
Se punha a contemplar tua beldade,
Sem lhe lembrar tão longo apartamento.
Agora que me falta a claridade,
Que de vêr-te a minha alma recebia, [12]
Ficando-me só d'ella a saudade;
Qual ficará huma alma, que sabia [13]
Sómente d'esta glória contentar-se?
Glória de que gozar não merecia!
Qual poderá ficar quem com lembrar-se
Mortalmente do bem que he já passado, [14]
Só tem por melhor vida á morte dar-se?
E qual se póde vêr quem hum cuidado
Sostem, que he só da dôr certa morada,
E n'elle vive só desesperado?
Qual ha de vêr-se, ó Nympha delicada,
Huma alma que te via; e em te vendo
O fio lhe cortou a Parca irada?
A causa d'este mal eu não a entendo:
Só entendo que, perdida essa luz pura,
Por perdida a não vêr, vivo morrendo.
Vejo que me roubou fortuna escura
Hum bem por quem meu mal me contentava;
Lembra-te tu de tanta desventura.
Lembra-te tu, que só de ti 'sperava [15]
Remedio aos males meus; e então verás
Qual ficou quem em ti só confiava.

Lembre-te adonde estou, adonde estás,
E que tudo sem ti cá me aborrece:
D'est'arte o estado meu entenderás.

SYLVANO

Não sei por que razão nos amanhece [16]
Este dia dos outros differente,
Com que toda a alegria se entristece, [17]
O manso gado vejo, que contente
Buscando hia nos campos a verdura,
E dos rios a limpida corrente:
Agora triste errar pela espessura,
Alheio de herva verde e de água fria;
Sinal d'alguma grande desventura.
Suspensa está das aves a harmonia [18]
E em certo modo mostra que lá chora
A mesma sequidão da penedia.
A candida, rosada, bella aurora,
Que sempre os altos montes vem dourando,
Com hum pallor mortal se mostra agora.
Está-se n'estas hervas enxergando
Tão triste côr, que d'ella se conhece [19]
Que algum mal se nos vae apparelhando.
Emfim, vejo que tudo se entristece; [20]
A causa ignoro. O céo piedoso queira
Que menos seja o mal, do que parece.
Porque, desde que habíto esta ribeira, [21]
Não me acórdo de a vêr tão carregada,
Nem de a ouvir murmurar d'esta maneira.
Não me acórdo que visse outra alvorada
Tão confusa sahir, como esta vejo,
De profunda tristeza acompanhada.

Agora aqui tomára quem sem pejo
A causa, se a soubesse, me ensinasse,
Para satisfazer a meu desejo.
Porque não posso eu crêr que resultasse [22]
De alguma baixa causa hum tal effeito,
Que até nos duros montes se enxergasse. [23]
O coração cá dentro no meu peito [24]
Me assegura, que tanta novidade
Não traz a origem de commum respeito.
Mas, por entre a confusa claridade,
Lá vejo vir Soliso com seu gado:
D'elle espero entender toda a verdade. [25]
Mas não posso cuidar n'este cuidado,
Que nos olhos não mostre onde me chega [26]
A dôr de o vêr de dôres traspassado.
Mas aquelle, que a Amor cruel se entrega,
Não he muito que passe hum tal tormento;
Porque todo mal dá, todo bem nega.
Em quanto este pastor o pensamento
Logrou, sem que em amores o empregasse,
Senão só em buscar contentamento;
Festa não se fazia em que faltasse
A sua frauta, que elle em si tangia,
Que outra nunca se ouviu que lhe igualasse.
Já agora não he aquelle que sohia; [27]
Vejo-o na condição todo mudado;
Mudada tambem d'elle está a alegria.
Não cura já do seu querido gado; [28]
Aborrecem-lhe as plantas, hervas, flôres;
Aborrece-lhe a gente e o povoado.
Não lhe lembram as festas dos pastores;
Apartando se vae pola espessura,
Enlevado sómente em seus amores.

Contenta-se da noite triste e escura; [29]
Odio tem com o sol puro e luzente.
Quem viu nunca tamanha desventura?
Com esta vae passando tão contente,
Que diz que, quando o mal mais o atormenta,
Se gôsto sentir póde, então o sente.
N'este bosque huma Nympha se aposenta,
Por quem elle na vida anda morrendo;
E he causa d'esta dór que lhe contenta.
E segundo o que d'elle agora entendo,
Se a vista não me engana o pensamento,
Ou de va phantasia estou pendendo;
Quando fôra maior o grão tormento,
Que Soliso padece, não pudera
Igualar-se com seu merecimento.
Quero chegar-me a elle, em quanto espera
Que vá descendo o vagaroso gado:
Saberei d'elle o que saber quizera.
Venho, Soliso, a ti com hum cuidado,
Que todo me entristece; e com grão medo
De grão mal sôbre nós inopinado.
Vês tu como está agora este arvoredo
Triste e pesado, lugubre e sombrio?
Como o vento parece que está quedo?
Vês a commum corrente d'este rio
Que ora tanto se pára, ora anda tanto,
Deixando de seu curso o certo fio?
Vês como a Philomella deixa o canto,
Com que incita os pastores namorados,
E multiplica Progne o triste pranto?
E vês, emfim, por todos esses prados
Desmaiadas as hervas, que sohiam
Viçoso pasto dar aos nossos gados?

Todos estes sinaes, que não se viam
Nas Auroras a esta antecedentes,
Algum damno mortal nos annunciam.
Eu não sinto o que seja: se o tu sentes,
Não te seja o dizer-m'o mui penoso;
E entenderei por ti taes accidentes.

SOLISO

N'outro tempo me fôra deleitoso
Por extremo, Sylvano, gôsto dar-te;
Mas todo gôsto agora me he nojoso.
Bem quizera poder communicar-te
A causa d'este horror; mas antes quero
Anojar-me a mi proprio, que anojar-te.
Porém já sinto o fado tão severo,
Que quanto mais me ponho a declaral-o,
Mais então de entendel-o desespero.
E se acaso o entender para contal-o,
Se quero começar, quer a ventura
Á força de soluços atalhal-o.
Que despois que me falta a formosura
D'aquella illustre Nympha, que contente
Pudera bem fazer a noite escura,
Foi-me faltando o esprito juntamente:
Em suspirar só gasto a noite e dia,
Sem me fartar de vêr-me descontente.

SYLVANO

Novidade maior em mi seria
O espantar-me de vêr-te estar queixando,
Que o vêr em ti desejos de alegria.

Responde-me ao que te hia perguntando
Da causa d'esta singular tristeza:
Não gastes todo o tempo lamentando.

SOLISO

Sempre em ti conheci huma dureza,
E austera inclinação, que bem declara
Quão conforme he teu nome á natureza.
Porque se o meu tormento te alcançára,
O mór bem para ti o mór mal fôra;
E todo o mal maior te contentára.
Deixa que chore quem com gosto chora: [30]
Deixa-me lamentar meu triste fado;
Que a hum triste a hora de chôro he melhor hora. [31]
Tu não trazes agora outro cuidado
Mais que buscar no valle a sombra fria,
Quando te offende o sol mais empinado.
Coitado de quem passa a noite e dia
Porfiando em morrer, e a sorte dura [32]
Em fugir-lhe co'a morte só porfia!
Oh formosa Natercia! a excelsa altura
Do glorioso Olympo andas pizando;
E eu ausente da tua formosura!

SILVANO

Que he isso, que do céo estás fallando?
Parece-me que já não és Soliso,
Ou que de puro amor vás delirando. [33]

SOLISO

Quem já perdeu aquelle doce riso,
Que siso produzia e dava vida, [34]
Não he muito que perca a vida e siso.

SYLVANO

Declara-me que cousa tens perdida,
De que tanto te queixas; que ao que sento,
Natercia d'estes valles he partida.

SOLISO

Quão livre falla aquelle que o tormento
Alheio vê de fôra, mas não sente
Onde chega tamanho sentimento!
A gloria que eu perdi não me consente 35
Palavras naturaes, razões expertas,
Que possam declarar a dôr presente.
Mas n'esse teu error vejo que acertas;
Porque como nenhum mal deve turbar-se
Quem só d'elle esperanças logra certas.

SYLVANO

A quem, Soliso meu, de declarar-se 36
Com outro em casos taes falta vontade,
Nunca faltam razões para escusar-se.
Não sei donde te vem tal novidade;
Pois negando-me agora o que te peço, 37
Suspeito que me negas a amisade.
Se pola que te guardo te aborreço,
Sabe que só hum cego entendimento
Ás amisades faz perder o preço.
Eu te deixarei só com teu tormento;
Mas não sem dôr de vêr que tanto a peito
Tomes hum tão damnoso pensamento. 38

SOLISO

Outra he, certo, a razão, outro o respeito
Que negar-te me fez o que pedias:
Não creias que de ti tão mal suspeito.
Bem sei que o meu descanso pretendias; [39]
E a mesma confiança faz negar-te
O que d'estes sinaes saber querias.

SYLVANO

Não queiras mais, Soliso, prolongar-te;
Pois pende o gôsto meu da tua vida:
Se corre risco, dá-me d'elle parte.

SOLISO

De todo a sinto já desfallecida [40]
Nas lembranças d'aquella breve historia,
Que foi para meus males tão comprida.
Já me vence a tristissima memoria
Da gloria que presente me animava.
Quem pudera voar traz tanta gloria!
Natercia que estes montes alegrava,
E que á casta Diana fez inveja, [41]
E que com sua vista o sol cegava;
Aquella a quem render-se só deseja
Aquelle que de bella mãe presume,
E a quem as armas dá com que peleia;
Natercia, que no mundo foi hum lume,
Onde a belleza de maior estado
Incendios aprendia por costume;
Natercia, por quem ando acompanhado
De mágoa tal, que só da morte dura
Espero o feliz fim de meu cuidado;

Ao céo se foi com aquella formosura,
Que era mostra do céo, gloria da terra;
Que era o sugeito mór da mór ventura.
Já não fará no prado ás almas guerra
Com a vista, senão com a lembrança;
Guerra em que o damno mais cruel se encerra. [42]
Já de vêl-a não tenhas esperança;
Que esta vida trocou de mal cercada
Por outra, em que do bem não ha mudança.
E a causa vês aqui de que a alvorada [43]
Visses d'esta manhã tão differente
De outra qualquer, de ti mais ponderada.
Dizer-te o mais não posso, porque sente
Esta alma no que disse tal tormento,
Que esta memoria apenas me consente.
O espirito já debil, sem alento,
No pouco que te tenho referido,
Nas azas se sostem do pensamento.
Oh mundo! qual he aquelle tão perdido, [44]
Que em ti crê, qual aquelle tão insano,
Vendo-te todo em damno instituido?
Deixas passar hum gôsto de anno em anno,
Porque, com nosso opprobrio e tua gloria, [45]
Nos faças mais patente o teu engano.
Sempre assi vai comtigo a mór victoria,
Deixando-nos sómente por herança
De hum possuido bem triste memoria. [46]
Quem faz de ti alguma confiança,
Sabendo já que quem de ti confia,
De hum engano penoso emfim se alcança? [47]
Aquelle da belleza novo dia
Cegaste, quando mais resplandecente
Triumphos mil d'Amor nos promettia.

De qual tigre cruel peito inclemente
Não se rompe de mágoa, morta aquella,
Que a tristeza mil vezes fez contente?
Quem, que vê eclipsada a vista bella,
Despois de visto haver sua beldade,
E não sabe morrer por hir traz ella?
Como não te applacou tão tenra idade
Ao cortar do seu fio, ó Parca dura,
Que agora o mundo matas de saudade?
Deixae, deixae, pastores, a verdura; [48]
As frautas deixae já, e os mansos gados;
E chorae todos vossa desventura.
E vós, sylvestres Faunos namorados,
Tambem chorar podeis, pois já perderam [49]
O objecto mais gentil vossos cuidados.
Nymphas, a quem os deuses concederam
D'estes sagrados bosques a morada, [50]
E em quem tamanhas graças esconderam;
Se aquella piedade costumada,
De que mais vos prezaes, não esquecestes, [51]
Que sempre foi de vós tão venerada;
Se já d'alheio dano vos doestes [52]
Do vosso proprio vos doei agora,
Pois com Natercia todo o bem perdestes,
Oh Náiades! das aguas sai fóra!
E de vós, agua saia em mal tão forte, [53]
Pois de vel-o tambem o monte chora.
Oh Napêas! chorae a triste sorte
Dos miseros pastores, a quem nega
O fado por mais pena o mortal córte.
Oh Dryas! vós, a quem Amor se entrega,
Tomae todo o cuidado d'este pranto,
Pois sabeis onde a causa d'elle chega,

Deixae, oh Amadryas, entretanto
As plantas que guardaes, por ajudar-me,
Pois deixa a Philomella o doce canto. 54
E vós, ó vida minha, pois curar-me
Já não podeis, deixae-me juntamente
Porque lembranças taes possam deixar-me.
Mas se d'ellas morreis, morro contente.

FIM DO PARNASO.

VARIANTES

Egloga I

1 Que *grandes variedades* vão fazendo. Ms. de Luiz Franco.
2 Tão differentes *vem* na qualidade. *Ib.*
3 *Vi andar adornados* os pastores. *Ib.*
4 De quanto *polo* mundo se deseja. *Ib.*
5 *Emfim, vi as pastoras*, tão *fermosas*. *Ib.* Ed. 1595.
6 *Que os corações move a um* grande espanto. Ms. Luiz Franco.
7 E o gado, *em ver* que a herva lhe falece
Mais que *de a não comer nos* emmagrece. *Ib.*
8 Ao *verão suave* o duro inverno. Ed. 1595.
E ao *verão suave* o duro inverno. Ms. Luiz Franco.
9 E se ha *hi a que* saiba ter firmeza. *Ib.*
E se ha *hi quem* saiba ter firmeza. Ed. 1595.
10 *Á* porta *vem bradando* ao triste estado. Ms. L. Franco.
11 *Nem* te engane *nenhum* contentamento. *Ib.*
Não te engane *nenhum* contentamento. Ed. 1595.
12 *E* não seja prodigio que declare. Ms. L. Franco.
13 *E* o valor *antigo* que primeiro. *Ib.* Ed. 1595.
14 Não *creias* tu, (Frondelio companheiro)
Qu'em *nenhum* tempo sejam *sojugados*. Ed. 1595.
Que em *nenhum* tempo sejam *sogigados*. Ms. Luiz Franco.

15 A outro jugo *algum* que se offereça. *Ib.* Ed. 1595.
16 *Do imigo* a torto e a direito. Ed. 1595.
Do inimigo a torto e a direito. Ms. L. Franco.
17 Não creias tu que a força *repunhante. Ib.*
18 *Até onde* bebe o Hydaspe tem sugeito. Ed. 1595.
Até quem bebe o Hydaspe tem sugeito. Ms. L. Franco.
19 Hum freio lhe está pondo *a* lei terribil. *Ib. ib.*
20 E se *attentas* bem os grandes danos. *Ib. ib.*
21 Que te está *afigurando* a ousadia. Ed. 1595.
22 E não somente os cães, mas *aos* pastores. Ms. Luiz Franco.
23 *E* o grande curral, seguro e forte. *Ib. ib.*
24 *Ó caso desastrado! ó dura* sorte. Ed. 1595.
O caso desastrado e dura sorte. Ms. L. Franco.
25 *Tionio meu* ainda em flor cortado. *Ib.*
26 *De* lagrimas me banha rosto e peito. *Ib. ib.*
27 Nem *do* juvenil sangue o fero Marte. *Ib. ib.*
28 Já que *a* triste morte me lembraste. *Ib. ib.*
29 *Cantares* d'esse caso desastrado. *Ib. ib.*
30 Como *quer que* renove ao pensamento. Ed. 1595.
Como queres *que* renove ao pensamento. Ms. Luiz Franco.
31 Mas pois *tambem* te move o sentimento. Ed. 1595.
Mas pois *tambem te toca* o sentimento. Ms. L. Franco.
32 Se a dor *não me empedir* a voz no peito. *Ib.* Ed. 1595.
33 Canta, *poeta, que agora* o gado pasce
Antre as humidas hervas socegado. Ms. L. Franco.
34 E *em* silencio triste estão as Nymphas. *Ib. ib.*
35 Dos olhos *estillando* claras lymphas. Ed. 1595.
Dos olhos *espalhando* claras lymphas. Ms. L. Franco.
36 Está suavemente *apresentando. Ib. ib.*
37 Com *um brando susurro* vão voando. *Ib. ib.*
38 As *mansas e* pacificas *abelhas. Ib. ib.*
39 *De comer* esquecidas *incrinando. Ib. ib.*
40 O vento *d'antre* as arvores *aspira.* Ms. L. Franco.
41 *Suas magoas* espalhando ao vento frio. *Ib. ib.*
42 Ao saudoso canto te convida. Ed. 1595.
43 *Não se dependuraram* dos salgueiros. *Ib. ib.*
44 E as arvores que *tu* já *desemparaste.* Ed. 1595.
E as arvores que *tu desemparaste.* Ms. L. Franco.

45 *E* a noite sempiterna. *Ib. ib.*
46 Não usara comnosco tal *aspereza*. Ms. L. Franco.
47 Tudo, *como* vês, he *cheo* de tristura. *Ib. ib.*
48 Como — geral sentença vão dizendo. *Ib. ib.*
49 Porque *assy* d'esta arte. *Ib. ib.*
50 *No* rosto que o amor *e* fantesia. *Ib. ib.*
51 *De* pallida viola lhe tingia. *Ib. ib.*
52 *E* exercicios do falso pensamento. Ed. 1595.
53 *E pelas* solitarias espessuras. *Ib.*
54 *N'um* longo esquecimento. *Ib. ib.*
55 A causa *pera a pena* que mostrava Ed. 1595.
56 Mas como este tormento o assignalou. Ms. L. Franco.
57 *Entendendo mui bem do* pae sisudo. *Ib. ib.*
58 *Mas* ó falso Marte rudo. *Ib. ib.*
59 Que *aonde* o generoso. *Ib. ib.*
60 No *hispano* ginete bellicoso. Ms. L. Franco.
61 Tal te pinto, Tionio, dando o *espirito*. Ed. 1595.
62 Da *bocca congelada* a alma pura. *Ib.*
63 Hum tumulo de flores *rodeado*. Ms. L. Franco.
64 Lendo na pedra dura *hum* verso escripto. *Ib.*
65 As *arenosas* covas d'este rio. *Ib.*
66 Do largo *céo* o antigo senhorio. *Ib.*
67 Que tão *ledos* aos olhos se *apresentem*. Ed. 1595.
68 *Que* se eu por acerto não me engano. *Ib. ib.*
69 *D'aqui* me sôa um eco nas orelhas. *Ib. ib.*
70 E se *tu n'este caso* me aconselhas. *Ib. ib.*
71 Eu quero *vêr d'aqui* que cousa seja. *Ib. ib.*
72 Comtigo vou que — mais me achego. *Ib. ib.*
73 Que do *seu* canto vencido lhe obedece. Ms L. Franco.
74 Mas primeiro me dize se — puderes. *Ib. ib.*
75 Está *dos olhos perlas* destillando. Ms. L. Franco.
76 *Huma* regando as humidas areias. Ed. 1595.
77 *Que* este penhor carissimo ficou. *Ib. ib.*
78 Douro, Mondego, Tejo *e* Guadiana. Ms. L. Franco.
79 *Té* o remoto mar da Taprobana. *Ib. ib.*
80 *Que* o Tejo, agora claro e cristallino. *Ib. ib.*
81 Mas *se for* conservado do Destino. *Ib. ib.*
82 *Que as estrellas benignas* promettendo. *Ib. ib.*
83 *Mas,* qual a eclipsada *e* clara estrella. *Ib. ib.*
84 *Dá tu cá a mão* (Frondelio), e sobe a vêr. Ms. L. F.

85 *De* aquella deosa bella e delicada. *Ib. ib.*
86 Danubio *enfrêa e* manda o claro Ibero. *Ib. ib.*
87 Morreu-*lhe* o excellente e poderoso. *Ib. ib.*
88 Doce Aonio, de Aonia *doce* esposo. *Ib. ib.*
89 Ni *dexaran*, por mas que el tiempo huya. Ms. L. F.
90 En *su* tercero assiento, o porque *amante. Ib. ib.*
91 *Y* verás uma, que a ti con'riste *lhano.* Ms. de L. F.

Egloga II

1 Que a noite faziam mais escura. Ed. 1595.
Que a noite *fazia* mais escura. Ms. L. Franco.
2 *Mostrava* a espessura. *Ib. ib.*
3 Com que *cresciam as ondas* outro tanto. Ed. 1595.
4 *Co' cansado* pranto. *Ib.* Ms. de L. Franco.
5 Que as aguas *enfreara.* Ms. L. Franco.
6 *Da mansa* voz o accento temeroso. *Ib. ib.*
7 Ou quem *m'a causa* ordena. *Ib. ib.*
8 Quer *por* paga *de* dor torne soffrella. *Ib. ib.*
9 Causou *tanta* esquivança. Ms. L. Franco.
10 *Que para isso* nasci. *Ib. ib.*
11 *Que* aqui tem uma alma ao jugo atada. Ed. 1595.
Que aqui tem *sempre* hum'alma ao jugo atada. Ms. L. Franco.
12 Tu mesma (bella Nympha) te fizeste. Ed. 1595.
Tu mesma, *ninfa bella* te fizeste. Ms. L. Franco.
13 Tão *crua* condição de ti formaste. *Ib.*
14 Me he *pesado* e duro. *Ib. ib.*
15 Pasmo, *quando* conheço. *Ib. ib.*
16 Que inda commigo *mesmo* me pareço. Ms. L. Franco.
17 São n'alma — meus cuidados. Ed. 1595.
18 *E* as flores, que no campo sempre vejo. *Ib.*
19 *As aguas frias do* Tejo
De doces se tornaram. *Ib. ib.*
20 Hypanis co'o Exampêo — *a* agua pura. Ed. 1595.
Com o Exam e Hinpis a agua pura. Ms. L. F.
21 Que estou *afigurando. Ib. ib.*
22 Que este phantasiar *que imaginando.* Ed. 1595.
Que este *pensamento que imaginando.* Ms. L. Franco.
23 Descobre o *triste* manto. *Ib.*
Das sombras que as montanhas encobria. *Ib.*
24 *Que* meu *cansado* canto. *Ib. ib.*

25 As *nuvens* e espalhando *teus* cabellos. *Ib.*
26 Fermosa a espessura e *fresca a* fonte. Ed. 1595.
Fermosa a espessura e a *fresca* fonte. Ms. L. Franco.
27 Que *matizas* n'uma hora de mil côres. *Ib.*
28 *Quamanha* saudade tenho agora. Ed. 1598.
Quamanha vontade tenho agora. Ms. L. Franco.
29 *Então n'um só querer* nos igualava. *Ib. ib.*
30 Porque quando um *chamara* a quem queria. *Ib. ib.*
31 *O* ecco respondia *da affecção. Ib. ib.*
32 *Zephyro e a fresca* Flora passeando. *Ib. ib.*
33 Nas *aguas* cristallinas triste estava. *Ib. ib.*
34 Mas ecco *namorado* do *seu* gesto. *Ib. ib.*
35 *O* purpureo jacinto: e o destroço. Ms. L. Franco.
36 De Adonis *lindo* moço, morte fea. *Ib. ib.*
37 *Alli as* Nymphas formosas pelos prados. *Ib. ib.*
38 *Que faziam* das flores que colhiam. *Ib. ib.*
39 As Nymphas lhe fugiam *amedrontadas. Ib. ib.*
40 As *arvores alçadas* pelos montes. Ms. L. Franco.
41 *A fresca* agua das fontes espalhar-se. *Ib. ib.*
42 *E* Pomona que trazia os doces *frutos.* Ms. L. Franco.
43 *As* gaitas que *traziam* e cantando. Ed. 1595.
44 *Cortára* inda em agraço. Ah dura sorte. Ms. Luiz Franco.
45 De quantos vida tem *nunca* perdoas. *Ib.*
46 O *estranha* inconstancia e tão profana. Ed. 1595.
47 Mas eu de que me queixo? ou — que digo? *Ib.*
48 Dá-nos fructo *escolhido* na sazão. Ms. L. Franco.
49 Do formoso verão e *do* inverno. *Ib.*
50 Do sol *da* terra dura lhe dá *o* alento. *Ib.*
51 Nem *chuvas* desejava, nem quentura. *Ib.* Ed. 1595.
52 Fosse do céo *deitado donde* vivia. *Ib. ib.*
53 Nos veiu *assi* trazendo a este estado. *Ib. ib.*
54 Ao *manso Tejo e claro* porque achar. Ed. 1595.
55 *Para elle vou* chegando só por ver. *Ib.* Ms. L. Franco.
56 Oh doce pensamento e doce gloria. Ms. L. Franco.
57 *E* a mi de mi mesmo só com vel-os. Ed. 1595.
E de que toma luz o dia em vel-os. Ms. L. Franco.
58 Que eu *nos* braços tenho e não *no* creio. Ed. 1595.
59 Com palavras de doudo *e* quasi insanas. *Ib.*
Com palavras de *hereje* e quasi insanas. Ms. L. F.

60 Como—alçar-te tão alto assi me atrevo. Ed. 1595.
Como *tão alto alçar-me* assi me atrevo Ms. L. Franco.
61 Quando fores não tornes *donde* estás. Ed. 1595.
62 *Que* tanto por seu dano se perdeu. *Ib.* Ms. L. Franco.
63 A forma, a *condição*, o entendimento. Ms. L. Franco.
64 De si *sua* propria essencia transportando. *Ib.*
65 Que tem já da *falsifica* pastora. *Ib.*
66 *E* n'este doce engano estava agora. *Ib.*
67 Fallando como em *sonhos*, mas achando
Ser vento o que *cuidava*, grita e chora.
D'est'arte andava *o somno* enganando. *Ib.*
68 O vão pae *do centauro contentava. Ib.*
69 Como *a* este, que comsigo só fallava
Cuidando que fallava de *enlevado*. Ed. 1595.
70 Com quem lhe o pensamento *afigurava*. Ms. Luiz Franco.
71 *O* amor em doudice transformado. Ed. 1595.
72 *O* Amor não *he* amor se não vier. Ms. L. Franco.
73 Temores, *mortes, nojos*, perdições. *Ib.* Ed. 1595.
74 Estas são verdadeiras *experiencias*. Ed. 1595.
Estas são *as* verdadeiras penitencias. Ms. L. Franco.
75 E *onde* he *mór o perigo*, mais se atreve. *Ib. ib.*
76 Passava *alegre tempo* deleitoso. Ed. 1595.
77 *Cresciam os altos alamos* e crescia
O amor que—te tinha: sem perigo. *Ib. ib.*
78 E sem *rumor*, contente te servia. Ms. L. Franco.
79 Com *morte* de parentes e de irmãos. *Ib. ib.*
80 *Gastando* na doçura d'um cuidado.
Após uma esperança *tantos* annos. *Ib. ib.*
81 Por um só *mover* de olhos todo o gado. Ed. 1595.
82 *E* em todo *o* povoado e companhia. *Ib.*
83 Sendo auzentes de si, *estão* presentes. *Ib. ib.*
84 Como quem *lhe* pinta sempre a fantasia. *Ib. ib.*
85 Com hum certo não sei que, *estão* contentes. Ms. L. Franco.
86 E—outr'ora nenhuma alegre esteja. Ed. 1595.
87 Sua *imiga* estar triumphando veja. *Ib.*
88 *Nessa* imaginação estás gastando
O tempo e *a* vida, Almeno; *ó* perda grande. *Il.*
89 Por mais que o tempo corra, *e* a morte o mande. *Ib.*

90 Almeno *irmão,* não he por certo aviso
Mas uma grande doudice e grande engano. *Ib. ib.*
91 O Agrario, — que vendo o doce riso. *Ib. ib.*
92 E não entendo des que *foi* cativo. *Ib. ib.*
93 *Não se póde* com o fado ter cautella
Nem *póde haver nenhum* contentamento
Que não *seja* trocado em dura estrella. *Ined.* de Faria.
Não se póde com o fado ter cautella
Nem póde *nenhum grande* contentamento
Fugir do que lhe ordena sua estrella. Ms. de L. Franco.
94 Que *eu* bem livre vivia, e bem isempto. *Ib.*
95 Sem *nunca ser ao jugo sometido. Ib.* Ed. 1595.
96 Lembra-me, *Agrario amigo,* que o sentido. *Ib. ib.*
97 Na luta, *no correr,* em qualquer manha. *Ib. ib.*
98 Nem *consentindo* Amor, que d'este geito. Ms. Luiz Franco.
99 Em quem elle creou tão puro *effeito.* Ed. 1595.
100 Toda esta injuria agora está *pagando. Ib.*
101 Mas quero-te dizer se *o* enganoso
Amor *é costumado* a desconcertos. *Ib. ib.*
102 *E* nunca amando *foi* pastor ditoso. Ms. L. Franco.
103 Te choram *as montanhas* e desertos. *Ib. ib.*
104 *O monte Ethna* em fogo, *e* o Nilo em agua. Ms. L. F.
105 Gostar as verdes hervas, emmagrecem. Ms. L. F.
106 Em te vendo, parece *que* entristecem. Ed. 1595.
107 *Todos os* teus amigos e parentes. *Ib.*
108 Deixando *a casa* e gado vás fugindo. *Ib. ib.*
109 *O* faziam de lagrimas hum vaso. Ed. 1595.
110 *Vinha o intonso Apollo* ali culpando. *Ib.* Ms. L. F.
111 *Outro amor, outro bem* outro desejo. Ed. 1595.
112 Como *imiga,* emfim de ti fugindo. Ms. L. Franco.
113 Por caso *da* fortuna desastrado. Ed. 1595.
114 *N'algum tempo* deixar de ser cativo. Ms. L. Franco.
115 *Onde o Bootes* tem *ao* Oceano. *Ib.*
116 Ou *onde* o filho de Climene insano. *Ib. ib.*
117 Ou se — por qualquer outro accidente. Ed. 1595.
Ou se por *outro qualquer* accidente. Ms. L. Franco.
118 Tornando *por detraz* irá negando. *Ib. ib.*
119 As *feras pelo* mar irão buscando. *Ib. ib.*
120 *Tenho esta fé, e amor porque* insistes. *Ib. ib.*

121 *Se tu d'essa* porfia não desistes. Ms. L. Franco.
122 *Vires pela montanha andar* vagando. *Ib.*
123 Com os *espiritos vivos* inflammando. Ed. 1595.
124 *Dano* tão *feio* em gesto tão formoso. Ms. L. Franco.
125 Por *te vêr alguma ora* descansando. *Ib. ib.*
126 Tu n'essa fantasia falsa *tua* Ed. 1595.
127 Não queres companhia *senão* a sua. *Ib.*
128 Vou-me *de ti*, e fique Deos comtigo. Ms. L. Franco.
129 *Esse* comtigo vá, *porque* commigo
Abasta-me que fique meu cuidado. *Ib.*

Egloga III

1 Entre uns verdes ulmeiros *apartados*. Ed. 1595; Ms. L. Franco.
2 Por quem o *triste Almeno* endoudecia. *Ib. ib.*
3 *Já o sol* consentia. *Ib. ib.*
4 *E* acordado *já do* pensamento. *Ib. ib.*
5 Que tão desacordado *o sempre* teve. Ed. 1595.
6 Ali mais enfraquece o *atrevimento*. Ms. L. Franco.
7 E tendo assi attonito o sentido. *Ib. ib.*
8 E tirou da fraqueza *o* coração. Ed. 1595.
9 Commettimento *faz desesperação*. Ed. 1595.
10 Que, de magoa não posso dizer tanto. *Ib.*
Que, de magoa não posso *escrever* tanto. Ms. L. F.
11 Me *causa a pena* e a dôr *m'impede* o canto. *Ib.*
12 *E* quão saudosa faz esta espessura. *Ib. ib.*
13 Da tarde amena! *e* quão saudosamente. Ed. 1595.
14 *No ar se esmaltam os céos* d'ouro e verde. *Ib.*
15 *Fermoso* e honesto *dos pastores* que amam. *Ib.*
16 *Ao* ar derramam mil suspiros vãos. *Ib. ib.*
17 Um louva as mãos, *e* outro os olhos bellos. *Ib. ib.*
18 *A* amorosa ave leva o contraponto. *Ib. ib.*
19 Se não m'esquece já *n'este* logar. *Ib. ib.*
20 Ouvi soar *nos* valles algum dia. Ed. 1595.
21 *Se ahi* houve culpa, *pola o* firme amor. *Ib. ib.*
22 Só n'um pastor *que* nunca *o* sol nem lua. *Ib. ib.*
23 *Viram outro tão lindo*, tão manhoso. *Ib. ib.*
24 *Qua* n'alma minha tão secretamente. Ed. 1595; Ms. L. Franco.

25 *Que* descuberto vos foi tudo e claro. *Ib. ib.*
26 *Camanho* mal quereis á humana gente. Ed. 1595.
27 E vós tão cedo me *tirastes* hum bem
Que amor *tem já* impresso n'alma minha. Ms. L. F.
28 Mas já *que* a face alegre o sol esconde. *Ib.*
29 As sombras cáem *e* vão-se as alimarias
Das ervas varias fartas, seu caminho. *Ib. ib.*
30 *Buscando o* ninho os passaros sem dono. *Ib. ib.*
31 Quero esquecer tão bem tão *triste* historia
Pois he memoria que traz *mais* cuidado. *Ib. ib.*
32 Que vão regando o *campo* matizado. *Ib. ib.*
33 *Inda qu'eu mudarei* a opinião
Que emfim homens são, a *que* o esquecimento. Ed. 1595.
34 Como *me já* enganou mil vezes, quando. Ms. L. F.
35 *A* uma Nympha *hum* véo no claro Tejo
Que se me está Beliza afigurando. *Ib. ib.*
36 Que facilmente aos olhos *s'afigura.* Ed. 1595.
37 *D'est'arte* está tornando o peito frio. *Ib.*
38 Tudo me falta *agora em estar* presente. *Ib. ib.*
39 Ó *sacras* semideas! pois padece. Ms. L. Franco.
40 Ou seja por vós, Nymphas, *reservada. Ib. ib.*
41 Ou *n'alguma arvore alta,* ou pedra dura
Seja por vós asinha transformada. *Ib. ib.*
42 De se mudar *tamanha formosura.* Ed. 1595.
Que se mudar tão rara *fermosura.* Ms. L. Franco.
43 E a quem *fallece a lingua e* ousadia. *Ib. ib.*
44 Se com *o* amor o fazes, eu te digo. Ed. 1595.
45 Porque *te não alembra* que folgaste. *Ib. ib.*
46 Com teus formosos olhos — me olhaste. Ed. 1595.
Com teus olhos *angelicos* me olhastes. Ms. L. Franco.
47 Como te esquece *a ti* gentil pastora. *Ib.*
48 *Como tão prestes asi a memoria* perdes. Ed. 1595.
Como tão prestes a memoria perdes. M. L. Franco.
49 Do amor que mostravas, qu'eu não digo. Ed. 1595.
50 *Porque* te não *alembras* do perigo. *Ib. ib.*
51 E escondendo-te *antre* a espessura. *Ib. ib.*
52 Com que *no Templo de Diana Santa.* Ms. de L. Franco; *Ined.* de Faria.
53 Cydippe se enganou *de* cubiçosa. Ed. 1595. Ms. Luiz Franco.

54 Meus olhos magoados *o* dirão. Ms. Luiz Franco.
55 Mas de pura affeição *e* amor honesto. *Ib. ib.*
56 E pois *teu máo cuidado* e ousadia
Causou tão dura e aspera mudança. *Ib. ib.*
57 Que mais me não verás como já viste. *Ib. ib.*
58 Assi se hade ir tornando *sem ter cura*. *Ib. ib.*
N'essa sylvestre e aspera rudeza. Ed. 1595.
59 D'est'arte teus cabellos se tornaram. *Ib.*
60 *Consente-me* tambem que perca a vida. Ms. L. Franco.
61 *Que* se a fortuna *dura* embravecida. Ed. 1595. Ms. L. Franco.
62 *Tanto em meu tormento* se desmede. Ed. 1595.
63 Não viva mais *pessoa* tão perdida. Ms. L. Franco.
64 *Ó* fartae de meu sangue vossa sêde. *Ib.*
65 *Ao pé de um funereo* cypreste. *Ib. ib.*
66 *Com* as desusadas musicas de Orpheo
Que me cantareis, e d'esta sorte. *Ib. ib.*
67 E porque *a* minha cinza se conforte. Ed. 1595.
68 As exequias *fareis* de minha morte *Ib. ib.*
69 Que *pareşçam* que nem dos olhos vivas. Ed. 1595.
70 *D'arredor* do sepulchro os guardadores. *Ib.*
71 Que *não comerão nada* de pezar. Ms. L. Franco.
72 *E para os que* aqui forem caminhando. *Ib. ib.*
73 De Nymphas e *pastoras* celebrado. Ed. 1595.
74 Se alguma *hora*, por *dita*, na espessura. *Ib. ib.*
75 E em figura de cinza *se* acharão. *Ib. ib.*

Egloga IV

1 No reino *de Neptuno* se escondia. Ed. 1595.
2 De idade cada *hum* era mancebo. *Ib.*
3 Que o *ouse* cantar sem vossa ajuda. *Ib.*
4 Frauta d'este *amor* vosso dina. *Ib.*
5 Em vós tenho Calliope, *tenho* Thalia;
E as outras sete irmãs *do* fero Marte;
Em vós *perde* Minerva sua valia. Ed. 1595.
6 Com *a mais pequena parte*. *Ib.*
7 *Tratar de* seus amores. *Ib.*
8 *Vinha* já recolhendo o manso gado. *Ib.*
9 *E um estando* callado. *Ib.*

10 E em quanto *o outro* fallava, *o outro* ouvia. *Ib.*
11 Ali as pedras perdiam *sua* dureza. *Ib.*
12 *E só* as que podiam
Estes males curar, *que ellas* causavam
O ouvido *lhe* negavam. *Ib.*
13 De amor com tantos *males* não faziam
Fallando inda com ellas lhes diziam. *Ib.*
14 *Quizeras* que algum'hora te dissera,
Ainda que, *de duro* diamante
Fôra — teu cruel peito endurecido. *Ib.*
15 E fugitiva mais que *agua* pura. *Ib.*
16 *A* avivar-me os espiritos cansados. *Ib.*
17 *O ouro escureciam, e* a mi matavam. *Ib.*
18 *Que goze outro a* gloria a mi devida. *Ib.*
19 Se não *he* esperar que morte dura
Que fim me venha a dar *tua* saudade. *Ib.*
20 Qu'hum tão *firme* amor desprezar queira. *Ib.*
21 E *huma* fé verdadeira. *Ib.*
22 Que *só a meu tormento* se desvia. *Ib.*
23 *E* o bem que te queria. *Ib.*
24 Levaste-me — meu bem n'hum só momento. *Ib.*
25 Uma contínua dor *e* hum grão tormento. *Ib.*
26 Um mal, *em* que não póde haver mudança. *Ib.*
27 Dos males que *me tu, cruel,* causaste. *Ib.*
28 Não *foi tua creação* entre a rudeza. *Ib.*
29 No céo formada foi *tua* formosura. *Ib.*
30 *Essa tua* dureza. *Ib.*
31 *Um* verdadeiro amor que tu bem vias. *Ib.*
32 *Uma* fé, que conhecias. *Ib.*
33 Que *a bruta natureza* lhe ensina. *Ib.*
34 O rustico leão sem *nenhuma* arte
Do *instincto natural* só ensinado
Aonde sente amor, *alli* se inclina. *Ib.*
35 *Ou* porque te não corres
Que te vença o leão em piedade. *Ib.*
36 E em peito celeste. *Ib.*
37 Abrolhos *pera mim são* frescas flores. *Ib.*
38 *Durará* em ti *hum* tal *avorrecimento*. *Ib.*
39 *Que* bem vês, *que tenho* merecido
O amor que tu a outro concedeste. *Ib.*

40 *Nenhuma* semrazão; que bem conheço. *Ib.*
41 *O teu feminil peito* delicado. *Ib.*
42 *Esquecer-lhe* um tão aspero tormento. *Ib.*
43 Tu és hum só *bem meu*, uma só gloria. *Ib.*
44 Olhos que viram já *tua* formosura. *Ib.*
45 Vontade que em ti *era* transformada;
Uma alma que a tua em si só tinha. *Ib.*
46 Alma co' debil corpo está *pegada*. *Ib.*
47 E — agora apartada. *Ib.*
48 O triste corpo *na* ultima partida. *Ib.*
49 Tangendo *a* minha frauta n'estes valles. *Ib.*
50 Que sinto já por gloria — minha pena. *Ib.*
51 Pois *para ti os bens* todos nasceram
Tormentos para mim, males e danos,
Logra tu *só teu bem*, eu meu tormento. *Ib.*
52 De quem *tu avorreces* e desprezas. *Ib.*
53 Cada hora que sem ti *e* sem esperança. *Ib.*
54 *Sustenta-me esta vida* tua lembrança. *Ib.*
55 *Padesce* tal tormento. *Ib.*
56 *Qu' inda espere* de ti quem te *desame*
Ou — ao menos te *ame*. *Ib.*
57 Mas como *pódes tu* ser desprezada. *Ib.*
58 *Abrandar póde montes e* aspereza. *Ib.*
59 Quanto *mais* fraca gente. *Ib.*
60 *Que* ao humano parecer não se defende. *Ib.*
61 E um mal, em que todo o mal consiste. *Ib.*
62 De *vêres* o meu tormento. *Ib.*
63 *Mas* antes isto, tudo desprezaste. *Ib.*
64 Por *não me ficar nada* em que esperasse. *Ib.*
65 A vida, *que a meu mal he* tão comprida. *Ib.*
66 *Que* sem mim nunca estás hum só momento. *Ib.*
67 Inda que a alma do corpo se — aparte. *Ib.*
68 Poderá — ausentar-te. *Ib.*
69 Vem a dar *vida ou morte* a quem te chama. *Ib.*
70 E o *lauro* da victoria. *Ib.*

Egloga V

1 *Meus rudes versos,* em cuja companhia. Ed. 1595.
2 *Cumprindo inda além* o meu desejo. *Ib.*

3 A vós se *dem*, a quem junto se ha dado. *Ib.*
4 *Por vós me ouvirá* o mundo todo. *Ib.*
5 *Que* em vossas mãos se entregam valerosos. *Ib.*
6 *Pera depois viverem entre* a gente. *Ib.*
7 *E os corações moverem* a piedade. *Ib.*
8 E o mais do dia *já* era passado. *Ib.*
9 *E que o ouvi, de* uma arvore, escrevia. *Ib.*
10 Ou tu do monte *Pindaro* és nascida. *Ib.*
11 *Que* não póde *ser sejas* concebida. *Ib.*
12 Ou *és quiçais* em pedra convertida. *Ib.*
13 *E* tens *de* natureza tal ventura. *Ib.*
14 Tornar-te só de marmore o coração. *Ib.*
15 Já *esta* minha voz rouca e chorosa. *Ib.*
16 *A gente mais remota* amansaria. *Ib.*
17 Mas suspirar por ti *e* bem querer-te. *Ib.*
18 E viras *esta* fé *tão* limpa e pura. *Ib.*
19 Por ventura que houveras — piedade. *Ib.*
20 E tivera eu *quiçaes* melhor ventura. *Ib.*
21 Mas nunca *achei melhor* tua belleza
Senão *com ver-se* em ti *sua* dureza. *Ib.*
22 *Meu duro e* grave mal, segundo he forte;
Se descera *ao* inferno *fero e* ardente
Movera a piedade a *mesma* morte.
Se uma gota de água brandamente
Abranda um penedo duro e forte
Como lagrimas *tristes* não farão. *Ib.*
23 Na testa *tenho uma* fonte *viva* d'água. *Ib.*
24 *No* peito *está* de fogo *uma* viva fragoa
Que tudo em si converte, *e* tudo inflamma. *Ib.*
25 *E* se queres vêr se ardentes são seus tiros. *Ib.*
26 Quando *rumor algum* grande se sente
Que se accende fogo em casa ou torre. *Ib.*
27 *Gritando agua ao fogo;* e cada hum corre. *Ib.*
28 *Assim* anda meu peito em chamma ardente. *Ib.*
29 Quando *o sol sae* lá no Oriente
O seu antigo curso começando
Formoso, intenso, puro *e* refulgente
O monte, campo, mar, tudo alegrando. *Ib.*
30 E *n*'outras terras sae aluminiando. *Ib.*

31 Sempre, em quanto *dá* ao mundo giro,
Por ti meus olhos choram, e eu suspiro. *Ib.*
32 *Vem, acabando a* noite, em que descança. *Ib.*
33 Trabalha na tormenta o *mareante*
Gosa o dia sereno e de bonança
Recobra o *anno* fertil e abundante. *Ib.*
34 Mas eu de meu *trabalho* e mal tão forte,
Tormento espero *em fim* e crua morte. *Ib.*
35 Co'ouvir meu dano as rosas matutinas,
De dó de mim se cerram e emurchessem. *Ib.*
36 *As arvores do campo,* os animaes
Mostram sentir meu mal, sem ter sentido. *Ib.*
37 *E a ti as* minha dôres desiguaes
Não movem *esse* peito endurecido;
Por mais e mais que chame não respondes. *Ib.*
38 N'aquella parte *adonde* costumavas
Apascentar *teus* olhos e teu gado;
Alli d'onde mil—me mostravas
Ser eu de ti o pastor desejado,
Mil vezes te busquei, por vêr se davas
Ainda algum descanso a meu cuidado.
No campo em vão te busco, e busco o monte. *Ib.*
39 Agora triste e escuro é já tornado. *Ib.*
40 *Tu eras* nosso sol mais desejado. *Ib.*
41 No pasce *o branco* gado, com secura. *Ib.*
42 Quanto *melhor,* que agora aspera e dura. *Ib.*
43 Nega sem ti a terra, *dando* gritos,
Pasto ás cabras e leite aos cabritos. *Ib.*
44 Este ribeiro, quando *amor* m'obriga. *Ib.*
45 Não ha fera—que a fome persiga
Nem o campo sem ti já não florece. *Ib.*
46 Cegos estão meus olhos; *já não* vem
Pois que não podem vêr *meu* claro bem. *Ib.*
47 *Não chove ao pasto, já que a d'agua* falta
As *mansas* e pacificas ovelhas
Sem ti parecem e o céo *tambem* lhes falta
Nem acham flor as malifluas abelhas. *Ib.*
48 *Produz a terra já asperos* abrolhos. *Ib.*
49 *E restituirás esta* alegria:
Alegrarás *o campo, o monte,* o gado. *Ib.*

50 Torna, *vem já,* meu sol tão desejado,
Faze esta noute escura *em* claro dia;
E alegra já esta *magoada vida,*
Toda em tua ausencia consummida. Ib.
51 Vem como quando o raio *eminente*
Do nosso Orisonte, que escondido. *Ib.*
52 *Que causa* vêr o orbe escurecido. *Ib.*
53 *Que* assi he para mi tua luz pura
Claro sol, *e ausente* noite escura. *Ib.*
54 *Tu* esquecida já do bem passado. *Ib.*
55 *E o logar tambem desemparaste. Ib.*
56 *Pois* onde *merece tão grão desvio*
Ouve-me, pois me vês já morto e frio. Ib.
57 E *não ha quem d'amor se veja* isento. *Ib.*
58 *O animal mais simples,* baixo e rudo. *Ib.*
59 *Até* debaixo d'agua o peixe mudo
Lá tem d'*amor* seu movimento,
A ave, que no ar cantando *vôa*
Tambem por outra ave tambem se affeiçoa. Ib.
60 *Saltando* de raminho *em* raminho
Cantando com amor suspira e chama,
Té chegar no amado e doce ninho
Aquelle a quem busca e *a quem* ama.
Descança do trabalho que tomara,
Tendo só seu descanso em quem achara. Ib.
61 Sempre acha outro leão *e* outra fera. *Ib.*
62 Que *lhe a conversação* no peito gera. *Ib.*
63 E não temendo — nada, amor só teme. *Ib.*
64 Temendo *o* cubiçoso caçador. *Ib.*
65 Ali *onde está* e vive, vive amor,
D'amor e de temor acompanhado. *Ib.*
66 Temor *de que ali* feril-o vinha
E a amor a quem já ferido tinha. *Ib.*
67 *Se o animal* insensivel, que não sente. *Ib.*
68 Porque *te* não abranda *o* fogo ardente
Que procede *de* tua formosura. *Ib.*
69 Mais *bella,* mais suave *e* mais formosa,
Que *o* lyrico, *o* jasmim, *o* cravo, *a* rosa. *Ib.*
70 Póde ser se me *viras,* que sentiras
Ver *desfazer* um peito em triste pranto. *Ib.*

71 As maguas e suspiros que me ouviras. *Ib.*
72 *O* esperar á calma, á chuva, á neve,
E *não te* poder *ver* hum só momento. *Ib.*
73 Que te viu, e se vê de *si* ausente. *Ib.*
74 *Só em ti não conheço* a natureza. *Ib.*
75 Que a ser de pedra, ferro *ou de serpente.* *Ib.*
76 *Do fogo e das lagrimas que deito.*
77 Contente *come* o gado ao pé do monte
Alegre vae beber á fonte fria,
Tudo contente está, alegre tudo. *Ib.*
78 Se — da alma e do corpo tens a palma. *Ib.*
79 *Na chamma, no ardor,* no fogo e calma. *Ib.*
80 Não acharás vontade *mais* cativa. *Ib.*
81 Posto que *vá* por agua, ferro ou fogo,
Comtigo em toda *a* parte me has de achar;
Que *a chamma que me abraza he de tal fogo,*
Que emquanto eu vivo fôr hade durar;
E o nó que *me tem preso,* he de tal sorte. *Ib.*
82 *Meu espirito tambem* possuirás. *Ib.*
83 Que *não te ame* n'esta e na outra vida. *Ib.*
84 *Estás de mim ausente,* estando ausente. *Ib.*
85 Cá me acompanhará *tua* memoria. *Ib.*
86 Até *que eu te* veja entrar na gloria. *Ib.*
87 *Inda* então *será,* s'isto ser possa
Servir esta minha alma lá a vossa. *Ib.*
88 Mil vezes *fez parar* no ar o vento. *Ib.*
89 As circumstantes *selvas* se *abaixaram.*
De dó das *tristes* mágoas que escutaram. *Ib.*
90 Com uma mão na face *e encostado*
Em sua dôr tão enlevado estava. Ib.
91 Não *viu o sol que já* no mar entrava. *Ib.*
92 Berrando *anda* em roda o manso gado. *Ib.*
93 *A cujo som* o pastor ergueu o rosto. *Ib.*
94 Quebrando então o fio *a* seu gosto
Mas não quebrando *o fio a* seu pranto,
Para melhor cuidar em seu cuidado. *Ib.*

EGLOGA VI

1 Os troncos *e* as avenas dos pastores
E os sylvestres brutos suspenderam. Ed. 1595.

2 As ondas amansar do *alto* pego. *Ib.*
3 Que cantal-o *em* voz alta e divina. *Ib.*
4 *E* se agora que affabil me escutaes. *Ib.*
5 *Se* os Reis avós vossos, — de Juba
Os Reinos *devastaram*, não ouvís. *Ib.*
6 D'armas, — corpos fortes e gentis. *Ib.*
7 Um moço, cujo esforço, *animo* e manha,
Fez descer do Olympo o duro Marte. *Ib.*
8 Se não sabem cantar a *menos* parte. *Ib.*
9 Peito, que *o* douto Apollo *fez*, vermelho. *Ib.*
10 *Diz* que a elle se affeitem como a espelho. *Ib.*
11 Saberão *bem* cantar *as suas* vans
Contendas d'Alicuto vil e Agrario. *Ib.*
12 Tem *o canto* de Procrita *c'o* canto
Pelas sonoras ondas compassado. *Ib.*
13 Façamos novo estylo *e* novo espanto. *Ib.*
14 Embebido *n'um* longo esquecimento. *Ib.*
15 Da branca *Diamane*, que enverdece
Só *c'o* meneo *os* vales e rochedos. *Ib.*
16 Já quando as sombras vem *descendo* escuras. *Ib.*
17 Perdida *pelo* bruto companheiro. *Ib.*
18 *Não tinha muito espaço andado* quando
N'uma concavidade *de hum* penedo. *Ib.*
19 Topou *c'um* pescador, que prompto e quedo. *Ib.*
20 Tangendo *fazia* o mar sereno e ledo. *Ib.*
21 *Pello* nome de toda *a* humida gente. *Ib.*
22 Era *pela* fermosa Lemnoria. *Ib.*
23 *Dos ventos feros* amansou co'o verso. *Ib.*
24 *Do qual* Agrario attonito *afloxando*. *Ib.*
25 *Pelo* pastor da musica divina
Alevantando o rosto socegado. *Ib.*
26 Que razão ha pastor *por que te* saias
Para o vosso escamoso e vil terreno
Dos *mui* floridos myrtos e altas faias. *Ib.*
27 Amansadas das aguas com que peno. *Ib.*
28 *Verás logo* como desenfreia
Eolo o vento *pelo* mar undoso,
De sorte que Neptuno *o* arreceia. *Ib.*
29 Bravo, — quieto, ou vento brando e iroso. *Ib.*
30 *Aa* tua perigosa Lemnoria. *Ib.*

31 *O qual, posto que certo* louvo e aprovo
Desejo de — provar contra o sylvestre *Ib.*
32 *Podes julgar se he* clara differença
Entre o *novo* maritimo e o campestre. *Ib.*
33 *Mas antes alvoroço, inda* que veja
Que *essa* tua confiança só me vença. *Ib.*
34 Os pescadores *tem* aos pastores
No som que pelo mundo se deseja. *Ib.*
35 Do vitreo fundo *vejo já* juntar-se. *Ib.*
36 *E* bem vês pela praia *apresentar-se. Ib.*
37 E o mar vir — *antr'* ellas e tornar-se. *Ib.*
38 *E* já mil companheiros circumstantes. *Ib.*
39 *Quando já as* lyras *subito* tocavam. *Ib.*
40 Ou me dae já a *coroa* de loureiro. *Ib.*
41 *Porque* do vento as furias pouco temo. *Ib.*
42 Se ás vossas *ricas* aras nunca nego. *Ib.*
43 Pescador já foi Glauco, *o qual* agora
Deus é do mar, Protheo, e focas guarda. *Ib.*
44 Se foi bezerro o deos que *amor* adora,
Tambem já foi Delfim *a quem* resguarda. *Ib.*
45 *Verá* que os moços pescadores eram
Que o escuro enigma ao — Vate deram. *Ib.*
46 *A ti* com tanto gosto *apresentei. Ib.*
47 Para quem trago *eu* d'agua um vaso cavo. *Ib.*
48 Os ramos de coral *venho* arrancando. *Ib.*
49 Quem viu já o desgrenhado inverno
D'altas nuvens vestido, horrido e feio. *Ib.*
50 Quando *arranca os troncos* o rio cheo. *Ib*
51 *Mostra ao mundo* hum pallido receio. *Ib.*
52 Tal he *o amor cioso*, a quem suspeita. *Ib.*
53 Se alguem *viu pelo alto* o sibilante
Furor *deitando* flammas e bramidos. *Ib.*
54 A braços *derrubando* o já nutante. *Ib.*
55 Que os *campos deleitosos* pinta e veste. *Ib.*
56 *Com que na* terra *vêem o* arco celeste
O cheiro, rosas, flores, a verde hera. *Ib.*
57 As conchinhas da praia que *apresentam. Ib.*
58 O navegar *pollas aguas*, que se assentam
Co'o brando bafo, *quando a sesta he fria. Ib.*
59 Como — ver-te, *huma hora alegre* ver-me. *Ib.*

60 A deosa que na lybica *alagoa*. *Ib.*
61 Que no limpido *marmol* és gerada. *Ib.*
62 *Do dia o lume*, baixa e socegada
Traz a dos seus nos meus que—o não nego;
E com *tudo isto inda assim* estou cego. *Ib.*
63 O *campo* pastoril *de antigo* Manto. *Ib.*

Egloga VII

1 As sylvestres *Deosas* maltrataram. Ed. 1595.
2 Em *qve* suas altas mentes assinaram.
Se—meu engenho é rudo, *e* imperfeito. *Ib.*
3 O que—meu canto *pelo* mundo estende
Vedes que—altas Musas do Parnaso. *Ib.*
4 O que *em* vosso louvor meu canto aspira. *Ib.*
5 Pois sei-*vos*, Senhor dízer que a lingua muda. *Ib.*
6 Fazem o *monte verde* mais contente. *Ib.*
7 Se *póde*, huma e huma, estar contando. *Ib.*
8 Não se verão em *redor* pisadas. *Ib.*
9 A cecem *branca e* a flor que dos amantes. *Ib.*
10 *De companhia* dos Faunos petulantes. *Ib.*
11 A quem este *alto monte* era encoberto. *Ib.*
12 *E vendo a novidade* manifesta. *Ib.*
13 *Que* tanto por extremo a namorou. *Ib.*
14 A lavar-se *n'*aquella fonte amena. *Ib.*
15 De huma os *cabellos louros* se espalhavam
Pelo formoso collo sem concerto,
Com dous mil nós suaves s'enlaçavam. *Ib.*
16 Do Tegêo Pan; Amanta e—Elysa. *Ib.*
17 *Pelo* viçoso monte alegres hiam. *Ib.*
18 Que *até os* duros montes magoavam. *Ib.*
19 Da *futura* cilada c'o rugido. *Ib.*
20 *Mostrando hum dos Deoses* escondido.
Todas *tamanha* grita *alevantaram*
Como se fosse o monte destruido. *Ib.*
21 *E logo assi despidas* se lançaram
Pela espessura tão ligeiramente,
Que mais *então que os ventos* avoavam. *Ib.*
22 A formosa aguia, cuja vista pura. *Ib.*
23 Nas azas *nova força;* e não parando,
Cortam o ár e rompem a espessura. Ib.

24 D'est'arte *vão as nymphas*, que deixando. *Ib.*
25 *Mas depois de descançado* se queixava. *Ib.*
26 Tambem assi Alcithoe foi mordida
Da *bibora* escondida,
Olhae que *toda a Nympha* na herva verde
Que a condição não perde, perde a vida. *Ib.*
27 *Nymphas, digo,* que minto:
Que não pode haver nunca quem pretenda
De desfazer em vossa formosura. *Ib.*
28 Que se *falla doudices* de improviso
Sem tento *nem* aviso. *Ib.*
29 *Que me não tire* vida além do siso. *Ib.*
30 *Tem pelo mundo* feito e faz natura. *Ib.*
31 *Os crocodilos feros*, de pintura. *Ib.*
32 *A sua voz*, levantam
Tão propria e natural á voz humana
Que a quem *a* ouve, facilmente engana.
33 Andais fugindo Nymphas na espessura?
Como — nao vos correis
Que haja em vós tão duras condições. *Ib.*
34 *Mas antes ao* amor, em cuja mão. *Ib.*
35 Nada sem este *affeito* se gerou. *Ib.*
36 Entre as *hervas* do prado. *Ib.*
37 E junto uma da outra permanece. *Ib.*
38 *O seu costume é* vingança em tudo.
E vos verei deitar em um momento. *Ib.*
39 *E* uma sciencia agreste *lhe* ensinara
Imaginando como que acordará
D'um sonho arrancando d'alma um grito. *Ib.*
40 Mas d'alguma *fera* disforme, fera hircana
Lá no Caucaso *monte* vos criastes
D'aqui *tomastes* a aspereza insana;
D'aqui *o frio peito* congelastes. *Ib.*
41 Que *o rosto só de humanas amostrais. Ib.*
42 *Animal, herva, verde, ou pedra* dura. *Ib.*
43 Assi *mesmo* vereis passar nadando
Acis, que *Galathea* tanto amara. *Ib.*
44 Espessura; vereis ali *tornar*
Egeria — em fonte clara e cristallina. *Ib.*
45 *Se* entre as claras aguas houve amores. *Ib.*

46 *No* monte Ida em pedra convertidos. *Ib.*
47 Por *não ver castigar*—quem *tanto* amava. *Ib.*
48 E tu tambem, *(oh Daphne)* que trouxeste. *Ib.*
49 Tamanho amor—tinha *á* branda amiga. *Ib.*
50 Porque outra Nympha extranha—o sogiga. *Ib.*
51 Olhae *a crua dôr a quanto* obriga!
Que por vingar, sua ira, transformando
Se foi em pedra; *ó* dura confusão. *Ib.*
52 *Que* inda agora o tronco sente as dores.
Vereis, *tambem se fordes alembradas. Ib.*
53 *Em* sangue dos amantes na verdura. *Ib.*
54 Que com seu—se ajunta e se recrea. *Ib.*
55 *Vede mais a* verde arvore Penêa. *Ib.*
56 *Esta o moço de Phrigia* delicado. *Ib.*
57 *Que* da alta Berecinthia sendo amado. *Ib.*
58 O subito furor lhe *afigurava*
Que *o monte, as casas, e arvores* cahiam. *Ib.*
59 Que *a Deosa e a furia grande* o constrangiam;
Já *no indino* monte se lançava. *Ib.*
60 *Que* assi tambem d'aquella a quem seguia
O sacro Pan, a forma *só* perdia. *Ib.*
61 *E* que direi de Philis, *que* perdida
Da saudosa dor *em* que vivia,
Com desesperação emfim trazida. *Ib.*
62 E *tu, oh* clara luz, por*que* suspiras. *Ib.*
63 Dou-*te estas* lagrimas minhas em fiança. *Ib.*
64 Cousa *ha* de amor isenta se attentaes
Emquanto *a* vós não virdes, não vejaes
Já *vos* disse que *de* amor sempre tiveram. *Ib.*
65 *Que* as penas que em sua alma se soffreram. *Ib.*
66 E aquelle *alivio* e leve movimento
Lhe ficou *só por dor* do pensamento. *Ib.*
67 *De* donde *ellas se foram* transformando. *Ib.*
68 Que em poupa *inda armado a anda* chamando?
Chama sem culpa a misera avesinha,
Que *nas areas* de *Assis* habitando,
Do rio toma o nome; e *assi se vay*
Chamando á mãe cruel, mouro ao pay. Ib.
69 Ambas aves, *do mar* usado effeito. *Ib.*
70 Outra, porque *temera* o patrio leito. *Ib.*

71 *A elle lhe* ficaram *ainda* as côres
Da purpura real, que *soia;*
Esaco, que *segundo* seus amores. *Ib.*
72 Mas os *irados* ventos assoprando. *Ib.*
73 Nereydas do Egêo. consolai-a,
Pois este *triste* officio vos convinha. *Ib.*
74 *Se tambem* teve amor *poder e* mando. *Ib.*
75 E a que *a deu a Adonis* por exemplo. *Ib.*
76 Mas o grão Nilo o diga, *que* a adora.
Que *força* teve a Ursa, saber-se-hia
Do Polo boreal, *d'onde* ella mora. *Ib.*
77 *Que* dos olhos *perder* a vista *escura*
Que *escolher nos seus galgos* sepultura. *Ib.*
78 *Adonde* assi de improviso em cervo viu:
Que *assi quem* d'esta arte alli o topara. *Ib.*
79 Mas, como o triste *amante* em sí *notara. Ib.*
80 Os seus, *que o não conhecem*, o vão chamando;
Estando alli presente, o vão buscando
C'os olhos e *c'o* gesto lhes fallava;
Que a voz humana já *mudada* tinha. *Ib.*
81 *Que viesse ver hum cervo, lhe* gritava
Acteon, *aonde* estás? acude asinha,
Que tardar tanto é este *(lhe dizia). Ib.*
82 Oh *esquivas Napêas*, sem que veja *Ib.*
83 Pois por mais que de mi — andais tirando. *Ib.*
84 Aqui *oh nymphas minhas* vos pintei. *Ib.*
85 *Das aves, pedras, aguas, vos* contei
Sem me ficar bonina, fera ou ave,
Se *o* amor que *dos peitos que deixei. Ib.*
86 *De contente, que o rio*, a branca areia ?
Entre os contentamentos me seria
Este um não cuidado *e grande* ideia. *Ib.*
87 *Zombareis* então de vosso engano.
Mas com quem falo? *ou* que estou gritando ? *Ib.*
88 A voz e a vida a dôr *me estão* tirando,
E não me tira o tempo o pensamento. *Ib.*
89 Aqui *o triste* Satyro acabou
Com — soluços que a alma lhe arrancavam
E os montes insensiveis, que abalou. *Ib.*
90 *Quando* Phebo nas aguas se encerrou. *Ib.*

91 E *c'o* luzente gado appareceu.
A *celeste* pastora pelo céo. *Ib.*

EGLOGA VIII

1 Quando virá, *fermosa* nympha, *o* dia. Ed. 1595.
2 Buscando *n'*um só riso *da tua* bocca. *Ib.*
3 Se *a esse* espirito alguma magoa toca. *Ib.*
4 *Amansam* ondas, quebra o vento a ira:
Minha tormenta *triste* não socega;
Arde o peito em vão, em vão suspira.
Ao romper d'alva anda a nevoa cega. *Ib.*
5 Emquanto *a elles a luz do sol* não chega
Eu *vejo aparecer* outros fermosos. *Ib.*
6 *Ficam meus olhos cegos mais* saudosos. *Ib.*
7 *E* ao som do remo que *a* agua vae ferindo
Por alta lua meu cuidado canto. *Ib*
8 *Só Galathea foges* e vás rindo. *Ib.*
9 Antes que o sol *dê no céo* uma volta. *Ib.*
10 Como *acontece aos outros* na agua envolta. *Ib.*
11 *Area d'ouro,* que o rico Tejo espraya. *Ib.*
12 *Que até agora nem vento e ár* saltea. *Ib.*
13 Amor, *guardando-o* a toda a força alhea
Elle com suas mãos *mesmo* ajudou. *Ib.*
*E*scolher estas conchas, *que guardando*
Uma e *uma para ti ajuntou. Ib.*
14 O que *eu* de tua bocca estou cuidando. *Ib.*

EGLOGA IX

1 E *Licio* as longas cordas envolvia. (Bernardes, *Lima*, Egl. XI.)
2 Começou *de* chamar por Galathea. *Ib.*
3 Deixa o *liquor molle* e cristalino. *Ib.*
4 Inda que tem de ti *mui* grande inveja. *Ib.*
5 Não temas que te queime o *carão* brando. *Ib.*
6 C'o teu candido peito as *mansas* ondas. *Ib.*
7 *Escuma menos alva* levantando. *Ib.* etc.
8 De mim lá n'essas *liquidas* moradas.
9 E que algum *dia,* branda me respondas.

10 *Que* d'ellas são azues, d'ellas rosadas.
11 Inda que seja pobre *e* pescador,
Não sei — em desprezar-me *quanto* acertas
Pois *que* rico d'amor me fez amor.
12 Irei pescar por *entre as* pedras duras.
Que sempre *d'alga* verde *estão* cubertas.
13 As pardas ostras, onde *as* gotas puras.
14 Porque deixas de vir? *de que* duvidas?
15 *Sempre* te chamarei, *té* que cansado.
16 C'o dedo *do alto mar* será mostrado.
17 Dirão os naturaes *aos* estrangeiros
18 *Guardar* a náo d'ali, ventos ligeiros.
19 Antes que tal succeda, *olha* que gloria
Alcanças *em* deixar aos navegantes.
20 *Ainda* entr'estas ervas achar posso
Aquella *(se tem erva* tal virtude)
Que *mude* n'outro sêr este sêr nosso.
21 Mas *o* amor que cá mudar não pude
Depois de morador lá n'essas aguas,
Não *pódes recear que em mim se* mude.
22 Serão as *frias* ondas vivas fragoas,
De fogo em que ardereis a noite e *o* dia
Emquanto não sentires minhas magoas.
23 Não vês que não passando, *em* que as passas
Quem de *tal* passatempo te desvia?
24 Ah *descuidada* Ninfa, não me faças
Dar *mais gritos em vão*, vem *já*, iremos,
25 *E* os *curvos anzolos* cubriremos
Com mentirosas iscas com que os peixes
Com grande goso nosso prenderemos.
26 E *de tua* formosura as mais fermosas.
27 Que *vejas, que* por ti *em* saudosas
Lagrimas, vou gastando — vida e alma,
Tira-me de esperanças duvidosas.
28 *Só* Zephyro *espirando* desencalma.
29 Aqui não *vejo* cousa *finalmente.*
30 Se não *não seres* tu d'isso contente.
31 Se *tu* desgostas *já* das pescarias.
32 *Quer* sejam luas cheas, quer varias.

33 *Pelo pé* d'esta rocha dura e alta
Irei *desapegando* huns como pés
D'um animal, que *pelas fragas* salta.
34 Amiga) *os cranguejos* vagarosos
Que *vejas vir* andando de través.
35 *Sabes Ninfa porque; por*que receio
Que *piquem esses teus dedos* mimosos.
36 *A*lém de tudo isto, um crespo galho
37 Que por dita *embarrou n'um* meu trasmalho.
38 Nem eu, *gritando tanto*, desaffógo.
39 Como—*te não* abranda; quem encerra.
40 *Não sabes quantas* vezes já venceu
Neptuno *vosso* rei, em *cruel* guerra.
41 Senão no *mesmo* mar em que te banhas
Onde Thetis por *Pellio* em fogo ardeu.
42 Se *nasceras de pedras* nas montanhas
Se com leite de *feras* te criaras,
Que mais duras tiveras as entranhas.
43 Appareceras tu,—então tornaras
A esconder-te logo, se quizeras,
N'essas aguas para ti *de mi* avaras.
44 A vida que me foge—não te vendo,
Nos teus formosos olhos detivera.
45 *E* viras *estes* meus, donde correndo
De lagrimas *estão* dous *novos* rios,
Que o mar tambem em si *vão* recolhendo.
46 Ah *doudo* pescador, que desvarios
Me deixo aqui dizer, *e* a quem os digo
A surdas ondas,—*e* a ventos frios.
47 *Cresceram ellas, corre o barco perigo*
Eil-o d'uma, eil-o d'outra combatido
Eil-o de todo levam já comsigo.
48 Olhos que lá me *tinheis* o sentido,
A culpa *tendes vós* que me não vedes.
49 *Percam-se tambem* o barco *e* as redes.

Egloga X

1 Mas olha *Lilia branda*, antes esquiva. (Bernardes, Eclog. XIII.)
2 Uma alma d'esses *teus* olhos cativa. *Ib.*

3 Vida *em* mar e *em* terra aventurada.
4 *De* quem não quer mór bem, que bem querer-te.
Não *sejas* tão cruel como formosa.
5 *Deixa ora,* ingrata *Lilia,* deixa ver-te.
6 Se tu, *Lilia,* me vences, se me encantas
Com tua doce falla *e* doce riso,
Porque fazes de mi, *de que* te espantas.
7 *Que tal paga* lhe deu seu desamor
Olha que com amor *isto* te aviso,
8 Mas quando *tua* crueza tanta for.
9 Com *delicada* mão *conchas marinhas*
A forma de teu pé *ali* deixando.
10 D'aquellas de que tu *mór* gosto tinhas
Muitas te trago aqui *inda* que temo
Que *não o tenhas já* por serem minhas.
11 *Chega-me este temor* a tal extremo
12 *Da mão no mar me cae* o duro remo.
13 Os seus *proprios perigos* não receia.
14 A ninguem *n'estas partes* devo nada.
15 Por *erro* julgarás estes louvores
E oxalá não os julgues por doudice.
16 Sospenso n'essa *tua* formosura.
17 Comecei *de* cantar, Lilia mais dura
Que *uma* inculta rocha rodeada
Do mar de *cuja furia* está segura.
18 Mais alva que *jasmin,* e mais corada
Que *vermelhas* cerejas pelo Mayo.
19 No mar *forçado* de um, do barco caio.
20 *Que não tardará muito* em descobrir
21 Das quaes *se podem bem as tuas* rir.
Que por cima das ondas acordadas.
22 *Em* Oriente vejo alevantar-se.
23 Se tu, *Lilia, me désses* esperança
De te servir *ainda,* ou tarde ou cedo,
24 No mais *assossegado* e claro dia.
25 Que mais *prestes* as redes desencolha.
26 Não sei *formosa Lilia,* que mais diga,
Que mova amor em ti *ou* mova magoa,
Sei que magoa e — amor a mais obríga.
27 Mas antes *do sol dar* n'aquella fragoa.

Egloga XI

1 *Antr'* os meus, que com gosto—buscar vinha. (Bernardes. Eglog. xv.)
2 Discordias *achei cá,*—achei dureza. *Ib.*
3 *Que* mais que o sangue *seu, seu* gado preza.
4 *Que corre* aquella não *maior* perigo.
5 Triste, e *tratado ó perto* como imigo.
6 Prestando *pera cousa* de teu gosto.
7 *Pois* não são logo assi outros pastores.
8 Antes que *n'isso mais tempo* dispenda
9 Que da calma que cae—nos defenda.
10 *Está um* bosque *ali verde* e sombrio
Que sombra nos dará, assento o prado
Fermosa vista *o monte, o valle,* o rio.
11 Herva, folha, nem flor, *do* ferro duro
12 *N'uma secreta lapa,* cristal puro
Verás estar cahindo em gotas frias
Por *antre hum* musgo *antigo* verde-escuro.
Ali só me recolho os mais dos dias
Por não tratar com gente endurecida
Que mais brandura sinto em penedias.
13 Quem traz á saudade—alma rendida.
14 *Poder-se lograr d'ella* em liberdade.
15 *Podes-me crêr, amigo,* esta verdade.
16 *Que* murtas, *que medronhos, que avelleiras.*
17 *Uma viração branda,* a folha treme.
18 *O seu perdido amor a rola* geme.
19 Parece *que* do *seu* inda se teme.
Espanta-*se quem olha vendo* aquella.
20 Fujam longe de ti *iras,* invejas,
21 Em teu favor aspirem de maneira
Que *fertil sempre* seja a praia tua.
22 *Mas por tornar* á pratica primeira
E dar-te como *pedes* de mim conta
Sentemo-nos ó pé d'esta avalleira.
23 *Desviar-te* do gado leva em conta
Que pois com elle *deixas pecureiro,*
24 *Meu* nome he *Peregrino, mas primeiro*

25 *Fui Anzino chamado e fui vaqueiro.*
26 *E n'esta opinião grão* tempo estive.
Mas emfim soube d'elle que engeitado
Sobre uma *dura* anzina *me achou posto,*
D'onde mė poz o nome já mudado.
27 *C'o este* desengano, *que desgosto*
D'antes podera ser ventura minha
Servil-o me fez mais com maior gosto.
Por servir uma filha que só tinha
Moça chamada Ullina, em cujos olhos
O amor accender seu fogo vinha.
Por quem duros espinhos, mil abrolhos
Sumia dentro em si a serra dura,
Creando em seu logar flores a molhos.
Aquella sua rara formosura
Em nossa conversavel, tenra idade,
Era já para mim prisão segura.
Porem despois que soube esta verdade
Com *outros differente*s exercicios
Pertendi grangear-lhe outra vontade.
28 *Pera meios* do fim que desejava.
E d'elle *sinal davam* mil indicios.
29 As nozes lhe levei e as castanhas.
30 Nos *solitarios* bosques
31 *Ora usando de força, ora* de manha.
32 Vivas as *mansas* lebres fugitivas.
33 *As medrosas, porem,* lhe dava vivas,
E mortas *as que via andar armadas,*
Do dente cortador, d'unhas esquivas.
Quaes aves, ou com outras enganadas,
Ou com nodosa rede, ou molle visco
Lhe não foram por mim apresentadas!
Nos espinhosos matos, no trovisco
As tortas esparrellas cedo armava,
Com pequeno trabalho e menos risco.
O simples passarinho que cuidava
Lograr-se da vermelha e fresca baga,
Carpindo, pelos pés preso ficava.
Mas se com maior dôr minha alma paga
Estas cousas que já tive por gloria,
Porque vou renovando a mortal chaga?

Comtudo acabarei tão triste historia,
Vencendo se poder minha tristeza
Porque de mim te fique esta memoria.
Lembra-me achar um dia na aspereza
Sem mãe um cervo branco — pequenino
Trouxe-lh'o, ella o criou; *tem-no,* indo o preza.
Ou *seja condição* ou *seja ensino*
Logo que a não vê, geme e suspira,
Que menos fará *triste* o triste Anzino?
34 *Vim a tanger tambem* que era *um espanto*
35 *Ouvindo* celebrar sempre em meu canto
36 *Me perguntara a quem louvara* tanto?
37 Assi com tal *amor*, com tal estudo
38 A' custa *d'outro* amor *lançando* tudo.
Ulina da tenção minha innocente,
39 Que no sêr era *hum d'outro* differente.
40 Com *nova* graça e com saber antigo.
41 *Estranhando as palavres* me dizia
42 *Servem, irmã amiga*, respondia
De te certificar que não no sendo
Nem com menos amor te serviria.
Essa resposta *tal menos* entendo
O que *não pode ser*, queres que seja
Que cas‑ellos no vento andas *erguendo.*
Se *meu gosto pertendes* não te veja
Soltar palavras *mais* tão ociosas,
Materia *menos grave* nos sobeja.
Nasciam, dizendo isto, outras rosas,
Sobre outras naturaes sobre *alva* neve
43 *Commigo algumas quebras d'estas* teve.
44 Creceu d'esta maneira *aquelle* fogo
Que *dentro d'alma ardendo*, encurta a vida
Cujo principio foi um brinco, *um* jogo.
Ullina n'este tempo era pedida
45 *Dos quaes mimosamente* lhe rogava
Que tomasse um a seu contentamento
46 *A causa das escusas encobria*
No que desgosto ao pae, gosto a mim dava.
Estando *emfim um dia (oh triste dia)*
Na sua formosura imaginando,
A' sombra d'uns carvalhos fresca e fria.

A buscar-me veiu suspirando,
Dizendo com gran magoa estas palavras
Anzino, que farei, que em mim não ando.
Tomando esta manhà meu pae *de fóra*
47 Com *Sylvano, o* pastor *das* muitas cabras.
48 Como por *tantas* vezes já fizera.
49 Que *este parecer, o qual seu* era
Seus parentes *tambem conformes eram*
A quem *elle o pedira e* conta dera.
Lagrimas que de si meus olhos *deram*
Quando sua tenção me descubriu,
Por mim que fiquei *mudo responderam.*
A pena que soffreu quem isto ouviu
Bem a pode cuidar quem amor sente
Mal a póde dizer quem a sentiu.
Ficando o pae suspenso e descontente
Da magoada filha a quem amava,
Tratou-a por então mais brandamente.
Dizendo que de tudo o que passava
Me désse, (como deu) inteira conta
E visse o que lhe n'isso aconselhava.
A qual por se livrar de tal affronta
Vindo d'aquella seta trespassada
Que tem de frio chumbo a molle ponta
Disse que estava já determinada
A soffrer qualquer mal que lhe viesse
Antes que *com Sylvano ser* casada.
Com *outro muito mais* pobre de gado
Se n'elle — pastor visse que em mi via.
50 O *proposito* seu, e sem detença
Lhe respondi do amor aconselhado.
Se *me deres Ulina, essa* licença
51 Que *d'elle a* mi *não haja* differença.
52 Nas manhas outro tal, — em corpo, — em gesto.
53 Se *para este pastor vires que presto*
Prometto que não tome outro marido
Me *respondeu* com *rosto alegre e* honesto.
Pois sabe *que tens n'isso prommettido*
De me tomar a mi por teu esposo,
Que *pois me* dou *a ti, tenho cumprido.*

54 Nem ella *pera mais logar me deu*
Gritando com furor impetuoso
Que grande desatino foi o teu
O' doudo, sem respeito, que pretendes?
Quem te tornou d'irmão amigo meu?
55 Tome *por mi* de ti justa vingança,
Antes que de tamanho *erro* te emendes.
Enchias-me de gosto e de esperança
Com falsos e *porém dividos* meios
Por me segurar mais na confiança.
56 *Com* sombras *d'este engano e* com rodeos.
57 *Cal-te*, não te desculpes, já não creio
Lagrimas, — palavras, nem desculpas
58 *Isto dizia Ullina. Em* que me culpas
Lhe dizia tambem, não tens razão.
59 *Entende que sou* teu, não *teu* irmão
Agora te descubro esta verdade
60 Olha — que te merece esta vontade
Se com *isto assi ser* tenho erro feito
Em *grangear um bem que* só desejo
Vês este ferro aqui, *vês* este peito,
Mostrou, isto me ouvindo, um ledo pejo.
61 *Parece* que *nos meus tal inda* a vejo
Em que revoltas disse, o amor anda,
Assi como no mal, *no bem* me enlea
Tomou posse de mi, já reina e manda
62 Não sabes *tu* quem ama que recea.
63 *Já* o começo ouviste de meu dano.
64 *Laurencia* outra pastora, que visinha
Era *de Ullina* minha e grande amiga.
65 *D'antre* uns espessos ramos escondida.
66 Ao *simples* guarda cabras por esposa.
67 O cega *e* cruel ira, ó pae fingido.
68 A's feras e *ás* aves da montanha.
69 A ave — mensageira de fins tristes.
70 Com differentes modos *ouviastes.*
71 A quem a força obriga do pai *puro*
72 Assi do *bello* cume da esperança
73 *O seu officio a fama foi fazendo*
Levou *logo correndo* minha dor

A *Misseno* pastor, meu grande amigo
Que *de noite* comsigo me levou
Do monte onde me achou, *des que tres dias*
E tres noites sombrias viu passar
Onde por acabar a termos vim.
Que já de vivo em mim mui pouco avia.
As vacas *noite e dia estão bramando*
74 *Que tinham* já perdido o pastor seu.
75 Que *nunca* do triste leito *mais* se ergueu
O velho pae *morreu* de nojo *puro*
Tarde de ser tão duro arrependido
Mal de que procedido o meu mal tem,
Pois *acabou meu bem*, a vida acabe.
76 *Laurencia* que foi causa d'estes males.
77 Que *nunca d'ella* mais novas souberam.
78 Do pae a breve morte; de *Laurencia*
79 *Cantaram* os gallos já na triste aldeia
80 Disse—quando passei *pola* de Ullina,
Que tem magoas de mim não sei se crêa.
Comtudo sempre sinta mais benina
A fortuna cruel de que me queixo,
Inda que *n*'outros braços se reclina.
Adeos Misseno amigo, adeos Aleixo.
Nos troncos d'estes alemos cortados
Algum dia lereis porque vos deixo.
Adeos montes e valles, bosques, prados,
Rios e fontes claras, saudosas,
Logares que tratei, e não tratados.
Creçam as madresylvas, creçam rosas
Creçam lyrios aqui, creçam mil flores,
Sem receio de mãos desditosas.
Adeos, fiquem embora os mais pastores,
Adeos os mais pastores d'esta serra,
Melhor pago vos dem vossos amores.
E quando d'este mal quem me desterra
Mostrarem vossas frautas sentimento,
Descanso me será em qualquer terra.
Assi mil magoas derramando ó vento
Que muitas mais de mil levou comsigo,
Fiz sem me vêr ninguem apartamento.

D'ali nos *largos* campos dei commigo
Que *retalhando vae o doce Tejo,*
Onde te vi mais ledo, como digo.
Por vêr se posso agora *a meu desejo*
Achar *em parte alguma* algum socego
Muitas correndo vou, mas nenhum vejo.

81 Das Musas *celebrado e* caro ninho.
82 Espero vêr a casa *ao céo* acceita.
83 O *meu perdido bem* chorando venho.
84 *Taes habitos* me vês, tal *nome* tenho.
85 (Seguem-se estas estrophes, que faltam na lição camoniana:)

Amigo Peregrino, quanta magoa
A tua me causou, enchergarias
Nos meus olhos que viste arrasar d'agua.
Tu menos sentimento não desvias
A um mal que um amor de tantos annos
Acabou por mór mal em tantos dias.
Do tempo espera a cura de teus danos,
Que tudo emfim o tempo remedeia,
A pesar de successos deshumanos.
Repousa hoje commigo n'esta aldeia,
Que inda que n'ella colho pouco fruito
Não nos hade faltar cama nem ceia.
Alêm do que te posso ter em muito,
Não podes fazer al, segundo vejo
Que foi de nós o sol fugindo muito.

86 (Faltam estes primeiros 26 versos na lição de Bernardes, a contar de: *Anzino he breve o dia.)*
87 Se *nos a fama* engana
88 *Da larga foz* do Tejo
Com fato e *com* cabana
Passa nos largos campos africanos.
89 *Antre* seus naturaes.
90 *Logrem-te* meus *imigos.*
91 D'esta *onde naci,* fresca ribeira.
92 Quanto sentes meu mal, *tambem* te digo
Que o teu *não he* de mi menos sentido.
93 Farei *(pois que* nos *tanto* detivemos).
94 E pois *a calma já passada* temos.

Egloga XII

1 Não se farta a cobiça — com riqueza. (Bernardes,
Egloga III.)
2 *De* pouco se contenta a natureza, *Ib.*
3 O sol tambem me aquenta como *ó* rico *Ib.* etc.
4 Ah que — má vaidade me faz guerra.
5 De fallar claro; *as* lisonjarias.
Não hajas medo — que *nunca* os affeite.
6 Se já cantei amor, se *já* não canto,
Culpa do fado máo que *foi* mudando
7 *Camanhos* desenganos nos vae dando.
Foi-se-me pouco a pouco descobrindo
O mal *da* esperança *falsa,* incerta
8 Quem *sem ventura* nasce, ou quem acerta
9 De mil contas que faz, *qual sabe* certa.
Se tu conheces isso, donde veiu
Sentir tão de verdade — sem razões.
10 Vendo razão vencida d'affeições.
11 *Encubre tua* dor, *guar-te* d'extremos.
12 Das nossas Nymphas *e d'amor* imigas.
13 Em terra *mãe de cardos e de espinhos*
E madrasta de vides e de espigas
De me mandar chorar mais razão tinhas
Quando tão sem sentido alguem me vira
Que não vira correr lagrimas minhas.
14 *Marilia, que* pintada *n'uma taboa*
Aqui no seio *trago,* tambem chora.
Seus olhos *dão-me* fogo, os meus dão-lhe agua.
Mas *cantará Galicio.*
Muito embora.
Galicio, queres tu cantar commigo.
15 Cantaremos *amor, d'amor amigo.*
Firme, desenganado, em rasão posto
Ou d'ella ou de nós mais contino imigo.
O nosso canto seja a nosso gosto;
Ou seja d'amor brando, ou d'amor fero;
Ou d'olhos *côr do céo,* ou d'alvo rosto.
16 *As cabras,* que são horas de ordenhar

17 *Primeiro que te vás has de* julgar.
18 *Sobre isso havemos ambos de* apostar.
E ponho o meu rafeiro, que Valente
19 Se não cantar mais *doce e brandamente*.
E eu um corço manço
20 *Este* gado *Gallicio*, he de madrasta.
21 *Logo* porque *se vae fazendo* tarde.
Liarda minha mais *alva* que a neve,
Liarda mais corada — que gram fina.
Se — amor a vencer-te não se atreve.
22 Eu *mouro*, — tu meu mal julgas por leve.
Não vês *Liarda que* me desatina.
Ai triste que *o* vêm valles e montes.
Vendo por ti meus olhos feitos fontes.
23 *Mais* vermelha que rosa *fresca* e pura.
24 Que *fato*, cabana, vida e alma engeite.
Por ti, *Marfida*, mais que *a pedra* dura
Dou-te por testemunhas, montes, valles
25 Quando *Liarda minha*, desconhece
O seu longo cabello louro e ondado
26 *Não ha pastor tão livre* que *tal* olhe
Que n'elle não fique preso e enlaçado.
Não soltes, *ora*, *ninfa*, os teus cabellos
27 Pois *tantos* prendem, quantos ousam vel-os.
28 *Os* ventos *e os rios* estão quedos
29 Vencido *do teu doce som*, Marfida.
30 (Na lição de Bernardes as duas estrophes que começam:

O campo de verdura vejo pobre.
A triste Progne já desappareceu.

vem depois das cinco estrophes seguintes.
31 Ah quem *na* visse já! quanto *que* tarda.
32 *A doce Philomella, emmudeceu.*
33 *A triste Progne desappareceu*
34 Mas *vindo* por aqui quem me venceu.
Com *só um* volver de olhos eu me obrigo
Que *logo as aves cantem* seus amores
A terra se matize de mil flores.
35 De noite *de si dá* tal resplendor,
Que *mil* pastores vem *a buscar* lume

36 O fogo que *por dentro me* consumme
E tu por quem eu *arço* noite e dia
Quando *tal ardor vês* fica mais fria.
37 Meu gado, quando *com mais sede* vinha.
Chorando — duras pedras abrandei
A ti nunca, cruel, imiga minha.
38 *Esquecido do curso acostumado.*
Então *julgas tu, ninfa,* então estima
39 *Bem podem deixar* rios de correr
Mas eu não deixarei de te querer.
40 Da minha fé *inteira* quero dar-te
Quando com *desusada* ligeireza
D'aqui *passar* as vires *n'*outra parte.
Então *julga* que falta em mim firmeza
Então deixarei eu meu bem de amar-te
Bem pódem as montanhas abalar-se
Mas não meu coração de ti mudar-se.
Se *meu coração triste* não deseja.
41 *Já* nunca *n'esta* vida alegre *seja.*
42 *Cahido entre mil* magoas *e mil* dores.
43 No pé d'este sombrio e verde freixo.
Aqui Delio e Gallicio aqui cantou
Em quanto o manso gado aqui pascia,
Liarda um, Marfida outro *levou*
A qual d'elles melhor *as louvaria.*
44 Por vêr *qual* a victoria levaria
Como juiz *que foi,* deu por sentença.

Egloga XIII

1 *Plantas, se em vós d'amor lembrança* móra (Lição de Bernardes, Egl. IV).
2 *De quem tantas d'amor padece* agora. *Ib.*
Ah cruel Coridon, cruel a *magoa*
Em que vivo por ti, não *has* piedade.
3 *Filis não amas já,* ah crueldade.
4 *Podeste mudar, cruel,* tua vontade.
Não amas Filis já, a quem trazias
Na doce primavera, doces fruitas.

5 Sabes cruel *pastor* que — tenho muitas
Causas para de ti sempre queixar-me
Por isso *de mim foges*, não me escutas.
6 *Não sei em que já* possa confiar-me
7 Que *polos pés dos* alamos cortavas.
Onde com teus enganos *sempre* crecem.
8 Eu *cria* que era assim, não entendia
Que fingias amar, que não amavas.
Tristes *foram meus fados*, triste o dia.
9 *No mesmo dia que* Gallatea viste
Vi eu d'este meu mal *tristes* agouros,
E tu *um corvo á parte esquerda* ouviste.
Galatea não tem móres thesouros
Nem tem *mór* formosura inda que seja
Alva de rosto, — de cabellos louros.
Da palida viola tem inveja.
10 *Cruel tal pago dás* a meus amores.
11 *(Inda* que tu me *matas)* quem te mata.
12 Por ti *e* com voz triste Ecco responde,
Movida de quantas lagrimas derramo.
13 Remedio a *mal sem elle*, o fogo puro
Em que me *queimo*, com que *o* abrandarei.
Já fugira d'aqui, *inda* que duro
Me fora deixar terra onde nasci,
Mas *contra amor não ha* logar seguro.
14 *Quem quer que fez o amor* senhor de si.
15 Este cego a quem *nós cegos* seguimos.
16 *Morrera eu n'aquella hora* em que nos vimos.
17 *Ventura alguns fugissem, pouco vimos.*
18 Que *é piedosa em ser para ti* crua.
Sendo tu tão cruel, *quam cruel* és,
Cuidas achar piedade; como queres.
19 Que viva *em* pezar *eu*, tu *em* prazeres,
20 Ou *tambem* ledos ambos; *al* não esperas.
Plantas, que n'outro tempo nos cobristes
Com frescas sombras — do ardor de cima,
Quantas palaras vãs aqui ouvistes.
Primeiro *faltará no rio* Lima
Dizia Coridon agua corrente,
Que no meu peito *outro* amor se imprima.

Primeiro será frio o fogo ardente
O dia escuro sempre, a noite clara,
Que veja sem te vêr quem me contente.
21 *Vida me deixará; Filis a* vida,
A dór, se tu não foras, m'a roubara.
Pois tu, Filis, os destes, —offerecida.
22 A que me *leva* o fado, *e* me condena.
Ah falso Coridon! teu *fundamento*
Era enganar-me; *a fé dada m'a* tinhas
Com as palavras *a levou* o vento.
23 O vento as *foi* levando, *e* o sol he posto
O sol fermoso, que te não detinhas
Em quanto *n'este pranto* achava gosto.

Egloga XIV

1 Agora *emquanto* o Tejo nos rodea. (Lição de Bernardo Rodrigues, nas Obr. de Rodrigues de Castro.)
N'este penedo, *aonde brandamente*
Se quebra murmurando a doce vêa. *Ib.*
Espera, Delio, *té* que *o* Occidente.
2 *De mil seixos a areia e pura* prata
Ficou de mansos sôpros encrespada.
3 *O vento,* que de flores pinta o prado
4 Livre *da* pena, livre *do* cuidado.
O rouxinol na *hera*, que vestida
De verdes *sombras* faz sombra *a este rio.*
5 Agora ao pé *do* álemo sombrio
6 Os cornos inclinando *ao* desafio.
Como ao *vencedor* todos obedecem,
Folgando de o vêr fóra do prigo
O outro com face esquiva o aborrecem.
7 *Não* corre por achar a pedra rica
Extranha praia, que outro sol *o* aquenta.
Onde quando a esperança o *certifica*
Que se adquire mais ouro e mais riqueza.
8 *Por isto ficarei* que a anteponha
A quanto o mundo *ama e quanto* preza
9 *Bebe antes pelas* mãos *da* fonte pura.
Que *por rubis lavrados a* peçonha

O tempo d'ouro *quasi* inda aqui dura
Aqui conversa ainda c'os humanos
A Justiça fugindo *á idade dura.*
Quem *olhasse* tão claros desenganos
10 *Que nossa vida aos dias* s'assemelha
Que quando *já no mar* o sol se banha
Se costuma *a* tingir *da* côr vermelha.
Assim se *olhamos* bem sempre se ganha
Na velhice de mal gastada vida,
Vergonha, confusão e magoa extranha.
11 Nunca *soube* de nós ser tida em preço
12 Quando os perco e o mal *d'outro* me espera
Com *grande magoa* d'alma *já o conheço.*
Oh se em *minha* sorte me *viera*
Por favor *ou* destino das estrellas.
13 Muitas vezes l'ouvira as *chammas* bellas
Dos olhos da tua Alcida, e as louras tranças
Cantar a uso d'elles, prezo d'ellas.
Muitas vezes ao som das aguas mansas,
Agerio, que por Nise em amor arde,
Seu fogo, sua fé, d'ella esquivança.
14 Cabras minhas, *ditoso meu cuidado*
Nem da rocha pender, *pacer* no monte.
Consente, Delio, *um pouco que cantado*
Em triste verso seja *o pensamento.*
15 Não, que se *dobra já* meu sentimento
16 Partida, que *lembrando dá* tormento
17 Eu o direi; mas *vês, lá* vem Laureno
Que *cada hora a cantar* me desafia.
18 *Pois vemos* tempo *já* offerecido
19 Emquanto *á sombra o gado* está acolhido.
Tu que tens a victoria *por* segura
Não *cantarás* sem preço, porque saia.
20 Eu um *copo* porei de *linda* faia
21 Será *seu nome sempre* n'esta praia.
A vide de que em roda *he coroado*
22 *Por* no meio a *Syringa* e Pão cansado.
23 *Inclinando-se* foge o tronco leve.
Outro *copo* porei d'hera cingido,

24 *Muitas obras de tão subtil* maneira
Obra he tambem d'Alceu das mais solidas.
25 Que *meu mal com que Alcida mal* se abranda
Ha pouco que contei n'esta ribeira.
Ouviu-me *o velho Alceo da outra* banda.
Então m'o deu, dizendo-me: Este seja
O premio, *moço, da tua* musa branda.
Delio o nosso *canto ouça* e veja
Qual *canta de nós dois* mais docemente.
Si, que tal causa tãl juiz deseja.
Se *a mi fazer juiz cada um* consente
Ergasto ao doce canto *dê* começo.
26 E — fico que nenhum perca — seu preço.
27 E a *rosada* manhã deixar vencida.
Culpa é dos olhos teus, n'elles *t'o* juro
28 Castiga-os com me vêres, que eu *te juro*
29 Vendo *tristes taes olhos* por me verem.
30 A *te vêr* sempre rindo me condemna
Porque crecendo o amor, mais *creça* a pena.
31 Inda pequena *minha* Alcida vinha,
32 Já facil para amar o *peito* tinha
Não sei que fogo *e* neve se passava
D'aquelles olhos seus *n'esta* alma minha,
33 Que inda cuidando n'elles *arço* e tremo.
34 *Coberta já das amorosas* flores
Eu que vencido fui d'um *erro* cego
35 Anoitecendo o *fogo* por costume.
36 *Nem suspiros que em fogo envoltos* deito
Encenderão jamais um *duro* peito
Pastores *de que a* sombra *he desejada*
A fonte por fugir *do* ardor do estio
Vinde *que a alma em* agua destilada
Por meus olhos se solta *em* largo rio.
37 Mas com *tanto chorar ah crueldade*
N'esses olhos *não posso achar* piedade
Se quando *Alcida minha* esta alma visse
Nos *seus* olhos d'amor tão maltratada
38 Sequer com brandos olhos *se me risse*
Ficando *com* vergonha mais corada
39 *Inda* mais bella *e* d'este amor contente.

40 Lagrimas *onde* amor *me desfaz* n'ellas
41 *D'amor* lhe *visse* ambas *as* estrellas
42 Ditoso me fizera *a* hora ditosa
Em que a visse mais bella e *mais* piedosa.
Claros olhos que ao *céo* fazeis inveja.
43 Doce *a morte* que em *taes olhos* se alcança.
(Faltam em seguida as duas outavas que começam:

— Olhos que os moveis tão docemente.
— Por mais que a minha soberana Alcida.)

(Segue-se esta outra outava em que falla Laurenio, que falta nas edições camonianas:)

Não posso eu já, por mais que me desfaça
A dôr que á tua vista me condemna,
Que a teus formosos olhos magoa faça
Mas paga-me com rir de minha pena.
Que pois te verei rir c'o aquella graça
Que abre as flores no campo e o ar serena;
Doce, que deve ser, se não me engano,
Teu riso, inda que seja de meu dano.
44 Que era digna *haverá!* que louro digno.
Que *a cada um em premio cinja* a testa.
45 *Que* veremos por annos infinitos
Com flores roxas, brancas, e amarellas
Vossos nomes *por este prado escriptos.*
Cantando amor, cantando as Ninfas bellas,
Nenhum de vós venceu, nem foi vencido,
Ambos d'amor vencidos sois por ellas.
Até o peito no mar tem já metido
O sol, não tardará que o manto frio
Não seja sobre as terras estendido.
Vamo-nos que he já tarde, e do sombrio
Valle recolheremos nosso gado
A'manhã nos achemos n'este rio.
46 (Faltam o terceto e a quadra final da Egloga, mas, substituido por esta lição não recolhida no texto camoniano:)

ERGASTO:

O meu copo, Laurenio, que alcançado
Foi em premio do canto que alternei
Em premio de cantar te será dado.

LAURENIO:

Mas eu o meu, Ergasto, te darei;
Não ser vencido, a mim premio me seja,
Que pois vencido aqui eu não fiquei.
Vencido de teus dons ninguem me veja.

Emquanto ao som do rio, ao pé da faia
Com doce flauta tenta a Musa leve,
Favorecei, senhor, a quem se ensaia
Para o verso; a vós alto se deve.
Não queiraes que a louvar-vos inda saia
Meu engenho, que a tanto não se atreve,
E se por não poder vos não levanto
Levantai, pois podeis, meu baixo canto.

Egloga XV

1 De *camanho alvoroço* me causava
A *vinda* da manhã resplandecente
E quanto a clara aurora me alegrava.
Que quando *via* o sol claro e luzente
Bem *claramente então* se conhecia. Canc. Ms. de L. F.
2 Tanto *me mata agora* o novo dia
3 De que só me *alegrava* e só vivia.
E não me quiz deixar *minha* ventura
Esperança de mais tornar a vel-a
Ó *fado* cruel, *triste*, ó sorte dura!
Ó *formosa* Natercia, ninfa bella
Em *que mostrou o cabo* a natureza
De quanto se podia esperar d'ella.
Se lá *onde tu estás* da mór alteza
Te lembras de quem *fica* cá na terra.

4 Lembre-te *da continua* cruel guerra
Em que sempre me traz tua lembrança
Sem me lembrar do gado *nem da* serra.
5 *De poder jámais ver-te*, e juntamente
De todo o *outro* bem a esperança
Lembre-te que por *ti a agua corrente*
D'este formoso rio me é nojosa.
6 Por ti *esta* manhã clara e formosa
Os males cada *hora* me accrecenta;
Sendo-me *n'outro tempo* deleitosa.
Por ti o *claro* sol me descontenta;
Com seu canto me *mata* Philomella,
E Progne, porque chora, me contenta.
Por ti, *casta Natercia*, nympha bella,
A verdura suave d'este prado,
Os males *me acrescenta* só com vêl-a.
7 *E aquillo em* que então meu bem crecia
Com isso crece agora o meu cuidado.
8 *Por ti não sou já agora o que* soia.
9 Mudou-se-*me có tormento* a alegria;
Mudou-se o dia claro em noite escura;
Nem he muito que *o bem* se *me* mudasse.
10 Não via outro *remedio*, que cuidasse.
11 Nem *outro nenhum bem* em que esperasse.
12 Que de *te ver* a minha alma recebia.
13 Qual ficará uma alma que *soía*
D'esta gloria sómente contentar-se?
Gloria de que *eu* gozar não merecia.
14 *Sómente d'este* bem que he ja passado.
Faz que não venha a morte em mal dobrar-se?
Qual poderá fiquar quem um cuidado
Sostem, *que do mal he* certa morada,
E vive *já do bem* desesperado?
Qual ficará oh Nympha delicada
Uma alma que viu; e em te vendo
O fio te cortou a *dura fada?*
A causa d'este mal eu não entendo;
Entendo *só que vi tua formosura,*
E que pella não vêr vivo morrendo.
Vejo que me roubou *a morte dura.*

15 Lembra-te tu, que *de ti só* esperava
Remedio *a meu mal;* então verás
Qual ficou quem em ti *se* confiava.
Lembra-te *onde* estou! *E onde tu* estás,
E que *sem ti o bem* me aborrece;
E do mal de meu bem te lembrarás.
16 Não sei porque razão *assi* amanhece.
17 *Em* que toda a alegria se entristece.
Porque o manso gado que contente
Buscava pelos campos a verdura
E *nós* rios *a clara agua* corrente
Agora *o vejo andar pela* espessura
Sem lhe lembrar o campo e agua fria.
18 *Philomella não cura de* armonia;
Progne seu canto dobra cada hora,
Tambem se mostra triste a penedia.
Sobretudo tambem a clara aurora,
Que *os seus cabellos d'ouro vem mostrando,*
Sendo sempre contente he triste agora.
19 *Uma tristeza donde* se conhece.
20 *E* vejo que *agora* tudo s'entristece
E que a causa não sei. Deos ora queira.
21 *Que* desde que *aqui conheço* esta ribeira,
Não me *lembra que a visse tão pezada*
Correndo com um tom d'esta maneira.
Não me *lembra a* que visse *a* alvorada
Tão triste esclarecer, como esta vejo,
Vir toda de tristeza acompanhada.
Folgara ter agora quem sem pejo
D'esta causa a razão me declarasse.
22 Porque não posso eu crêr que se *gerasse.*
23 Que até *nas duras pedras* se enxergasse.
24 *Porque* o coração dentro no peito
Me diz que esta tamanha novidade,
Se mostra por algum grande respeito.
Mas *se não cega esta* claridade.
25 *De quem posso saber* toda a verdade.
26 *Que com os* olhos não mostre onde me chega
A dor de o vêr *tão fóra do passado.*

Porém, quem ao cruel amor se entrega,
Não é muito *soffrer todo* o tormento;
Porque *dá todo o mal*, todo bem nega.
Porque este emquanto trouxe o pensamento
Livre d'outro cuidado em que o occupasse.

27 *Agora já não he o* que soía.

28 *Porque* não cura já do *manso* gado;
Avorrecer-lhe vejo as frescas flores;
Avorrece-lhe a gente e o povoado.
Não cura já das festas dos pastores;
Vejo apartar-se só pela espessura.

29 (Faltam no Ms. vinte quatro tercetos, isto é do verso:
—Contenta-se da noite triste e escura
até ao verso:
—E todo o maior mais te contentara.

30 Deixa *chorar Sylvano ao que* chora.

31 *Pois que meu bem perdi todo em uma* hora.
Tu não *sentes* agora outro cuidado
Senão buscar os campos e agua fria,
A ditoso viver ditoso estado.

32 *Em desejar a morte e a ventura*
Lh'a nega, porque o morrer lhe dá alegria!
O' formosa *Terciana! tua* altura
Do *céo resplandecente* andas pisando;
Triste de quem cá viu tua formosura.

33 Ou que *alguma cousa estás imaginando.*

34 Que *dava discrição, saber e* vida,
Não é muito *perder tambem o* siso.
Declara-me que cousa *esta he* perdida,
De que tanto te *aqueixas;* que *o* que sento,
Natercia, *d'estes montes* he partida.
Quão livre falla *o* que o tormento.

35 *A perda* que eu perdi não me consente
Que tenha as palavras tão expertas,
Que possa *declaral-as facilmente.*
Mas *por outra rasão* vejo que acertas;
Que com nenhum mal deve *embaraçar-se*
Quem *as desventuras tem tão* certas.

36 A quem, *a outrem, não quer manifestar-se*
Faltando-lhe para isso a vontade,
Não *faltarão* razões para escusar-se.

37 *Negares-me uma cousa* que te peço,
Pois t'a merece já nossa amisade,
Se por *ser teu amigo* te aborreço.
Porque esse mal que cega o entendimento.
38 *Te sugeitas a um vão* pensamento.
Outra *era rasão, outro o pensamento.*
O que me fez negar-te o que pedias.
39 Bem sei que o meu *proveito* pertendias
Esta obrigação me fez negar-te
O que *de mim saber tanto* querias.
Vejo tanto em dizer-m'o prolongar-te
Que já suspeito mal por tua vida:
Que queiras acabar de declarar-te.
40 A *alma sinto já* desfallecida
Lembrando-me somente aquella historia
Que *he pera* meus males tão comprida.
Porque sento em mi de novo a memoria
D'aquelle bem que o meu só sustentara
O' quem pudera ir traz tanta gloria.
41 E — á casta Diana fez inveja,
E — com sua *bella* vista o sol cegava;
Natercia que era em perfeição sobeja
Em que a natureza poz o cume
De quanto em huma Nympha se deseja.
Natercia que *ao* mundo foi *o lume*
De formosura tal que usurpado
Tinha quasi ao amor o seu costume:
Natercia, por quem ando *rodeado*
De *tanto mal* que só *a* morte dura
Espero *que dê* fim *a* meu cuidado.
Já não amostrará aquella fermosura
Com que alegrar sohia toda a terra;
E fazia contente a noute escura.
Aos pastores já não fará guerra.
42 Guerra em que *maior dano* se encerra.
Já de vella *he perdida a* esperança.
43 *E por esta rasão, esta* alvorada
Das outras que passaram differente
Vêdes de sinaes triste rodeada.

Não me atrevo a dizer-te mais, que sente
Alma, ha no que digo tal tormento,
Que *quasi* esta memoria *não* consente.

SYLVANO

Se a mim me não engana o entendimento
Natercia d'este mundo he partida;
Dize-me se verdade ou fingimento.

SOLISO

Não queiras renovar-me esta ferida;
Natercia he morta! Céo tão endurecido,
Que me dura sem ella a triste vida

44 O mundo *cruel e triste, quam* perdido
Anda o que em tuas mostras se confia,
E a quanta desventura offerecido.
O teu contentamento e alegria
O teu bem que dás para mór dano,
Que são, senão de males uma guia?

45 Porque, com *maior mal nosso* e tua gloria,
Venhas a declarar-nos teu engano.
Assim comtigo vae sempre a victoria.

46 *Do bem que nos roubaste a* memoria
Perdida he em ti toda a confiança,
Que só de falsidade e enganos
Se deve ter em ti certa esperança.

47 (Entre os versos:

— D'um engano penoso emfim se alcança
— Deixae, deixae, pastores, a verdura;

vem estes outros da lição de Luiz Franco:)

Quem cuidára que uns tão tenros annos
E uma tal claridade, que excedia
Quanto podem cuidar peitos humanos,
E aquelle olhar brando que fazia
Ao mesmo Amor guerra livremente
Podesse perecer em algum dia!

Qual é o peito duro que isto sente
Que queira vida mais, pois morta he aquella
Que fazia o viver ledo e contente?
Morta he já aquella vista bella
Que alegrar a tristeza bem podera
E a quem não a tem tambem trazel-a.
Ah morte! morte dura e fera!
Como não te movia uma beldade,
Que até as duras pedras commovera!
Como não te moveu uma tenra idade,
Como não te moveu a sorte dura,
Dos que agora sentem sua saudade.

48 Deixae, *tristes* pastores, a verdura;
Deixae as frautas já e os mansos gados,
E vinde chorar vossa desventura.

49 *Chorae tamanho mal*, pois já perderam
Seu remedio e seu bem vossos cuidados.

50 D'estes *bosques espessos* a morada.

51 De que *assi vos presaes* não esquecestes.

52 *Pois do alheo mal sempre* vos doestes
Vinde chorar o proprio vosso agora,
Pois *vossa gloria e honra já* perdestes.

53 *Vinde chorar commigo um* mal tão forte
Que até o duro monte *tambem o* chora.
Oh *Nymphas!* chorai à triste sorte
Dois *coitados* pastores a quem nega
Amor para maior mal a triste morte.
Ó *Driades!* a quem Amor se entrega
A vós dou o cuidado d'este pranto,
Pois sabeis *este mal onde nos* chega.

54 Pois deixa a Philomella o *alegre* canto.
Que pois não podeis remediar-me
Vinde deixar-me, porque juntamente,
Lembranças d'este mal possa deixar-me.
Que em quanto vos tiver, terei presente.

ADVERTENCIA

Com este volume termina o *Parnaso de Luiz de Camões,* que comprehende sómente as poesias lyricas imitadas da Eschola italiana, em quanto ao platonismo petrarchista e ao uso dos endecasyllabos. O titulo de *Parnaso* era unicamente dado ás collecções metricas d'este genero; assim como o titulo de *Cancioneiro,* desde o seculo XV, designava o conjuncto das coplas de arte-menor ou redondilhas. Foi por isso que o commentador dos *Lusiadas* de 1584 chamou ás coplas *Sobre os rios que vão,* um

Cancioneiro. No segundo tomo das Obras de Camões entrarão todas as composições em redondilhas, que pertencem á *Eschola velha* que em Portugal floresceu a par dos Quinhentistas.

Não incluimos no presente volume a Ecloga XVI publicada na edição Juromenha, porque anda nas Obras de Estevam Rodrigues de Castro, dadas á luz em Florença; aí apparece com as iniciaes *De B. R.*, que significam *De Bernardo Rodrigues,* poeta contemporaneo e amigo de Camões. O mesmo se devera fazer á Ecloga XV, tambem publicada com as iniciaes *De B. R.,* em Florença; mas como o Padre Thomaz d'Aquino a recolheu dos ineditos camonianos de Faria e Sousa com importantes variantes, o que dá a entender uma outra fonte manuscripta, por isso a conser-

vamos na collecção. O facto de se attribuirem a Camões estas duas Eclogas, é porque as iniciaes B. R. liam-se geralmente como *Bernardim Ribeiro:* e sendo este poeta muito anterior á eschola italiana, e apresentando essas Eclogas o estylo camoniano, era mais verdadeiro attribuil-as áquelle cuja inspiração revelavam.

INDICE

(VOLUME 3.º)

(VOLUME 4.º)

Bibliotheca da ACTUALIDADE

N.º 5

OBRAS COMPLETAS

DE

LUIZ DE CAMÕES

As *Redondilhas* são a parte das obras poeticas de Camões em que se encontra um maior numero de particularidades da sua vida. As rubricas de cada composição são preciosissimas para o conhecimento d'esta alta individualidade; a sua vida no paço, nos carceres, nos naufragios, e miserias, tudo ali tem a sua nota exaltada ou plangente. Assim como Camões colligiu em um corpo as poesias da Eschola italiana em um livro a que deu o nome de *Parnasso,* tam-

bem ajuntou os seus versos de arte menor, inspirados pela tradição da Eschola hespanhola, que predominava no paço, sob o titulo de *Cancioneiro.* Temos a prova nos seguintes factos: O editor dos *Lusiadas* de 1584, alludindo ao naufragio de Camões e á paraphrase do Psalmo 136 com que começa sempre esta collecção, diz: «*d'onde elle compoz aquelle Cancioneiro,* que diz:

> Sobre os rios que vão
> Por Babylonia me achei...»

O snr. visconde de Juromenha interpretando o valor da palavra *Cancioneiro,* escreve mais: «titulo que parece referir-se a uma mais copiosa collecção de que estas poesias faziam parte.» *(Obr.,* I, 78.)

As coplas que começam: *Vae o bem fugindo,* trazem a seguinte rubrica: «*Senten-*

ças do Auctor por fim do seu Livro.» Isto denota-nos que effectivamente estas composições em redondilhas foram colleccionadas pelo proprio Camões, e que o titulo de *Cancioneiro* dado pelo editor anonymo de 1584, embora signifique um genero poetico, póde bem designar uma collecção de poesias. É por isso que o adoptamos. Na Carta II da India, alludindo Camões ás suas coplas, chama-lhes a *«manada dos engeitados»* porque a este tempo a imitação petrarchista puzera fóra de moda a Eschola hespanhola.

CANCIONEIRO

DE

TODAS AS REDONDILHAS, ESPARSAS, MOTES E CANTIGAS

REDONDILHAS

RECOLHIDAS PELO LICENCIADO SOROPITA, NA EDIÇÃO DAS RIMAS DE 1595

Sôbolos rios que vão [1]
Por Babylonia, me achei,
Onde sentado chorei
As lembranças de Sião,
E quanto n'ella passei.
Alli o rio corrente
De meus olhos foi manado;
E tudo bem comparado,
Babylonia ao mal presente,
Sião ao tempo passado.
Alli lembranças contentes
N'alma se representaram;
E minhas cousas ausentes
Se fizeram tão presentes,
Como se nunca passaram.

Alli, despois de acordado,
Co'o rosto banhado em agua,
D'este sonho imaginado,
Vi que todo o bem passado
Não he gosto, mas he magoa.
E vi que todos os damnos
Se causavam das mudanças,
E as mudanças dos annos;
Onde vi quantos enganos
Faz o tempo ás esperanças.
Alli vi o maior bem
Quão pouco espaço que dura;
O mal quão depressa vem;
E quão triste estado tem
Quem se fia da ventura.
Vi aquillo que mais val
Que então se entende melhor,
Quando mais perdido fôr;
Vi ao bem succeder mal,
E ao mal muito peor.
E vi com muito trabalho
Comprar arrependimento;
Vi nenhum contentamento;
E vejo-me a mi, que espalho
Tristes palavras ao vento.
Bem são rios estas aguas
Com que banho este papel:
Bem parece ser cruel
Variedade de magoas,
E confusão de Babel.

Como homem, que por exemplo
Dos trances em que se achou,
Despois que a guerra deixou,
Pelas paredes do templo
Suas armas pendurou:
Assi, despois que assentei
Que tudo o tempo gastava,
Da tristeza que tomei,
Nos salgeiros pendurei
Os orgãos com que cantava.
Aquelle instrumento ledo
Deixei da vida passada,
Dizendo: Musica amada,
Deixo-vos n'este arvoredo
Á memoria consagrada.
Frauta minha, que tangendo
Os montes fazieis vir
Para onde estaveis, correndo;
E as aguas, que hiam descendo,
Tornavam logo a subir;
Jámais vos não ouvirão
Os tigres, que se amansavam;
E as ovelhas, que pastavam.
Das hervas se fartarão,
Que por vos ouvir deixavam.
Já não fareis docemente
Em rosas tornar abrolhos
Na ribeira florecente;
Nem poreis freio á corrente,
E mais se fôr dos meus olhos.

Não movereis a espessura,
Nem podereis já trazer
A traz vós a fonte pura;
Pois não podestes mover
Desconcertos da ventura.
Ficareis offerecida
Á fama que sempre vela,
Frauta de mi tão querida;
Porque mudando-se a vida,
Se mudam os gostos d'ella.
Acha a tenra mocidade
Prazeres accommodados;
E logo a maior idade
Já sente por pouquidade
Aquelles gostos passados.
Hum gosto, que hoje se alcança,
Á manhã já o não vejo:
Assi nos traz a mudança
D'esperança em esperança,
E de desejo em desejo.
Mas em vida tão escassa
Que esperança será forte?
Fraqueza de humana sorte,
Que quanto da vida passa
Está recitando a morte!
Mas deixar n'esta espessura
O canto da mocidade:
Não cuide a gente futura
Que será obra da idade
O que he fôrça da ventura.

Que idade, tempo, e espanto
De vêr quão ligeiro passe,
Nunca em mi poderam tanto,
Que postoque deixo o canto,
A causa d'elle deixasse.
Mas em tristezas e nojos, [2]
Em gôsto e contentamento,
Por sol, por neve, por vento,
Tendré presente á los ojos [3]
Por quien muero tan contento.
Orgãos e frauta deixava,
Despôjo meu tão querido,
No salgueiro que alli estava,
Que para trophéo ficava
De quem me tinha vencido.
Mas lembranças da affeição
Que alli captivo me tinha,
Me perguntaram então,
Que era da musica minha,
Que eu cantava em Sião?
Que foi d'aquelle cantar,
Das gentes tão celebrado?
Porque o deixava de usar,
Pois sempre ajuda a passar
Qualquer trabalho passado?
Canta o caminhante ledo
No caminho trabalhoso
Por entre o espêsso arvoredo; [4]
E de noite o temeroso
Cantando refreia o medo.

Canta o preso docemente,
Os duros grilhões tocando;
Canta o segador contente;
E o trabalhador, cantando,
O trabalho menos sente.
Eu que estas cousas senti
N'alma de magoas tão cheia,
Como dirá, respondi,
Quem alheio está de si
Doce canto em terra alheia?
Como poderá cantar
Quem em chôro banha o peito?
Porque, se quem trabalhar
Canta por menos cansar,
Eu só descansos engeito.
Que não parece razão,
Nem seria cousa idonia,
Por abrandar a paixão
Que cantasse em Babylonia
As cantigas de Sião.
Que quando a muita graveza
De saudade quebrante
Esta vital fortaleza,
Antes morra de tristeza,
Que por abrandal-a cante.
Que se o fino pensamento
Só na tristeza consiste,
Não tenho medo ao tormento:
Que morrer de puro triste,
Que maior contentamento?

Nem na frauta cantarei
O que passo e passei já,
Nem menos o escreverei;
Porque a penna cansará,
E eu não descansarei.
Que se vida tão pequena
Se accrescenta em terra extranha;
E se Amor assi o ordena,
Razão he que canse a penna
De escrever pena tamanha.
Porém, se para assentar
O que sente o coração,
A penna já me cansar,
Não canse para voar
A memoria em Sião.
Terra bem-aventurada,
Se por algum movimento
D'alma me fores tirada, [5]
Minha penna seja dada
A perpetuo esquecimento.
A pena d'este destêrro,
Que eu mais desejo esculpida
Em pedra ou em duro ferro,
Essa nunca seja ouvida,
Em castigo de meu êrro.
E se eu cantar quizer
Em Babylonia sujeito,
Hierusalem, sem te ver,
A voz, quando a mover,
Se me congele no peito;

A minha lingua se apegue
Ás fauces, pois te perdi,
Se em quanto viver assi
Houver tempo, em que te negue,
Ou que me esqueça de ti.
Mas ó tu, terra de gloria,
Se eu nunca vi tua essencia,
Como me lembras na ausencia?
Não me lembras na memoria,
Senão na reminiscencia:
Que a alma he taboa rasa,
Que com a escrita doutrina
Celeste tanto imagina,
Que vôa da propria casa,
E sóbe á patria divina.
Não é logo a saudade
Das terras onde nasceu
A carne, mas é do céo,
D'aquella santa Cidade,
D'onde est'alma descendeu.
E aquella humana figura,
Que cá me póde alterar,
Não he quem se ha de buscar;
He raio da formosura,
Que só se deve d'amar.
Que os olhos, e a luz que ateia
O fogo que cá sujeita,
Não do sol, nem da candeia,
He sombra d'aquella ideia,
Que em Deos está mais perfeita.

E os que cá me captivaram,
São poderosos affeitos
Que os corações têm sujeitos;
Sophistas, que me ensinaram
Maos caminhos por direitos.
D'estes o mando tyranno
Me obriga com desatino
A cantar ao som do damno.
Cantares d'amor profano,
Por versos d'amor divino.
Mas eu lustrado, co'o santo
Raio, na terra, de dôr,
De confusões e de espanto
Como hei de cantar o canto,
Que só se deve ao Senhor?
Tanto póde o beneficio
Da graça que dá saude,
Que ordena que a vida mude:
E o que eu tomei por vicio,
Me faz gráo para a virtude;
E faz que este natural
Amor, que tanto se preza,
Suba da sombra ao real,
Da particular belleza
Para a belleza geral.
Fique logo pendurada
A frauta com que tangi,
Ó Hierusalem sagrada,
E tome a lyra dourada
Para só cantar de ti;

Não captivo e ferrolhado
Na Babylonia infernal,
Mas dos vicios desatado,
E cá d'esta a ti levado,
Patria minha natural.
E se eu mais der a cerviz
A mundanos accidentes,
Duros, tyrannos e urgentes,
Risque-se quanto já fiz
Do grão livro dos viventes.
E, tomando já na mão
A lyra santa e capaz
D'outra mais alta invenção,
Calle-se esta confusão,
Cante-se a visão de paz.
Ouça-me o pastor e o rei,
Retumbe este accento santo,
Mova-se no mundo espanto;
Que do que já mal cantei
A palinodia já canto.
A vós só me quero ir,
Senhor, e grão Capitão
Da alta torre de Sião.
Á qual não posso subir,
Se me vós não daes a mão.
No grão dia singular,
Que na lyra em douto som
Hierusalem celebrar,
Lembrae-vos de castigar
Os ruins filhos de Edom.

Aquelles que tintos vão
No pobre sangue innocente,
Soberbos co'o poder vão,
Arraza-los igualmente:
Conheçam que humanos são.
E aquelle poder tão duro
Dos affectos com que venho, [6]
Que encendem alma e engenho;
Que já me entraram o muro
Do livre arbitrio que tenho; [7]
Estes que tão furiosos
Gritando vem a escalar-me,
Maos espiritos damnosos,
Que querem como forçosos
Do alicerce derribar-me;
Derribae-os, fiquem sós,
De forças fracos, imbelles;
Porque não podemos nós,
Nem com elles ir a vós,
Nem sem vós tirar-nos d'elles.
Não basta minha fraqueza
Para me dar defensão,
Se vós, santo Capitão,
N'esta minha Fortaleza
Não puzerdes guarnição.
E tu, ó carne, que encantas,
Filha de Babel tão feia,
Toda de miseria cheia,
Que mil vezes te levantas
Contra quem te senhoreia;

Beato só póde ser
Quem co'a ajuda celeste
Contra ti prevalecer,
E te vier a fazer
O mal que lhe tu fizeste;
Quem com disciplina crua
Se fere mais que huma vez;
Cuja alma, de vicios nua,
Faz nodas na carne sua,
Que já a carne n'alma fez.
E beato quem tomar
Seus pensamentos recentes,
E em nascendo os affogar,
Por não virem a parar
Em vicios graves e urgentes:
Quem com elles logo der
Na pedra do furor santo,
E batendo os desfizer
Na Pedra, que veiu a ser
Emfim cabeça do canto:
Quem logo, quando imagina
Nos vicios da carne má,
Os pensamentos declina
Áquella Carne divina,
Que na Cruz esteve já.
Quem do vil contentamento
Cá d'este mundo visibil, [8]
Quanto ao homem fôr possibil,
Passar logo entendimento
Para o mundo intelligibil;

Alli achará alegria
Em tudo perfeita, e cheia
De tão suave harmonia,
Que nem por pouca recreia,
Nem por sobeja enfastia.
Alli verá tão profundo
Mysterio na summa Alteza,
Que, vencida a natureza,
Os móres faustos do mundo
Julgue por maior baixeza.
O' tu divino aposento,
Minha patria singular,
Se só com te imaginar,
Tanto sóbe o entendimento,
Que fará se em ti se achar?
Ditoso quem se partir
Para ti, terra excellente,
Tão justo e tão penitente,
Que despois de a ti subir,
Lá descanse eternamente!

Carta a huma dama

Querendo escrever hum dia
O mal, que tanto estimei,
Cuidando no que poria,
Vi Amor que me dizia:
Escreve, que eu notarei.

E como para se lêr
Não era historia pequena
A que de mi quiz fazer,
Das azas tirou a penna
Com que me fez escrever.
E, logo como a tirou,
Me disse: Aviva os espritos;
Que pois em teu favor sou,
Esta penna, que te dou,
Fará voar teus escritos.
E dando-me a padecer
Tudo o que quiz que puzesse,
Pude emfim d'elle dizer,
Que me deu com que escrevesse
O que me deu a escrever.
Eu que este engano entendi,
Disse-lhe: Que escreverei?
Respondeu, dizendo assi:
Altos effeitos de mi,
E d'aquella a quem te dei. [1]
E já que te manifesto
Todas minhas estranhezas,
Escreve, pois que te prezas,
Milagres d'hum claro gesto,
E de quem o viu tristezas.
Ah Senhora, em quem se apura
A fé de meu pensamento!
Escutae e estae a tento, [2]
Que com vossa formosura
Iguala Amor meu tormento.

E, postoque tão remota
Estejaes de me escutar
Por me não remediar,
Ouvi, que pois Amor nota,
Milagres se hão de notar.

Nota

Escrevem varios Authores,
Que junto da clara fonte
Do Ganges, os moradores
Vivem do cheiro das flores
Que nascem n'aquelle monte:
Se os sentidos pódem dar
Mantimento ao viver,
Não he logo d'espantar,
Se estes vivem de cheirar,
Que viva eu só de vos vêr.
Huma árvore se conhece,
Que na geral alegria
Ella tanto se entristece, [3]
Que, como he noite, florece,
E perde as flôres de dia:
Eu, que em vêr-vos sinto o preço
Que em vossa vista consiste,
Em a vendo me entristeço,
Porque sei que não mereço
A gloria de vêr-me triste.

Hum Rei de grande poder
Com veneno foi criado,
Porque, sendo costumado,
Não lhe pudesse empecer,
Se despois lhe fosse dado:
Eu, que criei de pequena
Á vista a quanto padece,
D'esta sorte me acontece,
Que não me faz mal a pena,
Senão quando me fallece.
Quem da doença Real
De longe enfermo se sente,
Por segredo natural
Fica são vendo sómente
Hum volatil animal:
Do mal, que Amor em mi cria,
Quando aquella Phenix vejo,
São de todo ficaria;
Mas fica-me hydropesia,
Que quanto mais, mais desejo.
Da vibora he verdadeiro,
Se a consorte vae buscar,
Que em se querendo juntar,
Deixa a peçonha primeiro,
Porque lhe impede o gerar:
Assi quando me apresento
Á vossa vista inhumana,
A peçonha do tormento
Deixo á parte, porque dana
Tamanho contentamento.

Querendo Amor sustentar-se,
Fez huma vontade esquiva
D'huma estatua namorar-se:
Despois, que manifestar-se,
Converteu-a em mulher viva:
De quem me irei eu queixando,
Ou quem direi que me engana,
Se vou seguindo e buscando
Huma imagem, que de humana
Em pedra se vae tornando?
D'huma fonte se sabia,
Da qual certo se provava
Que quem sobre ella jurava,
Se falsidade dizia,
Dos olhos logo cegava:
Vós, que minha liberdade,
Senhora, tyrannisaes,
Injustamente mandaes,
Quando vos fallo verdade,
Que vos não possa vêr mais.
Da palma se escreve e canta
Ser tão dura e tão forçosa,
Que pezo não a quebranta,
Mas antes, de presunçosa,
Com elle mais se levanta:
Co'o pezo do mal que daes,
A constancia que em mi vejo,
Não sómente m'a dobraes,
Mas dobra-se meu desejo,
Com que então vos quero mais.

Se alguem os olhos quizer
Ás andorinhas quebrar,
Logo a mãe, sem se deter,
Huma herva lhe vae buscar
Que lhes faz outros nascer:
Eu que os olhos tenho attento
Nos vossos, que estrellas são,
Cegam-se os do entendimento,
Mas nascem-me os da razão
De folgar com meu tormento.
Lá para onde o sol sae,
Descobrimos, navegando,
Hum novo rio admirando,
Que o lenho que n'elle cae,
Em pedra se vae tornando:
Não se espantem d'isto as gentes;
Mais razão será que espante
Hum coração tão possante,
Que com lagrimas ardentes
Se converte em diamante.
Póde hum mudo nadador
Na linha e cana influir
Tão venenoso vigor,
Que faz mais não se bulir
O braço do pescador:
Se começam de beber
D'este veneno excellente
Meus olhos, sem se deter,
Não se sabem mais mover
A nada que se apresente.

Isto são claros sinaes
Do muito que em mi podeis:
Nem podeis desejar mais;
Que se vêr-vos desejaes,
Em mi claro vos vereis.
E quereis vêr a que fim
Em mi tanto bem se pôz?
Porque quiz Amor assim,
Que por vos vêrdes a vós,
Tambem me visseis a mim.
Dos males que me ordenaes,
Que inda tenho por pequenos,
Sabei, se m'os escutaes,
Que já não sei dizer mais,
Nem vós podeis saber menos.
Mas já que a tanto tormento
Não se acha quem resista,
Eu, Senhora, me contento
De terdes meu soffrimento
Por alvo de vossa vista.
Quantos contrarios consente
Amor, por mais padecer!
Que aquella vista excellente,
Que me faz viver contente,
Me faça tão triste ser!
Mas dou este entendimento
Ao mal, que tanto me offende,
Como na vela se entende,
Que se se apaga co'o vento,
Co'o o mesmo vento se accende.

Exprimentou-se alguma hora
D'ave, que chamam Camão,
Que se da casa, onde mora,
Vê adultera senhora,
Morre de pura paixão.
A dôr he tão sem medida,
Que remedio lhe não val;
Mas oh ditoso animal,
Que póde perder a vida,
Quando vê tamanho mal!
Nos gostos de vos querer
Estava agora enlevado,
Se não fôra salteado
Das lembranças de temer
Ser por outrem desamado.
Estas suspeitas tão frias,
Com que o pensamento sonha,
São assi como as harpias,
Que as mais doces iguarias
Vão converter em peçonha.
Faz-me este mal infinito
Não poder já mais dizer
Por não vir a corromper
Os gostos que tenho escrito,
Co'os males que heide escrever.
Não quero que se apregôe
Mal tanto para encobrir,
Porque em quanto aqui se ouvir
Nenhuma outra cousa sôe,
Que a gloria de vos servir.

A mesma

Dama d'estranho primor, [1]
Se vos for
Pesada minha firmeza,
Olhae não me deis tristeza,
Porque a converto em amor. [2]
E se cuidaes [3]
De me matar, quando usaes
De esquivança,
Irei tomar por vingança
Amar-vos cada vez mais. [4]
Porém vosso pensamento,
Como isento,
Seguirá sua tenção,
Crendo que em tanta affeição [5]
Não haja accrescentamento.
Não creaes [6]
Que d'esta arte vos façaes
Invencibil;
Que Amor sôbre o impossibil
Amostra que póde mais.
Mas já da tenção que sigo,
Me desdigo;
Que se ha tanto poder n'elle,
Tambem vós podeis mais que elle
N'este mal que usais commigo.

Mas se fôr
O vosso poder maior
Entre nós,
Quem poderá mais que vós,
Se vós podeis mais que Amor?
Despois que, Dama, vos vi,
Entendi,
Que perdêra Amor seu preço;
Pois o favor que lhe eu peço,
Vos pede elle para si.
Nem duvido
Que não póde, de sentido,
Resistir;
Pois em vez de vos ferir,
Ficou de vos vêr ferido.
Mas pois vossa vista he tal
Em meu mal,
Que posso de vós querer?
Que mal poderei valer,
Onde o mesmo Amor não val.
Se attentar,
Nenhum bem posso esperar;
E oxalá
Que vos alembrasse já,
Sequer para me matar.
Mas nem com isto creaes
Que façaes
Meus serviços mais pequenos;
Porque eu, quando espero menos,
Sabei que então quero mais.

Nada espero;
Mas de mi crede este fero,
Que em ser vosso,
Vos quero tudo o que posso,
E não posso quanto quero.
Só por esta phantasia
Merecia
De meus males algum fruito;
E não era certo muito
Para o muito que queria.
De maneira,
Que não he, na derradeira,
Grande espanto,
Que quem, Dama, vos quer tanto,
Que outro tanto de vós queira.

Variante das cinco ultimas strophes, de um Ms. do seculo XVII (ed. Jur., p. 428)

Mas em tamanho perigo
Muito digo;
Pois que tão livre viveis,
Que jámais que elle podeis
N'este mal que usaes commigo:
E se fôr
O poder vosso maior
Antre nós,
Quem poderá mais que vós,
Se vós podeis mais que amor?
Segundo o vejo rendido,
Não duvido
Que se possa presumir;

Que em logar de vos ferir
Saia de vos vêr ferido.
  Mas suspeito
Que em quanto em vós direito
Desarmar,
Que se lhe virou no ár,
A setta contra seu peito.
  Pois se está ferido Amor
D'esta dôr
De quem me aqueixo, ou que fallo?
Se em vez de ser seu vassallo,
Vou ser seu competidor.
  Já perdi
Quanto amando mereci,
Pois conheço
Que aquelle bem que lhe eu peço
Vos pede elle para si.
  Mas mais se deve a meu mal
Paga igual,
Pois que por vós não duvido
De ser traidor sabido
A meu Senhor natural.
  O Senhor
Neguo com quanto em mim fôr;
Mas se olhar
Quem por vós tudo negar
Não póde negar amor.
  Que poderei já tomar,
Ou deixar,
Pois que me trazeis tão ceguo
Que aquillo que por vós neguo
Por vós torno a confessar.
  Bem sei eu
Que negar o Senhor meu
Já não posso,
Que se elle, Senhora, he vosso,
Eu sou vosso sendo seu.

A humas suspeitas

Suspeitas, que me quereis?
Que eu vos quero dar logar
Que de certas me mateis,
Se a causa, de que nasceis,
Vós quizesseis confessar.
Que de não lhe achar desculpa,
A grande magoa passada
Me têm a alma tão cansada,
Que se me confessa a culpa,
Tel-a-hei por desculpada.
Ora vêde que perigos
Têm cercado o coração,
Que no meio da oppressão
A seus proprios inimigos
Vae pedir a defensão!
Que, suspeitas, eu bem sei,
Como se claro vos visse,
Que he certo o que já cuidei;
Que nunca mal suspeitei,
Que certo me não sahisse.
Mas queria esta certeza
D'aquella que me atormenta;
Porque em tamanha estreiteza
Vêr que d'isso se contenta,
He descanso da tristeza.

Porque se esta só verdade
Me confessa limpa e nua
De cautela e falsidade,
Não póde a minha vontade
Desconforme ser da sua.
Por segredo namorado
He certo estar conhecido
Que o mal de ser engeitado
Mais atormenta sabido
Mil vezes, que suspeitado.
Mas eu só, em quem se ordena
Novo modo de querella,
De medo da dôr pequena,
Venho a achar na maior pena
O refrigerio para ella.
Já nas iras me inflammei,
Nas vinganças, nos furores,
Que já donde imaginei;
E já mais donde jurei
De arrancar d'alma os amores.
Já determinei mudar-me
Para outra parte com ira;
Despois vim a concertar-me
Que era bom certificar-me
No que mostrava a mentira.
Mas despois já de cansadas
As furias do imaginar,
Vinha emfim a rebentar
Em lagrimas magoadas,
E bem para magoar.

E deixando-se vencer
Os meus fingidos enganos
De tão claros desenganos,
Não posso menos fazer,
Que contentar-me co'os danos. [1]
E pedir que me tirassem
Este mal de suspeitar
Que me vejo atormentar,
Indaque me confessassem
Quanto me póde matar.
Olhae bem se me trazeis,
Senhora, pôsto no fim;
Pois n'este estado a que vim,
Para que vós confesseis,
Se dão os tratos a mim.
Mas para que tudo possa
Amor, que tudo encaminha,
Tal justiça lhe convinha;
Porque da culpa, que he vossa,
Venha a ser a morte minha.
Justiça tão mal olhada
Olhae com que côr se doura,
Que quero, ao fim da jornada,
Que vós sejaes confessada,
Para que eu seja o que moura!
Pois confessae-vos jágora,
Indaque tenho temor
Que nem n'esta ultima hora
Me ha de perdoar Amor
Vossos peccados, Senhora.

E assi vou desesperado,
Porque estes são os costumes
D'amor que he mal empregado:
Do qual vou já condemnado
Ao inferno de ciumes.

Outra a huma senhora, a quem deram para uma filha sua um pedaço de sitim amarello, de quem se tinha suspeita

Se derivaes da verdade
Esta palavra *Sitim,*
Achareis sem falsidade,
Que apoz o *si* têm o *tim,*
Que tine em toda a cidade.
Bem vejo que me entendeis;
Mas porque não falle em vão,
Sabei que a esta Nação
Tanto que o *si* concedeis.
O *tim* logo está na mão.
E quem da fama se arreda.
Que tudo vae descobrir,
Deve sempre de fugir
De sitins, porque da seda
Seu natural he rugir.
Mas pano fino e delgado,
Qual a caxa e outros assi,
Dura, aquenta, e he callado.
Amoroso, e dá de si
Mais que *sitim,* nem brocado.

Mas estes, que sêdas são
Com quem se enganam mil damas,
Mais vos tomam, do que dão;
Promettem, mas não darão,
Senão nodoas para as famas.
E se não me quereis crêr,
Ou tomaes outro caminho,
Por exemplo o podeis ver,
Quando lá virdes arder
A casa d'algum visinho.
Oh feminina simpreza,
Donde estão culpas a pares,
Que por hum Dom de nobreza,
Deixam dões da natureza,
Mais altos e singulares!
Hum Dom, que anda enxertado
No nome, e nas obras não,
Fallo como exprimentado;
Que *sitim* d'esta feição
Eu tenho muito cortado.
Dizem-me que era amarello;
E quem assi o quiz dar,
Só para me Deos vingar,
Se vem á mão amare-lo,
O que eu não posso cuidar.
Porque quem sabe viver
Por estas artes manhosas,
(Isto bem póde não ser)
Dá a meninas formosas,
Sómente polas fazer,

Quem vos isto diz, Senhora,
Serviu nas vossas armadas
Muito, mas anda já fóra;
E póde ser que inda agora
Traz abertas as fréchadas.
E, postoque desfavores
O tiram de servidor,
Quer-vos ventura melhor;
Que dos antigos amores
Inda lhe fica este amor.

A huma senhora que estava rezando por humas contas

Peço-vos que me digaes
As orações que rezastes,
Se são polos que matastes,
Se por vós que assi mataes?
Se são por vós, são perdidas;
Que qual será a oração,
Que seja satisfação,
Senhora, de tantas vidas?
Que se vêdes quanto vem
A só vida vos pedir,
Como vos ha Deos de ouvir,
Se vós não ouvis ninguem?
Não podeis ser perdoada
Com mãos a matar tão promtas,
Que se n'huma trazeis contas,
Na outra trazeis espada.

Se dizeis que encommendando
Os que matastes andaes;
Se rezaes por quem mataes,
Para que mataes rezando?
Que se na força do orar
Levantaes as mãos aos céos,
Não as ergueis para Deos,
Ergueil-as para matar.
E quando os olhos cerraes,
Toda enlevada na fé,
Cerram-se os de quem vos vê,
Para nunca verem mais.
Pois se assi forem tratados
Os que vos vêm quando oraes,
Essas horas que rezaes,
São as horas dos finados.
Pois logo, se sois servida
Que tantos mortos não sejam,
Não rezeis onde vos vejam,
Ou vêde para dar vida.
Ou se quereis escusar
Estes males que causastes,
Resuscitae quem matastes,
Não tereis por quem rezar.

Convite que Luiz de Camões fez na India a certos fidalgos, cujos nomes aqui vão:

A primeira iguaria foi posta a Vasco de Ataide, e dizia:

Se não quereis padecer
Huma ou duas horas tristes,
Sabeis que haveis de fazer? [1]
Volveros por dó venistes,
Que aqui não ha que comer. [2]
E, postoque aqui leiaes
Trovinha que vos enleia,
Corrido não estejaes;
Porque por mais que corraes, [3]
Não heis de alcançar a ceia.

A segunda a D. Francisco d'Almeida

Heliogabalo zombava [4]
Das pessoas convidadas;
E de sorte as enganava,
Que as iguarias que dava,
Vinham nos pratos pintadas.
Não temaes tal travessura,
Pois já não póde ser nova;
Porque a cêa está segura [5]
De vos não vir em pintura;
Mas ha de vir toda em trova.

A terceira a Heitor da Silveira

Cêa não a papareis:
Comtudo, porque não minta,
Para beber achareis,
Não Caparica, mas tinta,
E mil cousas que papeis.
E vós torceis o focinho
Com esta amphibologia?
Pois sabei que a Poesia
Vos dá aqui tinta por vinho, [6]
E papeis por iguaria.

A quarta a João Lopes Leitão, a quem o Author fez huns versos, que vão adiante, sobre huma peça de cacha, que deu a huma Dama

Porque os que vos convidaram
Vosso estomago não danem,
Por justa causa ordenaram,
Se trovas vos enganaram,
Que trovas vos desenganem.
Vós tereis isto por tacha,
Converter tude em trovar;
Pois se me virdes zombar,
Não cudeis, Senhor, que he cacha,
Que aqui não ha que cachar.

Responde João Lopes

Pezar ora não de são,
Eu juro pelo céo bento,
Se de comer não me dão,
Que eu não sou camaleão,
Que me hei de manter do vento,

Responde o Author

Senhor, não vos agasteis,
Porque Deos vos proverá;
E se mais saber quereis,
Nas costas d'este lereis
As iguarias que ha.

Virando o papel, dizia assi:

Tendes nem migalha assada;
Cousa nenhuma de môlho;
E nada feito em empada; [7]
E vento de tigelada;
Picar no dente em remôlho:
De fumo tendes taçalhos;
Ave da pena que sente
Quem da fome anda doente;
Bocejar de vinho e d'alhos;
Manjar em branco excellente.

A derradeira a Francisco de Mello

D'hum homem, que teve o scetro
Da vêa maravilhosa,
Não foi cousa duvidosa,
Que se lhe tornava em metro [8]
O que hia a dizer em prosa.
De mi vos quero affirmar [9]
Que faça cousas mais novas,
De quanto podeis cuidar;
E esta cêa, que he manjar,
Vos faça na boca em trovas.

A João Lopes Leitão, sobre huma peça de cacha que elle mandou a huma Dama, na India, que se lhe fazia donzella, o qual João Lopes é o que elle convidou no Banquete atraz

MOTE

Se vossa Dama vos dá
Tudo quanto vós quizestes,
Dizei-me: P'ra que lhe déstes
O que vos ella fez já?

VOLTA

Sendo os restos envidados,
E vós de cachas mil contos
Sabeis com quão poucos pontos,
Que lh'os achastes quebrados;

Se o que teem, isso vos dá,
Vós mui bem lh'o merecestes,
Porque se a cacha lhe déstes
Tinha-vo-la feita já.

A Dona Francisca de Aragão, mandando-lhe esta regra, que lhe glosasse

Mas porém a que cuidados?

Tanto maiores tormentos
Foram sempre os que soffri,
D'aquillo que cabe em mi,
Que não sei que pensamentos
São os para que nasci.
Quando vejo este meu peito
A perigos arriscados
Inclinado, bem suspeito
Que a cuidados sou sujeito.
Mas porém, a que cuidados?

Ao mesmo

Que vindes em mi buscar,
Cuidados, que sou captivo?
Eu não tenho que vos dar: [1]
Se vindes a me matar,
Já ha muito que não vivo:

Se vindes, porque me dais
Tormentos desesperados,
Eu, que sempre soffri mais,
Não digo que não venhais;
Mas porém a que, cuidados?

Ao mesmo

Se as penas que Amor me deu,
Vêm por tão suaves meios,
Não ha que temer receios;
Que val hum cuidado meu
Por mil descansos alheios.
Ter n'huns olhos tão formosos
Os sentidos enlevados,
Bem sei qu'em baixos estados
São cuidados perigosos;
Mas porém a que cuidados?...

Carta que Luiz de Camões mandou a D. Francisco de Aragão, com a glosa acima

Deixei-me enterrar no esquecimento de v. m. crendo me seria assi mais seguro: mas agora que he servida de me tornar a resuscitar, por me mostrar seus poderes, lembro-lhe que huma vida trabalhosa he menos de agradecer, que huma morte descançada. Mas se esta vida, que agora de novo me dá, fôr para m'a tornar a tomar, servindo-se

d'ella, não me fica mais que desejar, que poder acertar com este mote de v. m., ao qual dei tres entendimentos, segundo as palavras d'elle podéram soffrer: se forem bons, he mote de v. m.: se máos, são as glosas minhas.

Mote que lhe mandou o vice-rei da India, para fazer umas voltas

Muito sou meu inimigo,
Pois que não tiro de mi
Cuidados com que nasci,
Que pòe a vida em perigo.
Oxalá que fôra assi!

VOLTA

Viver eu, sendo mortal,
De cuidados rodeado,
Parece meu natural;
Que a peçonha não faz mal
A quem foi n'ella criado.
Tanto sou meu inimigo,
Cuidados com que nasci,
Porém a vida em perigo.
Oxalá que fôra assi!
Tanto vim a accrescentar
Cuidados, que nunca amansam
Em quanto a vida durar,
Que canso já de cuidar
Como cuidados não cansam.

S'estes cuidados, que digo,
Déssem fim a mi e a si,
Fariam pazes commigo;
Que pôr a vida em perigo,
O bom fôra para mi.

Redondilhas mandadas ao viso-rei, com o Mote atraz

Conde, cujo illustre peito
Merece nome de rei,
Do qual muito certo sei
Que lhe fica sendo estreito
O cargo de Viso-Rei;
Servirdes-vos d'occupar-me
Tanto contra meu planeta,
Não foi senão azas dar-me,
Com as quaes vou a queimar-me,
Como o faz a borboleta.
E s'eu a penna tomar,
Que tão mal cortada tenho,
Será para celebrar
Vosso valor singular
Dino de mais alto engenho.
Que se o meu vos celebrasse.
Necessario me seria
Que os olhos d'aguia tomasse,
Só para que não cegasse
No sol de vossa valia.

Vossos feitos sublimados
Nas armas, dignos de gloria,
São no mundo tão soados,
Qu'em vós de vossos passados
Se resuscita a memoria.
Pois aquelle animo estranho,
Prompto para todo effeito,
Espanta todo o conceito:
Como coração tamanho
Vos póde caber no peito?

A clemencia que asserena
Coração tão singular,
S'eu n'isso pozesse a penna,
Seria encerrar o mar
Em cova muito pequena.
Bem basta, Senhor, que agora
Vos sirvaes de me occupar;
Que assi fareis aparar
A penna, com que algum'hora
Vos vereis ao céo voar.

Assi vos irei louvando,
Vós a mi do chão erguendo,
Ambos o mundo espantando;
Vós com a espada cortando,
Eu com a penna escrevendo.

MOTE ALHEIO

Campos bem-aventurados,
Tornae-vos agora tristes;
Que os dias em que me vistes,
Alegres já são passados.

GLOSA

Campos cheios de prazer,
Vós que estaes reverdecendo,
Já me alegrei com vos vêr;
Agora venho a temer
Que entristeçaes em me vendo.
E pois a vista alegraes
Dos olhos desesperados,
Não quero que me vejaes,
Para que sempre sejaes,
Campos bem-aventurados.
Porém se por accidente
Vos pezar de meu tormento,
Sabereis que Amor consente
Que tudo me descontente,
Senão descontentamento.
Por isso vós, arvoredos,
Que já nos meus olhos vistes
Mais alegria, que medos,
Se m'os quereis fazer ledos,
Tornae-vos agora tristes.

Já me vistes ledo ser,
Mas despois que o falso Amor
Tão triste me fez viver,
Ledos folgo de vos vêr
Porque me dobreis a dôr.
E se este gosto sobejo
De minha dôr me sentistes,
Julgae quanto mais desejo
As horas que vos não vejo,
Que os dias em que me vistes.
O tempo, que he desigual,
De seccos, verdes vos tem;
Porque em vosso natural
Se muda o mal para o bem,
Mas o meu para mór mal.
Se perguntaes, verdes prados,
Pelos tempos differentes
Que de Amor me foram dados,
Tristes, aqui são presentes,
Alegres, já são passados.

MOTE ALHEIO

Trabalhos descansariam,
Se para vós trabalhasse;
Tempos tristes passariam,
Se alguma hora vos lembrasse.

GLOSA

Nunca o prazer se conhece,
Senão despois da tormenta:
Tão pouco o bem permanece,
Que se o descanso florece,
Logo o trabalho arrebenta.
Sempre os bens se lograriam,
Mas os males tudo atalham;
Porém já que assi porfiam,
Onde descansos trabalham,
Trabalhos descansariam.

Qualquer trabalho me fôra
Por vós grão contentamento:
Nada sentíra, Senhora,
Se vira d'isto algum'hora
Em vós hum conhecimento.
Por mal que o mal me tratasse,
Tudo por bem tomaria;
Posto que o corpo cansasse,
A alma descansaria,
Se para vós trabalhasse.

Quem vossas cruezas já
Soffreu, a tudo se poz;
Costumado ficará;
E muito melhor será,
Se trabalhar para vós:
Tristezas esqueceriam,
Postoque mal me trataram;
Annos não me lembrariam,
Que como est'outros passaram,
Tempos tristes passariam.
Se fosse galardoado
Este trabalho tão duro,
Não vivêra magoado;
Mas não o foi o passado,
Como o será o futuro?
De cansar não cansaria,
Se quizereis, que cansasse;
Cavar, morrer, fal-o-hia;
Tudo, emfim, esqueceria,
Se algum'hora vos lembrasse.

MOTE ALHEIO (*)

Triste vida se me ordena,
Pois quer vossa condição
Que os males, que dais por pena,
Me fiquem por galardão.

GLOSA

Despois de sempre soffrer,
Senhora, vossas cruezas,
A pezar de meu querer,
Me quereis satisfazer
Meus serviços com tristezas.
Mas, pois em balde resiste
Quem vossa vista condena,
Prestes estoù para a pena;
Que de galardão tão triste
Triste vida se me ordena.

De contente do mal meu
A tão grande extremo vim,
Que consinto em minha fim:
Assi que vós e mais eu,
Ambos sômos contra mim.
Mas que soffra meu tormento,
Sem querer mais galardão,
Não he fóra de razão
Que queira meu soffrimento,
Pois quer vossa condição.

(*) No *Canc. ms.* de Luiz Franco, fl. 102, traz a rubrica: *Vilancete de Francisco de Moraes,* como a sigla marginal: *Anda nas Glosas* e «*está como no impresso.*»

O mal que vós dais por bem,
Esse, Senhora, he mortal;
Que o mal, que dais como mal,
Em muito menos se tem,
Por costume natural,
Mas porém n'esta victoria,
Que commigo he bem pequena,
A maior dôr me condena
A pena, que dais por gloria,
Que os males, que dais por pena.
Que mór bem me possa vir
Que servir-vos, não o sei,
Pois que mais quero eu pedir,
Se quanto mais vos servir,
Tanto mais vos deverei?
Se vossos merecimentos
De tão alta estima são,
Assaz de favor me dão
Em querer que meus tormentos
Me fiquem por galardão.

MOTE ALHEIO

Ja não posso ser contente,
Tenho a esperança perdida;
Ando perdido entre a gente,
Nem morro, nem tenho vida.

GLOSA

Despois que meu cruel Fado
Destruiu huma esperança,
Em que me vi levantado,
No mal fiquei sem mudança,
E do bem desesperado.
O coração, que isto sente,
Á sua dôr não resiste,
Porque vê mui claramente
Que pois nasci para triste,
Ja não posso ser contente.
Por isso, contentamentos,
Fugi de quem vos despreza:
Ja fiz outros fundamentos,
Já fiz senhora a tristeza
De todos meus pensamentos.
O menos que lh'entreguei
Foi esta cansada vida:
Cuido que n'isto acertei,
Porque de quanto esperei
Tenho a esperança perdida

Acabar de me perder
Fôra já muito melhor;
Tivera fim esta dor,
Que não podendo mór ser,
Cada vez a sinto mór.
De vós desejo esconder-me,
E de mi principalmente,
Onde ninguem possa ver-me;
Que pois me ganho em perder-me,
Ando perdido entre a gente.

Gostos de mudanças cheios,
Não me busqueis, não vos quero:
Tenho-vos por tão alheios,
Que do bem que não espero,
Inda me ficam receios.
Em pena tão sem medida,
Em tormento tão esquivo
Que morra, ninguem duvida;
Mas eu se morro ou se vivo,
Nem morro, nem tenho vida

A uma dama que se chamava Anna

MOTE

A morte, pois que sou vosso,
Não a quero; mas se vem,
Ha de ser todo meu bem.

GLOSA

Amor, qu'em meu pensamento
Com tanta fé se fundou,
Me tem dado hum regimento,
Que quando vir meu tormento
Me salve com cujo sou.
E com esta defensão,
Com que tudo vencer posso,
Diz a causa ao coração:
Não tem em mi jurdição
A morte, pois que sou vosso.
Por exprimentar hum dia
Amor se me achava forte
N'esta fé, como dizia,
Me convidou com a morte,
Só por vêr se a temeria.
E como ella seja a cousa
Onde está todo meu bem,
Respondi-lhe, como quem
Quer dizer mais e não ousa:
Não a quero, mas se vem...

Não disse mais, porque então
Entendeu quanto me toca; [1]
E se tinha dito o não,
Muitas vezes diz a bocca,
O que nega o coração.
Toda a cousa defendida
Em mais estima se tem:
Por isso he cousa sabida,
Que perder por vós a vida
Ha de ser todo meu bem.

Á mesma dama

Vejo-a n'alma pintada,
Quando me pede o desejo
O natural que não vejo.

GLOSA

Se só de vêr puramente
Me transformei no que vi,
De vista tão excellente
Mal poderei ser ausente,
Em quanto o não fôr de mi.
Porque a alma namorada
A traz tão bem debuxada,
E a memoria tanto vôa,
Que se a não vejo em pessoa,
Vejo-a n'alma pintada.

O desejo, que se entende
Ao menos se concede,
Sobre vós pede e pretende,
Como o doente que pede
O que mais se lhe defende.
Eu, que em ausencia vos vejo,
Tenho piedade e pejo
De me vêr tão pobre estar,
Que então não tenho que dar,
Quando me pede o desejo.

Como áquelle que cegou,
He cousa vista e notoria,
Que a natureza ordenou
Que se lhe dobre em memoria
O que em vista lhe faltou:
Assi a mi, que não vejo [1]
Co'os olhos o que desejo,
Na memoria e na firmeza
Me concede a natureza
O natural que não vejo.

MOTE ALHEIO

Sem vós, e com meu cuidado,
Olhae com quem, e sem quem.

GLOSA

Vendo Amor que com vos vêr
Mais levemente soffria
Os males que me fazia,
Não me pôde isto soffrer;
Conjurou-se com meu Fado;
Hum novo mal me ordenou:
Ambos me levam forçado,
Não sei onde, pois que vou
Sem vós e com meu cuidado
Não sei qual he mais estranho
D'estes dous males que sigo,
Se não vos vêr, se commigo
Levar imigo tamanho.
O que fica e o que vem,
Hum me mata, outro desejo:
Com tal mal, e sem tal bem,
Em taes extremos me vejo:
Olhae com quem, e sem quem!

Ao mesmo

Amor, cuja providencia
Foi sempre que não errasse, [1]
Porque n'alma vos levasse,
Respeitando o mal de ausencia,
Quiz que em vós me transformasse.

E vendo-me ir maltratado
Eu e meu cuidado sós,
Proveu n'isso de attentado,
Por não me ausentar de vós,
Sem vós, e com meu cuidado.
Mas est'alma, que eu trazia,
Porque vós n'ella moraes,
Deixa-me cego, e sem guia;
Que ha por melhor companhia
Ficar onde vós ficaes.
Assi me vou de meu bem,
Onde quer a forte estrella,
Sem alma, que em si vos tem, [2]
Co'o mal de viver sem ella:
Olhae com quem, e sem quem!

MOTE ALHEIO

Sem ventura, he por demais.

GLOSA

Todo o trabalhado bem
Promette gostoso fruito;
Mas os trabalhos, que vem,
Para quem dita não tem
Valem pouco, e custam muito.

Rompe toda a pedra dura, [1]
Faz os homens immortaes
O trabalho quando atura;
Mas querer achar ventura,
Sem ventura, he por demais.

MOTE ALHEIO

Minh'alma, lembrae-vos d'ella.

GLOSA

Pois o vêr-vos tenho em mais
Que mil vidas que me deis,
Assi como a que me daes,
Meu bem, já que m'o negaes,
Meus olhos, não m'o negueis.
E se a tal estado vim
Guiado de minha estrella,
Quando houverdes dó de mim,
Minha vida, dae-lhe a fim,
Minh'alma, lembrae-vos d'ella,

MOTE ALHEIO

Tudo póde huma affeição.

GLOSA

Tem tal jurdição Amor
N'alma d'onde se aposenta,
E de que se faz senhor,
Que a liberta e isenta
De todo humano temor. [1]
E com mui justa razão,
Como senhor soberano,
Que Amor não consente dano.
E pois me soffre tenção,
Gritarei por desengano:
Tudo póde uma affeição.

TROVA DE BOSCÃO

Justa fué mi perdicion;
De mis males soy contento;
Ya no espero galardon,
Pues vuestro merecimiento
Satisfizo mi pasion. [1]

GLOSA

Despues que Amor me formó
Todo de amor, cual me veo,
En las leyes, que me dió,
El mirar me consintió,
Y defendióme el deseo.

Mas el alma, como injusta,
En viendo tal perfeccion,
Dió al deseo ocasion:
Y pues quebré ley tan justa,
Justa fué mi perdicion.
Mostrándoseme el Amor
Mas benigno que cruel,
Sobre tirano traidor,
De zelos de mi dolor, [2]
Quiso tomar parte en él.
Yo que tan dulce tormento
No quiero dallo, aunque peco,
Resisto, y no lo consiento;
Mas si me lo toma á trueco
De mis males, soy contento.
Señora, ved lo que ordena
Este Amor tan falso nuestro!
Por pagar á costa agena,
Manda que de un mirar vuestro
Haga el premio de mi pena.
Mas vos, para que veais
Tan engañosa intencion,
Aunque muerto me sintais,
No mireis, que si mirais,
Ya no espero galardon.
Pues que premio (me direis)
Esperas que será bueno?
Sabed, sino lo sabeis,
Que es ló mas de lo que peno
Lo menos que mereceis.

Quien hace al mal tan ufano,
Y tan libre al sentimiento?
El deseo? No, que es vano.
El amor? No, que es tirano.
Pues? Vuestro merecimiento.
No pudiendo Amor robarme
De mis tan caros despojos,
Aunque fué por mas honrarme,
Vos sola para matarme
Le prestastes vuestros ojos.
Mataranme ambos á dos;
Mas á vos con mas razon
Debe el la satisfaccion;
Que á mi por él, y por vos,
Satisfizo mi pasion.

A huma Dama, que lhe mandou pedir algumas Obras suas

Senhora, se eu alcançasse
No tempo que lêr quereis,
Que a dita dos meus papeis
Pola minha se trocasse;
E por ver [1]
Tudo o que posso escrever
Em mais breve relação,
Indo eu onde elles vão,
Por mi só quizesseis ler; [2]

Despois de vêr hum cuidado
Tão contente de seu mal,
Verieis o natural [3]
Do que aqui vêdes pintado;
Que o perfeito
Amor, de que sou sugeito,
Vereis aspero e cruel, [4]
Aqui com tinta e papel,
Em mi com sangue no peito. [5]
Que hum contínuo imaginar
N'aquillo que Amor ordena,
He pena, que emfim por penna
Se não póde declarar: [6]
Que se eu levo
Dentro n'alma quanto devo
De trasladar em papeis,
Vêde que melhor lereis, [7]
Se a mi, se aquillo que escrevo?

A huma Dama com quem queria andar de amores (*)

MOTE

Menina formosa e crua,
Bem sei eu
Quem deixará de ser seu,
Se vós quizereis ser sua.

VOLTAS

Menina mais que na idade,
Se para me querer bem
Vos não vejo ter vontade,
He porque outrem vol-a tem;
Tem-vol-a, e faz-vol-a crua.
Porém eu
Já tomára não ser meu, [1]
Se vós não foreis tão sua.

Nos olhos, e na feição
Vos vi, quando vos olhava,
Tanta graça, que vos dava
De graça este coração:
Não o quizestes de crua, [2]
Por ser meu: [3]
Se outrem vos dera o seu,
Póde ser foreis mais sua.

Menina, tende maneira,
Que ainda não venha a ser, [4]
Pois não quereis quem vos quer,
Que queiraes quem vos não queira.

(*) No *Ms.* Juromenha vem mais: «*Se não fora affeiçoada ao outro.*»

Olhae não me sejaes crua,
Que pois eu
Quero ser vosso, e não meu,
Sêde vós minha, e não sua.

A huma Dama que estava doente

MOTE

Da doença, em que ora ardeis,
Eu fôra vossa mézinha
Só com vós serdes a minha.

VOLTAS

He muito para notar
Cura tão bem acertada,
Que podereis ser curada
Sómente com me curar.
Se quereis, Dama, trocar,
Ambos temos a mézinha,
Eu a vossa, e vós a minha.
Olhae, que não quer Amor,
(Porque fiquemos iguaes) [1]
Pois meu ardor não curaes,
Que se cure vosso ardor.
Eu cá sinto vossa dor;
E se vós sentis a minha,
Dae e tomae a mézinha.

A outra Dama que estava tambem doente

OUTRO

Deu, Senhora, por sentença
Amor, que fosseis doente,
Pára fazerdes á gente
Doce e formosa a doença.

VOLTAS

Não sabendo Amor curar,
Foi a doença fazer
Formosa para se vêr,
Doce para se passar.
Então vendo a differença
Que ha de vós a toda a gente,
Mandou, que fosseis doente,
Para gloria da doença.
E digo-vos de verdade,
Que a saude anda invejosa,
Por vêr estar tão formosa
Em vós essa enfermidade.
Não façaes logo detença,
Senhora, em estar doente,
Porque adoecerá a gente,
Com desejos da doença.
Que eu por ter, formosa Dama,
A doença que em vós vejo,
Vos confesso, que desejo
De cahir comvosco em cama.

Se consentis, que me vença
D'este mal, não houve gente
Da saude tão contente,
Como eu serei da doença.

Estancias a outra Dama doente

Olhae que dura sentença
Foi amor dar contra mi!
Que porque em vós me perdi,
Em vós me busque a doença. [1]
Claro está,
Que em vós só me achará; [2]
Que em mi, se me vem buscar,
Não poderá mais achar,
Que a fórma do que foi já. [3]
Que se em vós Amor se pôz,
Senhora, he forçado assi,
Que o mal, que me busca a mi,
Que vos faça mal a vós.
Sem mentir,
Amor me quiz destruir
Por modo nunca cuidado.
Pois ha de ser já forçado
Pezar-vos de vos servir.
Mas sois tão desconhecida,
E são meus males de sorte,
Que vos ameaça a morte.
Porque me negaes a vida.

Se por boa
Tal justiça se pregôa;
Quando d'esta sorte fôr,
Havei vós perdão de Amor,
Que a parte já vos perdôa.
   Mas o que mais temo, emfim,
He que n'esta differença,
Que se não torne a doença,
Se me não tornaes a mim.
De verdade,
Que já vossa humanidade
De que se queixe não tem;
Pois para as almas tambem
Fez Amor enfermidade.

Variante das tres ultimas strophes, achada em um Ms. do seculo XVII pelo snr. Visconde de Juromenha

   Que se em vós estou trocado,
O mal que mal me quizer
Para me n'alma doer,
Em vós hade ser mostrado.
Nem me espanto
Que me queiraes mal, emquanto
Querer-vos menos não posso;
Pois, Senhora, ser tão vosso,
Me tem já custado tanto.
   D'outra parte, quem duvida
Ser tão alta minha sorte,
Que vos ame até á morte;
Porque me negaes a vida

Se pagaes,
N'isso a morte que me daes.
Oh não me sejaes esquiva;
Não porque eu, Senhora, viva,
Mas para que vós vivaes.
  Que tanto mais qualquer dano
Vosso, que o meu sentiria,
Quanto he maior a valia
D'alma, que do corpo humano.
De verdade,
Que já vossa humanidade
De que se aqueixe não tem;
Pois para as almas tambem
Fez amor enfermidade.
  Se a verdade dizer posso,
Estar doente convinha;
Vós não, que sois alma minha,
Eu si, que sou corpo vosso.

A huma Dama vestida de dó

MOTE

De atormentado e perdido,
Já vos não peço, senão
Que tenhaes no coração
O que tendes no vestido.

VOLTA

Se de dó vestida andaes
Por quem já vida não tem,
Porque não o haveis de quem
Vós tantas vezes mataes?

Que brado sem ser ouvido,
E, nunca vejo senão
Cruezas no coração,
E grande dó no vestido.

A Dona Guiomar de Blasfé, queimando-se com huma véla no rosto

MOTE

Amor, que todos offende,
Teve, Senhora, por gôsto,
Que sentisse o vosso rosto
O que nas almas accende.

VOLTA

Aquelle rosto que traz
O mundo todo abrazado,
Se foi da flamma tocado,
Foi porque sinta o que faz.
Bem sei que Amor se vos rende; [1]
Porém o seu presupposto
Foi sentir o vosso rosto
O que nas almas accende.

A huma mulher, que foi açoutada por hum homem, que chamavam João Coresma, na India

MOTE

Não estejaes aggravada,
Senão se fôr de vós mesma;
Porque a mulher, que he errada,
Com razão pela Quaresma
Deve ser disciplinada.

VOLTAS

Quererdes profano amor
Em Quaresma, he consciencia:
Açoutes e penitencia
Vos está muito melhor.
Não fiqueis d'isto affrontada,
Pois a culpa é vossa mesma;
Que mulher, que he tão malvada,
He bem que pela Quaresma
Seja bem disciplinada. [1]

Se a peniteneia vos val,
Mui bem açoutada estaes;
Pois por Quaresma pagaes
Vossos vicios do carnal.
Não torneis a ser errada,
Nem condemneis a vós mesma,
Pois estaes já emendada;
E não sereis por Quaresma
Outra vez disciplinada.

Esparsa a hum fidalgo, na India, que lhe tardava com huma camisa galante, que lhe prometteu

Quem no mundo quizer ser
Havido por singular,
Para mais se engrandecer,
Ha de trazer sempre o dar
Nas ancas do prometter.
E já que vossa mercê,
Largueza tem por divisa,
Como o mundo todo vê,
Ha mister que tanto dê,
Que venha a dar a camisa.

A huma Dama, que lhe chamou diabo, por nome Foãa dos Anjos

MOTE

Senhora, pois me chamaes
Tão sem razão tão máo nome,
Inda o diabo vos tome.

VOLTAS

Quem quer que viu ou que leu,
Terá por novo e moderno,
Ter quem vive no inferno
O pensamento no céo.
Mas se a vós vos pareceu,
Que me estava bem tal nome,
Esse diabo vos tome.

Perdido mais que ninguem
Confesso, Senhora, ser;
Mas o diabo não quer
Aos Anjos tamanho bem.
Pois logo não me convem,
Ou se me convem tal nome,
Será para que vos tome.
Se vos benzeis com cautella,
Como de Anjo, e não de luz,
Mal póde fugir da Cruz,
Quem vós tendes posto n'ella.
Mas já que foi minha estrella
Ser diabo, e ter tal nome,
Guardae-vos, que vos não tome.
Já que chegaes tanto ao cabo,
Com as mãos postas aos céos
Vou sempre pedindo a Deos,
Que vos leve este diabo.
Eu, Senhora, não me gabo:
Mas pois que me daes tal nome,
Tomo-o, para que vos tome.

MOTE

Catharina bem promette;
Ora má! como ella mente! [1]

VOLTAS

Catharina he mais formosa
Para mi, que a luz do dia;
Mas mais formosa seria,
Se não fosse mentirosa.
Hoje a vejo piedosa,
Ámanhã tão differente,
Que sempre cuido que mente.
Prometteu-me hontem de vir,
Nunca mais appareceu;
Creio que não prometteu,
Senão só por me mentir.
Faz-me, emfim, chorar e rir;
Rio, quando me promette,
Mas chóro quando me mente.
Jurou-me aquella cadella
De vir, pela alma que tinha;
Enganou-me; tinha a minha, [2]
Deu-lhe pouco de perdel-a.
A vida gasto apoz ella,
Porque m'a dá, se promette,
Mas tira-m'a, quando mente.

Má, mentirosa, malvada,
Dizei, porque me mentis? [3]
Prometteis, e então fugis!
Pois sem tornar, tudo he nada.
Não sois bem aconselhada;
Que quem promette, se mente,
O que perde não o sente. [4]
Tudo vos consentiria
Quanto quizesseis fazer,
Se este vosso prometter [5]
Fosse por me ter hum dia.
Todo então me desfaria
Com gôsto, e vós de contente, [6]
Zombarieis de quem mente.
Mas pois folgaes de mentir,
Promettendo de me ver,
Eu vos deixo o prometter,
Deixae-me vós o servir: [7]
Haveis então de sentir
Quanto a minha vida sente
O servir a quem lhe mente. [8] e [10]
Catharina me mentiu
Muitas vezes, sem ter lei,
E todas lhe perdoei
Por uma só que cumpriu.
Se como me consentiu
Fallar-lhe, o mais me consente, [9]
Nunca mais direi que mente.

Labyrintho do Auctor, queixando-se do mundo

Corre sem véla e sem leme
O tempo desordenado,
D'hum grande vento levado:
O que perigo não teme,
He de pouco exprimentado.
As redeas trazem na mão
Os que redeas não tiveram:
Vendo quanto mal fizeram
A cobiça e ambição,
Disfarçados se acolhêram.
A náo, que se vae perder,
Destrue mil esperanças:
Vejo o máo que vem a ter;
Vejo perigos correr
Quem não cuida que ha mudanças.
Os que nunca em sella andaram,
Na sella póstos se vêm:
De fazer mal não deixaram;
De demonio hábito tem [1]
Os que o justo profanaram.
Que poderá vir a ser
O mal nunca refreado?
Anda, por certo, enganado
Aquelle que quer valer,
Levando o caminho errado.

He para os bons confusão,
Vêr que os máos prevaleceram;
Que, posto se detiveram
Com esta simulação,
Sempre castigos tiveram:
Não porque governe o leme
Em mar envolto e turbado,
Que tem seu rumo mudado, [2]
Se perece grita e geme
Em tempo desordenado.
Terem justo galardão,
E dôr dos que mereceram,
Sempre castigos tiveram
Sem nenhuma redempção,
Postoque se detiveram.
Na tormenta, se vier,
Desespere na bonança,
Quem manhas não sabe ter:
Sem que lhe valha gemer,
Verá falsar a balança.
Os que nunca trabalharam,
Tendo o que lhe não convem,
Se ao innocente enganaram,
Perderão o eterno bem,
Se do mal não se apartaram.

A hum seu amigo, que não podia encontrar

MOTE

Qual terá culpa de nós
N'este mal, que todo he meu?
Quando vindes não vou eu,
Quando vou não vindes vós.

VOLTA

Reinando Amor em dous peitos,
Tece tantas falsidades,
Que de conformes vontades
Faz desconformes effeitos.
Igualmente vive em nós;
Mas por desconcêrto seu
Vos leva, se venho eu,
Me leva, se vindes vós.

MOTE SEU

Descalça vae pela neve:
Assi faz quem Amor serve.

VOLTAS

Os privilegios que os reis
Não pódem dar, póde Amor,
Que faz qualquer amador
Livre das humanas leis.

Mortes e guerras crueis,
Ferro, frio, fogo e neve,
Tudo soffre quem o serve.
  Moça formosa despreza
Todo o frio e toda a dôr.
Olhae quanto póde Amor
Mais que a propria natureza:
Medo, nem delicadeza
Lhe impede que passe a neve;
Assi faz quem Amor serve.
  Por mais trabalhos que leve,
A tudo se offereceria;
Passa pela neve fria,
Mais alva que a propria neve;
Com todo frio se atreve.
Vêde em que fogo ferve
O triste, que a Amor serve.

OUTRO ALHEIO

A dôr que a minha alma sente, [1]
Não na sabe toda a gente.

VOLTAS

  Que estranho caso de Amor! (*)
Que desejado tormento!
Que venho a ser avarento [2]
Das dôres de minha dôr!

(*) A primeira e terceira strophes, foram roubadas por Bernardes, nas *Rimas Varias.*

Por me não tratar peor,
Se se sabe, ou se se sente,
Não na digo a toda a gente.
   Minha dôr e causa d'ella
De ninguem ouso fiar;
Que seria aventurar
A perder-me ou a perdel-a.
E pois só com padecel-a,
A minha alma está contente,
Não quero que o saiba a gente.
   Ande no peito escondida,
Dentro n'alma sepultada;
De mi só seja chorada,
De ninguem seja sentida.
Ou me mate ou me dê vida,
Ou viva triste ou contente,
Não m'a saiba toda a gente.

OUTRO SEU

D'alma, e de quanto tiver,
Quero que me despojeis,
Com tanto, que me deixeis
Os olhos para vos ver.

VOLTA

   Cousa este corpo não tem,
Que já não tenhaes rendida:
Despois de tirar-lhe a vida,
Tirae-lhe a morte tambem.

Se mais tenho que perder,
Mais quero que me leveis,
Com tanto que me deixeis
Os olhos para vos vêr.

MOTE ALHEIO

Amores de huma casada,
Que eu vi pelo meu mal.

VOLTAS

N'huma casada fui pôr
Os olhos, de si senhores:
Cuidei que fossem amores,
Elles fizeram-se amor.
Faz-se o desejo maior
Donde o remedio não val, [1]
Em perigo de meu mal.
Não me pareceu que Amor
Pudesse tanto commigo,
Que donde entra por amigo, [2]
Se levante por senhor.
Leva-me de dôr em dôr,
E de final em final, [3]
Cada vez para mór mal.

De um Manuscripto do seculo XVII, publicada pelo snr. Visconde de Juromenha

Casada, bem vejo eu
Que sois alheia e não vossa,
Mas quem d'este mal se apossa,
Tambem he vosso e não seu;
Já que a vós Amor me deu,
Dae-me vós algum signal
De vos pezar de meu mal.

OUTRO SEU

Enforquei minha esperança;
Mas Amor foi tão madraço,
Que lhe cortou o baraço.

VOLTA

Foi a esperança julgada
Por sentença da Ventura,
Que pois me teve á pendura,
Que fosse dependurada:
Vem Cupido com a espada,
Corta-lhe cerce o baraço.
Cupido, foste madraço.

OUTRO SEU

Puz o coração nos olhos,
E os olhos puz no chão,
Por vingar o coração.

VOLTA

O coração invejoso
Como dos olhos andava,
Sempre remoques me dava
Que não era o meu mimoso:
Venho eu de piedoso
Do senhor meu coração,
E boto os olhos no chão.

OUTRO SEU

Puz meus olhos n'huma funda,
E fiz hum tiro com ella
Ás grades d'huma janella.

VOLTA

Huma Dama, de malvada,
Tomou seus olhos na mão;
E tirou-me huma pedrada
Com elles ao coração.
Armei minha funda então,
E puz os meus olhos n'ella,
Trape, quebrei-lhe a janella. [1]

Endechas a uma cativa com quem andava de amores na India, chamada Barbora

Aquella cativa,
Que me tem captivo,
Porque n'ella vivo,
Já não quer que viva.
Eu nunca vi rosa
Em suaves mólhos,
Que para meus olhos
Fosse mais formosa.
Nem no campo flores,
Nem no céo estrellas,
Me parecem bellas,
Como os meus amores.
Rosto singular,
Olhos socegados,
Pretos e cansados,
Mas não de matar.
Huma graça viva,
Que n'elles lhe móra,
Para ser senhora
De quem he captiva.
Pretos os cabellos,
Onde o povo vão
Perde opinião,
Que os louros são bellos.

Pretidão de Amor,
Tão doce a figura,
Que a neve lhe jura
Que trocára a côr.
Leda mansidão,
Que o siso acompanha,
Bem parece estranha,
Mas barbara não.
Presença serena,
Que a tormenta amansa:
N'ella emfim descansa
Toda minha pena.
Esta he a captiva,
Que me tem captivo;
E pois n'ella vivo,
He fôrça que viva.

Chiste

MOTE

Quem ora soubesse
Onde o Amor nasce,
Que o semeasse!

VOLTAS

D'Amor e seus danos
Me fiz lavrador;
Semeava amor,

E colhia enganos;
Não vi, em meus annos,
Homem que apanhasse
O que semeasse.
  Vi terra florida
De lindos abrolhos,
Lindos para os olhos,
Duros para a vida.
Mas a rez perdida,
Que tal herva pasce,
Em forte hora nasce.
  Com quanto perdi,
Trabalhava em vão:
Se semeei grão,
Grande dôr colhi.
Amor nunca vi
Que muito durasse,
Que não magoasse.

ALHEIO

Se me levam aguas,
Nos olhos as levo.

VOLTAS

Se de saudade
Morrerei ou não,
Meus olhos dirão
De mi a verdade.

Por elles me atrevo
A lançar ás aguas, [1]
Que mostrem as magoas
Que n'esta alma levo.
As aguas, que em vão
Me fazem chorar,
Se ellas são do mar,
Estas de amar são. [2]
Por ellas relévo
Todas minhas mágoas;
Que se fôrça d'ágoas
Me leva, eu as levo. [3]
Todas me entristecem,
Todas são salgadas;
Porém as choradas
Doces me parecem.
Correi, doces agoas,
Que se em vós m'enlévo,
Não doem as mágoas,
Que no peito levo.

ALHEIO

Menina dos olhos verdes,
Porque me não vêdes?

VOLTAS

Elles verdes são,
E têm por usança
Na côr esperança,
E nas obras não.
Vossa condição
Não he d'olhos verdes,
Porque me não vêdes.
Isenções a mólhos
Que elles dizem terdes,
Não são de olhos verdes,
Nem de verdes olhos.
Sirvo de giolhos,
E vós não me crêdes,
Porque me não vêdes.
Haviam de ser,
Porque possa vêl-os,
Que huns olhos tão bellos
Não se hão de esconder;
Mas fazeis-me crêr,
Que já não são verdes,
Porque me não vêdes.

Verdes não o são,
No que alcanço d'elles;
Verdes são aquelles
Que esperança dão;
Se na condição
Está serem verdes,
Porque me não vêdes?

ALHEIO

Trocae o cuidado.
Senhora, commigo;
Vereis o perigo,
Que he ser desamado.

VOLTAS

Se trocar desejo
O Amor entre nós,
He para que em vós
Vejaes o que vejo.
E sendo trocado
Este amor commigo,
Ser-vos-ha castigo
Terdes meu cuidado.
Tendes o sentido
D'Amor livre e isento,
E cuidaes que he vento
Ser tão mal querido.

Não seja o cuidado
Tão vosso inimigo,
Que queira o perigo [1]
De ser desamado.
Mas nunca foi tal
Este meu querer,
Que a quem tanto quer,
Queira tanto mal.
Seja eu maltratado,
E nunca o castigo
Vos mostre o perigo,
Que he ser desamado.

Á TENÇÃO DE MIRAGUARDA

Vêr, e mais guardar
De vêr outro dia,
Quem o acabaria?

VOLTAS

Da lindeza vossa, [1]
Dama, quem a vê,
Impossivel he
Que guardar-se possa.
Se faz tanta móssa
Vêr-vos hum só dia,
Quem se guardaria?

Melhor deve ser
N'este aventurar
Vêr, e não guardar,
Que guardar e vêr.
Vêr e defender,
Muito bom seria,
Mas quem poderia?

ALHEIO

De pequena tomei amor, (*)
Porque o não entendi;
Agora que o conheci,
Mata-me com desfavor.

VOLTAS

Vi-o moço e pequenino,
E a mesma idade ensina
Que se incline huma menina
A's amostras de um menino:
Ouvi-lhe chamar Amor,
Pelo nome me venci;
Nunca tal engano vi,
Nem tamanho desamor.

(*) Mote já citado por Gil Vicente na *Rubena*.

Cresceu-me de dia em dia
Com a idade a affeição,
Porque amor de creação,
N'alma, e na vida se cria.
Creou-se em mi este Amor,
E senhoreou-se de mi:
Agora que o conheci,
Mata-me com desfavor.
As flôres me torna abrolhos,
A morte me determina
Quem eu trouxe de menina
Nas meninas dos meus olhos.
D'esta mágoa e d'esta dôr
Tenho sabido que emfim [1]
Por amor me perco a mim
Por quem de mi perde amor.
Parece ser caso estranho
O que Amor em mi ordena,
Que em idade tão pequena
Haja tormento tamanho.
Sejam milagres de Amor,
Hei-os de soffrer assi,
Até que haja dó de mi
Quem entender esta dôr.

CANTIGA VELHA

Apartaram-se os meus olhos
De mi tão longe.
Falsos amores,
Falsos, máos, enganadores.

VOLTAS

Trataram-me com cautella,
Por me enganar mais asinha;
Dei-lhe pósse d'alma minha,
Foram-me fugir com ella.
Não ha vêl-os, nem ha vêl-a,
De mi tão longe.
Falsos amores,
Falsos, máos, enganadores! [1]

Entreguei-lhe a liberdade,
E, emfim, da vida o melhor;
Foram-se; e do desamor
Fizeram necessidade.
Quem teve a sua vontade
De si tão longe?
Falsos amores,
E oxalá enganadores!

Não se pôz terra nem mar
Entre vós, que fora em vão,
Pôz-se vossa condição
Que tão doce ha de passar,

Por ella vos quiz levar
De mim tão longe,
Falsos amores
E oxalá enganadores. (*)

OUTRA

Falso Cavalleiro, ingrato,
Enganaes-me;
Vós dizeis que eu vos mato,
E vós mataes-me.

VOLTAS

Costumadas artes são
Para enganar innocencias,
Piedosas apparencias
Sobre isento coração. [1]
Eu vos amo, e vós ingrato
Magoaes-me,
Dizendo que eu vos mato,
E vós mataes-me.
Vêde agora qual de nós
Anda mais perto do fim,
Que a justiça faz-se em mim,
E o pregão diz que sois vós.

(*) Esta estrophe só se acha na edição das Rimas de 1595.

Quando mais verdade trato
Levantaes-me
Que vos desamo e vos mato,
E vós mataes-me.

PROPRIO

Se de meu mal me contento,
He porque para vós vejo
Em todo o mundo desejo,
E em ninguem merecimento.

VOLTA

Para quem vos soube olhar
Tão impossivel foi ser
O poder-vos merecer,
Como o não vos desejar.
Pois logo a meu pensamento
Nenhum remedio lhe vejo,
Senão se der o desejo
Azas ao merecimento.

ALHEIO

Vós, Senhora, tudo tendes,
Senão que tendes os olhos verdes.

VOLTAS

Dotou em vós natureza
O summo da perfeição;
Que o que em vós he senão,
He em outras gentileza:
O verde não se despreza,
Que, agora que vós os tendes,
São bellos os olhos verdes.
Ouro e azul he a melhor
Côr, porque a gente se perde:
Mas a graça d'esse verde
Tira a graça a toda côr.
Fica agora sendo a flôr
A côr, que nos olhos tendes,
Porque são vossos e verdes.

ALHEIO

Para que me dan tormento,
Aprovechando tan poco?
Perdido, mas no tan loco,
Que descubra lo que siento.

VOLTAS

Tiempo perdido es aquel
Que se passa en darme afan,
Pues cuanto más me lo dan,
Tanto menos siento dél.
Que descubra lo que siento?
No lo haré, que no es tan poco;
Que no puede ser tan loco
Quien tiene tal pensamiento.

Sepan que me manda Amor,
Que de tan dulce querella,
A nadie dé parte della,
Porque la sienta mayor.
Es tan dulce mi tormento,
Que aun se me antoja poco;
Y si es mucho, quedo loco
De gusto de lo que siento.

ALHEIO

De vuestros ojos centellas,
Que encienden pechos de hielo,
Suben por el aire al cielo,
Y en llegando son estrellas.

VOLTAS

Falsos loores os dan,
Que essas centellas tan raras
No son nel cielo mas claras
Que en los ojos donde estan.
Porque cuando miro en ellas
Lo como alumbran al suelo, [1]
No sé que seran nel cielo;
Mas sé que acá son estrellas.
Ni se puede presumir
Que al cielo suban, Señora;
Que la lumbre que en vós mora,
No tiene más que subir;
Mas pienso que dan querellas
Á Dios nel octavo cielo,
Porque son acá en el suelo
Dos tan hermosas estrellas.

ALHEIO

De dentro tengo mi mal,
Que de fuera no hay señal.

VOLTA

Mi nueva y dulce querella
Es invisible á la gente;
El alma sola la siente,
Que el cuerpo no es dino della.
Como la viva centella
Se encubre en el pedernal,
De dentro tengo mi mal.

ALHEIO

Amor loco, amor loco,
Yo por vós, y vós por otro.

VOLTAS

Dióme Amor tormentos dós,
Para que pene doblado;
Uno es verme desamado,
Otro es mancilla de vós.
Ved que ordena Amor en nós!
Porque vós haceisme loco,
Que seais loca por otro.

Tratais Amor de manera,
Que porque asi me trataes,
Quiere que, pues no me amaes,
Que ameis otro que no os quiera.
Mas con todo, si no os viera
De todo loca por otro,
Con mas razon fuera loco.
Y tan contrario viviendo,
Alfin, alfin, conformamos;
Pues ambos a dós buscamos
Lo que mas nos vá huyendo.
Voy tras vos siempre siguiendo,
Y vós huyendo por otro:
Andaes loca, y me haceis loco.

Chiste

MOTE

Irme quiero, madre,
Á aquella galera,
Con el marinero
Á ser marinera.

VOLTAS

Madre, si me fuere,
Do quiera que vó,
No lo quiero yo,
Que el Amor lo quiere.

Aquel niño fiero,
Hace que me muera
Por un marinero
Á ser marinera.
  El que todo puede,
Madre, no podrá,
Pues el alma vá,
Que el cuerpo se quede.
Con él por que muero [1]
Voy, porque no muera:
Que si es marinero,
Seré marinera.
  Es tirana ley
Del niño Señor,
Que por un amor
Se deseche un Rey.
Pues d'esta manera
Quiero irme, quiero
Por un marinero
Á ser marinera.
  Decid, ondas, cuando
Vistes vos doncella,
Siendo tierna y bella,
Andar navegando?
Mas qué no se espera
Daquel niño fiero?
Vea yo quien quiero,
Sea marinera.

MOTE

Saudade minha,
Quando vos veria?

VOLTAS

Este tempo vão,
Esta vida escassa,
Para todos passa,
Só para mi não.
Os dias se vão
Sem vêr este dia,
Quando vos veria.
Vêde esta mudança
Se está bem perdida,
Em tão curta vida
Tão longa esperança.
Se este bem se alcança,
Tudo soffreria,
Quando vos veria.
Saudosa dor,
Eu bem vos entendo;
Mas não me defendo,
Porque offendo Amor.
Se fosseis maior,
Em maior valia
Vos estimaria.
Minha saudade,
Caro penhor meu,
A quem direi eu

Tamanha verdade?
Na minha vontade
De noite e de dia
Sempre vos teria.

MOTE

Vida da minha alma,
Não vos possò ver:
Isto não he vida
Para se soffrer.

VOLTAS

Quando vos eu via,
Esse bem lograva,
A vida estimava,
Pois então vivia;
Porque vos servia
Só para vos ver.
Já que vos não vejo
Para que he viver?
Vivo sem razão,
Porque em minha dôr
Não a poz Amor,
Que inimigos são.
Mui grande traição

Me obriga a fazer
Que viva, Senhora,
Sem vos poder vêr.

ALHEIO

Todo es poco lo posible.

GLOSA

Ved que engaño señores
Nuestro juicio tan loco,
Que por mucho que se crea,
Todo el bien, que se desea,
Alcanzado, queda poco.
Un bien de cualquiera grado,
Si de haberse es imposible,
Queda mucho deseado;
Mas para mucho, alcanzado,
Todo es poco lo posible.

OUTRA

Posible es á mi cuidado
Poderme hacer satisfecho,
Si fuera posible al hado
Hacer no hecho lo hecho,
Y futuro lo pasado.

Si olvido pudiera haber,
Fuera remedio sufrible;
Mas ya que no puede ser,
Para contento me hacer,
Todo es poco lo posible.

ALHEIO

Vêde bem se nos meus dias
Os desgostos vi sobejos,
Pois tenho medo a desejos,
E quero mal a alegrias.

VOLTA

Se desejos fui já ter,
Serviram de atormentar-me;
Se algum bem póde alegrar-me,
Quiz-me antes entristecer.
Passei annos, passei dias
Em desgostos tão sobejos,
Que só por não ter desejos,
Perderei mil alegrias.

PROPRIO

Pois he mais vosso que meu,
Senhora, meu coração,
Eu vosso captivo sam,
Meus olhos, lembre-vos eu.

VOLTA

Lembre-vos minha tristeza,
Que jámais nunca me deixa;
Lembre-vos com quanta queixa
Se queixa minha firmeza:
Lembre-vos que não he meu
Este triste coração;
E pois ha tanta razão,
Meus olhos, lembre-vos eu.

OUTRO

Senhora, pois minha vida
Tendes em vosso poder;
Por serdes d'ella servida,
Não queiraes que destruida
Possa ser.

VOLTA

Isto não por me pezar
De morrer, se vós quizerdes;
Que melhor me he acabar

Mil vezes, que supportar
Os males que me fizerdes;
Mas só por serdes servida
De mi, em quanto viver,
Vos peço que minha vida
Não queiraes que destruida
Possa ser.

OUTRO

Pois damno me faz olhar-vos, [1]
Não quero, por não perder-vos,
Que ninguem me veja vêr-vos.

VOLTAS

De vêr-vos a não vos vêr
Ha dous extremos mortaes,
E são elles em si taes,
Que hum por hum me faz morrer;
Mas antes quero escolher,
Que possa viver sem vêr-vos,
Minh'alma, por não perder-vos.
D'este tamanho perigo
Que remedio posso ter,
Se vivo só com vos vêr,
Se vos não vejo, perígo?
Mas quero acabar commigo,
Que ninguem me veja vêr-vos,
Senhora, por não perder-vos.

A tres Damas, que lhe diziam que o amavam

MOTE

Não sei se me engana Helena,
Se Maria, se Joanna;
Não sei qual d'ellas me engana.

VOLTAS

Huma diz que me quer bem,
Outra jura que m'o quer;
Mas em jura de mulher
Quem crerá, se ellas não crêm?
Não posso não crêr a Helena,
A Maria, nem Joanna;
Mas não sei qual mais me engana.
Huma faz-me juramentos
Que só meu amor estima,
A outra diz que se fina,
Joanna, que bebe os ventos.
Se cuido que mente Helena,
Tambem mentirá Joanna;
Mas quem mente não me engana.

A huma Dama mal empregada

MOTE

Menina, não sei dizer,
Vendo-vos tão acabada,
Quão triste estou por vos vêr
Formosa e mal empregada.

VOLTAS

Quem tão mal vos empregou,
Pouco de mi se dohia,
Pois não viu o quanto me hia
Em tirar-me o que tirou.
Obriga o primor que tem
Lindeza tão extremada.
Que digam quantos a vêm:
Formosa e mal empregada!
Tomastes da formosura
Quanto d'ella desejastes,
E com ella me guardastes
Para tão triste ventura.
Mataveis sendo solteira,
Mataes agora em casada;
Mataes de toda a maneira,
Formosa e mal empregada.

A huma Foãa Gonçalves

MOTE

Com vossos olhos, Gonçalves,
Senhora, captivo tendes
Este meu coração Mendes.

VOLTA

Eu sou boa testimunha,
Que Amor tem por cousa má,
Que olhos, que são homens já,
Se nomeiem sem alcunha;
Pois o coração apunha,
E diz, olhos, pois vós tendes,
Chamae-me coração Mendes.

OUTRO

De que me serve fugir
De morte, dôr e perigo,
Se me eu levo commigo?

VOLTAS

Tenho-me persuadido,
Por razão conveniente,
Que não posso ser contente,
Pois que pude ser nascido.

Anda sempre tão unido
O meu tormento commigo,
Que eu mesmo sou meu perigo.
  E se de mi me livrasse,
Nenhum gôsto me sería:
Quem, senão eu, não teria
Mal, que esse bem me tirasse?
Força he logo que assi passe,
Ou com desgôsto commigo,
Ou sem gôsto e sem perigo.

Disparates seus na India

  Este mundo es el camino
Adó hay ducientos váos,
Ou por onde bons e máos,
Todos somos del merino.
Mas os máos são de teor,
Que desque mudam a côr,
Chamam logo a el-rei compadre;
E emfim, dejadlos, mi madre,
Que sempre tem hum sabor
De *quem torto nasce, tarde s'endireita.*
  Deixae a hum que se abone;
Diz logo de muito sengo:
Villas y castillos tengo,
Todos á mi mandar sone.
Então eu, qu'estou de môlho,
Com a lagrima no ôlho,

Polo virar do envés,
Digo-lhe: *tu ex illis es,*
E por isso não te ólho;
Pois *honra e proveito não cabem n'hum saco.*
  Vereis huns, que no seu seio
Cuidam que trazem París,
E querem com dous ceitís,
Fender anca pelo meio.
Vereis mancebindo de arte,
Com espada de talabarte:
Não ha mais Italiano.
A este direis: Meu mano,
Vós sois galante que farte;
Mas pan y vino anda el camino, que no mozo garrido.
  Outros em cada theatro,
Por officio lhe ouvirês:
Que se matarán con tres,
Y lo mismo haran con cuatro.
Prezam-se de dar respostas,
Com palavras bem compostas;
Mas se lhe metēis a mão,
Na paz mostram coração,
Na guerra mostram as costas;
Porque *aqui torce a porca o rabo.*
  Outros vejo por ahi,
A que se acha mal o fundo,
Que andam emendando o mundo,
E não se emendam a si.
Estes respondem a quem
D'elles não entende bem

El dolor que está secreto;
Mas porém quem fôr discreto,
Responder-lhe-ha muito bem:
Assi entrou o mundo, assi hade sahir.
  Achareis rafeiro velho,
Que se quer vender por galgo:
Diz que o dinheiro he fidalgo,
Que o sangue todo he vermelho.
Se elle mais alto o dissera,
Este pelote puzera:
Que o seu ecco lhe responda;
Que *su padre era de Ronda,*
Y su madre de Antequera.
E quer *cobrir o céo co'huma joeira.*
  Fraldas largas, grave aspeito,
Para Senador Romano.
Oh que grãndissimo engano!
Que Mômo lhe abrisse o peito!
Consciencia, que sobeja,
Siso, com que o mundo reja,
Mansidão outro que si;
Mas que *lobo* está em ti,
Metido em pelle de oveja!
E sabem-n'o poucos.
  Guardae-vos de huns meus Senhores,
Que ainda compram e vendem;
Huns, qu'he certo, que descendem
Da geração de pastores:
Mostram-se-vos bons amigos;
Mas se vos vêm em perigos,

Escarram-vos nas paredes;
Que de fóra dormiredes,
Irmão, que he tempo de figos;
Porque *de rabo de porco nunca bom virote.*
Que direis d'huns, que as entranhas
Lh'estão ardendo em cobiça,
E se tem mando, a justiça
Fazem de teas de aranhas?
Com suas hypocrisias,
Que são de vossas espias:
Para os pequenos huns Neros,
Para os grandes tudo feros.
Pois tu, parvo, não sabias,
Que lá vão leis, onde querem cruzados? (*)
Mas tornando a huns enfadonhos,
Cujas cousas são notorias;
Huns, que contam mil historias
Mais desmanchadas que sonhos;
Huns mais parvos que zambôas,
Que estudam palavras boas,
A que ignorancia os atiça:
Estes paguem por justiça,
Que têm morto mil pessoas,
Por vida de quanto quero.
Adonde tienen las mentes
Huns secretos trovadores,
Que fazem cartas d'amores,
De que ficam mui contentes?

(*) Aqui termina a lição de 1595; as restantes são da edição de 1598.

Não querem sahir á praça;
Trazem trova por negaça;
E se lh'a gabaes, que he boa,
Diz que he de certa pessoa.
Ora que quereis que faça,
Senão ir-me por esse mundo?
  Ó tu, como me atarracas,
Escudeiro de Solia,
Com bocaes de fidalguia,
Trazido quasi com vacas;
Importuno a importunar,
Morto por desenterrar
Parentes, que cheiram já!
Voto a tal, que me fará
Hum d'estes nunca fallar
Mais com viva alma.
  Huns, que fallam muito, vi,
De que quizera fugir;
Huns que, emfim, sem se sentir,
Andam fallando entre si;
Porfiosos sem-razão;
E desque tomam a mão,
Fallam sem necessidade;
E se algum'hora he verdade,
Deve ser na confissão;
Porque *quem não mente*... Já m'entendeis.
  Oh vós, quem quer que me lêdes,
Que haveis de ser avisado,
Que dizeis ao namorado
Que caça vento com redes?

Jura por vida da Dama;
Falla comsigo na cama;
Passêa de noite e escarra;
Por falsete na guitarra
Põe sempre: Viva que ama...
Porque calça a seu proposito.
Mas deixemos, se quizerdes,
Por hum pouco as travessuras,
Porque entre quatro maduras
Levéis tambem cinco verdes.
Deitemos-nos mais ao mar;
E se algum se arrecear,
Passe tres ou quatro trovas.
E vós tomaes côres novas?
Mas não he para espantar;
Que, *quem porcos ha menos,*
Em cada mouta lhe roncam.
Ó vós, que sois Secretarios
Das consciencias reaes,
E que entre os homens estaes
Por Senhores ordinarios;
Porque não pondes hum freio
Ao roubar, que vai sem meio,
Debaixo de bom governo?
Pois hum pedaço de inferno
Por pouco dinheiro alheio
Se vende a Mouro e a Judeu.
Porque a mente, affeiçoada
Sempre á Real dignidade,
Vos faz julgar por bondade

A malicia desculpada.
Move a presença real
Huma affeição natural,
Que logo inclina ao Juiz
A seu favor: e não diz
Hum rifão muito geral,
Que *o Abbade d'onde canta, d'ahi janta?*
E vós bailaes a esse som:
Por isso, gentís pastores,
Vos chama a vós mercadores
Hum que só foi pastor bom.

A huma Dama, que jurava pelos seus olhos

Quando me quer enganar
A minha bella perjura,
Para mais me confirmar
O que quer certificar,
Polos seus olhos me jura.
Como meu contentamento
Todo se rege por elles,
Imagina o pensamento,
Que se faz aggravo a elles
Não crêr tão grão juramento.
Porém, como em casos taes
Ando já visto e corrente,
Sem outros certos sinais,
Quanto me ella jura mais,
Tanto mais cuido que mente.

Então vendo-lhe offender
Huns taes olhos como aquelles,
Deixo-me antes tudo crêr,
Só pola não constranger
A jurar falso por elles.

ALHEIO

Vós teneis mi corazon.

GLOSA

Mi corazon me han robado;
Y Amor viendo mis enojos,
Me dijo: Fuéte llevado
Por los mas hermosos ojos,
Que desque vivo he mirado.
Gracias sobrenaturales
Te lo tienen en prision,
Y si Amor tiene razon,
Señora, por las señales,
Vos teneis mi corazon.

MOTE

Coifa de beirame
Namorou Joanne

VOLTAS

Por cousa tão pouca
Andas namorado?
Amas o toucado,
E não quem o touca?
Ando cega e louca
Por ti, meu Joanne,
Tu pelo beirame.
Amas o vestido?
És falso amador.
Tu não vês que Amor
Se pinta despido?
Cego e mui perdido [1]
Andas por beirame,
E eu por ti, Joanne.
Se alguem te vir,
Que dirá de ti?
Que deixas a mim
Por cousa tão vil!
Terá bem que rir,
Pois amas beirame,
E a mim não, Joanne.

Quem ama assi
Pode ser amada,
Ando maltratada
De amores por ti;
Ama-me a mi,
E deixa o beirame
Que he razão Joanne.
A todos encanta
Tua parvoice;
De tua doudice
Gonçalo s'espanta,
E zombando canta:
Coifa de beirame,
Namorou Joanne.
Eu não sei que viste
N'este meu toucado,
Que tão namorado
D'elle te sentiste.
Não te veja triste;
Ama-me, Joanne,
E deixa o beirame.
Joanne gemia,
Maria chorava,
E assi lamentava
O mal que sentia:
(Os olhos feria,
E não o beirame,
Que matou Joanne).
Não sei do que vem
Amares vestido;

Que o mesmo Cupido
Vestido não tem.
Sabes de que vem
Amares beirame?
Vem de ser Joanne.

MOTE ALHEIO

Ha hum bem, que chega e foge;
E chama-se este bem tal,
Ter bem para sentir mal.

VOLTA

Quem viveu sempre n'hum ser,
Inda que seja em pobreza,
Não viu o bem da riqueza,
Nem o mal de empobrecer:
Não ganhou para perder;
Mas ganhou com vida igual
Não ter bem, nem sentir mal.

A huma Dama, que lhe virou o rosto

MOTE

Olhos, não vos mereci
Que tenhaes tal condição,
Tão liberaes para o chão,
Tão irosos para mi.

VOLTA

Baixos e honestos andaes,
Por vos negardes a quem
Não quer mais que aquelle bem,
Que vós no chão espalhaes?
Se pouco vos mereci,
Não m'estimeis mais que o chão.
A quem vós o galardão
Daes, e m'o negaes a mi.

Sentenças do Auctor por fim do Livro

Vai o bem fugindo,
Cresce o mal co'os annos,
Vão-se descubrindo
Co'o tempo os enganos.
Amor e alegria
Menos tempo dura.
Triste de quem fia
Nos bens da ventura!

Bem sem fundamento
Tem certa a mudança,
Certo o sentimento
Na dôr da lembrança.
Quem vive contente,
Viva receoso:
Mal que se não sente,
He mais perigoso.
Quem males sentiu,
Saiba já temer;
E pelo que viu
Julgue o qu'ha de ser.
Alegre vivia,
Triste vivo agora;
Chora a alma de dia,
E de noite chora.
Confesso os enganos
De meu pensamento:
Bem de tantos annos
Foi-se n'hum momento.
Meus olhos, que vistes?
Pois vos atrevestes,
Chorae, olhos tristes,
O bem que perdestes.
A luz do sol pura
Só a vós se negue;
Seja noite escura,
Nunca a manhã chegue.
O campo floreça,
Murmurem as ágoas,

Tudo me entristeça,
Cresçam minhas mágoas.
  Quizera mostrar
O mal que padeço;
Não lhe dá logar
Quem lhe deu começo.
  Em tristes cuidados
Passo a triste vida;
Cuidados cansados,
Vida aborrecida.
  Nunca pude crêr
O que agora creio:
Cegou-me o prazer
Do mal que me veiu.
  Ah ventura minha,
Como me negaste!
Hum só bem que tinha,
Porque m'o roubaste?
  Triste fantasia
Quanta cousa guarda!
Quem já visse o dia,
Que tanto lhe tarda.
  N'esta vida cega
Nada permanece;
O que inda não chega,
Já desapparece.
  Qualquer esperança
Foge como o vento:
Tudo faz mudança,
Salvo meu tormento.

Amor cego e triste
Quem o tem padece:
Mal quem lhe resiste!
Mal quem lhe obedece!
No meu mal esquivo,
Sei como Amor trata:
E pois n'elle vivo,
Nenhum amor mata. [1]

REDONDILHAS

RECOLHIDAS POR ESTEVAM LOPES, NA EDIÇÃO DAS RIMAS DE 1598

A huma Dama que lhe deu huma penna

Se n'alma e no pensamento
Por vosso me manifesto,
Não me peza do que sento;
Que se não soffrer tormento,
Faço offensa a vosso gesto.
E, pois quanto Amor ordena,
E quanto est'alma deseja,
Tudo á morte me condena,
Não quero senão que seja
Tudo pena, pena, pena.

A huma Dama que lhe chamou — Cara sem olhos

Sem olhos vi o mal claro,
Que dos olhos se seguiu:
Pois cara sem olhos viu
Olhos, que lhe custam caro.
D'olhos não faço menção,
Pois quereis que olhos não sejam;
Vendo-vos, olhos sobejam,
Não vos vendo, olhos não são.

PROPRIO

Venceu-me Amor, não o nego; [1]
Tem mais fôrça qu'eu assaz;
Que como he cego e rapaz,
Dá-me porrada de cego.

VOLTA

Só porque he rapaz ruim, [2]
Dei-lhe um bofete zombando.
Diz-me: Ó máo, estaes-me dando,
Porque sois maior que mim?
Pois se eu vos descarrégo,
E em dizendo isto, chaz;
Torna-me outra; tá rapaz, [3]
Que dás porrada de cego.

Ao desconcerto do mundo

Os bons vi sempre passar
No mundo graves tormentos;
E para mais m'espantar,
Os *máos* vi sempre nadar
Em mar de contentamentos.
Cuidando alcançar assi [1]
O bem tão mal ordenado,
Fui máo; mas fui castigado.
Assi, que só para mi
Anda o mundo concertado.

A huma Dama, perguntando-lhe quem o matava

MOTE

Perguntaes-me, quem me mata?
Não quero responder nada,
Por vos não fazer culpada.

VOLTA

E se a penna não me atiça,
A dizer pena tão forte,
Quero-me entregar á morte,
Antes que a vós á justiça.
Porém se tendes cobiça
De vos vêrdes tão culpada,
Direi que não sinto nada.

MOTE

Esconjurò-te, Domingas.
Pois me dás tanto cuidado,
Que me digas se te vingas,
Viverei menos penado.

VOLTAS

Juravas-me, que outras cabras
Folgavas de apascentar;
Eu por não me magoar,
Fingia que eram palabras. [1]
Agora d'arte te vingas
De algum meu doudo peccado,
Que inda que queiras, Domingas, [2]
Não posso ser enganado.
Qualquer cousa busca o seu;
A fonte vae para o Tejo,
E tu para o teu desejo,
Por te vingares do meu.
De mi te esqueces, Domingas,
Como eu faço do meu gado:
Praza a Deos, que se te vingas,
Que morra desesperado. [3]
Na phantasia te pinto,
Fallo-te, responde o monte.
Busco o rio, busco a fonte,
Endoudeço, e não o sinto:

Domingas no valle brado,
Responde o ecco Domingas;
E tu inda te não vingas
De me vêr doudo tornado!

ALHEIO

Se a alma vêr-se não póde [1]
Onde pensamentos ferem,
Que farei para me crêrem?

VOLTAS

Se n'alma huma só ferida
Faz na vida mil sinaes,
Tanto se descobre mais,
Quanto he mais escondida.
Se esta dôr tão conhecida
Me não vem, porque não querem,
Que farei para m'a crêrem?
Se se pudesse bem vêr
Quanto callo, e quanto sento,
Depois de tanto tormento
Cuidaria alegre ser.
Mas se não me querem crêr
Olhos, que tão mal me ferem,
Que farei para me crêrem?

ALHEIO

Vosso bem querer, Senhora,
Vosso mal melhor me fôra.

VOLTAS

Já agora certo conheço
Ser melhor todo tormento, [1]
Onde o arrependimento
Se compra por justo preço.
Enganou-me hum bom comêço;
Mas o fim me diz agora
Que o mal melhor me fôra.

Quando hum bem he tão damnoso,
Que sendo bem, dá cuidado,
O damno fica obrigado
A ser menos perigoso.
Mas se a mi por desditoso,
Co'o bem me foi mal, Senhora,
Co'o vosso mal bem me fôra.

ALHEIO

Se me d'esta terra fôr,
Eu vos levarei, amor.

VOLTAS

Se me fôr, e vos deixar,
(Ponho por caso, que possa)
Est'alma minha, que he vossa,
Comvosco me ha de ficar.
Assi que só por levar
A minha alma, se me for,
Vos levarei, meu amor.
Que mal póde maltratar-me,
Que comvosco seja mal?
Ou que bem póde ser tal,
Que sem vós possa alegrar-me?
O mal não póde enojar-me,
O bem me será maior,
Se vos levar, meu amor.

ALHEIO

Pequenos contentamentos,
Hi buscar quem contenteis,
Que a mi não me conheceis.

VOLTAS

Os gostos, que tantas dores
Fizeram já valer menos,
Não os acceita pequenos,
Quem nunca teve maiores:
Bem parecem vãos favores,
Pois tão tarde me quereis,
Que inda me não conheceis.
Offereceis-me alegria,
Tendo-me já cego e mouco:
He baixeza acceitar pouco,
Quem tanto vos merecia.
Ide-vos por outra via,
Pois o bem que me deveis,
Nunca m'o satisfareis.

ALHEIO

Perdigão perdeu a penna,
Não ha mal que lhe não venha.

VOLTAS

Perdigão, que o pensamento
Subiu a hum alto logar, [1]
Perde a penna do voar,
Ganha a pena do tormento:
Não teem no ar, nem no vento,
Azas com que se sostenha:
Não ha mal que lhe não venha.
Quiz voar a huma alta torre,
Mas achou-se desasado;
E vendo-se despennado,
De puro penado morre.
Se a queixumes se soccorre,
Lança no fogo mais lenha:
Não ha mal que lhe não venha.

A humas Senhoras, que haviam ser terceiras para com huma Dama

Pois a tantas perdições,
Senhoras, quereis dar vida,
Ditosa seja a ferida,
Que tem taes cirurgiões! [1]
Pois ventura
Me subiu a tanta altura,
Que me sejaes valedoras,
Ditosa seja a tristura,
Que se cura
Por vossos rogos, Senhoras!
Ser minha pena mortal,
Já que entendeis, que he assi, [2]
Não quero fallar por mi,
Que por mi falla meu mal.
Sois formosas,
Haveis de ser piedosas,
Por ser tudo d'huma côr;
Que pois Amor vos fez rosas
Milagrosas,
Fazei milagres de amor.
Pedi a quem vós sabeis,
Que saiba de meu trabalho,
Não pelo que eu n'isso valho,
Mas pelo que vós valeis.
Que o valer
De vosso alto merecer,

Com lh'o pedir de giolhos,
Fará que em meu padecer
Possa ver
O poder que têm seus olhos.
  Vossa muita formosura
Com a sua tanto val,
Que me rio de meu mal,
Quando cuido em quem me cura. [3]
A meus ais,
Peço-vos que lhe valhais,
Damas de Amor tão valídas,
Que nunca tal dôr sintais,
Que queirais,
Onde não sejais queridas.

MOTE

Se Helena apartar
Do campo seus olhos,
Nascerão abrolhos.

VOLTAS

  A verdura amena,
Gados que pasceis,
Sabei que a deveis
Aos olhos de Helena.
Os ventos serena, [1]
Faz flôres d'abrolhos
O ár de seus olhos.

Faz serras floridas,
Faz claras as fontes:
Se isto faz nos montes,
Que fará nas vidas?
Tral-as suspendidas,
Como hervas em mólhos,
Na luz de seus olhos.
Os corações prende
Com graça inhumana;
De cada pestana
Hum'alma lhe pende.
Amor se lhe rende,
E posto em giolhos, [2]
Pasma nos seus olhos.

ALHEIO

Verdes são os campos
De côr de limão;
Assi são os olhos
Do meu coração.

VOLTAS

Campo, que te estendes
Com verdura bella;
Ovelhas, que n'ella
Vosso pasto tendes;

D'hervas vos mantendes
Que traz o verão;
E eu das lembranças [1]
Do meu coração.
Gados, que pasceis
Com contentamento,
Vosso mantimento
Não n'o entendeis.
Isso que comeis, [2]
Não são hervas, não;
São graça dos olhos [3]
Do meu coração.

ALHEIO

Verdes são as hortas
Com rosas e flores:
Moças, que as regam,
Matam-me d'amores.

VOLTAS

Entre estes penedos
Que d'aqui parecem,
Verdes hervas crescem,
Altos arvoredos.
Vai d'estes rochedos
Agua, com que as flores
D'outras são regadas,
Que matam d'amores.

Com agua, que cae [1]
D'aquella espessura,
Outra se mistura,
Que dos olhos sae:
Toda junta vae
Regar brancas flores,
Onde ha outros olhos,
Que matam de amores.
Celestes jardins,
As flôres estrellas:
Hortelôas d'ellas [2]
São huns seraphins.
Rosas e jasmins
De diversas côres,
Anjos, que as regam,
Matam-me de amores.

ALHEIO

Menina formosa, [1]
Dizei de que vem
Serdes rigorosa
A quem vos quer bem?

VOLTAS

Não sei quem assella
Vossa formosura;
Que quem he tão dura
Não póde ser bella.

Vós sereis formosa;
Mas a razão tem
Que quem he irosa
Não parece bem.
  A mostra he de bella,
As obras são cruas:
Pois qual d'estas duas
Ficará na sella?
Se ficar *irosa,*
Não vos está bem:
Fique antes *formosa,*
Que mais fôrça tem.
  O Amor formoso
Se pinta e se chama:
Se he amor, ama,
Se ama, he piedoso. [2]
Diz agora a grosa
Que este texto tem,
Que quem he formosa
Ha de querer bem.
  Havei dó, menina,
D'essa formosura;
Que se a terra he dura,
Secca-se a bonina.
Sêde piedosa;
Não veja ninguem
Que por rigorosa
Percaes tanto bem.

ALHEIO

Tende-me mão n'elle,
Que hum real me deve.

VOLTAS

C'hum real de amor,
Dous de confiança,
E tres de esperança,
Me foge o trédor.
Falso desamor
S'encerra n'aquelle
Que hum real me deve.
Pediu-mo emprestado,
Não lhe quiz penhor:
He máo pagador;
Tendo-m'o afferrado.
C'hum cordel atado,
Ao Tronco se leve;
Que hum real me deve.
Por esta travéssa
Se vai acolhendo:
Eil-o vai correndo,
Fugindo a grã pressa.
N'esta mão, e n'essa
O falso se atreve,
Que hum real me deve.

Comprou-me o amor, [1]
Sem lhe fazer preço:
Eu não lhe mereço
Dar-me desfavor. [2]
Dá-me tanta dor,
Que ando apoz elle
Pelo que me deve.
Eu de cá bradando,
Elle vae fugindo;
Elle sempre rindo,
Eu sempre chorando.
E de quando em quando
No amor se atreve,
Como que não deve.
A fallar verdade
Elle já pagou;
Mas ainda ficou
Devendo ametade.
Minha liberdade
He a que me deve:
Só n'ella se atreve.

REDONDILHAS

RECOLHIDAS POR DOMINGOS FERNANDES EM 1616

CANTIGA ALHEIA

Na fonte está Leonor [1]
Lavando a talha, e chorando,
Ás amigas perguntando: [2]
Vistes lá o meu amor?

VOLTAS

Posto o pensamento n'elle,
Porque a tudo o Amor a obriga,
Cantava, mas a cantiga
Eram suspiros por elle.
N'isto estava Leonor
O seu desejo enganando.
Ás amigas perguntando:
Vistes lá o meu amor?

O rosto sobre huma mão,
Os olhos no chão pregados,
Que de chorar já cansados, [3]
Algum descanso lhe dão;
D'esta sorte Leonor
Suspende de quando em quando
Sua dôr; e em si tornando,
Mais pezada sente a dor.

Não deita dos olhos agoa,
Que não quer que a dôr se abrande
Amor, porque em mágoa grande
Sécca as lagrimas a mágoa.
Despois que de seu amor [4]
Soube novas perguntando,
De improviso a vi chorando.
Olhae que extremos de dôr!

Estas trovas mandou o auctor da Cadeia, em que o tinha embargado por huma divida Miguel Roiz, Fios-seccos d'alcunha, ao Conde do Redondo D. Francisco Coutinho, viso-rei, que se embarcava para fóra, pedindo-lhe o fizesse desembargar.

Que diabo ha tão damnado,
Que não tema a cutilada
Dos *fios seccos* da espada
Do fero Miguel armado?
Pois se tanto um golpe seu
Sôa na infernal cadeia;
Do que o demonio arreceia
Como não fugirei eu!
Com razão lhe fugiria,
Se contra elle. e contra tudo
Não tivesse hum forte escudo
Só em Vossa Senhoria.
Por tanto, Senhor, proveja,
Pois me tem ao rêmo atado,
Que antes que seja embarcado,
Eu desembargado seja.

Estas trovas mandou Heitor da Silveira ao mesmo conde, invernando em Gôa

Vossa Senhoria creia
Que não apura o engenho
Fome, se he como a que tenho,
Mas afraca e córta a veia.
E quem o contrario sente,
Está farto em toda a hora,
Como estou faminto agora:
Mas Martha, se está contente,
Dá-lhe pouco de quem chora.
E pois Vossa Senhoria
Em geral a tudo acode,
Acuda a mi, que só póde,
Dar-me no engenho valia.
Esperte esta Musa minha,
Que o tempo traz somnolenta; [1]
Valha-lhe n'esta tormenta
Com essa doce mézinha,
Que só dá vida e contenta. [2]
Acuda com provisão,
Não de papel, mas provida
De ouro e prata; que esta vida
Não sustentam papeis, não.
De feitor a thesoureiro
Ser-me-hia trabalho grande;
Vossa Senhoria mande
Algum remedio, primeiro,
Com que a morte o ferro abrande.

Ajuda de Luiz de Camões

Nos livros doutos se trata
Que o grande Achilles insano
Deu a morte a Heitor troiano:
Mas agora a fome mata
O nosso Heitor lusitano.
Só ella o póde acabar,
Se essa vossa condição
Liberal e singular
Não mete entre elles bastão,
Bastante para o fartar.

A huma senhora, que lhe chamou diabo

ESPARSA

Não posso chegar ao cabo
De tamanho desarranjo,
Que sendo vós, Senhora, Anjo,
Vos queira tanto o Diabo.
Dais manifesto sinal
De minha muita firmeza,
Que os diabos querem mal
Aos anjos por natureza.

CANTIGA

Vi chorar huns claros olhos,
Quando d'elles me partia.
Oh que mágoa! Oh que alegria!

VOLTAS

Polo meu apartamento
Se arrazaram todos d'ágoa.
Quem cuidou que em tanta mágoa
Achasse contentamento?
Julgue todo entendimento
Qual mais sentir se devia,
Se esta dôr, se esta alegria?
Quando mais perdido estive,
Então deu a est'alma minha
Na maior mágoa que tinha,
O maior gosto que tive.
Assi, se minha alma vive,
Foi porque me defendia
D'esta dôr esta alegria?
O bem, que Amor me não deu
No tempo que desejei, [1]
Quando d'elle me apartei,
Me confessou, que era meu.
Agora que farei eu,
Se a fortuna me desvia
De lograr esta alegria?

Não sei se foi enganado,
Pois me tinha defendido
Das iras de mal querido,
No mal de ser apartado.
Agora peno dobrado,
Achando no fim do dia
O principio da alegria.

Al Rey

MOTE

Dó la mi ventura,
Que no veo alguna?

VOLTAS

Sepa quien padece,
Que en la sepultura
Se esconde ventura
De quien la merece.
Allá me parece,
Que quiere fortuna
Que yo halle alguna.
Naciendo mesquino,
Dolor fué mi cama;
Tristeza fué el alma,
Cuidado el padrino.
Vestióse el destino
Negra vestidura,
Huyó la ventura.

No se halló tormento,
Que alli no se hallasse;
Ni bien, que pasase,
Sinó como viento.
Oh qué nacimento,
Que luego em la cuna
Me siguió fortuna!
Esta dicha mia,
Que siempre busqué,
Buscándola, hallé
Que no la hallaria;
Que quien nace en dia
D'estrella tan dura,
Nunca halla ventura.
No puso mi estrella
Mas ventura en min:
Ansí vive en fin
Quien nace sin ella.
No me quejo d'ella;
Quéjome que atura
Vida tan escura.

VILLANCETE PASTORIL

Deos te salve, Vasco amigo.
Não me fallas? Como assi?
Bofé, Gil, não 'stava aqui.

VOLTAS

Pois onde te hão de fallar, [1]
Se não 'stás onde appareces?
Se Magdalena conheces, [2]
N'ella me pódes achar.
E como te hão de ir buscar,
A onde fogem de ti?
Pois nem eu estou em mi.

Porque te não acharei
Em ti, como em Magdanela?
Porque me fui perder n'ella
O dia que me ganhei.
Quem tão bem falla, não sei
Como anda fóra de si.
Ella falla dentro em mi.

Como estás aqui presente,
Se lá tens a alma e a vida?
Porque he d'hum'alma perdida
Apparecer sempre á gente,
Se és morto, bem se consente
Que todos fujam de ti.
Eu tambem fujo de mi.

OUTRO PASTORIL

Porque no miras, Giraldo,
Mi zampoña como suena?
Porque no me mira Elena.

VOLTAS

Vuelve acá, no estês pasmado,
Mira que gentil sonar!
Como te podrá mirar
Quien no puede ser mirado?
Y que bueno enamorado!
No dirás, si es mala, o buena?
No, que me hizo mudo Elena.
Mira tan dulce armonia,
Déjate dessos enojos.
Tengo clavados los ojos
Con que mirar te podia.
Assí Dios te dé alegría:
No vés cuan dulce que suena? [1]
No, porque no veo Elena.

OUTRO PASTORIL

Crescem, Camilla, os abrolhos
De chorares por Cincero:
Não he muito, que lhe quero,
Belisa, mais que meus olhos.

VOLTAS

Sempre os teus olhos estão,
Camilla, d'aguas banhados.
De se verem desamados
Póde ser que chorarão.
Si, mas crescem os abrolhos,
E tu cegas por Cincero.
Se eu não vejo quem mais quero,
Para que quero mais olhos?
Se se foi ha mais d'hum mez,
Teus olhos não cansarão?
Não, que apoz elle se vão
Estas lagrimas que vês.
Fazem logo estes abrolhos
O mato espinhoso e fero.
Pois eu não vejo a Cincero,
Isso só verão meus olhos.
Chorando queres morrer?
Mais quero viver chorando.
Tu não vês que vás cegando?
Se cego, como hei de ver?

Põe na vista outros antolhos.
Não posso, nem menos quero
Outra para outro Cincero,
Antes não quero ter olhos.

A huma mulher que se chamou Gracia de Moraes.

MOTE

Olhos, em que estão mil flores,
E com tanta graça olhaes,
Que parece que os Amores
Moram onde vós moraes.

VOLTA

Vêm-se rosas e boninas,
Olhos, n'esse vosso ver;
Vêm-se mil almas arder
No fogo d'essas meninas.
E dil-o-hão minhas dores,
Meus suspiros e meus ais;
E dirão mais, que os amores
Moram onde vós morais.

Outras recolhidas dos ineditos de Faria e Sousa pelo snr. Visconde de Juromenha

Ha uma questão de Amor,
Na qual ninguem se assegura,
Qual seja de mais valor:
Se a Graça se a Fermosura.
Julgo o poder julgar n'ella
Se affeiçam nam me embaraça,
Que muito mais vale a Graça
Qũe a Fermosura sem ella.

Se me dessem a escolher
(Mas não tenho tal ventura,)
A graça quizera eu ter,
Tenha outra a Fermosura.
Ninguem pode aqui pôr grosa
Nem que fique com desgraça,
Pode haver graça formosa,
Nam Fermosura sem Graça.

MOTE

Vida de minha alma.

VOLTA

Dous tormentos vejo
Grandes por extremo:
Se vos vejo, temo,
E se não, desejo.

Quando me despejo,
E venho a escolher,
Temendo o desejo, [1]
Desejo temer.

CANTIGA ALHEIA

Pastora da serra,
Da serra da Estrella,
Perco-me por ella.

VOLTAS

Nos seus olhos bellos
Tanto Amor se atreve,
Que abraza entre a neve
Quantos ousam vel-os.
Não sólta os cabellos
Aurora mais bella:
Perco-me por ella.

Não teve esta serra
No meio d'altura
Mais que a formosura, [1]
Que n'ella se encerra.
Bem céo fica a terra,
Que tem tal estrella:
Perco-me por ella.

Sendo entre pastores
Causa de mil males,
Não se ouvem nos vales
Senão seus louvores.
Eu só por amores
Não sei fallar n'ella,
Sei morrer por ella.
D'alguns, que sentindo
Seu mal vão mostrando,
Se ri, não cuidando [2]
Que inda paga rindo.
Eu triste, encobrindo
Só meus males d'ella,
Perco-me por ella.
Se flores deseja
Por ventura bellas, [3]
Das que colhe d'ellas
Mil morrem de inveja.
Não ha quem não veja
Todo o melhor n'ella:
Perco-me por ella.
Se n'agua corrente
Seus olhos inclina,
Faz a luz divina [4]
Parar a corrente.
Tal se vê, que sente
Por vêr-se a agua n'ella: [5]
Perco-me por ella.

MOTE

Que veré que me contente?

GLOSA

Desque una vez yo miré,
Señora, vuestra beldad, [1]
Jamas por mi voluntad
Los ojos de vos quité.
Pues sin vos placer no siente [2]
Mi vida, ni lo desea,
Si no quereis que yo os vea, [3]
Qué veré que me contente?

MOTE

Quem se confia em huns olhos,
Nas meninas d'elles vê
Que meninas não têm fé.

VOLTAS

Quem põe suas confianças
Em meninas sem assento,
Offereça o soffrimento
A duzentas mil mudanças.
Mostram no ár esperanças;
Mas em seus olhos se vê
Como não tem n'alma fé.

Enganam ao parecer,
Porque no caso de amar,
São mulheres no matar,
E meninas no querer.
Quem em seus olhos se crer,
Cem mil graças n'elles vê;
Vêl-as sim, mas não ter fé.
Amostram-vos n'hum momento
Favores assi a mólhos;
Mas na mudança dos olhos
Se lhe muda o pensamento.
Em nada já têm assento,
E o que mais n'elles se vê
He formosura sem fé.

Louvando e deslouvando huma dama

CANTIGA VELHA

Sois formosa, e tudo tendes,
Senão que tendes os olhos verdes.

VOLTAS

Ninguem vos póde tirar
Serdes tão bem assombrada; [1]
Mas heis-me de perdoar,
Que os olhos não valem nada.
Fostes mal aconselhada

Em querer que fossem verdes:
Trabalhae de os esconderdes.
  A vossa testa he jardim,
Onde Amor se desenfada;
He tão branca e bem talhada, [2]
Que parece de marfim.
Assi he; e quanto a mim, [3]
Isso vos nasce de a terdes
Tão perto dos olhos verdes.
  Os cabellos desatados
O mesmo sol escurecem;
Senão que por ser ondados,
Algum tanto desmerecem:
Mas á fé, que se parecem
A furto dos olhos verdes,
Não vos peze, não, de os terdes.
  As pestanas têm mostrado
Ser raios, que abrazam vidas:
Se não foram tão compridas,
Tudo o mais era pintado:
Ellas me tinham levado
A alma, sem o vós saberdes, [4]
Senão foram os olhos verdes.
  O mimo d'esse carão
Nem pôr-lhe os olhos consente:
O ser liso e transparente
Rouba todo o coração:
Inda assi achareis nação, [5]
Que lhe não peze de os verdes;
Mas não seja co'os olhos verdes.

Esse riso, que he compôsto [6]
De quantas graças nasceram,
Senão que alguns me disseram,
Vos faz covinhas no rôsto.
Na vontade tenho posto
Dar-vos a alma, se quizerdes,
A trôco dos olhos verdes.
Nunca se viu, nem se escreve
Bocca co'huma graça igual, [7]
Se não fôra de coral,
E os dentes de côr de neve.
Dou-me eu a Deos, que me leve! [8]
Soffrerei quanto tiverdes,
Não me tenhaes olhos verdes.
Essa garganta merece
Outras palavras não minhas,
Senão que he feita em rosquinhas [9]
D'alfenim, ao que parece.
Eu sei bem quem se offerece [10]
A tomar tudo o que tendes,
E tambem os olhos verdes.
Essas mãos são ferropeas:
Só o vêl-as enfeitiça; [11]
Senão que são alvas, cheias,
E têm a feição roliça;
Com que appellaes por justiça,
Para com ellas prenderdes
Quem vê vossos olhos verdes. [12]

A vossa galantaria
Matará a quem fallardes:
Tendes huns desdens e tardes,
Que eu logo vos roubaria. [13]
Oh dou-me a Santa Maria!
Sou cujo de quanto tendes,
E tambem d'esses olhos verdes.

Ao mesmo

Tudo tendes singular,
Com que os corações rendeis,
Senão que rindo, fazeis
Covinhas para enterrar:
E para resuscitar
Tem fôrça a graça que tendes;
Senão que tendes os olhos verdes.
Tudo, Senhora, alcançaes,
Quanto o ser formosa alcança,
Senão que daes esperança
Co'os olhos com que mataes.
Se acaso os alevantaes,
He para as almas renderdes;
Senão que tendes os olhos verdes.

A Dom Antonio, senhor de Cascaes, que tendo-lhe promettido seis gallinhas recheadas por huma Copla que lhe fizera, lhe mandou por principio da paga meia gallinha recheada

Cinco gallinhas e meia
Deve o Senhor de Cascaes;
E a meia vinha cheia
De appetite para as mais.

REDONDILHAS

RECOLHIDAS POR DOM ANTONIO ALVARES DA CUNHA NA EDIÇÃO DAS RIMAS DE 1668

A. B. C. feito em Mottes (*)

A.

Amor, quizestes que fosse [1]
  O vosso nome da pia;
  Para mór minha agonia.
Apelles, se fôra vivo [2]
  E a ver-vos alcançara,
  Por vós, retratos tirara. [3]
Achilles morreu no templo
  Contemplando de giolhos,
  Eu, quando vejo esses olhos.

(*) No *Ms.* do seculo XVII, do snr. visconde de Juromenha traz a seguinte rubrica: « *Mottes feitas pelo A. B. C. com historias antigas, que fez Luiz de Camões a huma sua Dama.*

Arthemisa sepultou
A seu irmão e marido;
Vós a mim e a meu sentido.

B.

Bem vejo que sois, Senhora,
Extremo de formosura. [4]
Para minha sepultura. [5]

C. C.

Cleopatra se matou
Vendo morto a seu amante;
E eu por vós em ser constante.
Cassandra disse de Troya. [6]
Que havia ser destruida;
E eu por vós d'alma e da vida.

D. D.

Dido morreu por Eneas,
E vós mataes quem vos ama,
Julgae se sois cruel dama.
Djanira innocente
Da má morte causadora, [7]
Vós da minha sabedora.

E.

Euridice foi a causa
De Orpheo hir ao inferno,
Vós de ser meu mal eterno.

F. F.

Fedra só de puro amor [8]
  Morreu por seu enteado;
  Eu morro de desamado.
Febo vae escurecendo
  Ante vossa claridade;
  E eu sem ter liberdade,

G. G.

Galatea sois, Senhora,
  Da formosura estremo;
  E eu perdido Polyphemo,
Genebra, que foi Rainha,
  Se perdeu por Lançarote,
  E vós por me dar a morte.

H. H.

Hercules, huma camisa
  De chammas, o consumiu; [9]
  Minha alma des que vos viu.
Hebis e Dido morreram [10]
  Com o rigor da mudança;
  Eu vendo vossa esquivança.

J. J.

Judith que o duro Holofernes [11]
  Degolou, se viva fôra,
  Mate lhe dereis, Senhora.
Julio Cesar conquistou
  O mundo com fortaleza;
  Vós a mim com gentileza.

Julio Cesar se livrou
  Dos imigos com abrolhos,
  Eu não posso d'esses olhos.
Jazia-se o Minotauro
  Preso no seu labyrintho,
  Mas eu mais preso me sinto.

L. L.

Leandro se afogou, [12]
  E foi sua causa Hero;
  E a mim o que vos quero.
Leandro se afogou
  No mar de sua bonança,
  Eu no de vossa esperança.

M. M.

Minerva dizem que foi
  E Pallas Deosas da guerra,
  E vós, Senhora, da terra. [13]
Medéa foi mui cruel,
  Mas não chegou a metade
  De vossa grã crueldade.

N. N.

Narciso o siso perdeu
  Em vendo a sua figura; [14]
  Eu por vossa formosura. [15]
Nymphas enganam mil Faunos
  Com seu ár e formosura; [16]
  E a mim vossa figura.

O. O.

Os olhos choram o damno
Que em vos verem sentiram, [17]
Mas eu pago o que elles viram.
Orpheo com a doce harpa
Venceu o reino de Plutão,
Vós a mim com perfeição. [18]

P. P.

Páris a Helena roubou, [19]
Por quem Troia foi perdida;
E vós a mim alma e vida.
Pyrrho matou Policena
Perfeita em todos sinaes,
E vós a mim me mataes. [20]

Q. Q.

Quanto mais desejo vêr-vos,
Menos vos vejo, Senhora:
Não vos vêr melhor me fôra.
Querendo vêr a Diana,
Acteon perdeu a vida,
Que eu por vós trago perdida.

R. R.

Remedio nenhum não vejo,
Que remedeie meu mal;
Nem crueza á vossa igual.
Roma o mundo sujeita [21]
Com armas, saber, temor;
Vós a mim só por amor.

S.

Sirena na mór fortuna [22]
Com enganos vae cantando,
E vós sempre a mim matando.

T. T.

Thisbe morreu por Pyramo,
A ambos matou o amor;
A mim vosso desfavor.
Thisbe pelo seu amante
Morreu com amor sobejo,
Mas eu mais morto me vejo.

V. V.

Venus, que por mais formosa, [23]
Lhe deu Páris a maçã,
Não foi quanto vós louçã.
Venus levou a maçã,
Por vós não serdes, Senhora, [24]
Nascida n'aquella hora.

X. X.

Xpõ vos acabe em graça,
E vos faça piedosa,
Tanto, quanto sois formosa.
Xantopea tornou atraz,
Por Aponio a invocar,
E vós não a meu chamar.

Estanças na medida antiga, que tem duas contrariedades, louvando e deslouvando huma dama

Sois huma Dama
Das feias do mundo
De toda a má fama
Sois cabo profundo
A vossa figura
Não he para ver
Em vosso poder
Não ha formosura
Fostes dotada
De toda a maldade,
Perfeita beldade
De vós he tirada
Sois muito acabada
De tacha e de glosa,
Pois quanto a formosa
Em vós não ha nada
De grão merecer,
Sois bem apartada,
Andaes alongada
Do bem parecer.
Bem claro mostraes
Em vós fealdade,
Não ha hi maldade,
Que não precedaes.
De fresco carão,
Vos vejo ausente,
Em vós he presente
A má condição.
Em ter perfeição
Mui alheia estaes,
Mui muito alcançaes
De pouca razão.

MOTE

Sem vós, e com meu cuidado

GLOSA

Querendo Amor esconder-vos
Em parte que vos não visse,
Co'o extremo de querer-vos,
Cegou-me os olhos com ver-vos,
Levou-vos, sem que vos visse.

Eu cego, mas atinado,
Quando vi que vos não via,
Do mesmo Amor indignado,
Já vêdes qual ficaria
Sem vós e com meu cuidado.

MOTE

A alma, que está offrecida
A tudo, nada lhe é forte;
Assi passa o bem da vida,
Como passa o mal da morte.

VOLTA

De maneira me succede
O que temo, e o que desejo,
Que sempre o que temo, vejo,
Nunca o que a vontade pede.
Tenho tão offerecida
Alma e vida a toda a sorte,
Que isso me dera da morte,
Como já me dá da vida.

MOTE

Ferro, fogo, frio e calma,
Todo o mundo acabarão;
Mas nunca vos tirarão,
Alma minha, da minha alma.

VOLTA

Não vos guardei, quando vinha,
Em torre, força, ou engenho;
Que mais guardada vos tenho
Em vós, que sois alma minha.
Alli nem frio, nem calma,
Não podem ter jurdição;
Na vida sim, porém não
Em vós que tenho por alma.

MOTE

Esperei, já não espero
De mais vos servir, Senhora;
Pois me fazeis cada hora
Tanto mal, que desespéro.

VOLTA

Pois sei certo que folgaes,
Quando mais mal me fazeis,
E que nunca descançaes,
Senão quando me mostraes
Quão pouco bem me quereis;

Servir-vos mais não espero
Pois meu viver empeora
Com me fazerdes, Senhora,
Tanto mal, que desespéro.

MOTE

Descalça vai para a fonte
Leonor pela verdura;
Vai formosa, e não segura.

VOLTAS

Leva na cabeça o pote,
O testo nas mãos de prata,
Cinta de fina escarlata,
Saínho de chamalote:
Traz a vasquinha de cote,
Mais branca que a neve pura;
Vai formosa, e não segura.
Descobre a touca a garganta,
Cabellos de ouro entrançado,
Fita de côr de encarnado,
Tão linda que o mundo espanta:
Chove n'ella graça tanta,
Que dá graça á formosura;
Vai formosa, e não segura.

MOTE

Quem disser que a barca pende,
Dir-lhe-hei, mana, que mente.

VOLTAS

Se vos quereis embarcar,
E para isso estaes no caes,
Entrae logo : que tardaes?
Olhae que está preamar :
E se outrem, por vos fretar,
Vos disser que esta que pende,
Dir-lhe-hei, mana, que mente.
Esta barca he de carreira ;
Tem seus apparelhos novos :
Não ha como ella outra em Povos
Boa de leme, e veleira :
Mas, se por ser a primeira,
Vos disser alguem que pende,
Dir-lhe-hei, mana, que mente.

MOTE

Com rasão queixar-me posso
De vós, que mal vos queixaes;
Pois, Senhora, vos sangraes,
Que seja n'hum corpo vosso.

VOLTAS

Eu para levar a palma,
Com que ser vosso mereça,
Quero que o corpo padeça
Por vós, que d'elle sois alma.
Vós do corpo vos queixaes,
Eu queixar-me de vós posso,
Porque, tendo hum corpo vosso,
Na minha alma vos sangraes.
E sem fazer differença
No que de mi possuis,
Pelo pouco que sentis,
Dais á minha'alma doença.
Porque dous aventuraes?
Oh não seja o damno nosso!
Sangre-se este corpo vosso,
Porque, minha alma, vivaes.
E inda, se attentardes bem,
Seguis medicina errada,
Porque para ser sangrada
Hum'alma sangue não tem.

E pois em mi sarar posso
Males, que á minha alma daes,
Se inda outra vez vos sangraes,
Seja n'este corpo vosso.

MOTE

Retrato, vós não sois meu;
Retrataram-vos mui mal;
Que a serdes meu natural,
Foreis mofino como eu.

GLOSA

Indaqu'em vós a arte vença
O que o natural tem dado,
Não fostes bem retratado;
Que ha em vós mais differença,
Que no vivo do pintado.
Se o logar se considera
Do alto estado, que vos deu
A sorte, que eu mais quizera;
Se he que eu sou quem d'antes era,
Retrato, vós não sois meu.

Vós na vossa gloria posto,
Eu na minha sepultura,
Vós com bens, eu com desgosto;
Pareceis-vos ao meu rosto,
E não já á minha ventura.

E pois n'ella e vós erraram
O que em mi he principal,
Muito em ambos se enganaram.
Se por mi vos retrataram,
Retrataram-vos mui mal.
Mas se esse rosto fingido
Quizeram representar, [1]
E houveram por bom partido
Dar-vos a alma do sentido
Para a gloria do logar;
Víreis, posto n'essa alteza,
Que vos não ha cousa igual;
E que nem a maior mal
Podeis vir, nem mór baixeza,
Que a serdes meu natural.
Por isso não confesseis
Serdes meu, que he desatino,
Com que o logar perdereis:
Se conservar-vos quereis,
Blazonae que sois divino.
Que se n'esta occasião
Conhecessem que ereis meu,
Por meu vos deram de mão,
. . . .
Foreis mofino, como eu.

MOTE

Foi-se gastando a esperança,
Fui entendendo os enganos;
Do mal ficaram-me os danos,
E do bem só a lembrança.

GLOSA

Nunca em prazeres passados
Tive firmeza segura,
Antes tão arrebatados,
Que inda não erão chegados,
Quando m'os levou ventura.
E como quem desconfia
Ter em tal sorte mudança,
No meio d'esta porfia,
De quanto bem pretendia
Foi-se gastando a esperança.
Não tive por desatino
A occasião de perdel-a;
Mas foi culpa do destino,
Que a ninguem, como mais dino, [1]
Amor pudéra sustel-a.
Dei-lhe tudo o que era seu,
Não receando taes danos [2]
Deste, a quem alma lhe deu:
Quando já não era meu,
Fui entendendo os enganos.

Fiquei d'este mal sobejo
A quem a causa compete
Dizer-lhe tudo o que vejo,
Que Amor acceita o desejo,
Mas mente no que promette.
Que se a mi me obrigou
A dar-me bens soberanos,
Foi engano que ordenou ;
Que do bem tudo levou,
Do mal ficaram-me os danos.

E se dôr tão desigual
Soffro em mi com padecel-os,
Quero de novo soffrel-os ;
Que por a causa ser tal,
Não determino offendel-os.
Dobre-se o mal, falte a vida,
Cresça a fé, falte a esperança.
Pois foi mal agradecida ;
Fique a dôr n'alma imprimida,
E do bem só a lembrança.

MOTE

Ojos, herido me habeis,
Acabad ya de matar-me;
Mas muerto volved á mirarme,
Porque me resusciteis.

VOLTAS

Pues me distes tal herida,
Con gana de darme muerte,
El morir me es dulce suerte,
Pues con morir me dais vida.
Ojos, qué os deteneis?
Acabad ya de matarme;
Mas muerto volved á mirarme,
Porque me resusciteis.
La llaga cierto ya es mia,
Aunque, ojos, vós no querrais;
Mas si la muerte me dais,
El morir me es alegría.
Y así digo que acabeis,
O ojos, ya de matarme;
Mas muerto volved á mirarme,
Porque me resusciteis.

REDONDILHAS

RECOLHIDAS DOS INEDITOS DE FARIA E SOUSA, GUARDADOS NA LIVRARIA DAS NECESSIDADES, E PUBLICADOS PELA PRIMEIRA VEZ PELO SNR. VISCONDE DE JUROMENHA

Carta a huma Senhora

(INEDITO)

Senhora, quando imagino
O divino
Vosso gesto, claro e bello,
De alguma hora merecel-o
Me conheço por indino,
Que se sento
Ser altivo o pensamento
Que m'inclinou,
Vejo que amor vos destina
Para mór merecimento.

Porque he vosso lindo aspeito
Tão perfeito
Que na mais pequena parte,
Não póde, por nenhuma arte,
Comprender o humano peito;
Nem m'espanta,
Porque se tivestes tanta
Formosura,
Vossa suprema ventura
Mais alta vos levanta.

Porém se meus pensamentos
Nos tormentos
Quizerdes experimentar,
Bem os podeis comparar
Com vossos merecimentos,
Que se ordena
Amor em parte pequena
Opinião,
Crede que meu coração
He incapaz de grande pena.
E se cuidaes por ventura
Que a natura
Contém outro regimento,
Sabei que meu pensamento
Em vosso gesto se apura;
Nem m'engano
Que mudei o ser de humano
Como pude
Em divino, por virtude,
De gesto tão soberano.
Assim que, feito immortal,
Ou mortal,
Outro nome tomarei
De ser vosso pois mudei
O costume natural.
Tambem vós,
Pelo bem que em vós se pôz,
Sereis digna
De serdes de vós divina;
Mas eu divino por vós.

Em fim, que d'esta maneira,
A fé inteira
Que no peito amor me cria,
Vereis crescer cada dia.
Porque sempre mais vos queira
A fineza
De hum amor que n'esta empreza
Me acompanha,
Ficará sendo tamanha
Como vossa gentileza.

MOTE

(INEDITO)

Afuera consejos vanos
Que despertaes mi dolor;
No me toquen vuestras manos,
Que los consejos d'amor,
Los que matan, son los sanos.

GLOSA

Foi-me a fortuna entregar
A huma dama interesseira,
Que em vez de premio me dar
Por huma fé verdadeira,
Procura de me roubar.

Diz que rompe qualquer muro,
E escusa cem mil danos,
Eu que temo seus enganos,
Quando de fero seguro,
Afuera consejos vanos.
  Grandemente me persegue,
E me pede que lhe dê,
Não me vale razão que allegue
Nem maneira com que chegue
A achar valor n'esta fé;
E porque ella m'entendesse,
Lhe disse: Meu lindo amor,
Por vosso disfavor
Não me pidaes interesse,
Que despertaes mi dolor.
  Em mostras d'essa fé pura,
Vos farei, se vós gostaes,
Lindas trovas que leiaes,
De vossa linda figura
Com que tanto me mataes;
Mas se pertendeis roubar-me
Com affagos, com enganos,
E depois desenganar-me,
Pois não he cousa que me arme,
No me toquen vuestras manos.
  Se dizeis que quem quer bem
Hade gastar sem ter freio,
Eu, Senhora, bem o creio;
Mas praticae-o com quem
Tiver o seu cofre cheio.

Se me dizeis que se sôa
Que quem dá tem mais favor,
Deixae-me antes minha dôr,
Pois nada mais me magôa,
Que los consejos d'amor.
Entre as regras dos amores,
Tomae esta singular
Que vos hade aproveitar,
Chamae-nos enganadores
E deixae-vos enganar;
Lograe-vos de vossa idade
No florido d'esses annos,
Por que de nossos enganos,
Se me crêdes em verdade,
Los que matan, son los sanos.

MOTE

(INEDITO)

Guardae-me esses olhos bellos.

GLOSA

De laços de ouro tão bellos,
Pertende amor fazer molhos,
Por prender quem ousa vêl-os,
E pois elle quer cabellos,
Para mim só quero os olhos;

Pois elle he vosso captivo,
Por alcançal-os e tel-os,
Guardae para elle os cabellos,
Para mim que de olhos vivo,
Guardae-me esses olhos bellos.

OUTRA

Dois extremos tendes mana,
Em vosso gesto divino,
Qualquer d'elles peregrino,
Olhos de luz soberana,
Cabellos d'ouro mais fino.
Quem cabellos para si
Pertender, deixae-lhe avel-os;
Mas se eu não quero cabellos,
E olhos quero para mim,
Guardae-me esses olhos bellos.

MOTE

(INEDITO)

S'espero, sei que m'engano,
Mas não sei desesperar.

GLOSA

O meu pensamento altivo
Me tem posto em tal extremo,
Que quando esperando vivo,
O bem esperado temo,
Muito mais que o mal esquivo.

Que para crescer meu dano
No gosto da confiança,
Ordena o amor tyrano
Que na mais firme esperança,
S'espero, sei que m'engano.
  D'este novo sentimento,
Chega tanto a nova dôr,
Que se enlea o pensamento;
Vêr que no mór bem de amor
Se descobre o mór tormento;
Folgára de m'enganar,
Mas não he cousa possivel,
Pois para sempre penar,
Sei que espero o impossivel,
Mas não sei desesperar.

A huma Senhora rezando

MOTE

(INEDITO)

Peço-vos que me digaes
Se as orações que rezastes,
Se foram por quem matastes,
Se por vós, que assim mataes.

GLOSA

  Com o espirito puro e vivo,
A vista toda turbada,
Nos céos vos vi enlevada
Com gesto contemplativo
No amor divino inflammada.

E por quanto, extremos taes,
Me causarão grande espanto,
Seria ora com zêlo santo,
Peço-vos que me digaes?
  Porque pondo-me a notar
Os effeitos da visão,
Medindo-os com a razão,
Hei vindo, em fim, a assentar
Que estaveis em oração;
Mas como de tantas vidas,
E corações que roubastes,
Vossas mãos são comprehendidas,
Mal podem ser recebidas
Ás orações que rezastes.
  Que posto que Deos aceita
Hum coração humilhado,
A contricção do peccado
Ha de ser dôr tão perfeita,
Que lhe peze do passado;
Porém se no que mostrastes,
De tanto mal vos doestes,
Póde ser que empregastes
Bem as preces que dissestes,
Se foram por quem matastes.
  E para ser mais aceito
O preço da salvação,
He de divino direito
Que façaes satisfação
Dos danos que tendes feito.

Por tanto restitui
A vida que me tiraes,
E então não duvideis mais,
Se rezastes só por mim,
Se por vós que assim mataes.

MOTE

(INEDITO)

Ora cuidar me assegura,
Ora me matam cuidados.

GLOSA

Foi ser a vontade minha
De todos tão desviada,
Que me não affirmo em nada,
Pois tenho o mal que tinha,
O bem que tinha m'enfada.
Isto he força da ventura,
Se não m'engana o que cuido,
Que taes extremos mistura,
Que ora o meu proprio descuido.
Ora cuidar me assegura.
Diversas cousas me pede
O meu desejo inquieto,
Humas nego, outras prometto;
Mas comtudo me succede
Perder-me no que cometo.

Como será dos meus fados
A tenção favorecida,
Se para males dobrados
Dão-me ora cuidados da vida,
Ora me matam cuidados.

MOTE

(INEDITO)

Ó meus altos pensamentos,
Quão altos que vos pozestes,
E quão grande quéda déstes!

VOLTA

Como de mim vos não vinha
Serdes firme n'hum estado,
Pois o viver enganado,
Era o maior bem que tinha,
Castello d'esta alma minha,
Quão alto que vos pozestes,
E quão grande quéda déstes.
Sabia que ereis de vento,
Como quem vos viu fazer;
Ind'assim vos queria ter,
Como ereis sem fundamento:
Quem vos desfez n'hum momento?
Ai quão alto vos pozestes,
E quão grande quéda déstes!

MOTE

(INEDITO)

Esperanças mal tomadas,
Agora vos deixarei
Tão mal como vos tomei.

VOLTA

Fostes tomadas em vão
De mim sem fundamento,
E vós ereis todas de vento,
E eu d'elle vivia então;
Se vos tomei sem razão,
Com ella vos deixarei
Tão mal como vos tomei.

Assim vos queria ter
Sem razão e mal tomadas,
Sabendo, quando deixadas,
Quanto havieis de doer;
Mas nem isto póde ser,
Que por meu mal vos tomei
E por vós me deixarei.

Quereis que faça mudança!
De vós outro bem não entendo,
Isto só se ganha em vos vendo,
Isto só de vós se alcança;
Mas esta van esperança,
Senhora, se eu a tomei
Por vós, como a deixarei?

MOTE

(INEDITO)

Como quer que tendes vida,
A minha alma tão de vosso,
Não digaes, mana, não posso.

VOLTA

Para haver-vos de entregar-me,
Bastava sómente huma hora,
E sobrava esta d'agora
Para poder descançar-me.
Se a vida póde faltar-me,
Inda que eu não de ser vosso,
Não digaes, mana, não posso.

MOTE

(INEDITO)

Em tudo vejo mudanças,
Senão onde as vêr quizera,
Passa a vida em esperanças,
Nunca chega a que se espera.

VOLTA

E posto que chegue o bem,
O que duvido de ser,
Que gosto se póde ter
No que firmeza não tem?

Vida cheia de mudanças
Tudo em ti cança e altera,
Porque dás mil esperanças,
E não dás o que s'espera.
  O mal he que te conheço
Já por falsa e sem firmeza,
E com ter esta certeza
Inda te não aborreço.
De tuas vãas esperanças
Vêr-me já livre quizera,
Por me rir das mudanças
Do que espera e desespera.

MOTE

(INEDITO)

Ay de mim, mas de vós ay,
Que eu morrendo,
Bem intendo
Que a vós n'isso mais vae.

VOLTA

  A vida, por vós perdida,
Bem me póde ser gloriosa,
Mal póde ser não penosa,
A vós perdida esta vida.

Se me mataes attentae,
Que morrendo
Bem intendo
Que a vós mais n'isso vae.
  Com vossos olhos serenos
Não divisaes
Querer vos sirva de mais,
Ter huma vida de menos.
Matae meus olhos, matae,
Que eu morrendo
Bem intendo
Que a vós mais n'isso vos vae.

MOTE

(INEDITO)

Lume d'esta vida
Veja-me esse lume
Já que se presume
Sem o vêr perdida.

VOLTA

  Concedei luz tal
A quem vós cegastes,
Toda me tirastes
Essa só me val:
Razão he querida
Já vir do alto cume
Norte de tal lume
Alma tão perdida.

Desatando hide
Esta treva escura
Aurora onde pura
Toda luz reside:
Ay que atada a vida
Cá com esse lume
Deixa o seu queixume
Estima-se por perdida.

MOTE

(INEDITO)

Que vistes meus olhos?
Meus olhos que vistes,
Que vos vejo tristes?

VOLTA

Vejo-vos chorosos,
De amor agravados,
Tanto namorados
Quanto mais queixosos:
Ora meus mimosos
Dizei-me, que vistes,
Que vos vejo tristes?
Dizei-me, meus olhos,
Quem vos agravou,
Quem vos trespassou

Com duros abrolhos?
Por certo que em molhos
Nunca vi, se ahi vistes,
Lagrimas tão tristes.
  Se choraes de amor
Suas esperanças.
Ditosas lembranças,
Mais ditosa dôr;
Mas se he desfavor,
Dizei-me, que vistes,
E não sereis tristes.
  Porém se de enganos
Viveis enganados,
Não queiraes cuidados
De que vem taes danos,
Deixae passar annos
Com o bem que vistes,
E não sereis tristes.

MOTE

(INEDITO)

Ay de mim,
Que muero despoes que os vi,
Ay de vós,
Que cuenta dareis a Dios.

VOLTA

En dos maneras se muestra
La piena que por vos siento,
Es la una, mi tormento,
La otra, la culpa vuestra,
Que se vi,
En perderme no perdi;
Pero vos,
Que cuenta dareis a Dios?
Porque se vuestra codicia
En mi dano es de tal arte,
Aun que perdone la parte,
Queda el caso a la justicia.
Yo de aqui
Tomaré la culpa en mi;
Pero Dios,
Tomara la pena en vos.

MOTE

(INEDITO)

Lagrimas dirão por mim,
Senhora, n'esta despedida,
Em que termos vae a vida.

VOLTA

A tanto chega esta dôr,
Que desconfio da lingoa,
Quem póde supprir tal mingoa,
Se não lagrimas de Amor;
Ellas vos dirão melhor,
Senhora, n'esta partida
Que vae a vida sem vida.

A força da saudade,
Quando a lingoa desvaria,
A quem em lagrimas fia
As que lhe pede a vontade,
Que chore n'esta partida,
Irão dando fim á vida.

Não tem que vêr a tenção
Com palavras amorosas,
As lagrimas saudosas,
Lingoas dos amores são;
Ellas por mim fallarão
Quando a pena da partida
Me tirar a falla e a vida.

Palavras podem mentir,
Mostrar dôr grande ou pequena,
Mas lagrimas que dão pena,
Ninguem as sabe fingir;
Pelo que, quando partir,
Qual fôr a dôr da partida,
Tal será n'ellas sentida.

MOTE

(INEDITO)

Prazeres, que me quereis?
Se vêdes que vos não quero;
Já nenhum de vós espero,
Nenhum de mi espereis.

VOLTA

Vindes para vos tornar,
Sois leves de natureza,
Melhor he minha tristeza
Que me não sabe deixar.
D'isto não vos espanteis,
Que pois me quer, eu a quero;
Não me engana no que espero,
Como vós sempre fazeis.
Lembre-vos quanto enleastes
Quando fugir vós quizestes,
O muito que promettestes,
O pouco que me deixastes.

O que agora promettestes
He tambem engano mero,
O que podeis, não o quero,
O que quero, não podeis.
De vossos contentamentos
Tenho já experiencia,
Que de bens tem apparencia;
E na verdade são ventos.
Tempo he que me deixeis,
Já que nada de vós quero,
Não tenhaes isto por fero,
Buscae outrem que enganeis.

MOTE

(INEDITO)

Por huns olhos que fugiram,
O lume dos meus perdi;
Porque nem elles me viram,
Nem eu tambem mais os vi.

VOLTA

Não lhes pude defender
Que taes olhos não seguissem,
Riram-se muito de vêr
Outros olhos que tal vissem.
Eu não sei o que sentiram,
Mas sei que tal dôr senti,
Quando vi que não viram
Que nunca mais prazer vi.

Com sua luz me cegaram,
Como o sol tem por costume,
Fiquei com olhos sem lume,
Para chorar me ficaram.
Assi, desde que não viram
Aquelles que acaso vi,
Sempre d'isso me servi,
Nunca mais com elles vi.

MOTE

(INEDITO)

No monte de amor andei,
Por ter de monteiro fama,
Sem tomar gamo nem gama.

VOLTA

Achei-me tão elevado
N'este monte a montear,
Que d'onde cuidei caçar
Eu mesmo fiquei caçado.
Caçador desesperado,
Sahi de huma e outra rama
Sem tomar gamo nem gama.
Levava por meus monteiros,
N'esta caça de tormentos,
Os meus ais, que como vento
Hiam diante ligeiros.

Huns tão tristes companheiros
Levei, como quem ama,
Por descobrir esta gama.
A roupa de montear
Que n'este dia levava,
Era o mal que me pesava,
A corneta o suspirar.
Já não podia cessar
Como touro quando brama,
Só por buscar esta gama.
Os cães eram meus tormentos,
Cheios de muita agonia,
O furão, minha porfia,
As redes, meus pensamentos.
Nem me valeu tomar ventos,
Nem penetrar pela rama
Para descobrir tal gama.

MOTE

(INEDITO)

Tal estoi despues que os vi,
Que de mi propio cuidado
Estoi tan enamorado
Como Narciso de si.

VOLTAS

Una sola deferencia
Hallo n'este amor altivo,
Que el murio con preferencia,
Mas yo con la vuestra vivo.

En el punto que yo os vi
Se realço mi cuidado,
De modo que enamorado
Por vos me quedê de mi.
  Nacieron de un amor dos,
Cupido fue el tercero
Que haze que bien me quiero
Solo por que os quero a vós.
Los extremos que en vos vi,
Me han traido a tal estado
Que me vêo enamorado
De amor de vos e de mi

MOTE

(INEDITO)

De vós quererdes meu mal
Me vem podel-o soffrer.

GLOSA

  De tantas penas cercado,
Goso de hum bem que já tive,
Que o que me he menos pesado
He ponderar que ainda vive
Hum amor tão mal pagado.

A causa d'este tormento,
Sem vós, me fôra mortal;
D'aqui vem que em dano tal
Só tenho o contentamento
De vós quererdes meu mal.
De vós quererdes meu mal
Vem o querer esta vida,
Porque a dôr de tal ferida,
Posto que em si he mortal,
Fica assim menos sentida.
Eu tenho a dôr d'esta pena,
Que me vós fazeis querer.
E posto que me condena
De vêr que se me ordena,
Me vem podel-a soffrer.

MOTE

(INEDITO)

No meu peito o meu desejo
Da razão se fez tyrano,
Vejo n'elle certo dano,
Incerto remedio vejo.

VOLTA

Para de todo defender-me,
Este mal por passar tinha,
Ir eu contra a razão minha
Que morre por defender-me.

Da parte de meu desejo
Me passo para meu dano,
Vejo que n'isto me engano,
Mas nenhum remedio vejo.

MOTE

(INEDITO)

Nasce estrella d'alva,
A manhã se vem,
Despertae, minha alma,
Não durmaes meu bem.

VOLTAS

Meu filho e meu Deos,
Rei e peregrino,
Tão grande nos céos,
Na terra menino.
Pois sois pequenino
Não temaes a alguem;
Despertae minha alma,
Não durmaes meu bem.
Pestanas divinas
E debaxo estrellas,

Não cubraes meninas
Tão lindas, tão bellas;
Abri as janellas,
Porque tal luz dêem;
Despertae minha alma,
Não durmaes meu bem.
  Vós tendes, Senhor.
O mundo na palma,
Vós sois movedor
Do frio e da calma;
Mas pois vos encálma
O sol que já vem.
Despertae minha alma,
Não durmaes meu bem.
  Ovelha que errou,
Buscaes bom pastor,
Mas quem vos deixou
Is buscar, Senhor;
Pois de tal amor
Tal caminho vem,
Despertae minha alma,
Não durmaes meu bem.
  Nas calmas estranhas
De area torrada,
Das minhas entranhas
Vos farei ramada;
Pois por esta estrada
Seguir nos convem,
Despertae minha alma,
Não durmaes meu bem.

Ribeiras sombrias
Não ha n'esta terra,
Não ha fontes frias
Que baxem da serra;
Pois quem vos desterra
Espera tambem,
Despertae minha alma,
Não durmaes meu bem.

REDONDILHAS

RECOLHIDAS DE UM MS. DO SECULO XVII PELO SNR. VISCONDE DE JUROMENHA, PUBLICADAS NA EDIÇÃO DE 1863

Carta escripta d'Africa a hum amigo

(INEDITA)

Por usar costume antigo,
Saude mandar quizera,
E mandára se tivera,
Mas amor d'ella he imigo;
Pois me deu, em logar d'ella,
Saudade em que ando,
Saudades sem mil mando,
E não ficando sem ella.

Se isto não fiz des que vim,
Não me queiraes condenar,
Que não tive inda logar
Para tornar sobre mim.
Perdão merece esta culpa,
Que além de ser pequena,
La causa que me condena
Me serve de desculpa.
Mandar-vos novas quizera
D'esta terra e mais de mim,
Se novas houvera aqui
Boas que mandar podéra;
Mas quem tal enfadamento
Qual vae contar pretende,
Não o sente, ou não entende
Onde chega seu tormento.
Comtudo, o que passa cá,
Contarei como souber,
Se algum nojo vos der,
A tenção me salvará;
Se fallar desconcertado
Deveis-me de perdoar,
Que no estoi para llorar
Si no para ser llorado.
Melhor fôra ter calladas
As novas que ha n'esta terra,
Pois aonde vim buscar guerra
Sómente achei badaladas.
Assim estou tão infadado
Que digo em dias tão raros,

Que diera por no allaros
La gloria de os aver allado.
  Porque he tal o desconcerto
Que caminho já não leva,
Nem menos ha quem se atreva
A dar hum conselho certo:
A tudo ha conselho cá,
Quem escapa e não fere
Triste del, triste que muere
Si al paraizo no va.
  A gente he peor em dobro,
As vergonhas são perdidas,
Fallam das alheias vidas
E põem as suas em cobro;
Poucos hão medo á vergonha,
E a mui poucos se hade ouvir:
Mais vale morrer com honra,
Que deshonrado bivir.
  Não ha conversação como d'antes
Porque ha mister cem mil tentos
Com moradores praguentos
E fronteiros mais galantes:
Toda a terra anda ao revez,
Tanto que já começa
Los pies sobre la cabeça,
La cabeça sobre los pies.
  N'este desconcerto tal,
Se quereis saber qual ando,
Passo a vida suspirando
Pela causa do meu mal.

Assim me traz meu tormento
Pelo vêr tão perigoso
De mi remedio dudoso,
Mas no de mi perdimento.
   Porque de males rodeado,
E sem remedio me vejo,
E juntamente o desejo
Me acaba e o cuidado:
E tão mal me vae tratando
Este mal, segundo vejo,
Si no muere este desejo,
Moriré yo deseando.
   O mór mal que cá padeço,
He vêr quanto sem razão
Outros olhos lograrão
O que eu por amor mereço:
Isto tanto me entristece
Que depois que estou aqui
Plazer no sabe de mi.
Cuidado no me falece.
   Nenhum remedio a meus danos
Vejo por alguma via,
Senão vendo aquelle dia
Que hade ser fim de dous annos;
Mas tem meu mal tal graveza,
Que depois de me lá vêr
Já não llegará el plazer
A do llegó la tristeza.
   Dar-vos esta carta tal,
Não he fóra de razão,

Pois eu sei que em vossa mão
Está meu bem e meu mal;
Y pues sé que muerto soi
Si de tu mano me dexas,
A quien contaré mis quexas
Si a ti nó?
  Dae-me o favor sem pejo,
Pois o daes a cousa vossa,
Não queiraes vós que não possa
Servir-vos como desejo:
Ao menos se sou perdido
Não me deis o desengano,
Que ja não es en mi mano
El querer no ser querido.
  Com isto, e o mais que callo,
Julgae qual minha vida anda.
Saudade de huma banda
D'outra tendo ao badallo;
Quando me contemplo tal
Chegando a tão tristes dias,
Las tristes lagrimas mias
En piedra hazen señal.
  Podera eu viver contente,
Como saber que estava tal
A que he causa de meu mal,
Por me não ter lá presente;
Mas por quão mal lhe merece
Meu amor tão maltratar-me
Quando mas pienso alegrar-me,
Maior pacion me recrece.

Viver sempre arreceoso,
Que bem póde ter commigo
Onde está certo o perigo
He o remedio duvidoso;
Assim eu de ter perdida
Esperança de contente,
Ando perdido entre a gente,
Não morro nem tenho vida.
Não he viver á vontade,
Vestir e andar como quero
D'onde do bem desespero
E me mata a saudade;
Se isto não vos desengana
Já ouvireis vós dizer
El hombre queremos ver,
Que los panos son de lana.
Da guerra novas mais certas
Brevemente são contadas,
No verão portas fechadas,
No inverno pouco abertas;
Qualquer Mouro desmandado
Nos comete sem n'hum pejo,
E aquelle postigo vejo
Que sempre esteve fechado.
Isto não he praguejar,
Mas toda a culpa he da fome,
Porque gente que não come
Mal poderá pelejar;
Assim estão muitos no dia
Com os olhos na tramontana,

Mirando la mar d'España
Como mengoava e crecia.
  Tudo são queixas em vão,
E tudo são vãos clamores,
Capitão dos moradores,
Elles contra o Capitão;
Emfim tal vae tudo aqui
Que brada grande e pequeno:
Tiempo bueno, tiempo bueno
Quien se te llevó daqui.
  O mesmo digo eu tambem,
Porque o mal que eu lá passava
Com vêr a quem m'o causava
Se me convertia em bem;
E por isso perdoae-me
Se eu brado noute e dia
Naves de la tierra mia
Venid ora e llevadme.
  Gabaes esta vida cá
E desgabaes-me Lisboa,
Eu dera esta vida boa
A troco d'ess'outra má;
Quem de estar lá se queixar
Meu desejo lhe responde:
Mas he de nós Conde
Que manzilla ni pesar.
  Porém em quanto não vejo
O dia das alabanças
Lembre-vos que as esperanças
Puz em vós de meu desejo;

Entretanto meu tormento
Soffrerei sem me queixar,
Pues que sufrir e callar
Conviene a mi pensamento.

Carta escripta d'Africa em resposta á de hum amigo

(INEDITA)

Mandaste-me pedir novas,
E pois heide obdecer,
Quero que seja em trovas
Por vos dar em que entender;
E que esta arte de trovar
Se vá desacostumando
A quem anda como eu ando,
Tudo se hade perdoar.
Leixando todo o embaraço
Desde o dia que cá vim,
Vos darei conta de mim
E da vida que cá faço;
E julga o que cá sento
Do que lá sentiria,
S'algu'hora ou algum dia
Tive este tal pensamento.
Acho-me mui enganado
D'hum engano que trazia,
Não cuidei que n'hum cuidado
Tantos cuidados havia;

Cuidei que vida mudada
Mudasse tambem ventura;
Mas a má sempre he segura,
E da boa não sei nada.
  E pois que já comecei,
Dar-vos-hei conta comprida
De como passo a vida
N'esta vida que tomei:
Vou-me ao longo da praia
Sem outros ricos petrechos:
Una adarga ate pechos
Y en la mano una azagaia.
  Faço no meu pensamento
Mais torres que as de Almeirim,
Mas emfim leva-as o vento,
Porque são ventos em fim;
Vou-me traz isto em que ando
Quando a tormenta mais arde,
Suspirando a menudo,
Hablando de tarde en tarde.
  Fujo da conversação,
Anoja-me companhia
E trago os olhos no chão,
E mui alta a fantezia;
Des que vou alongando,
Que me não podem ouvir,
Las bozes que iva dando,
Al cielo quieren subir.
  Vejo desfeitos em vão
Todolos meus contentamentos

Porém os meus pensamentos
Não cansam, nem cansarão;
S'alma, mais que a vida,
Mais que a vida hade durar,
Maldita seas ventura,
Que assi me hazes andar.
Cuido no que he já passado
E no que está por passar,
Porém nunca o meu cuidado
Se muda d'hum só logar:
Quando em mim torno cuidando
Que de mi mesmo me velo,
Los ojos puestos nel cielo
Jurando iva hechando.
Vejo o mar embravecer,
Vejo que depois melhora,
Mil cousas vejo cada ora,
Huma só não posso vêr;
Assim vou passando o dia
N'esta saudade tamanha,
Mirando la mar d'España
Como mengoava e crecia.
Quem disser que a saudade
He vida para gabar,
Se o disser de verdade,
Dil-o-ha para me enojar.
Vida que a alma entristece
Em que toda a dôr consiste,
El dia que hade ser triste,
Para mim solo amañece.

Crêde-me quanto mais fallo,
Pois vos fallo como amigo,
E crêde que o que callo
He muito mais que o que digo.
Ando com alma cansada,
Suspirando cada hora
Por el tu amor sen ti ora
Passé yo la mar salada.
Andando só, como digo,
Apartado da manada,
Fazendo contas commigo
Qu'emfim não fundem nada,
Querendo buscar atalho
Para vir ao que desejo,
Vi venir pendon bremejo
Con tresientos de caballo.
Vinham d'esporas douradas
E vestidos de alegria,
Com adargas e braçados
La flor de la Berberia,
Com gritos e altas vozes
Vinham a redeas tendidas,
Ricas aljubas vestidas
En cima sus albernozes.
Gentes de muitas maneiras
E diversas nações
Corriam a estas tranqueiras,
Como a ganhar perdões;
Mas porque vos não engane
Cousas que outros vos escrevam,

Los bordones que ellos llevan,
Lanças vos pareceranne.
  Tudo anda de levanto,
Era o campo todo cheo,
Em tudo punham espanto,
De nada tinham receo;
Com grandes vozes e festas
Vinham bradando de lá:
Cavalleros de Alcalá
No os allabareis daquesta.
  Comigo mesmo fallando,
Como s'a outrem fallasse
Dizia quem me lembrasse
Do em que andava cuidando;
E porque tamanho dote
Não se alcança por cuidar,
A las armas Mouriscote,
S'in ellas quereis entrar.
  Contar feitos esquecidos,
He muito contra minh'arte,
Houve mortos e feridos,
Houve mal de parte a parte,
Houve homem que dizia,
Na força do mór recêo,
D'onde estás que no te veo,
Qu'es de ti esperança mia.
  Pois fallo em tão fraca guerra,
Sinal he de vosso amigo,
Visto como estaes em terra,
Que ha outras de mór perigo;

E pois por vós mais fizera
Quem faz isto que aqui vêdes,
Y que nuevas me traedes
Del mi amor que alla era?
Quizera-vos dizer mais,
E pois vos não digo tudo,
Farei conta que sou mudo
E entendei-me por sinaes;
Que se fosse tão ousado,
Qu'inda mais que isto dissesse,
A que muerte condenado
Pudo ser que grave fuesse.

Carta a huma Senhora

(INEDITA)

Amor que viu minha dôr
Ser maior que a paciencia,
Prometteu-me, por favor,
Huma carta de adherencia
Para vosso desfavor.
Eu que ainda não sabia
Quanto tinha de divino,
Julgava por desatino
Que carta de tal valia,
Notasse hum cego menino.

Elle vendo-me ficar
Commigo quasi suspenso,
Por mais me desenganar
Começou-me de notar
Na memoria por extenso.
E diz, por vêr se o nego,
Via boa se assim fôr;
E eu tornei-lhe por louvor:
Os conceitos são de cego,
E as palavras são de amor.
Logo escrever me mandou,
E não sendo a pena boa,
Para as azas se virou
E huma grande arrancou,
D'aquellas com que mais vôa.
E diz-me: toma esta pena,
Que por minha a todos ganha,
Que parece cousa estranha
Que baste cousa pequena
A contar cousa tamanha.
E por ser mais igual
A materia ao pensamento,
Tudo he de hum natural;
Molha a pena de teu mal
Na tinta do meu tormento.
O pensamento ligeiro,
Como portador tão fiel,
Sendo em tudo verdadeiro,
Te dê agora o papel,
Te sirva de mensageiro.

E eu, aparelhado assi,
Como amor me aparelhou,
Dés que nada me fallece;
D'esta maneira escrevi
O que o moço cego notou:
Senhora, que não quereis,
Depois que tudo quizestes,
E a morte me trazeis,
Negando-me o que podeis,
Sabendo quanto podestes.
Esperae, estae attento,
Que para contar minha dôr
Me dá a tinta o tormento,
A pena me dá o amor,
O papel o pensamento.
Democrito tirae
A vista tanto estimada,
Que sem ella procurae
Furtar o corpo á sillada,
Que do desejo esperae.
Se primeiro que vos víra,
Minha dôr adivinhára,
Meus, certo, olhos tirára
Que inda que pena sentíra,
Menos pena lhe ficára.
Mas ai, Senhora, que n'isto,
Não acerto, nem póde ser,
Porque para meu querer
Antes cego por ter-vos visto,
Que cego por vos não vêr.

Quanto mais que os cegos taes,
Se ante vós estivessem,
Como os que vos vêem cegaes;
Os cegos vista tivessem
Para nunca vêrem mais.
Porque, depois que vos vi,
Quando vós vêr me quizestes;
Nunca mais me vi a mim,
Nem vi quando me perdestes,
Sentindo que me perdi.
Tanto enlevei o cuidado
Na luz com que me cegastes,
Que de cego e enlevado
Não vi quando me roubastes,
Mas vi que fôra roubado.
O pensamento por quanto
Vos quiz ter por sua estrella,
Como quem mais s'acautela
Se descuidou d'alma tanto,
Por vos dar cuidado d'ella.
Mas a alma que na gloria
Se viu de vossa prisão,
Deu recado ao coração,
Que rendido, ou com victoria,
Se rendesse em vossa mão.
Os olhos que cada dia
Os vossos lhe eram defezos,
Como que mais não queria
Hiam sempre vêr os presos,
Por vêr a quem prendia.

Gosavam da vista pura,
Viam huma alma no céo;
Ó que céo! mas pouco dura
A gloria, pois a tolheu,
Ou vós, ou minha ventura.
Ventura, não, que he cousa dura
Negar ella o que podeis;
Vós sim, pois que bem sabeis
Quão pouco póde a ventura
Onde vós tanto podeis.
E se, Senhora, quereis
Ser remedio do que espero,
Sou contente que me deis
Não mais que quanto podeis,
Para ficar com quanto quero.
Se de bem tão sublimado.
Por indigno me tiverdes,
Tende comvosco assentado
Que pois tenho meu cuidado,
Que terei quanto me derdes.
E pois que o pensamento
Foi capaz de imaginar-vos
Pela gloria do tormento,
Quiz o merecer comprar-vos
Com vosso merecimento.
Assim que de merecer
Não me falta cantidade,
Nem me falta o poder ser;
Mas para tudo poder,
Falta-me vossa vontade.

E pois que podeis por vós,
O que não posso por mim,
Porque não quereis o fim,
Sem desfazeres em vós,
Vir a fazer tanto em mim.
E pois o tempo vos dá
Licença porque me deis,
Não negueis o que podeis,
Que depois o negará,
E vós m'o concedereis.
E pois tanto bem me déstes,
Senhora, não m'o tireis;
Porque mais pena tereis
Em saber que já podestes,
Que vêr que já não podeis.
Em fim porque nunca seja
Chegado á tão dura sorte,
Ou consenti que vos veja,
Ou não me negueis a morte,
Que a vida sem vós deseja.

Outra

(INEDITA)

Carta minha tão ditosa,
Pois que chegarás a vêr
O que eu não; dou-te a entender
De minha vida penosa,
O que lhe pódes dizer.
Quero que vás instruida
Para poder fallar lá:
Pede bem, dar-me-has vida,
Que em seres bem respondida
Todo o meu remedio está.
Humildade e reverencia,
Convem n'esta parte teres,
Basta-te humilde a mim vêres,
Para tu, que és dependencia
Minha, humilde tambem seres.
Já que me vás remediar,
Se necessario me fôr,
Chora lá por alcançar,
Fica á conta do chorar,
E em conto de minha dôr.
Senhora, dirás chorando,
Sou cá mandado de quem
Não quer mais que só o bem
D'estar sempre contemplando
No que de vós junto tem.

Não fôra nunca atrevido
A cometter tal empreza,
Dizendo, d'ella esquecido:
Baste-me a mim ser perdido
Por uma tão grande belleza.
Mas amor que viu estar
Tão engolfado na pena,
Disse: assi has de penar
Sem quereres applicar
Sequer remedio de pena.
Põe-te logo a escrever
Para aquella que te cança,
Sem te faltar que dizer,
Eu prometto de te ser
Em tudo inteira lembrança.
Pois elle vendo de amor
Hum tão grande offerecimento,
Faz de mim embaixador
Com a pena de sua dôr
Escrevendo seu tormento.
Dizendo: Senhora minha,
Lá onde quer que ora estaes
Como podeis ser mezinha
D'esta vida tão mesquinha,
Com um só sim que digaes.
Hum sim digo de contente,
Que por vós feneça amando,
De modo que saiba a gente
Que me daes vida penando
N'hum vagaroso accidente.

Quem souber que por vós mouro,
Que melhor sorte quero eu?
Quem teve mór bem por seu,
Que quero eu mór thesouro,
Que morrer pelo bem meu.
Macias, o namorado,
Teve que era gloria
Na morte ter estampado
Até ser alanceado,
O nome de sua senhora.
Só quero que de em diante
Se saiba que sois servida,
De quem por vós perca a vida,
Que não houve nunca amante
Que a dê por melhor perdida.
Que he tão grande o bem de amar-vos,
Supposto que muito peno,
Que inda cuido que he pagar-vos
Pouco, e que sacrificar-vos
A vida, he premio pequeno.
Assi que para esperar,
Senhora, de vós favor,
Não me acho merecedor;
Que em fim se vem a pagar
Meu amor c'o mesmo amor.
Hum só que de vós proceda
Mereço, pois me perdi,
E he que nunca succeda,
Qu'algum outro se conceda
O que se nega a mim.

Outra

(INEDITA)

Pois que, Senhora, folgaes
Que minha alma vos não veja;
Peço-vos que me digaes
A razão que vós achaes
Em não querer que vosso seja.
Bem que a razão vejo clara,
Que alguem vos enganou,
Porque eu certo julgava
Que o fio não quebrára
Pelo logar que cobrou.
Mas pois foi a vosso grado,
E d'isso tomaes prazer,
Eu estou aparelhado
A cumprir vosso mandado
Já mais nunca vos vêr.
E por ser obediente,
Com o que tenho me componho,
Digo que sou mui contente;
. . . .
Seja passada por sonho.
E se, Senhora, cuidaes
Que d'isto paixão me vem,
Certo que vos enganaes
N'isso ganho eu mais
Dez mil vezes que ninguem.

Intendimento a este verso

(INEDITO)

Olvidé y avorescy.

Ha se dè entender assi
Que desque os di mi cuidado
A quantas uve mirado
Olvidé y avorescy.

A humas Senhoras

QUE JOGANDO PERTO DE HUMA JANELLA LHES CAHIRAM TRES PÁUS E DERAM NA CABEÇA DE CAMÕES

Para evitar dias máus
Da vida triste que passo,
Mandem-me dar um baraço,
Que já cá tenho tres páus.

FIM DAS REDONDILHAS.

VARIANTES

REDONDILHAS

(Pag. 9)

1 *Sobre os rios* que vão. Ed. 1595.
2 Mas em tristezas e *enojos*. *Ib.*
3 *Terne* presente *a* los ojos. *Ib.*
4 Por *antr'* o espesso arvoredo. *Ib.*
5 D'alma me farei *mudada*. *Ib.*
6 Dos *effeitos* com que venho. *Ib.*
7 Do livre *alvedrio* que tenho. *Ib.*
8 Cá d'este mundo *visivel*. *Ib.*

(Pag. 22)

1 E *d'aquelle* a quem te dei. Ed. 1595.
2 *Ouvido me dae* attento. Ms. de Faria.
3 Ella *só tanto* entristece. Ed. 1595.
4 A *vida* a quanto *padesce*. *Ib.*

(Pag. 29)

1 Dama de *illustre valor*. Ms. Juromenha.
2 *Que se converta* em amor. *Ib.*
3 *Se* cuidaes. Ed. 1595.

4 *Querer-vos* cada vez mais. Ms. Jus.
5 *Vendo* que em tanta *afflição*
Não *pode haver crescimento Ib.*
6 *Todavia*
Amor tem tanta valia
Quando quer,
Que o que já não pode ser
Faz elle em nós cada dia. Ms. Jur.

(Pag. 35)

1 Que contentar-me *c'os* danos. Ed. 1595.

(Pag. 40)

1 Sabeis *o* que aveis de fazer? M. Jur.
2 Que aqui *no ai* que comer. *Ib.*
3 *Que* por mais que *vós* corrais
Não *alcançareis* a cea. *Ib.*
4 *Eliognabalo* zombava. *Ib.*
5 *Que esta* ceia está segura
De *não vos* ver em pintura. *Ib.*
6 Vos dá *tinta aqui* por vinho. *Ib.*
7 E nada feito *de* empada
E vento de *piverada,*
Picar no dente em *repolho,*
Em carne tendes tafalhos;
De aves de pena que sente
Quem *de* fome anda doente. *Ib.*
8 Que se lhe *fazia* em metro. *Ib.*
9 De mi vos quero *apostar.* Ed. 1595; Ms. Jur.
10 *Que* quanto podeis cuidar;
N'esta ceia que é manjar,
Vos faça na bocca — trovas. Ms. Jur.

(Pag. 44)

1 *E* não tenho que vos dar. Ed. 1595.

(Pag. 58)

1 *Disse o que mais n'alma* toca. Ms. Jur.

(Pag. 59)

1 *Assim* a *mim*, que não nego
Os olhos *ao* que desejo. Ed. 1595.

(Pag. 60)

1 *Nunca fez cousa que* errasse. Ms. Jur.
2 Sem *a* alma *que* em si vos tem. Ed. 1595.

(Pag. 62)

1 *Rompem* toda a pedra dura. Ed. 1595.

(Pag. 63)

1 De todo *o* humano temor. Ed. 1595.

(Pag. 63)

1 Satisfizo *a* mi pasion. Ed. 1595.
2 De *celos* de mi dolor. *Ib.*

(Pag. 65)

1 *Só* por vêr
Tudo o que *possa* escrever. Ms. Jur.
2 *Só por mim quizesses* ler. *Ib.*
3 *Vereis ao* natural
Do que aqui *virdes* pintado. Ms. Jur.
4 Vereis *aspera* e cruel. *Ib.*
5 *E a* mi com sangue no peito. *Ib.*
6 *Não se* pode declarar. *Ib.*
7 Vede *qual milhor* lereis
Se a mi, se *ao que* escrevo. *Ib.*

(Pag. 67)

1 *Tomaria* não ser meu,
Se não foreis *tanto* sua,
Nos olhos e na *afeição*. Ms. Jur.
2 Não *no* quizestes de crua. *Ib.* Ed. 1595.
3 Por *que he* meu
E se outrem vos dera o seu,
Não foreis *vós tanto* sua. Ms. Jur.

4 *Para que* não venha a ser. *Ib.*

(Pag. 68)

1 *Para ficardes em joguo*
Que se apague o foguo
Senão com meu, que he maior. Ms. Jur.

(Pag. 70)

1 Em vós me *busca* a doença. *Ib.*
2 Que em vós só me *matará;*
Que a mi se me vem buscar. *Ib.*
3 Que a *sombra* do que foi já. *Ib.*

(Pag. 73)

1 Bem sei que Amor se lhe rende. Ed. 1595.

(Pag. 74)

1 Deve ser *disciprinada.* Ed. 1595.

(Pag. 75)

1 Como *todo o mundo* vê
Que—dar a camisa. Ed. 1595.

(Pag. 77)

1 *Era* má! como ella mente. Ed. 1595.
2 Enganou-me; *teve* a minha;
Dá-lhe pouco de perdella. *Ib.*
3 Dizei, *para que* mentis?
Prometteis e *não cumpris?*
Pois sem *cumprir* tudo he nada
Nem sois bem aconselhada. *Ib.*
4 O que perde não *no* sente. *Ib.*
5 Se *esse* vosso prometter. *Ib.*
6 *Com vosco;* e vós de contente. *Ib.*
7 Deixae-me vós o *comprir. Ib.*
8 O que *cumpre* o que mente. *Ib.*
9 Fallar,—o mais me consente. *Ib.*

10 No logar da 6.ª redondilha:

> Mas pois folgaes de mentir,
> Promettendo de me vêr,
> Eu vos deixo a prometter,
> Deixae-me vós o comprir;
> Aveis então de sentir
> Quanto fica mais constante,
> O que cumpre, que o que mente. Ms. Jur.

(Pag. 79)

1 De *demonios* habito tem. Ed. 1595.
2 Que tem seu *reino* mudado. *Ib.*

(Pag. 82)

1 A dor que minha alma sente
Não *a saiba* toda a gente. Ed. 1595; e Bernardes, (*Rim. var.*)
2 *De sempre como* avarento,
Guardar em mim minha dor.
Por me não tratar *pior*
Se d'isto o contrario sente
Não *o saiba* toda a gente. Bernardes, *ib.*
3 Ande no peito escondida
Uma dor tão desusada
De *mim* só seja chorada
Não seja d'outrem sentida:
Ou me mate ou me dê vida,
Ou viva triste ou contente
Não *se confie da* gente. Bernardes, *ib.*
4 De ninguem *a* ouso fiar. Ed. 1595.

(Pag. 84)

1 Dando remedio não val,
Sem perigo *do mais* mal. Ms. Jur.
2 Mas *onde entrou* por amigo
Se *levantou* por Senhor. *Ib.*

3 *Aquelle passo mortal*
Que eu terei por menor mal.

(Pag. 86)

1 Trape, *quebro-lh'a* janella. Ed. 1595.

(Pag. 90)

1 *Alcançar* as aguas. Ed. 1595.
2 Estas *do mar* são. *Ib.*
3 Me *levam,* eu as levo. *Ib.*

(Pag. 93)

1 Que *quero* o perigo. Ed. 1595.

(Pag. 93)

1 *A* lindeza vossa. Ed. 1695.

(Pag. 95)

1 Tenho sabido em fim. Ed. 1595.

(Pag. 96)

1 *Eram crueis matadores.* Ed. 1595.

(Pag. 97)

1 Sobre *falso* coração. Ms Jur.

(Pag. 101)

1 *De* como alumbrou al *cielo.* Ed. 1595.

(Pag. 104)

1 Con el por *quien* muero. Ed. 1595.

(Pag. 110)

1 Pois *me faz dano* olhar-vos. Ed. 1595.

(Pag. 122)

1 Cego e—perdido. Ed. 1595.

(Pag. 128)

1 Em seguida a esta Endexa, traz Faria e Sousa, como pertencendo a Camões, as duas endexas que Bernardes publicou nas *Rimas ao bom Jesus* e que começam:

—Grandes esperanças.
—N'esta vida escassa.

(Pag. 129)

1 *Vencerte,* Amor, não o nego. Ms. Jur.
2 *Porque* he rapaz ruim
Dei-lhe *huma rouba* zombando.
Disse-me elle: estais-me dando,
Por serdes maior que mim?
Pois *se vos eu* descarreguo. Ms. Jur.
3 *Descarregua,* tá rapaz. *Ib.*

(Pag. 130)

1 Cuidando alcançar assim. Ed. 1598.

(Pag. 131)

1 Fingia *que* eram *palavras.* Ed. 1598.
2 Qu'inda queiras Domingas. *Ib.*
3 Que morra desesperado. *Ib.*

(Pag. 132)

1 *S*'alma ver-se não pode. Ed. 1598.

Pag. 133)

1 Ser melhor *tod'o* tormento. Ed. 1598.

(Pag. 136)

1 *Foi por em* alto logar
Perde *as pennas de* voar,
Ganha *as penas de* tormento. Ms. *Famil. nobres de Portugal,* (P. IV; apud Jur.)

(Pag. 137)

1 Que—taes Cirurgiões. Ed. 1598.
2 Já entendeis qu'he *assim*. *Ib.*
3 Quando cuido em quem m'o cura. *Ib.*

(Pag. 138)

1 *He noite* serena,
Faz *secar* abrolhos
Na luz de seus olhos.

A parte escurece
Donde os olhos tira,
E para onde os vira
O ar se esclarece;
A terra florece,
Secam-se os abrolhos
Na luz de seus olhos. Ms. Jur.

2 E posto *de* giolhos
Lhe adora os olhos. *Ib.*

(Pag. 140)

1 *Mas* eu *de* lembranças. Ms. Jur.
2 *Isto* que comeis. *Ib.*
3 São *graças* dos olhos. *Ib.*

(Pag. 141)

1 *Co'a* agua que cay. Ed. 1598.
2 *Os ortelões* d'ella. Ms. Jur.

(Pag. 141)

1 Menina *fermosa*. Ed. 1598.
2 Se ama, he piadosa. *Ib.*

(Pag. 144)

1 Comprou-me—amor. Ed. 1598.
2 Dar-me *disfavor*. *Ib.*

(Pag. 145)

1 Na fonte está *Leanor*. Ed. 1616.
2 *As* amigas perguntando. *Ib.*
3 Que *do* chorar já cansadas. *Ib.*
4 *Que depois* de seu amor. *Ib.*

(Pag. 147)

1 Que o tempo traz *sonorenta*. Ed. 1616.
2 Que só dá vida e *a* contenta. *Ib.*

(Pag. 149)

1 No tempo que *o* desejei. Ed. 1616.

(Pag. 152)

1 Pois onde te *não* fallar. Ed. 1616.
2 Se *Madanela* conheces. *Ib.*

(Pag. 153)

1 No ves *quan* dulce *e serena*. Ed. 1616.

(Pag. 157)

1 *E temo* o desejo
Desejo *o temer*. Ed. 1616.

(Pag. 157)

1 *Mas da* fermosura. Ed. 1616.
2 Se *rim*, não cuĩdando. *Ib.*
3 Por ventura *d'ellas*.
Das que colhe *bellas Ib.*
4 Faz a luz *cristalina*. *Ib.*
5 Por vêr-se—agua n'ella. *Ib.*

(Pag. 159)

1 Senhora, vuestra *beldade*. Ed. 1616.
2 Pues *si* en vos plazer no siente. *Ib.*
3 Si no quereis que—os vea. *Ib.*

(Pag. 160)

1 Serdes bem assombrada. Ed. 1616.
2 He branca e bem talhada. *Ib.*
3 *Já sei* quanto a mim
Isso nasce de a terdes. *Ib.*
4 *Já* sem o vós saberdes. *Ib.*
5 Inda assim achareis *gente*. *Ib.*
6 Esse riso he composto. *Ib.*
7 Bocca *nem* graça igual. *Ib.*
8 Dou-me a Deos, que me leve. *Ib.*
9 Senão que feita em rosquinhas. *Ib.*
10 Eu sei quem se offerece. *Ib.*
11 Só *com* vel-as enfeitiça *Ib.*
12 *Os que vem* vossos olhos verdes. *Ib.*
13 Que eu *rogo* vos roubaria.
Dou-me a Santa Maria. *Ib.*

(Pag. 164)

1 *Anna,* quizestes que fosse. Ed. 1616. Ms. Jur.
2 Apelles se *vivo fôra.* Ms. Jur.
3 Por vós *debuxos pintara. Ib.*
4 Extremo *da fermosura. Ib.* Ed. 1616.
5 *Pera* minha sepultura. Ms. Jur.
6 Cassandra disse *por* Troia
Que havia *de* ser *distroida,*
Eu por vós alma e vida. *Ib.*
7 *De* má morte causadora. *Ib.*
8 Fedra de puro amor. *Ib.*
9 De foguo, o consumio. *Ib.*
10 *Helisa* e Dido morreram
Por se ver sem esperança,
E vendo vossa *mudança. Ib.*
11 *Judic ao grão* Allofernes. *Ib.*
12 Leandro *foi dar á costa,*
Na pria de süa bonança,
E eu na vossa esperança. *Ib.*
13 E vós, *sois deosa* da terra. *Ib.*

14 Vendo sua figura. *Ib.*
15 Eu *a* vossa fermosura. *Ib.*
16 *Vendo sua* fermosura. *Ib.*
17 Que em vos *vendo* sentiram
E eu choro o que elles viram
Orpheo com *sua* arpa. *Ib.*
18 Vós a mim com *mais rezão. Ib.*
9 Páris *roubou Hellena. Ib.*
20 E vós a mim *só* me mataes. *Ib.*
21 Roma o mundo *sogigou. Ib.*
22 *Serea* na *formosura*
Com *engano* vai cantando.
Vós a mi sempre matando. *Ib.*
23 Venus que—mais fermosa
Páris lhe julgou a sorte,
Vós a mim dareis a morte. Ib.
24 *Por que não fostes,* Senhora,
Presente n'aquella ora.

B Bersabé com seu prazer
A el rei David cegou;
E o vosso sol me matou. *Ms. Jur.*

C Caim dizem que matou
Abel, sendo seu irmão:
A mim, vossa ingratidão.

Caim, se mostrou matador
Pela inveja que havia:
Vós a mim por outra via. *Ib.*

E Esther por formosura
A ser rainha e gram senhora
Vós nome de matadora. *Ib.*

G Geremias lamentando,
Chorava com gram cuidado;
E eu sou já sepultado. *Ib.*

J Julio Cesar conquistou
O mundo com fortaleza,
Vós a mim com gentileza. *Ib.*

Julio Cesar se livrou
Dos imigos com abrolhos,
Eu não posso d'esses olhos.

Jazia o Minotauro
Prezo no seu Labyrintho,
Mas eu mais prezo me sinto. Ed. 1668.

Judic ao grão Allofernes
Degolou; se vivo fôra
Morte lhe dereis, Senhora. *Ms. Jur.*

M Minerva foi mui cruel
Mas não chegou a metade
Da vossa gram crueldade. *Ib.*

S Salomão, por adorar
Uma mulher, se perdeu:
E por vós me perdi eu. *Ib.*

Z Zenobia, se sois por mim
Pedida de amor e fé,
Como essa por si é.

Zacharias emudeceu
Por um pouco duvidar.
E eu só por vos falar. *Ib.*

(Pag. 177)

1 *Quizereis* representar
Ouvera por bom partido
Dar-*lh'o* a alma do sentido. Ed. 1668.
2 Que serdes meu natural. *Ib.*

(Pag. 178)

1 Que ninguem como mais dino. *Ib.*
2 Do mal ficaram *meus* danos. Ed. 1668.

INDICE

Bibliotheca da ACTUALIDADE

N.º 6

OBRAS COMPLETAS

DE

LUIZ DE CAMÕES

OBRAS COMPLETAS

DE

LUIZ DE CAMÕES

EDIÇÃO CRITICA

Com as mais notaveis variantes

TOMO II

CANCIONEIRO DE TODAS AS REDONDILHAS E AUTOS

Vol. 6.º — Autos e Cartas

PORTO
IMPRENSA PORTUGUEZA — EDITORA
1874

AUTO DE FILODEMO

Representado na India a Francisco Barreto, (1) e publicado em 1587 por Affonso Lopes

---

Interlocutores

FILODEMO.—VILARDO, seu moço.—DIONYSA.—SOLINA, sua moça,—VENADORO.—MONTEIRO.—DURIANO, amigo de Filodemo.—Hum PASTOR.—Hum BOBO, filho do Pastor.—FLORIMENA, pastora.—DOM LUSIDARDO, pae de Venadoro.—DOLOROSO, amigo de Vilardo,—Tres PASTORES.

ARGUMENTO

Hum fidalgo portuguez, que acaso andava nos reinos de Dinamarca, como por largos amores e maiores serviços tivesse alcançado o amor de huma filha d'El-Rei, foi-lhe necessario fugir com ella em huma galé, por quanto havia dias que a tinha prenhe. E de feito, sendo chegados á costa de Hespanha, onde elle era senhor de grande patrimonio, armou-se-lhe grande tormenta, que sem nenhum remedio, dando a galé á costa, se perderam todos miseravelmente, senão a Princeza, que em huma taboa foi á praia: a qual, como chegasse o tempo de seu parto, junto de huma fonte pariu duas crianças,

(1) Rubrica da lição ms. no *Canc.* de Luiz Franco Corrêa, fl. 269 a 286 *v*.

macho e femia; e não tardou muito que hum pastor castelhano, que n'aquellas partes morava, ouvindo os tenros gritos dos meninos, lhe acudiu a tempo que a mãe já tinha expirado. Crescidas, emfim, as crianças debaixo da humanidade e criação d'aquelle pastor, o macho que Filodemo se chamou á vontade de quem os baptizára, levado da natural inclinação, deixando o campo, se foi para a cidade, aonde por musico e discreto, valeu muito em casa de D. Lusidardo, irmão de seu pae, a quem muitos annos serviu sem saber o parentesco que entre ambos havia. E como de seu pae não tivesse herdado nada mais que os altos espiritos, namorou-se de Dionysa, filha de seu senhor e tio, que incitada ao que por suas obras e boas partes merecia, ou porque ellas nada engeitam, lhe não queria mal. Aconteceu mais, que Venadoro, filho de D. Lusidardo, mancebo fragueiro, e muito dado ao exercicio da caça, andando hum dia no campo após hum cervo, se perdeu dos seus; e indo dar em huma fonte, onde estava Florimena, irmã de Filodemo (que assim lhe pozeram o nome) enchendo huma talha de agua, se perdeu de amores por ella, que se não soube dar a conselho, nem partir-se donde ella estava, até que seu pae o não foi buscar. O qual informado pelo pastor que a criára (que era homem sabio na Arte magica) de como a achára e como a criára, não teve por mal de casar a Filodemo com Dionysa sua filha, e prima de Filodemo; e a Venadoro seu filho, com Florimena sua sobrinha,

irmã de Filodemo pastor; e tambem pela muita renda que tinha e de seu pae ficára, de que elles eram verdadeiros herdeiros. Das mais particularidades da comedia, fará menção o Auto, que he o seguinte.

ACTO PRIMEIRO

SCENA I

FILODEMO E VILARDO

FILODEMO: Moço Vilardo?
VILARDO: Ei-lo vae.
FILODEMO: Fallae eira má, fallae,
E sahi cá para a sala.
O villão como se cala!
VILARDO: Pois, senhor, sahi a meu pae,
Que quando dorme não fala.
FILODEMO: Trazei cá huma cadeira:
Ouvis, villão?
VILARDO: Senhor, sim.
(Se m'ella não traz a mim,
Vejo-lh'eu ruim maneira.)
FILODEMO: Acabae, villão ruim.
Que moço para servir
Quem tem as tristezas minhas!
Quem pudesse assi dormir!

VILARDO: Senhor, n'estas manhãzinhas
Não ha hi senão cahir:
Por demais he trabalhar
Que este somno se me ausente.

FILODEMO: Porque?

VILARDO: Porque ha d'assentar
Que se não fôr com pão quente,
Não ha de desafferrar.

FILODEMO: Ora, hi pelo que vos mando,
Villão feito de fermento.

(Sáe Vilardo)

Triste do que vive amando
Sem ter outro mantimento,
Que estar só phantasiando!
Só huma cousa me desculpa
D'este cuidado que sigo,
Ser de tamanho perigo,
Que cuido que a mesma culpa
Me fica sendo castigo.

(Vem o moço; e assenta-se na cadeira Filodemo, e diz ávante:)

Ora quero praticar
Só comigo hum pouco aqui;
Que despois que me perdi,
Desejo de me tomar
Estreita conta de mi.
Vae para fóra, Vilardo.
Torna cá: vae-me saber

Se se quer já lá erguer
O senhor Dom Lusidardo,
E vem-mo logo dizer.

(Vae-se o moço.)

Ora bem, minha ousadia,
Sem azas, pouco segura,
Quem vos deu tanta valia,
Que subaes a phantasia
Onde não sóbe a ventura?
Por ventura eu não nasci
No mato, sem mais valer
Que o gado ao pasto trazer?
Pois d'onde me veiu a mi
Saber-me tão bem perder?
Eu, nascido entre pastores,
Fui trazido dos curraes,
E d'entre meus naturaes
Para casa dos senhores,
D'onde vim a valer mais.
E agora logo tão cedo
Quiz mostrar a condição
De rustico e de villão!
Dando-me ventura o dedo,
Lhe quero tomar a mão!
Mas oh! que isto não he assi,
Nem são villãos meus cuidados,
Como eu d'elles entendi;
Mas ántes, de sublimados,
Os não posso crêr de mi.

Porque como hei eu de crêr
Que me faça minha estrella
Tão alta pena soffrer,
Que sómente pola ter
Mereço a gloria d'ella?
Senão se amor, d'attentado,
Porque me não queixe d'elle,
Tem por ventura ordenado
Que mereça o meu cuidado,
Só por ter cuidado n'elle.

SCENA II

VILARDO E FILODEMO

VILARDO: O senhor Dom Lusidardo
Dorme com todo o convento;
E elle com o pensamento
Quer estar fazendo alardo
De castellinhos de vento!
Pois tão cedo se vestiu,
Com seu damno se conforme,
Pezar de quem me pariu;
Que ainda o sol não sahiu:
Se vem á mão, tambem dorme.
Elle quer-se levantar
Assi pela manhãzinha!
Pois quero-o desenganar:
Nem por muito madrugar
Amanhece mais asinha.

FILODEMO: Traze-me a viola cá.
VILARDO: (Voto a tal que me vou rindo.)
Senhor, tambem dormirá.
FILODEMO: Traze-a, moço.
VILARDO: Si, virá,
Se não estiver dormindo.
FILODEMO: Ora, hi polo que vos mando:
Não gracejeis.
VILARDO: Eis-me vou:
Pois, pezar de São Fernando!
Por ventura sou eu grou?
Sempre hei d'estar vigiando? *(Sáe.)*
FILODEMO: Ah senhora, que podeis
Ser remedio do que peno,
Quão mal ora cuidareis
Que viveis e que cabeis
N'hum coração tão pequeno!
Se vos fosse apresentado
Este tormento em que vivo,
Crerieis que foi ousado
Este vosso, de criado
Tornar-se vosso captivo!

SCENA III

FILODEMO E VILARDO

VILARDO: Ora eu creio, se he verdade
Que estou de todo acordado,
Que meu amo he namorado;

E a mi dá-me na vontade
Que anda hum pouco abalado.
E se tal he, eu daria
Por conhecer a donzella
A ração d'hoje este dia;
Porque a desenganaria,
Sómente por ter dó d'ella.
Havia-lhe perguntar:
Senhora, de que comeis?
Se comeis d'ouvir cantar,
De fallar bem, de trovar,
Em boa hora casareis.
Porém se vós comeis pão,
Tende, senhora, resguardo:
Que eis-aqui está Vilardo,
Que he como hum camaleão,
Por isso, buz, fazei fardo.
E se vós sois das gamenhas,
E houverdes de attentar
Por mais que por manducar,
Mi cama son duras peñas,
Mi dormir siempre es velar.
A viola, senhor, vem
Sem primas, nem derradeiras:
Mas sabe o que lhe convem?
Se quer, senhor, tanger bem,
Ha de haver mister terceiras.
E se estas cantigas vossas
Não forem para escutar,
E quizerdes espirar;

Ha mister cordas mais grossas,
Porque não possam quebrar.

FILODEMO: Vae para fóra.

VILARDO: Já venho.

FILODEMO: Que eu só d'esta phantasia
Me sostenho e me mantenho.

VILARDO: Quamanha vista que tenho,
Que vejo a estrella do dia! *(Sáe.)*

SCENA IV

FILODEMO *(cantando)*

Adó sube el pensamiento,
Seria una gloria inmensa
Si allá fuese quien lo piensa.

(Falla)

Qual espirito divino
Me fará a mi sabedor
D'este meu mal, se he amor,
Se por dita desatino?
Se he amor, diga-me qual
Póde ser seu fundamento,
Ou qual he seu natural,
Ou porque empregou tão mal
Hum tão alto pensamento.
Se he doudice, como em tudo
A vida me abraza e queima,
Ou quem viu n'hum peito rudo

Desatino tão sisudo,
Que toma tão doce teima?
Ah senhora Dionysa,
Onde a natureza humana
Se mostrou tão soberana!
O que vós valeis me avisa,
Mas o que eu peno me engana.

SCENA V

SOLINA E FILODEMO

SOLINA: Tomado estaes vós agora,
Senhor, co'o furto nas mãos.

FILODEMO: Solina, minha senhora,
Quantos pensamentos vãos
Me ouvireis lançar fóra!

SOLINA: Oh senhor, quão bem que sôa
O tanger de quando em quando!
Bem sei eu huma pessoa,
Que ha já huma hora, e boa,
Que vos está escutando.

FILODEMO: Por vida vossa, zombaes?
Quem he? quereis-m'o dizer?

SOLINA: Não o haveis vós de saber,
Bofé, se me não peitaes.

FILODEMO: Dar-vos-hei quanto tiver,
Para taes tempos como estes.
Quem tivera voz dos céos,
Pois escutar me quizestes!

SOLINA: Assi pareça eu a Deos,
Como lhe vós parecestes.

FILODEMO: A senhora Dionysa
Quer-se ja alevantar?

SOLINA: Assi me veja eu casar,
Como despida em camisa
Se ergueu por vos escutar.

FILODEMO: Em camisa levantada!
Tão ditosa he minha estrella?
Ou m'o dizeis refalsada?

SOLINA: Pois bem me defendeu ella
Que vos não dissesse nada.

FILODEMO: Se pena de tantos annos
Merecer algum favor,
Para cura de meus damnos
Fartae-me d'esses enganos,
Que não quero mais de amor.

OLINA: Agora quero eu fallar
N'este caso com mais tento;
Quero agora perguntar:
E de siso his vós tomar
Hum tão alto pensamento?
Certo he minha maravilha,
Se vós isto não sentis
Bem: vós como não cahis
Que Dionysa que he filha
Do senhor a quem servis?
Como? Vós não attentaes
Os grandes, de que he pedida!
Peço-vos que me digaes

Qual he o fim que esperaes
N'este caso, em vossa vida.
Que razão boa, ou que côr
Podeis dar a esta affeição!
Dizei-me vossa tenção.

FILODEMO: Onde vistes vós amor
Que se guie por razão?
Se quereis saber de mi
Que fim, ou de que theor
O pretendo em minha dor;
S'eu n'este amor quero fim,
Sem fim me atormente amor.
Mas vós com gloria fingida
Pretendeis de m'enganar,
Por assi mal me tratar:
Assi que me daes a vida
Sómente por me matar.

SOLINA: Eu digo-vos a verdade.

FILODEMO: Da verdade fujo eu,
Porque se o amor me deu
Pena de tal qualidade,
Assaz me custa do meu. (1)

---

(1) Lição do *Ms.* de Luiz Franco:

SOLINA: Pois dizei por vossa vida
Vós que podeis querer d'ella?

FILODEMO: Eu não quero mais que querel-a.
Que vida tão bem perdida
O ganhal-a está em perdel-a.

SOLINA: Fólgo muito de saber
Que sois amante tão fino.
FILODEMO: Pois mais vos quero dizer,
Que ás vezes no imaginar
Não ouso de me estender.
Na hora que imaginèi
Na causa de meu tormento,
Tamanha gloria levei,
Que por onças desejèi
De lograr o pensamento.
SOLINA: Se me vós a mi jurardes
De me terdes em segredo
Huma cousa.... mas hei medo
De logo tudo contardes.
FILODEMO: A quem?
SOLINA: Aquelle enxovedo.
FILODEMO: Qual?
SOLINA: Aquelle máo pezar,
Que ante hontem comvosco hia.
Quem se fosse em vós fiar!
O que vos disse o outro dia.
Tudo lhe fostes contar.
FILODEMO: Que lhe contei?
SOLINA: Ja lhe esquece?

Porque os pensamentos meus
Tenho por tanta ousadia,
Que se acerto algum dia
Pôr os meus olhos nos céos
Me parece inda heresia.

FILODEMO: Por certo que estou remoto.
SOLINA: Hi, que sois hum cesto roto.
FILODEMO: Esse homem tudo merece.
SOLINA: Vós sois muito seu devoto.
FILODEMO: Senhora, não hajaes medo:
Contae-me isso, e far-me-hei mudo.
SOLINA: Senhor, o homem sisudo,
Se em taes cousas tem segredo,
Saiba que alcançará tudo.
A senhora Dionysa
Crêde que mal vos não quer:
Não vos posso mais dizer.
Isto tende por balisa
Com que vos saibaes reger.
Que em mulheres, se attentaes,
O querer está visibil;
E se bem vos governaes,
Não desespereis do mais,
Porque, emfim, tudo he possibil.
FILODEMO: Senhora, póde isso ser?
SOLINA: Si, que tudo o mundo tem:
Olhae não o saiba alguem.
FILODEMO: E que maneira hei de ter
Para crêr tamanho bem?
SOLINA: Vós, senhor, o sabereis;
E já que vos descobri
Camanho segredo aqui,
Huma mercê me fareis
Em que me vai muito a mi.

FILODEMO: Senhora, a tudo me obrigo
Quanto fôr em minha mão.

SOLINA: Pois dizei a vosso amigo
Que não gaste tempo em vão,
Nem queira amores commigo.
Porque eu tenho parentes,
Que me podem bem casar;
E mais que não quero andar
Agora em bocca de gentes
A quem s'elle vai gabar.

FILODEMO: Senhora, mal conheceis
O que vos quer Duriano:
Sabei-o, se o não sabeis,
Que em sua alma sente o dano
Do pouco que lhe quereis;
E que outra cousa não quer,
Que ter-vos sempre servida.

SOLINA: Pola sua negra vida,
Isso havia eu bem mister.

FILODEMO: Vós sois desagradecida!

SOLINA: Si, que tudo são enganos
Em tudo quanto fallaes.

FILODEMO: Não quero que me crêaes:
Crêde o tempo; que ha dous annos
Que vos serve, e inda mais.

SOLINA: Senhor, bem sei que me engano;
Mas a vós, como a irmão,
Descubro este coração:
Sabei que a Duriano
Tenho sobeja affeição.

Olhae que lhe não digaes
Isto que vos aqui digo.

FILODEMO: Senhora, mal me trataes:
Inda que sou seu amigo,
Sabei que vosso sou mais.

SOLINA: E já que vos confessei
Aquestas fraquezas minhas,
Que ha tanto que de mi sei:
Fazei vós nas cousas minhas
O que eu nas vossas farei.

FILODEMO: Vós enxergareis, senhora,
O que eu por vós sei fazer.

SOLINA: Como me deixo esquecer!
Aqui estivera agora
Fallando té anoitecer.
Vou-me: e olhae quanto val
O que passou entre nós.

FILODEMO: E porque vos ides vós?

SOLINA: Porque parece já mal
Estar aqui ambos sós.
E mais vou vestir agora
A quem vos dá tão má vida.
Ficae vos, senhor, embora.

FILODEMO: N'essa ide vós, senhora,
Que já vos tenho entendida.

SCENA VI

FILODEMO *(só)*

Ora se póde isto ser
Do que esta moça me avisa,
Que a senhora Dionysa,
Por me ouvir, se fosse erguer
Da sua cama em camisa!
E diz que mal me não quer.
Não queria maior gloria;
Mas o que mais posso crêr,
Que nem para lhe esquecer
Lhe passo pela memoria.
Mas ter Solina tambem
Em Duriano o intento,
He levar-me a lenha o vento;
Porque se ella lhe quer bem,
Para bem vae meu tormento.
Mas foi-se este homem perder
N'este tempo, de maneira,
Por huma mulher solteira,
Que não me atrevo a fazer
Que hum pequeno bem lhe queira.
Porém far lhe-hei hum partido,
Porque ella não se querelle:
Que se mostre seu perdido,
Inda que seja fingido,
Como lhe outrem faz a elle.

E já que me satisfaz,
E tanto n'isto se alcança,
Dê-lhe fingida esperança:
Do mal que lhe outrem faz,
Tomará n'ella vingança.

SCENA VII

VILARDO *(só)*

Ora boa está a cilada
De meu amo com sua ama,
Que se levantou da cama
Por ouvil-o! Está tomada:
Assi a tome má trama.
E mais crêde que quem canta,
Ainda descantará;
E quem do leito, onde está,
Por ouvil-o se levanta,
Mór desatino fará.
Quem havia de cuidar,
Que dama formosa e bella
Saltasse o demonio n'ella,
Para a fazer namorar
De quem não he igual d'ella?
Que me dizeis a Solina?
Como se faz *Celestina*,
Que por não lhe haver inveja
Tambem para si deseja
O que o desejo lhe ensina!

Crêde que se me alvoróço,
Que a hei de tomar por dama;
E não será grão destrôço,
Pois o amo quer a ama,
Que a moça queira o moço.
Vou-me; que vêjo lá vir
Venadoro, apercebido
Para a caça se partir:
E voto a tal, que he partido
Para vêr e para ouvir.
Que he razão justa e rasa
Que seu folgar se desconte
Em quem arde como brasa;
Que se vae caçar ao monte,
Fique outrem caçando em casa.

SCENA VIII

VENADORO *(só)*

Aprovada antiguamente
Foi, e muito de louvar
A occupação do caçar,
E da mais antigua gente
Havida por singular.
He o mais contrário officio
Que tem a ociosidade,
Mãe de todo o bruto vicio:
Por este limpo exercicio
Se reserva a castidade.

Este dos grandes senhores
Foi sempre muito estimado;
E he grande parte do estado
Ter monteiros, caçadores,
Como officio que he prezado.
Pois logo porque razão
A meu pae ha de pezar
De me vêr ir a caçar?
E tão boa occupação
Que mal me póde causar?

SCENA IX

VENADORO E O MONTEIRO

MONTEIRO: Senhor, venho alvoroçado,
E mais com muita razão.
VENADORO: Como assi?
MONTEIRO: Que me he chegado
O mais extremado cão,
Que nunca caçou veado.
Vejamos que me ha de dar.
VENADORO: Dar-vos-hei quanto tiver;
Mas ha-se de exprimentar,
Para se poder julgar
As manhas que póde ter.
MONTEIRO: Póde assentar que este cão,
Que tem das manhas a chave.
Bem feito? Em admiração.
Pois em ligeiro? He huma ave.

Em commetter? Hum leão.
Com porcos? Maravilhoso.
Com veados? Extremado.
Sobeja-lhe o ser manhoso.

VENADORO: Pois eu ando desejoso
De irmos matar hum veado.

MONTEIRO: Pois, senhor, como não vae?

VENADORO: Vamos, e vós mui ligeiro
O necessario ordenae;
Que eu quero chegar primeiro
Pedir licença à meu pae.

ACTO SEGUNDO

SCENA I

DURIANO

DURIANO: Pois não creio eu em Sam Pisco de páo, se hei de pôr pé em ramo verde, té lhe dar trezentos açoutes. Despois de ter gastado perto de trezentos cruzados com ella, porque logo lhe não mandei o setim para as mangas, fez de mim mangas ao demo. Não desejo eu de saber senão qual he o galante que me succedeu; que se vol-o eu colho a balravento, eu lhe farei botar ao mar quantas esperanças lhe a fortuna tem cortado á minha. Ora

tenho assentado, que amor d'estas anda com o dinheiro, como a maré com a lua: bolsa cheia, amor em águas vivas; mas se vasa, vereis espraiar este engano, e deixar em sêcco quantos gostos andavam como o peixe na agua.

SCENA II

FILODEMO E DURIANO

FILODEMO: Ó lá! cá sois vós? Pois agora hia eu bater essas moutas, para vêr se me sahieis de alguma; porque quem vos quizer achar, he necessario que vos tire como huma alma.

DURIANO: Oh maravilhosa pessoa! Vós he certo que vos prezaes de mais certo em casa, que pinheiro em porta de taverna; e trazeis, se vem á mão, os pensamentos com os focinhos quebrados de cahirem onde vós sabeis. Pois sabeis, senhor Filodemo, quaes são os que me matam? Huns muito bem almofaçados, que com dois ceitís fendem a anca pelo meio, e se prezam de brandos na conversação, e de fallarem pouco e sempre comsigo, dizendo que não darão meia hora de triste pelo thesouro de Veneza; e gabam mais Garcilasso que Boscão; e ambos lhe sahem das mãos virgens; e tudo isto por vos meterem em consciencia que se não achou para mais o Grão-Capitão Gonçalo Fernandes. Ora pois desengano-vos, que a mór rapazía do mundo farão altos espiritos: e eu não trocarei duas pescoçadas

da minha &., (1) depois de ter feito a tosquia a hum frasco, e fallar-me por tu e fingir-se-me bebada, porque o não pareça, por quantos Sonetos estão escriptos pelos troncos das árvores do Vale Luso, (2) nem por quantas madamas Lauras vós idolatraes.

FILODEMO: Tá, tá! não vades ávante, que vos perdeis.

DURIANO: Apósto que adivinho o que quereis dizer?

FILODEMO: Que?

DURIANO: Que se me não acudieis com o batel, que me hia meus passos contados a herege de amor.

FILODEMO: Oh que certeza tamanha, o muito peccador não se conhecer por esse!

DURIANO: Mas oh que certeza maior, de muito enganado, esperar em sua opinião! (3) Mas tornando a nosso proposito, que he o para que me buscaes? que se he cousa de vossa saude, tudo farei.

(1) Benini. No *Ms.* L. Franco.
(2) Valchiusa. *Ib.*
(3) Lição omissa do *Ms.* de Luiz Franco:
FILODEMO: Se não tivesse por maior offensa, o que faço a meu pensamento, em vos contradizer, que tel-o secretamente, gastára umas poucas de palavras comvôsco; mas ainda eu não tenho as minhas em tão má conta, que as queira tão mal empregadas.
DURIANO: Já falámos por meu pensamento, ayera-má, pêza-me que ereis um homem de bom saber e boa conversação; mas prazerá a Deos que me chorareis, e vos porá no caminho da verdade. E tornando ao nosso proposito...

FILODEMO: Como templará el destemplado? Quem poderá dar o que não tem, senhor Duriano? Eu quero-vos deixar comer tudo: não póde ser que a natureza não fiça em vós o que a razão não póde: o caso he este: dir-vol-o-hei; porém he necessario que primeiro vos alimpeis como marmelo, e que ajunteis para hum canto da casa todos esses máos pensamentos: porque segundo andaes mal avinhado, damnareis tudo aquillo que agora lançarem em vós. Já vos dei conta da pouca que tenho com toda a outra cousa que não he servir a senhora Dionysa: e postoque a desigualdade dos estados o não consinta, eu não pretendo d'ella mais que o não pretender d'ella nada, porque o que lhe quero, comsigo mesmo se paga; que este meu amor he como a ave Phenix, que de si só nasce, e não de outro nenhum interesse.

DURIANO: Bem praticado está isso; mas dias ha que eu não creio em sonhos.

FILODEMO: Porque?

DURIANO: Eu vol-o direi: porque todos vós-outros os que amaes pela passiva, dizeis que o amor (1) fino como melão, não ha de querer mais de sua dama que amál-a; (2) e virá logo o vosso Petrarcha, e o vosso Pietro Bembo, atoado a trezentos Platões, mais çafado (3) que as luvas de hum pagem d'arte,

(1) Amador. *Ms.* de L. Franco
(2) Viva. *Ib.*
(3) D'estes hypocritas. *Ib.*

mostrando razões verisimeis e apparentes, para não quererdes mais de vossa dama que vêl-a; e ao mais até fallar com ella. Pois inda achareis outros esquadrinhadores (1) de amor, mais especulativos, que defenderão a justa por não emprenhar o desejo; e eu (faço-vos voto solemne) se a qualquer d'estes lhe entregassem sua dama tosada e apparelhada entre dous braços, eu fico que não ficasse pedra sôbre pedra: (2) e eu já de mi vos sei confessar que os meus amores hão de ser pela activa, e que ella ha de ser a paciente, e eu agente, porque esta he a verdade. Mas, com tudo, vá v. m. co'a historia per diante.

FILODEMO: Vou, porque vos confesso que n'este caso ha muita dúvida entre os Doutores; assi que vos conto, que estando esta noite com a viola na mão, bem trinta ou quarenta legoas pelo sertão dentro de hum pensamento, (3) senão quando me tomou á traição Solina; e entre muitas palavras que tivemos, me descobriu que a senhora Dionysa se levantára da cama por me ouvir, e que estivera pela greta da porta espreitando quasi hora e meia.

DURIANO: Cobres e tostões, sinal de terra: pois ainda vós não fazia tanto avante.

(1) Inquisidores. *Ib.*

(2) «nem logar sagrado em que se possa dizer missa d'aí a mil annos, nem logar tão privilegiado em que a furia da justiça não buscasse até os caminhos escaninhos: de mi vos sei dizer que...» *Ms.* de L. Franco.

(3) «Com a viola nas mãos, perto de la amorosa torre ...» *Ms.* de L. Franco.

Filodemo: Finalmente, veiu-me a descobrir, que me não queria mal, que foi para mi o maior bem do mundo; que eu estava ja concertado com minha pena a soffrer por sua causa, e não tenho agora sojeito para tamanho bem.

Duriano: Grande parte da saude he para o doente trabalhar por ser são. Se vos deixardes manquecer na estrebaria com essas finezas de namorado, nunca chegareis onde chegou Rui de Sande. Por isso boas esperanças ao leme; que eu vos faço bom que ás duas enxadadas acheis agua. E que mais passastes?

Filodemo: A maior graça do mundo: veiu-me a descobrir que era perdida por vós; e me quiz dar a entender que faria por mi tudo o que lhe vós merecesseis.

Duriano: Santa Maria! Quantos dias ha que nos olhos lhe vejo marejar esse amor! porque o fechar de janellas que essa mulher me faz, e outro enojos que dizer poderia, *no son sino corredores del amor*, e a cilada em que ella quer que eu caia. (1)

Filodemo: Nem eu não quero que lh'o queiraes, mas que lhe façaes crêr que lh'o quereis.

Duriano: Não... quanté d'essa maneira me offereço a romper meia duzia de serviços alinhava-

(1) «.... porque este fingimento não é senão fazer-me sede d'ella. Comtudo, se vos a vós cumprir será necessario que me transtorne n'outro, porque n'este que agora sou é impossivel eu querer-lhe nenhum bem.» *Ms.* de L. Franco.

dos ás panderetas, que bastem assentar-me em soldo pelo mais fiel amante que nunca calçou esporas; e se isto não bastar, *salgan las palabras mas sangrientas del corazon*, entoadas de feição, que digam que sou hum Mancias, e peor ainda.

Filodemo: Ora daes-me a vida. Vamos vêr se por ventura apparece, porque Venadoro, irmão da senhora Dionysa, he fóra á caça; e sem elle fica a casa despejada; e o senhor Dom Lusidardo anda no pomar; que todo o seu passa-tempo he enxertar e dispôr, e outros exercicios de agricultura, naturaes a velhos: e pois o tempo nos vem á medida do desejo, vamo-nos lá; e se puderdes fallar, fazei de vós mil manjares, porque lhe façaes crêr que sois mais esperdiçado de amor que hum *Braz Quadrado*. (1)

Duriano: Ora vamos, que agora estou de vez, e cuido de hoje fazer mil maravilhas, com que vosso feito venha á luz.

(1) «... Duriano: Deixae-me vós a mim o cargo, que eu sei melhor as pancadas que vós, e eu vos farei hoje este dia sem negaça vir-nos, e vós acolhei-vos ao sagrado, porque ella lá aparece.

Filodemo: Fazei que a não vêdes, e falae comvosco alguns pensamentos que façam ao caso.» *Ms*. de L. Fr.

SCENA III

DIONYSA E SOLINA

DIONYSA: Solina, mana.
SOLINA: Senhora.
DIONYSA: Trazei-me cá a almofada;
Que a casa está despejada,
E esta varanda cá fóra
Está melhor assombrada.
Trazei a vossa tambem
Para estarmos cá lavrando;
Em quanto minha mãe não vem,
Estaremos praticando,
Sem nos estorvar ninguem.
SOLINA: Este he o mesmo logar
Onde estava o bem logrado,
Tal que de muito enlevado
Se esquecia do cantar
Por se enlevar no cuidado.
DIONYSA: Vós, mana, sois mui ruim!
Logo lhe fostes contar
Que me ergui polo escutar.
SOLINA: Eu o disse?
DIONYSA: Eu não o ouvi?
Como m'o quereis negar?
SOLINA: E por isso que releva?
Que se perde n'isso agora?
DIONYSA: Que se perde! Assi, senhor,
Folgareis vós que se atreva

A contal-o lá por fóra?
Que se lhe meta em cabeça
Alguma parvoa tenção?
Que faça, se vem á mão,
Alguma cousa que pareça?

SOLINA: Senhora, não tem razão.

DIONYSA: Eu sei mui bem attentar
Do que se ha de ter receio,
E do que he para estimar.

SOLINA: Não he o demo tão feio
Como alguem o quer pintar;
E não se espera isso d'elle,
Que não he ora tão moço.
E vossa mercê asselle
Que qualquer segredo n'elle
He como huma pedra em poço.

DIONYSA: E eu que segredo quero
Co'hum criado de meu pae?

SOLINA: E vós, mana, fazeis fero?
Ao diante vos espero,
Se adiante o caso vae.

DIONYSA: O madraço! quem o vir
Fallar de siso co'ella...
Então vós, gentil donzella,
Folgaes muito de o ouvir?

SOLINA: Si, porque me falla n'ella;
E eu como ouço fallar
N'ella, como quem não sente,
Fólgo de o escutar,
Só para lhe vir contar

O que d'ella diz a gente;
Qu'eu não quero nada d'elle.
E mais, porque está fallando?
Não m'esteve ella rogando
Que fosse fallar com elle?

DIONYSA: Disse-vol-o assi zombando.
Vós logo tomaes em grosso
Tudo quanto me escutaes.
Parvo! que vêl-o não posso.

SOLINA: Ella alli, e o cão co'o osso!
Inda isto ha de vir a mais.
Pois que tal odio lhe tem,
Fallemos, senhora, em al;
Mas eu digo que ninguem
Merece por querer bem
Que a quem lh'o quer, queira mal.

DIONYSA: Deixae-o vós doudejar.
Se meu pae, ou meu irmão,
O vierem a aventar,
Não ha elle de folgar.

SOLINA: Deos meterá n'isso a mão.

DIONYSA: Ora hi polas almofadas,
Que quero hum pouco lavrar,
Por ter em que me occupar;
Qu'em cousas tão mal olhadas
Não se ha o tempo de gastar.

SOLINA: Que cousa, somos mulheres!
Como somos perigosas!
E mais estas tão viçosas
Qu'estão á *bocca que queres?*

E adoecem de mimosas!
Se eu não caminho agora
A seu desejo e vontade;
Como faz esta senhora,
Fazem-se logo n'essa hora
Na volta da honestidade.
Quem a víra o outro dia
Hum poucochinho agastada,
Dar no chão com a almofada,
E enlevar a phantasia,
Toda n'outra transformada!
Outro dia lhe ouvirão
Lançar suspiros a mólhos,
E com a imaginação
Cahir-lhe a agulha da mão,
E as lagrimas dos olhos.
Ouvir-lhe-heis á derradeira
A ventura maldizer,
Porque a foi fazer mulher.
Então diz que quer ser freira;
E não se sabe entender.
Então gaba-o de discreto,
De musico e bem disposto,
De bom corpo e de bom rosto,
Quanté então eu vos prometto,
Que não tem d'elle desgôsto.
Despois, se vem a attentar,
Diz que he muito mal feito
Amar homem d'este geito;
E que não póde alcançar

*

Pôr seu desejo em effeito.
Logo se faz tão senhora,
Logo lhe ameaça a vida,
Logo se mostra n'essa hora
Muito segura de fóra,
E de dentro está sentida.
Bofé, segundo vou vendo,
Se esta postema vier,
Como eu suspeito, a crescer,
Muito ha que d'ella entendo
O fim que póde vir ter.

SCENA IV

DURIANO E FILODEMO

DURIANO: Ora deixae-a ir, que á vinda lhe fallaremos; entretanto cuidarei o como hei de fazer; que não ha mór trabalho para huma pessoa que fingir-se.

FILODEMO: Dar-lhe-heis esta carta; e fazei muito com ella que a dê á senhora Dionysa, que me vae n'isso muito.

DURIANO: Por mulher de tão bom engenho a tendes?

FILODEMO: E porque me perguntaes isso?

DURIANO: Porque ainda hontem entrou pelo A, B. C, e já quereis que leia carta mandadeira: fal-a-heis cedo escrever materia junta.

FILODEMO: Não lhe digaes que vos disse nada,

porque cuidará que por isso lhe fallaes; mas fingi que de puro amor a andaes buscando a tempos que façam á vossa tenção.

DURIANO: Deixae-me vós a mi com o caso, que eu sei melhor as pancadas a estes vintes, que vós; e eu vol-a farei hoje vir a nós sem gafas; e vós entretanto acolhei-vos a sagrado, porque eil-a lá vem.

FILODEMO: Olhae lá: fazei que a não vêdes, e fingi que fallaes comvosco; que faz a nosso caso.

DURIANO: Dizeis bem. *Yo sigo tristeza, remedio de tristes: la terrible pena mia no la espero remediar.* Pois não devia assi de ser, pelos santos Evangelhos! mas muitos dias ha que eu sei que o amor e os cangrejos andam ás vessas. Ora, emfim, *las tristezas no me espanten, porque suelen aflojar cuando mas duelen.*

SCENA V

SOLINA E DURIANO

(SOLINA, *com a almofada*)

Aqui anda passeando
Duriano, e só comsigo
Pensamentos praticando:
D'aqui posso estar notando
Com quem sonha, se he commigo.

DURIANO: Ah quão longe estará agora (1)

(1) «Quão longe estará agora a senhora Solina de cui-

Minha senhora Solina
De saber que estou bem fóra
De ter outra por senhora,
Segundo o amor determina!
Porém se determinasse
Minha bem-aventurança
Que de meu mal lhe pezasse,
Até que n'ella tomasse
Do que lhe quero vingança!...

SOLINA: (Commigo sonha por certo.
Ora quero-me mostrar,
Assi como por acêrto:
Chegar-me-hei mais ao perto,
Por vêr se me quer fallar.)
Sempre esta casa hade estar
Acompanhada de gente,
Que não possa homem passar!

DURIANO: Á traição vindes tomar
Quem já feridas não sente? (1)

dar que ja canso de cuidar como meus cuidados me cansam. Se esta rapariga da fortuna, minha senhora, em paga de tantos danos consentisse que pudesse meu desejo deitar uma ancora em vossa fermosura, eu tomaria de vós vingança de fogo e ferro.» (Lição *ms.* de Luiz Franco.)

(1) Lição do *Ms.* de Luiz Franco:

Pois que aqui estamos sós,
Vós e eu, minha fim,
Mal vol-o demande Dios
Porque vós fugís de mim,
E eu de mim para vós.

SOLINA: Logo me a mi parecia
Que era elle o que passeava.

DURIANO: E eu mal adivinhava
Que me viesse este dia,
Que ha tantos que desejava.
Se huns olhos por vos servir,
Com o amor que vos conquista,
Se atreveram a subir
Os muros da vossa vista,
Que culpa tem quem vos vir?
E se esta minha affeição,
Que vos serve de giolhos,
Não fez erro na tenção,
Tomae vingança nos olhos,
E deixae o coração.

SOLINA: Ora agora me vem riso.
Assi que vós sois, senhor,
De siso meu servidor?

DURIANO: De siso não, porque o siso
Me tem tirado o amor.
Porque o amor, se attentaes,
N'hum tão verdadeiro amante
Não deixa siso bastante;
Senão se siso chamaes
A doudice tão galante.

SOLINA: Como Deos está nos céos,
Que se é verdade o que temo,
Que fez isto Filodemo.

DURIANO: Mas fel-o o demo; que Deos
Não faz mal tanto em extremo.

SOLINA: Bem. Vós, senhor Duriano,
Porque zombareis de mim?
DURIANO: Eu zombo?
SOLINA: Eu não m'engano.
DURIANO: S'eu zombo, inda em meu dano
Vejaes vós mui cedo a fim.
Mas vós, senhora Sõlina,
Porque me querereis mal?
SOLINA: Sou mofina.
DURIANO: Oh! real.
Assi que minha mofina
He minha imiga mortal.
Dias ha que eu imagino
Qu'em vos amar e servir
Não ha amador mais fino;
Mas sinto que de mofino
Me fino sem o sentir.
SOLINA: Bem derivaes: quanté assi
Á pôpa o dito vos veiu.
DURIANO: Vir-me-ha de vós, porque creio
Que vós fallaes dentro em mi,
Como esprito em corpo alheio.
E assi que em estas piós
A cahir, senhora, vim;
Bem parecerá entre nós,
Pois vós andaes dentro em mim,
Que ande eu tambem dentro em vós.
SOLINA: He bem: que fallar he esse?
DURIANO: Dentro na vossa alma, digo,
Lá andasse, e lá morresse!

E se isto mal vos parece,
Dae-me a morte por castigo.

SOLINA: Ah máo! Como sois malvado!

DURIANO: Mas vós como sois malvada,
Que de hum pouco mais de nada
Fazeis hum homem armado,
Como quem 'stá sempre armada!
Dizei-me, Solina, mana...

SOLINA: Que he isso? Tirae lá a mão:
Oh! vós sois máo cortezão.

DURIANO: O que vos quero me engana,
Mas o que desejo não.
Não ha aqui senão paredes,
As quaes não fallam, nem vem.

SOLINA: Está isso muito bem.
Bem: e vós, senhor, não vêdes
Que poderá vir alguem?

DURIANO: Que vos custam dous abraços?

SOLINA: Não quero tantos despejos.

DURIANO: Pois que farão meus desejos,
Que querem ter-vos nos braços,
E dar-vos trezentos beijos?

SOLINA: Olhae que pouca vergonha!
Hi-vos d'hi, bocca de praga.

DURIANO: Eu não sei certo a que ponha
Mostrardes-me a triaga,
E virdes-me a dar peçonha.

SOLINA: Ora ide rir á feira,
E não sejaes d'essa laia.

DURIANO: Se vêdes minha canseira,

Porque lhe não daes *maneira?*
SOLINA: Que maneira?
DURIANO: A da saia.
SOLINA: Por minha alma, hei-de-vos dar
Meia duzia de porradas.
DURIANO: Oh que gostosas pancadas!
Mui bem vos podeis vingar,
Qu'em mim são bem empregadas.
SOLINA: Ao diabo, que o eu dou.
Como me doeu a mão!
DURIANO: Mostrae cá, minha affeição,
Que essa dôr me magoou
Dentro no meu coração.
SOLINA: Ora hi-vos embora asinha.
DURIANO: Por amor de mi, senhora.
Não fareis huma cousinha?
SOLINA: Digo que vades embora.
Que cousa?
DURIANO: Esta cartinha.
SOLINA: Que carta?
DURIANO: De Filodemo
A Dionysa vossa ama.
SOLINA: Dizei, que tome outra dama,
E dê os amores ao démo.
DURIANO: Não andemos pola rama.
Senhora, (aqui para nós)
Que sentis d'ella com elle?
SOLINA: Grandes alforges sois vós!
Pois hi-lhe dizer que appelle.
DURIANO: Fallae, que aqui estamos sós.

Solina: Qualquer honesta se abala,
Como sabe que he querida.
Ella he por elle perdida:
Nunca n'outra cousa falla.
Duriano: Ora vou-lhe dar a vida.
Solina: E eu não lhe disse já
Quanta affeição lhe ella tem?
Duriano: Não se fia de ninguem,
Nem crê que para elle ha
No mundo tamanho bem.
Solina: Dir-vos-hia de mim lá
O que lhe eu disse zombando?
Duriano: Não disse, por Sam Fernando!
Solina: Ora ide-vos.
Duriano: Que me vá!
E mandaes que torne? Quando?
Solina: Quando eu cá vir logar,
Vol-o mandarei dizer.
Duriano: Se o quizerdes buscar,
Não vos deve de faltar,
Se não faltar o querer.
Solina: Não falta.
Duriano: Dae-me hum abraço
Em sinal do que quereis.
Solina: Tá, que o não levareis.
Duriano: De quantos serviços faço
Nenhum pagar me quereis?
Solina: Pagar-vos-hão alguma hora,
Que isso a mi tambem me toca;
Mas agora hi-vos embora.

DURIANO: Essas mãos beijo, senhora,
Em quanto não posso a bocca.

SCENA VI

SOLINA *(que traz a almofada)* E DIONYSA

SOLINA: Já vossa mercê dirá
Que estive muito tardando.
DIONYSA: Bem vos detivestes lá.
Boïé que estava cuidando
Em não sei que.
SOLINA: Que será?
Aqui sômos. (Quanté agora
Está ella transportada.)
DIONYSA: Que rosnaes vós lá, senhora?
SOLINA: Digo que tardei lá fóra
Em buscar esta almofada.
Que estava ella agora só
Comsigo phantasiando?
DIONYSA: Boïé que estava cuidando
Que he muito para haver dó
Da mulher que vive amando.
Que hum homem póde passar
A vida mais occupado;
Com passear, com caçar,
Com correr, com cavalgar,
Fórra parte do cuidado.
Mas a coitada
Da mulher sempre encerrada,

Que não tem contentamento,
Não tem desenfadamento,
Mais que agulha e almofada?
Então isto vem parir
Os grandes erros da gente:
Foram mil vezes cahir
Princezas d'alta semente.
Lembra-me que ouvi contar
De tantas affeiçoadas
Em baixo e pobre logar,
Que as que agora vão errar
Podem ficar desculpadas.

SOLINA: Senhora, a muita affeição
Nas Princezas d'alto estado
Não he muita admiração;
Que no sangue delicado
Faz amor mais impressão.
Mas deixando isto á parte,
Se me ella quizer peitar,
Prometto de lhe mostrar
Huma cousa muito d'arte,
Que lá dentro fui achar.

DIONYSA: Que cousa?

SOLINA: Cousa de esprito.

DYONISA: Algum panno de lavores?

SOLINA: Inda ella não deu no fito?
Cartinha sem sobre-escripto,
Que parece ser de amores.

DIONYSA: Essa he a boa ventura?

SOLINA: Bofé que m'o pareceu.

DIONYSA: E essa d'onde nasceu?
SOLINA: No meu cesto da costura:
Não sei quem m'a alli meteu.
DIONYSA: Mostrae-m'a; não hajaes medo,
Mana. Eu que vos descobri...
SOLINA: E se ella vem para mi,
Logo quer vêr meu segredo?
Não a veja: vá-se d'hi.
Eil-a-ahi.
DIONYSA: Cuja será?
SOLINA: Não sei certo cuja he.
DIONYSA: Si; sabeis.
SOLINA: Não sei, bofé.
DIONYSA: Ora a carta m'o dirá.
SOLINA: Pois leia vossa mercê.

(Abre Dionysa a Carta e lê-a)

— Se para merecer minha pena me não falta mais que viver contente d'ella, já logo m'a podeis consentir; pois que de nenhuma outra cousa vivo triste, senão por não ser para tão doce tristeza. Se tendes por offensa commetter tamanha ousadia, por maior a devieis ter, se a não commettesse; que amor acostumado he fazer os extremos á medida das affeições, e as affeições á medida da causa d'ellas. Pois logo, nem o meu amor póde ser pouco, nem fazer menos: se este não bastar para consentirdes em meu pensamento, baste para me dardes o que pelo ter mereço; e senão muitas graças ao Amor, que

me soube dar hum cuidado, que com tel-o se paga o trabalho de soffrel-o.

SOLINA: Quanta parvoice diz!
DIONYSA: Ora muito boa está!
Como vós, mana, sois má!
Não sejaes vós tão biliz;
Que bem vos entendo já.
Cuja he?
SOLINA: E eu que sei?
DIONYSA: Pois quem o sabe?
SOLINA: O démo.
DIONYSA: Certo que he de quem temo;
Que os ditos que n'ella achei
São todos de Filodemo.
Este homem, que atrevimento
He este que foi tomar?
Qual será seu fundamento?
Que mil vezes me faz dar
Mil voltas ao pensamento.
Não entendo d'elle nada.
Mas inda que isto he assi,
D'isso que d'elle entendi,
Me sinto tão alterada,
Que me arreceio de mi.
Eu inda agora não creio
Que he verdade este amor;
Mas praza a Deos, se assi for,
Que inda este meu arreceio
Se não converta em temor.

SOLINA: Já vós, já sêdes,
Peixes, nas redes.
Senhora, quem mais confia,
Mais asinha a cahir vem:
Natural he o querer bem;
Que o amor n'alma se cria,
Sem o sentir quem o tem.
Filodemo, no que ouvi,
Tem-lhe sobeja affeição:
E posto que o creia assi,
Ou eu sonhei, ou ouvi,
Que era d'alta geração.
Logo na phisionomia,
Nas manhas, artes e geito,
Mostra mui grande respeito:
Nem tão alta phantasia
Não se põe em baixo peito.

DIONYSA: Tudo isso cuido, e vi
Mil vezes miudamente;
Mas estas mostras assi
São desculpas para mi,
E não para toda a gente.

SOLINA: O seu moço vejo vir
A nós, seu passo contado:
Este he muito para ouvir,
Que diz que me quer servir
De amores esperdiçado.

SCENA VII

VILARDO, SOLINA E DIONYSA

VILARDO: Senhora, o senhor seu pae,
Mesmo de vossa mercê,
Já lá para casa vae:
Por isso, senhora, andae,
Que elle me mandou n'um pé;
E diz que fosse jantar
Vossa mercê mesmamente.

SOLINA: E já veiu do pomar?

DIONYSA: Oh quem pudéra escusar
De comer, nem de vêr gente!
(Nenhuma côr de verdade
Tenho do que me elle manda.)

VILARDO: Se elle sem vontade anda,
Eu lhe emprestarei vontade,
Empreste-me ella a vianda.

SOLINA: Vá, senhora, por não dar
Mais em que cuidar á gente.

DIONYSA: Irei, mas não por jantar;
Que quem vive descontente
Mantem-se de imaginar.

VILARDO: Pois tambem cá minhas dores
Me não deixam comer pão;
Nem come minha affeição
Senão sopadas d'amores,
E mil postas de paixão.

Das lagrimas caldo faço,
Do coração escudella;
Esses olhos são panella
Que coze bofes e baço,
Com toda a mais cabedella.

SCENA VIII

O MONTEIRO, HUM PASTOR E HUM BOBO

MONTEIRO: Perdeu-se por esta brenha
Venadoro, meu senhor,
Sem que novas d'elle tenha:
Queira Deos que inda não venha
D'esta perda outra maior.
Contra esta parte d'aqui
Des pós hum cervo correu,
Logo desappareceu;
Como da vista o perdi,
O gosto se me perdeu.
Eu, e os mais caçadores,
Corremos montes e covas;
Fallámos com lavradores
D'este valle, e com pastores,
Sem acharmos d'elle novas.
Quero vêr n'estes casaes
Que cobre aquelle arvoredo,
Se acharei pastores mais,
Que me dem alguns sinaes
Que me possam tornar ledo.

(Chama)

Ó dos casaes, ó de lá:
Ah pastores, não fallaes?
PASTOR: Quien sois, ó lo que buscaes?
MONTEIRO: Ouvis? Chegae para cá.
PASTOR: Dicid vos lo que mandaes.
BOBO: No vayaes adó os llamó,
Padre, sin saber quien es.
PASTOR: Porque?
BOBO: Porque este es
Aquel ladron que hurtó
El asno del portugues.
Y se vais adó estan,
Os juro al cuerpo sagrado
De San Pisco y San Juan,
Que tambien os hurtarán,
Que sois asno mas honrado.
PASTOR: Déjame ir, que me llamó.
BOBO: No, por vida de mi madre;
Que si allá vaes, muerto só,
Y d'este vez quedo yo,
Sin asno, triste! y sin padre.
MONTEIRO: Vinde, que vol-o encommendo,
E em vossas mãos me ponho.
BOBO: No vais, que dijo *en comiendo,*
Encomiendoos al demonio!

(Ao Monteiro)

Y esso es lo que andais haciendo?

*

PASTOR: Déjame ir adó está,
Que no es cosa que me espante.
BOBO: No quereis sino ir allá?
Pues echadle pan delante,
Puede ser amansará.
PASTOR: Dios os guarde! Qué cosa es
Esa porque voceaes?
MONTEIRO: Dar-me-heis novas, ou sinaes
D'hum Fidalgo portugues,
Se passou por onde andaes?
BOBO: Yo só Hidalgo portugues:
Que manda su Señoria?
PASTOR: Cállate: oh que nescio es!
BOBO: Padre, no me dejarés
Ser lo que quisiere un dia?
Ah Santo Dios verdadero!
No seré lo que otros son?
Digo ahora que no quiero
Ser Alonsico, el vaquero.
PARTOR: Cállate ya, bobarron.
BOBO: Ya me callo: ahora un poco
He de ser lo que yo quisiere.
PASTOR: Señor, diga lo que quiere,
Porque este mochacho es loco,
Y muero porque no muere.
MONTEIRO: Digo, que se por ventura
Sabeis o que ando buscando:
Hum Fidalgo, que caçando
Se perdeu n'esta espessura
Após hum cervo andando.

Tenho esta parte corrida,
Sem d'elle poder saber:
Trago a alegria perdida;
E se de todo a perder,
Perca-se tambem a vida.
Porque só polo buscar
Tenho trabalhos assás.

BOBO: (Yo no puedo callar mas.)

PASTOR: (Como no puedes callar?
Quítate allá para tras.)
Cuanto por aquesta tierra,
No siento nueva ninguna.

MONTEIRO: Oh trabalhosa fortuna!

PASTOR: Mas detras d'aquesta sierra
Hallareis, por dicha, alguna;
Que unas choças de vaqueros
Portugueses allí estan;
Y ahí muchas veces van
Cazadores cavalleros:
Puede ser que lo sabran.

MONTEIRO: Quero-me ir lá saber.
Ficae-vos a Deos, pastor.

PASTOR: Dios os livre de dolor.

BOBO: Y á nos dé siempre comer
Pan y sopas, qu'es mejor.
Mirad lo que os notifico:
En aquel valle, acullá,
Anda paciendo un burrico,
Hidalgo, manso, y bonico;
Puede ser que ese será.

Pastor: Calla, y acaba de andar.
Bobo: Ya ando.
Pastor: Quieres callar?
Bobo, que tan poco sabe!
Bobo: No diceis que ande y acabe?
Ando, y no quiero acabar.

ACTO TERCEIRO

SCENA I

Florimena, pastora *(com hum pote, que vae á fonte)*

Florimena: Por este formoso prado
Tudo quanto a vista alcança
Tão alegre está tornado,
Que a qualquer desesperado
Póde dar certa esperança.
O monte, e sua aspereza,
De flôres se veste ledo;
Reverdece o arvoredo.
Sómente em minha tristeza
Está sempre o tempo quedo.
Junto d'esta fonte pura,
Segundo a muitos ouvi,
D'altos parentes nasci:
Foi como quiz a ventura,
Mas não como eu mereci.

O dia que fui nascida,
Minha mãe do parto forte
Foi sem cura fallecida;
E o dia que me deu a vida
Lhe dei eu a ella a morte.
Do mesmo parto nasceu
Meu irmão, que entre os cabritos
Commigo tambem viveu;
Mas, assi como cresceu,
Crescêram n'elle os espritos.
Foi-se buscar a cidade;
Teve juizo e saber;
Eu fiquei, como mulher,
E não tive faculdade
Para poder mais valer.
A hum pastor obedeço
Por pae, que d'outro não sei:
E, pola mãe que matei,
A huma cabra conheço,
De cujo leite mamei.
Mas porém, ja que este monte
Me obriga e meu nascimento,
Quero, pois quer meu tormento,
Encher a talha na fonte
Que co'os olhos accrescento.
(Finge que enche a talha.)

SCENA II

VENADORO E FLORIMENA

VENADORO: Pois que me vim alongar
Dos caminhos e da gente,
Fortuna, que o consente,
Se devia contentar
De me ter tão descontente.
Porém, segundo adivinho,
Por tão espêsso arvoredo,
Por tão áspero rochedo,
Quanto mais busco o caminho,
Tanto mais d'elle me arredo.
O cavallo, como amigo,
Ja cansado me trazia:
Mas deixou-me todavia;
Que mal pudera commigo
Quem comsigo não podia.
Quero-me aqui assentar
Á sombra, n'esta hervinha,
Porque canso já de andar;
Mas inda a fortuna minha
Não cansa de me cansar.
Junto d'esta fonte pura
Não sei quem cuido que está;
Mas no coração me dá
Que aqui me guarda a ventura
Alguma ventura má.

Ou ganhado, ou bem perdido,
Faça, emfim, o que quizer,
Que eu o fim d'isto hei de vêr;
Que ja venho apercebido
Á tudo quanto vier.
Oh que formosa serrana
Á vista se me offerece!
Deosa dos montes parece;
E se he certo que he humana,
O monte não a merece.
Pastora tão delicada,
De gesto tão singular,
Parece-me que em logar
De perguntar pola estrada,
Por mim lhe hei de perguntar.
Atéqui sempre zombei
De qualquer outra pessoa
Que affeiçoada topei;
Mas agora zombarei
De quem se não affeiçôa.
Serrana, cuja pintura
Tanto a alma me moveu,
Dizei-me: Por qual ventura
Andareis n'esta espessura,
Merecendo estar no céo?

FLORIMENA: Tamanho inconveniente
Andar na serra parece?
Pois a ventura da gente
Sempre he mui differente
Do que, ao parecer, merece.

VENADORO: Tal resposta he manifesto
Não se parecer co'as cabras,
Pois não vos parece honesto
Saberdes matar co'o gesto,
Senão inda com palabras?
No mato tudo he rudeza.
Ha tal gesto e discrição?
Não o creio.

FLORIMENA. Porque não?
Não supprirá natureza
Onde falta criação?

VENADORO: Já logo n'isso, senhora,
Dizeis, se não sinto mal,
Que do vosso natural
Não era serdes pastora.

FLORIMENA: Digo, mas pouco me val.

VENADORO: Pois quem vos pôde trazer
Á conversação do monte?

FLORIMENA: Perguntae-o a essa fonte;
Que as cousas duras de crêr,
Hum as faça, outro as conte.

VENADORO: Esta fonte, que está aqui,
Que sabe do que dizeis?

FLORIMENA: Senhor, mais não pergunteis,
Porque outra cousa de mi
Sabei que não sabereis.
De vós agora sabei,
O que não tendes sabido:
Se quereis agoa, bebei;
Se andaes por dita perdido,
Eu vos encaminharei.

VENADORO: Senhora, eu não vos pedia
Que ninguem m'encaminhasse;
Que o caminho que eu queria,
Se o eu agora achasse,
Mais perdido me acharia.
Não quero passar d'aqui;
E não vos pareça espanto
Que em vos vendo me rendi;
Porque quando me perdi,
Não cuidei de ganhar tanto.

FLORIMENA: Senhor, quem na serra mora
Tambem entende a verdade
Dos enganos da cidade:
Vá-se embora, ou fique embora,
Qual fôr mais sua vontade.

VENADORO: Oh lindissima donzella,
A quem a ventura ordena
Que me guie como estrella!
Quereis-me deixar a pena,
E levar-me a causa d'ella?
E já que vos conjurastes
Vós e Amor para matar-me,
Oh não deixeis d'escutar-me!
Pois a vida me tirastes,
Não me tireis o queixar-me!
Qu'eu, em sangue e em nobreza
O claro céo me extremou;
E a Fortuna me dotou
De grandes bens e riqueza,
Que sempre a muitos negou.

Andando caçando aqui,
Após hum cervo ferido,
Permittiu meu fado assi,
Que andando dos meus perdido,
Me venha perder a mi.
E porqu'inda mais passasse
Do que tinha por passar,
Buscando quem m'ensinasse,
Por que via me tornasse,
Acho quem me faz ficar.
Que vingança permittiu
A fortuna n'hum perdido!
Oh que tyranno partido,
Que quem o cervo feriu,
Vá como cervo ferido!
Ambos feridos n'hum monte,
Eu a elle, outrem a mi:
Huma differença ha aqui,
Qu'elle vae sarar á fonte,
E eu n'ella me feri.
E pois que tão transformado
Me tem vossa formosura,
Hum de nós troque o estado,
Ou vós para o povoado,
Ou eu para a espessura.

FLORIMENA: Dos arminhos he certeza,
Se lhe a cova alguem sujar,
Morar fóra, antes d'entrar:
D'estimar muito a limpeza
Pola vida a vae trocar:

Tambem quem na serra mora
Tanto estima a honestidade
Que antes toma ser pastora,
Que perder a honestidade
A trôco de ser senhora.
Se mais quereis, esta fonte
Vos descubra o mais de mim:
O que ella viu ella o conte;
Porque eu vou-me para a monte,
Porque ha já muito que vim.

SCENA III

VENADORO: Ó linda minha inimiga,
Gentil pastora, esperae!
Pois que tanto amor me obriga,
Consenti-me que vos siga;
Vá o corpo onde alma vae.
E pois por vós me perdi,
E n'este estado Amor pôs
Os olhos com que vos vi,
Pois os deixaste sem mi,
Oh não os deixeis sem vós!
Porque a Fortuna me disse
Que nas serras, onde andaes,
Em estes extremos taes,
Não era bem que vos visse
Para não ver de vós mais.

E pois Amor se quiz ver
Da livre vida vingado,
Em que eu sohia viver;
Faça em mi o que quizer,
Que aqui vou ao jugo atado.

SCENA IV

DOM LUSIDARDO, O MONTEIRO E FILODEMO.

LUSIDARDO: Oh santo Deos verdadeiro,
A quem o mundo obedece!
Meu filho não apparece.
E que me dizeis, Monteiro?

MONTEIRO: Digo-lhe que m'entristece.
Qu'eu corri por esses montes,
Bem quinze leguas ou mais,
E busquei polos casaes,
Por serras, montes e fontes,
Sem vêr novas, nem sinaes.
Toda a gente que levou,
Buscando-o, muito cansada
Pelo mato anda espalhada;
Mas ainda ninguem tornou,
Que soubesse d'elle nada.

LUSIDARDO: Oh fortuna nunca igual!
Quem me fará sabedor
De meu filho e meu amor?
Que se he muito grande o mal,
Muito mór he o temor.

Quem tolhe que não achasse
Algum leão temeroso
N'algum monte cavernoso,
Que sua fome fartasse
Em seu corpo tão formoso?
Quem ha que saiba, ou que visse,
Que das montanhas erguidas
Algum monstro não sahisse,
E com seu sangue tingisse
As hervas n'ellas nascidas?
Oh filho! vae-me a lembrar
Quantas vezes os mandava
Que deixasseis o caçar!
Não cuidei de adivinhar
O que Fortuna ordenava.
Eu irei, filho, buscar-vos
Por esses montes, por hi,
Que morte que quiz matar-vos,
Quero que me mate a mi.
Onde fostes fenecido,
Seja tambem vosso pae;
Ser-me-ha acontecido,
Como a virote que vae
Buscar outro que he perdido.
Vós só haveis de ficar,
Filodemo, encarregado
Para esta casa guardar;
Que de vosso bom cuidado
Tudo se póde fiar.

Ide-vos a fazer prestes,
Mandae cavallos sellar;
Pois achal-o não pudestes,
Ir-me-heis buscar o logar
Onde da vista o perdêstes.

SCENA V

O Bobo *(com o vestido de Venadoro, a quem dera o seu)*

(Canta)

Los mochachos del Opispo
No comen cosa mimosa,
Ni zanca d'araña, ni cosa mimosa.

(Falla)

De su sayo colorado
Tan lozano me vestió,
Que yo ya no soy yo,
Ya por otro estoy trocado;
Que este sayo me trocó.
Oh qué asno portugues,
Que loco por Florimena,
Deseó zamarra agena,
Y dame por enterés
Una zamarra tan buena!
Como yo vi la bobilla
Andar con él en questiones,
Y parársele amarilla,
Díjele: Florimenilla,
Andaes en dongolondrones?

Él me dijo: Matalote,
No tengaes dello desmayo.
Y en esto, como un rayo,
Tomóme mi capirote,
Y dióme su capisayo.
Capirote, en buena fé,
Si vos, cuando en mi entrastes,
Capisayo vos tornastes,
Que yo por eso cantaré,
Pues ansí me mejorastes.

(Canta)

Lyrio, lyrio, lyrio loco,
Con qué ? Con capirotada.
Por hablar con la golosa
De amores, mirad la cosa !
Zamarilla tan hermosa,
Que me ha dado tan honrada,
Con qué ? Con capirotada.

(Falla)

Yo entonces respondí:
Señor, dame pan y queso,
Mas despues que lo entendí,
Dijé á ella: Dale un beso,
Que él me dió zamarra á mí.
Ahora me mirarán
Cuantos á la iglesia fueren;
Y aquellos que no me quieren,
Ahora me rogarán.

Sabeis porque no querré?
Porque estoy ahidalgado;
Y cuando fuere rogado,
Cantando responderé,
Que ya estoy otro tornado.

(Canta e baila)

Soropicote, picote, mozas,
Ahora quiero amores com **vosotras.**

SCENA VI

O Pastor e o Bobo

Pastor: Hijo Alonsillo.
Bobo: Hijo Alonsillo.
Pastor: No me quieres escuchar!
Bobo: Pues déjame suspirar.
Pastor: Escúchame ahora, asnillo,
Lo que te quiero mandar.
Véte al valle de las rosas,
Y di á Anton del Lugar
Que si puede acá llegar,
Porque tengo muchas cosas
Que importan para le hablar.
Porque es aqui llegado
Á este valle un hombre honrado,
Mancebo de casta buena,
Que amores de Florimena
Le traen loco y penado.

Dice que quiere casar
Con ella, que su tormento
No le deja reposar;
Y que venga festejar
Tan dichoso casamiento.

BOBO: Dicid, padre, tambien vos,
No quereis casar comigo?
Casemos ambos adós.

PASTOR: Vé, y haz lo que te digo.

BOBO: Responde, padre, por Dios.

PASTOR: Vé luego, e vuelve apresado.
Anda. No quieres andar?

BOBO: Pues que me habeis empujado,
Juro á mí de desandar
Todo quanto tengo andado.

PASTOR: Trabajoso es este insano!
Nunca hace lo que quereis.

BOBO: Ora no os apasioneis,
Mi padrecico lozano:
Que burlaba, no lo veis?

PASTOR: Véte dahi.

BOBO: Héme aqui.

PASTOR: Vé donde te dije.

BOBO: Ya vengo.
Oh que padrasto que tengo,
Que asi me manda por ahi,
Siendo camino tan luengo!

ACTO QUARTO

SCENA I

DIONYSA E SOLINA

DIONYSA: Oh Solina, minha amiga,
Que todo este coração
Tenho posto em vossa mão;
Amor me manda que diga,
Vergonha me diz que não.
Que farei?
Como me descobrirei?
Porque a tamanho tormento
Mais remedio lhe não sei,
Que entregál-o ao soffrimento.
Meu pae muito entristecido
Se vae pela serra erguida,
Já da vida aborrecido,
Buscando o filho perdido,
Tendo a filha cá perdida!
Sem cuidar,
Foi a casa encommendar
A quem destruir lh'a quer:
Olhae que gentil saber,
Que vae commigo deixar
Quem me não deixa viver.

SOLINA: Senhora, em tanto desgôsto
Não posso meter a mão;
Mas como diz o rifão:
Mais val vergonha no rosto,
Que mágoa no coração. (1)

(1) Lição *ms.* de Luiz Franco:

De que serve assim gastar
A vida em tantas paixões,
Nam mais que por sustentar
Estas vãs opiniões
Que o vulgo foi inventar,
Honras grandes, nome eterno
Nenhuma outra cousa dão,
Que para as almas inferno,
E dores no coração.

Quem não pretende morar
Ipócrita em uma ermida,
Quem não hade jejuar,
Disciplinar-se e chorar
Para fingir santa vida,
Porque não se logrará
Do tempo que tem nas mãos,
Ou por que sustentará
Honras falsas, nomes vãos
Á custa da vida má.

Certamente que me espanto
D'esta opinião errada,
Como está tão arreigada
Que custando a vida tanto,
Emfim, emfim não he nada.

E bofé, se eu tanto amasse,
E visse tempo e sazão,
Sem seu pae, sem seu irmão,
Que a nuvem triste tirasse
De cima do coração.

De lá nacerão as guerras,
Os danos e morte da gente,
Por ella só se consente
Correr mares, buscar terras
Pola sustentar sómente.

Por esta nossa enemiga
Vereis logo o mundo vão
Ter em má opinião
A mulher que o Amor obriga
A natural affeição.
Assi que é meu pensar
Quem estas verdades mede
Pois no mundo quer viver,
Deve certo de fazer
O que lhe a vontade pede.

Se n'isto replicaes
Que offendo as leis do céo
Os que as honras sustentaes
Dizei-me, servís a Deos;
Mas errael-o muito mais.
Ora, senhora, este error
Consinto que seja culpa,
Por que tão sobejo amor,
Todos os erros desculpa.

DIONYSA: Ah mana! que tenho medo,
Que s'eu em tal consentisse
Que logo o mundo o sentisse,
Porque nunca houve segredo,
Que, emfim, se não descobrisse.

SOLINA: Se eu tantas dobras tivesse
Como quantas houve erradas,
Sem que o mundo o soubesse,
Á fé qu'eu enriquecesse,
E fosse das mais honradas.

DIONYSA: Sabeis que tenho em vontade?

SOLINA: Que podeis, senhora, ter?

DIONYSA: Fallar-lhe, só para ver
Se he por ventura verdade
O que dizeis que me quer.

SOLINA: Bofé, mana, dizeis bem,
E eu o mandarei chamar,
Como para lhe rogar
Que hum annel, que lá me tem,
Que mo mande concertar.

DIONYSA: Dizeis mui bem.

SOLINA: Vou-me lá
Chamar o seu moço á sala;
E s'este parvo vem cá,
Com elle hum pouco rirá,
Que sempre amores me falla.
Vilardo, moço?

SCENA II

VILARDO E SOLINA

VILARDO: Quem chama?
SOLINA: Vem cá, moço; eu te chamo.
Qu'he de teu amo?
VILARDO: Ah que dama!
Perguntaes-me por meu amo,
E não por hum que vos ama?
SOLINA: E quem he esse amador,
Que quer ter commigo passo?
Será elle algum madrasso?
VILARDO: Eu sou o mesmo, que o amor
Me quebra pelo espinhaço.
E mais vós sabei de mi,
Se eu a dizêl-o me atrevo,
Que desque esses olhos vi,
Que yo ni como, ni bebo,
Ni hago vida sin ti.
E mais para namorado
Não sou ora tão madraço.
SOLINA: Sois muito desmazelado.
VILARDO: Mas antes, de delicado
Caio pedaço a pedaço.
E mais eu soffrer não posso (1)

(1) Variante do *Ms.* de Luiz Franco:

E mais eu soffrer não posso
Que um archanjo dos céos

Que me façaes tanto fero,
Qu'estou já pôsto no osso,
Porque sou vosso e revosso,
Por vida de quanto quero.

SOLINA: Feros está cheia a rua.
Ora estou bem aviada!

VILARDO: Cupido, por vida tua,
Que a não faças tão crua,
Pois que te não faço nada!
Amor, Amor, mas te pido,
Que quando se fôr deitar,
Que le digas al oido:
Devieis-vos de lembrar
N'este tempo de hum perdido.

SOLINA: E tu já fazes coprinhas?
Ainda tu trovarás?

VILARDO: Quem, eu? Por estas barbinhas,
Que se vós virdes as minhas,
Que digaes que não são más.

SOLINA: Ora, pois me quereis bem,
Dizei-me huma.

VILARDO: Ei-la aqui;
E veja o saibo que tem;
Porque esta trovinha assi,
Saiba qu'he trova do assem:

Que me córte carne e osso,
Porque sou vosso e revosso
Pelo santo dia de Deos.

(Trova)

Passarinhos, que voaes
N'esta manhã tão serena,
Sabei que só minha pena
Póde encher mil cabeçaes.

SOLINA: O rifão está salgado.
Essa penna te dou eu?
VILARDO: Vós e Amor, que de malvado,
Me têm melhor empennado,
Que nenhum virote seu.
Pois se me ouvíreis cantar!
SOLINA: E tu és tambem cantor?
VILARDO: Canto melhor que hum açôr.
Quereis que vos venha dar
Musiqueta de primor,
E que vos mande tanger
Muito melhor que ninguem?
SOLINA: Já isso quizera vêr.
VILARDO: Querer-me-heis, se o eu fizer,
Algum pedaço de bem?
SOLINA: Querer-te-hei trinta pedaços.
VILARDO: E esse querer dará fruito,
Que me tire d'estes laços?
SOLINA: E que fruito?
VILARDO: Dous abraços.
SOLINA: Esse fruito custa muito.
VILARDO: Esse he o amor que em vós ha?
Pezar de minha mãe torta!

SOLINA: Ora hi, chamae logo lá
Vosso amo que venha cá,
Porque he cousa que importa.
VILARDO: Logo?
SOLINA: Logo n'essas horas.
VILARDO: Não estarei aqui mais?
SOLINA: Não. Ainda ahi estaes?
Vós haveis mister esporas.
VILARDO: Irei, porque me mandaes.

SCENA III

O PASTOR E VENADORO *(com elle, feito Pastor)*

PASTOR: Mas de un mez es ya pasado
Que en esta sierra andaes;
Y es caso mal mirado
Que andeis guardando ganado
Por una que tanto amaes.
Y si os determinaes
En querer casar con ella,
Juro á mí que nada erraes;
Y si eso es para habella,
En vano cabras guardaes.
Ya me distes vuestra fé
(Sábenlo estas tierras todas):
Yo con ella me engañé,
Que luego mandar llamé
Quien festejase las bodas.

Y agora dicis con pena,
Que es dura cosa casar:
Pues volveos n'ora buena,
Que no habeis de engañar
Con palabras Florimena.

VENADORO: Quem se ha de ter coração
Para tamanho temor?
Que em mim pegando estão,
De huma parte a razão,
E d'outra parte o Amor.
Tambem vejo que perdel-a
Será minha perdição;
Que bem me diz a affeição,
Que pouco faço por ella,
Pois não desfaço em quem são.

PASTOR: Dígoos, si por bajeza
Dicis que no os conviene,
Daros hé una certeza,
Que en sangre y en nobleza,
Tanto como vos la tiene.

VENADORO: Pastor, digo que d'aqui
Farei tudo o que quizerdes;
E se mais quereis de mi,
Digo que vos dou o si
Para tudo o que fizerdes.

PASTOR: Dios os dé su bendicion;
Y pues que casais con ella,
Yo os afirmo en conclusion,
Que aun de vos y mas della
Verná gran generacion.

Yo me voy por ella, hijo,
Tomadla así mal compuesta;
Verná quien haga la fiesta;
Que en placer y regocijo
Nos festeje esta floresta.

SCENA IV

Venadoro *(só)*

Ó ribeiras tão formosas,
Valles, campos pastorís,
Porque vos não revestís
De novas flôres e rosas,
Se minha gloria sentís?
Porque não seccaes, abrolhos?
E vós, agoa, que regando,
Os olhos his alegrando,
Correi, que tambem meus olhos
De alegres estão manando.
Ah pastora, em quem espero
Poder viver descansado!
Comtigo guardarei gado,
Que já eu sem ti não quero
Nenhuma alteza d'estado.
Diga o que quizer a gente,
Tudo terei n'huma palha,
Porque está claro e evidente
Que não ha honra que valha
Contra a vida descontente.

SCENA V

Tres PASTORES *bailando, e cantando de terreiro, diante do* PASTOR, *que traz* FLORIMENA

PASTOR: Pues el amor os obliga
Á que hagais tan buena liga,
Tomando á Dios por testigo,
Daqui os la entrego, amigo,
Por muger y por amiga.
VENADORO: Consentis n'isto, senhora?
FLORIMENA: Senhor, em tudo consento.
VENADORO: Oh grande contentamento!
FLORIMENA: Saiba que nunca tégora
Lhe houve inveja ao tormento.
PASTOR: Así lo dices, bobilla?
Oh! mala dolor os duela!
Pero no es maravilla
Quien consiente ansi la silla,
Consienta tambem la espuela. (1)

(1) Lição do *Ms.* de Luiz Franco:

Pues sus, canta si mandais.
FLORIMENA: Padre, no quero cantar.
PASTOR: Porque?
FLORIMENA: Porque no me dais que tragar
Ni tan poco me casais.
PASTOR: Canta que algo te ande dar.

SCENA VI

Tornam a bailar e cantar, e acabado, entra D. LUSIDARDO, *e o* MONTEITO, *que andam em busca de* VENADORO.

LUSIDARDO: Tres dias ha já que ando
Por esta larga espessura
A Venadoro buscando;
E o que d'elle vou achando
He como quer a ventura.

MONTEIRO: Senhor, cuido que lá vejo
Huns lavradores cantar.

LUSIDARDO: Hi diante perguntar.

MONTEIRO: Cumprido he seu desejo,
Se a vista não me enganar.

LUSIDARDO: Como assi?

MONTEIRO: Elle não vê
Aquelle pastor loução
Com huma moça pela mão?
Se Venadoro não he,
Nem eu o Monteiro são.

PASTOR: Quien veo allá asomar,
Que se viene á nuestras bodas?

BOBO: No los dejemos llegar,
Que nos vernan á roubar,
Júro á mí, las migas todas.

LUSIDARDO: Oh Venadoro, meu filho!
És tu este?

VENADORO: Tal estou,
Que cuido que este não sou.

LUSIDARDO: Certo que me maravilho
De quem tanto te mudou.
Como estaes assi mudado
No rosto e mais no vestido!

VENADORO: Ando já n'outro trocado,
Tanto, que fiquei pasmado
De como fui conhecido.
E se vossa mercê vem
Para me levar d'aqui,
Mais ha de levar que a mi;
E ha de ser quem me tem
Todo transformado em si.

BOBO: Eso porque lo entendeis?
Por las migas por ventura?
Voto á tal no llevareis:
Por mas y por mas que andeis
No hareis tal travessura.

VENADORO: Esta formosa donzella
Em mi teve tal poder,
Que folguei de me perder;
Pois, emfim, vim achar n'ella
O que não cuidei de ser.
Tanto em mi pôde este amor,
Que a tenho recebida;
E se o êrro grave fôr
Aqui quero ser pastor:
Deixe-me ter esta vida.

LUSIDARDO: He certo tal casamento?

VENADORO: Tenha-o por cousa segura.
Oh grande acontecimento!

D'esta arte sabe a ventura
Aguar hum contentamento!

PASTOR: Óigame, Señor, á mí,
Como hombre sabio, discreto,
Porque acaeció así,
Y lo que supo hasta aqui
Lo puede tener por cierto.
Muchos años son corridos
Que en esta fuente abierta,
En estos valles floridos
Hallé dos niños nascidos,
Y á su madre casi muerta.
Los niños chicos crié,
(Y desto cierto me arreo)
Y á la madre sepulté;
Y despues um gran deseo
De saber esto tomé.
Como yo fuese enseñado
De chico á la mágica arte
Por mi padre, que es finado;
Muy conoscido y nombrado
Soy por tal en toda parte.
Yo con yervas de la sierra,
Animales y otras cosas
Haré, si el arte no se yerra,
Que desciendan á la tierra
Las estrellas luminosas.
Soy, en fin, certificado
Que la madre de los dos
Fué Princeza de alto estado,

Y por un caso nombrado
La trajo á esta tierra Dios.
El macho, como creció,
Deseoso de otro bien,
Á la Corte se partió:
La embra es esta por quien
Vuestro hijo se perdió.
Y si mas quiere, Señor,
De mi arte, prestamente
Dello le haré sabedor;
Mas ha de ser de tenor
Que no lo sepa la gente.

LUSIDARDO: Mas vamos-nos, se quereis,
Que não soffro dilação,
A minha casa, e então
Lá d'isso me informareis,
Que caso he de admiração.
E vós, filho, não cuideis
Que a gloria de vos achar
Não he tanto de estimar,
Que em qualquer estado que esteis,
Não folgue de vos levar.

ACTO QUINTO

—

SCENA I

SOLINA, DIONYSA E FILODEMO

SOLINA: Eis Filodemo lá vem:
Asinha acudiu ao leme.
DIONYSA: Isso he de quem quer bem;
Mas não sei se o viu alguem,
Porque quem espera teme.
Agora me quizera eu
D'aqui cem mil leguas ver.
FILODEMO: Folgára eu assi de ser,
Porque este cuidado meu
Fôra mais de agradecer.
Que quando por accidente
A Fortuna desastrada
Vos apartasse da gente
N'hum deserto, onde sómente
Das feras fosseis guardada;
Lá por ferro, fogo e ágoa
Buscar minha morte iria;
A voz ronca, a lingua fria,
Tamanho mal, tanta mágoa
Ás montanhas contaria.

*

Lá, mui contente e ufano
De mostrar amor tão puro,
Poderia ser que o dano,
Que não move hum peito humano,
Que movesse hum monte duro.

DIONYSA: N'esse deserto apartado
De toda a conversação
Merecieis degradado
Por justiça, com pregão
Que dissesse: *Por ousado.*
E eu tambem merecia
Mettida a grave tormento,
Pois que, como não devia,
Vim a dar consentimento
A tão sobeja ousadia.

FILODEMO: Senhora, se me atrevi,
Fiz tudo o que Amor ordena;
E se pouco mereci,
Tudo o que perco por mi,
Mereço por minha pena.
E se Amor pôde vencer,
Levando de mi a palma,
Eu não lh'o pude tolher;
Que os homens não tem poder
Sobre os affectos da alma.
E ainda que pudera
Resistir contra o mal meu,
Saiba que o não fizera;
Que pouco valera eu,
Se contra vós me valera.

Não deve logo ter culpa
Quem se venceu d'armas taes:
Assi que n'isto, e no mais,
Tomo por minha desculpa
Vós mesma que me culpaes.
E se este atrevimento
Com tudo fôr de culpar,
Acabae de me matar;
Que aqui tenho hum soffrimento
Que tudo póde passar
E se esta penitencia,
Que faço em me perder,
Algum bem vos merecer,
Fique em vossa consciencia
O que me podeis dever.
Que dizeis a isto, Senhora?

DIONYSA: Eu que vos posso dizer?
Já não tenho em mi poder,
Segundo me sinto agora,
Para poder responder.
Respondei-lhe vós, Solina,
Pois que a vós me entreguei.

SOLINA: Bofé não responderei:
Veja ella o que determina.

DIONYSA: Não o vejo, nem o sei.

SOLINA: Pois eu tambem não sei nada.

DIONYSA: Porque?

SOLINA: Do que eu fizer,
Se despois se arrepender,
Dirá que eu fui a culpada.

DIONYSA:	Eu só quero a culpa ter.
SOLINA:	Senhora, por não errar,
	Não quero que fique em mim.
	Esta noite no jardim
	Ambos podem praticar
	Como isto venha a bom fim.
	Lá poderão ajustar
	Entre ambos o parecer;
	Que eu não me hei n'isso de achar,
	Que não quero temperar
	O que outrem ha de comer.
DIONYSA:	Vós vêdes a torvação,
	Que lá n'essa casa vae?
SOLINA:	Dá-me cá no coração
	Que he vindo o senhor seu pae
	Com o senhor seu irmão.
DIONYSA:	Filodemo, hi-vos embora,
	Fallae depois com Solina.
SOLINA:	Vamos-nos tambem, senhora,
	Receber seu pae lá fóra;
	Não venha sentir a mina.

SCENA II

VILARDO E DOLOROSO *que vem dar hum descante a Solina com os musicos*

VILARDO: Assi que te contava, Doloroso, d'estas em que sempre andam rugindo as sedas.

DOLOROSO: Ávante, que bem sei que o não dizeis polas sedas de Veneza.

VILARDO: Já sabeis que esta nossa Solina he tão Celestina, que não ha quem a traga a nós.

DOLOROSO: Logo parece moça brigosa, que por dá cá aquellas palhas, dará e tomará quatro espaldeiradas; e ao outro dia quem ha de cuidar que huma mulher de sua arte ha de querer bem a hum parvo como a ti? porque estas taes são como homens sisudos; se de noite se acham em algum arruido, onde possam fugir sem serem conhecidos, facilmente o fazem; e ao outro dia quem ha de cuidar que hum tão honrado havia de fugir? Outros dizem: Bem póde ser, porque noite escura he capa de Judeos e de envergonhados.

VILARDO: Mui gentil comparação he esta. Mas assi que te dizia, o outro dia assi zombando lhe prometti de lhe dar huma musica, e já chamei outros dous meus amigos, que logo hão de vir aqui ter comnosco.

DOLOROSO: Que tal he a musica que determinas de lhe dar? Não seja de siso; porque será a maior parvoice do mundo, porque não concerta com a parvoice que tu finges.

VILARDO: A musica não he senão das nossas; mas faço-te queixume, que nem com hum cão de busca pude achar humas nesperas por toda esta terra.

DOLOROSO: Nem as acharás senão alugadas; mas eu não sou de opinião que teus amores te cus-

tem dinheiro. Ora já lá apparecem os outros companheiros, e eu tambem ajudarei de telhinha ou de assovio; e vem-me isto á popa, porque d'aqui iremos á porta da minha padeirinha, porque ando com ella n'hum certo requerimento.

VILARDO: Vossas Mercês vem ao proprio: boa seja a vinda. As guitarras vem temperadas?

DOLOROSO: Tudo vem como cumpre: mandae vigiar a Justiça entretanto.

VILARDO: Ora sus: fazei como se temperasseis cabeça de pescada com um seu figado e bucho, e canada e meia, que nunca meu pae fez tamanho gasto na sua Missa nova.

(N'este passo se dá a musica com todos quatro, hum tange guitarra, outro pentem, outro telhinha, outro canta cantigas muito velhas, e no melhor diz Vilardo:)

Estae assi quedos, que eu sinto quem quer que he.

DOLOROSO: Justiça, pelo corpo de tal! Ora sus: aqui não ha outro valhacouto que nos valha, que pôr os pés ao caminho, e mostrar-lhe as ferraduras.

SCENA III

O MONTEIRO *(só)*

Como he gracioso este mundo, e como he galante! E quão gracioso sería quem o pudesse vêr

de palanque com carta d'alforria ao pescoço, porque não podessem entender n'elle meirinhos, almotacés da limpeza, trabalhos, esperanças, temores, com toda a outra cabedella de enfadamentos! Ora notae bem de quantas côres teceu a Fortuna esta manta do Alentejo: perdeu-se Venadoro na caça, eis a casa toda envolta como rio: o pae enfadado, a irmã triste, a gente desgostosa; tudo, emfim, fóra do couce; e o galante aposentado nos matos com trajos mudados como camaleão, decepado dos pés e das mãos, por huma serranica do Alentejo; e veio acaso a sahir de maneira fóra da madre, que a recebeu por mulher; e rapa oleo e chrisma de quem he, e renega todas as lembranças de seu pae; pois tanto tomou ao pé da letra o que Deus disse: *Por esta deixarás teu pae e mãe.* E attentae isto por me fazer mercê: cuidareis que este caso era *solus peregrinus:* sabei que os não dá a fortuna senão aos pares, como quédas. Dionysa mais mimosa e mais guardada de seu pae que bicho de seda, moça sem fel como pombinha, que nos annos não tinha feito inda o enequim; mais formosa que huma manhã do S. João, mais mansa que o Rio Tejo, mais branda que hum Soneto de Garcilasso, mais delicada que hum pucarinho de Natal; emfim, que por meia hora de sua conversação se poderá soffrer huma pipa com cobra e gallo e doninha, como a parricida, com tanto que dissesse o pregão o porque; porque vos não fieis em castanhas (não sei se diga, se o cale, que de ma-

goado me trava pola manga a falla da garganta; mas, com tudo, não ha quem se tenha) seu pae a achou esta noite no jardím com Filodemo, mais arrependida do tempo que perdêra, que do que alli perdia: eu, coitado de mi, que meta os dentes nos cabeçaes se desejar ave de penna.

SCENA IV

Duriano e o Monteiro

Duriano *(como cantando)*: Ti ri ri, ti ri rão.

Monteiro: Que he isso, senhor Duriano? Que descuidos são esses? Onde he cá a ida agora?

Duriano: Vou assi como parvo, porque o melhor he não saber homem nada de si.

Monteiro: Que dizeis a vosso amigo Filodemo, que assi se soube aproveitar do tempo que ficou só em casa?

Duriano: Eu que hei de dizer? Digo que descreio d'esta minha capa, se não he isso caso para sahir com elle a desafio.

Monteiro: Porque?

Duriano: Porque não basta que lhe dê a Fortuna gostos tão medidos sobre o funil, que lhe põe nos braços Dionysa, a mais formosa dama que nunca espalhou cabellos ao vento, senão ainda para o assegurar em sua boa ventura, lhe vem a descobrir, que he filho de não sei quem, nem quem não.

MONTEIRO: Esses são outros quinhentos. Cujo filho dizem que he? que eu ouvi já sobre isso não sei que fabulas.

DURIANO: Dir-vol-o-hei; pasmareis, que não he menos que Principe, e peor ainda. Nunca ouvistes dizer de hum irmão do senhor Dom Lusidardo que aggravado del Rei, se foi para os Reinos de Dinamarca?

MONTEIRO: Tudo isso ouvi ja.

DURIANO: Pois esse galante, em satisfação de muitas mercês que ElRei de Dinamarca lhe fizera, meteu-se d'amores com huma sua filha, a mais moça; e como era bom justador, manso, discreto, galante, partes que a qualquer mulher abalam, desejou ella de vêr geração d'elle; senão quando, livre-nos Deus! se lhe começou de encurtar o vestido; e porque estes sirgos não se desistem em nove dias, senão em nove mezes, foi-lhe a elle então necessario acolherse com ella, porque não colhessem a ella com elle: acolheu-se em huma galé; *e vêde la Princeza em huma galera nueva, con el marinero á ser marinera.* Finalmente, vindo navegando todo esse Oceano germanico, bancos de Frandes, mar de Inglaterra, e trazidos á costa de Hespanha, não os quiz a Ventura deixar gozar do repouso que n'ella buscavam: deu-lhe subitamente tamanha tormenta, que sem remedio deu a galé á costa, onde feita pedaços, morreram todos desastradamente, sem escapar mais que a Princeza com o que trazia na barriga, a quem parece que a Fortuna guardava para

dar o descanso, que a seu pae e mãe negára. Sahiu finalmente a moça na praia, tal qual o temeroso naufragio deixaria huma Princeza mais delicada que hum arminho; e indo assi a pobre mulher pola terra estranha e despovoada, e sem quem a encaminhasse por onde, despois de ter perdido toda a esperança de ter algum remedio, deram-lhe as dôres de parto junto de huma fonte, aonde em breve espaço lançou duas crianças, macho e femia, como vizagras. E como a fraca compreição da delicada mulher não pudesse sustentar tantos e tão desacostumados trabalhos, facilmente deu a vida, que tanto havia que desejava de dar, deixando vivos aquelles dous retratos d'ella e de seu pae, que por causa de seus nascimentos a vida lhe tiráram, como acontece a viboras. E como as crianças fossem destinadas ao que vêdes, não faltou hum pastor que as criasse, que alli veiu ter, dando a mãe a alma a Deus: de maneira que, por não gastar mais palavras, o macho he vosso amigo Filodemo, e a femia he a serrana Florimena, mulher que he já de Venadoro.

Monteiro: Estranhas cousas me contaes. Assi que logo de seu pae herdou Filodemo namorar a filha do senhor que serve: não haverá logo por mal o senhor Dom Lusidardo tomar por genro e nora, quem acha por sobrinhos.

Duriano: Sabei que chora de prazer com elles, que já diz que acha que Filodemo se parece natural com seu irmão e Florimena com sua mãe.

MONTEIRO: Dae-me a entender, como se creo tão de ligeiro o senhor Dom Lusidardo de quem isso contou.

DURIANO: No caso não ha dúvida, porque o pastor que hi achastes, lhe certificou todo o caso; e fez ao pastor muitas mercês, e mandou fazer muitas festas solemnes. Venadoro, casado com sua mulher e prima, e Filodemo, que o mesmo parentesco tem com a senhora Dionysa, estão fóra de crêr tamanho contentamento; cuido que zombam d'elle.

MONTEIRO: Ora deixa-me ir a vêr o rosto a esse velhaco de Filodemo; pois de meu matalote se me tornou senhor. Creio que vem o senhor Dom Lusidardo: dissimulemos.

SCENA V

DOM LUSIDARDO *com* VENADORO, *que traz* FLORIMENA *pela mão, e* FILODEMO *a* DIONYSA

LUSIDARDO: Quem não ficará pasmado
De vêr que por tal caminho
Tem a Ventura ordenado
Filodemo, meu criado,
Vir ser meu genro e sobrinho!
Quem não pasmará agora
De vêr a Ventura minha,
Que tem tornado n'huma hora
Florimena, huma pastora,

Ser minha norae sobrinha!
Dem-se graças ao Senhor,
Cujo segredo he profundo;
Pois que vêmos que quiz dar
A ventura e o amor
Por prazeres d'este mundo.

AUTO DOS AMPHITRIÕES

Recolhido em 1587, junto com os Autos de Prestes, por Affonso Lopes

---

Interlocutores

AMPHITRIÃO. — ALCMENA, sua mulher. — CALLISTO. — FELISEO. — SOSEA, moço de AMPHITRIÃO. — BROMIA, sua criada. — BELFERRÃO, patrão. — AURELIO, primo de Alcmena. — Hum moço de Aurelio. — JUPITER. — MERCURIO.

ACTO PRIMEIRO

SCENA I

Entra ALCMENA, *saudosa do marido, que he na guerra, e* BROMIA

ALCMENA: Ah senhor Amphitrião,
Onde está todo meu bem!
Pois meus olhos vos não vem,
Fallarei co'o coração,
Que dentro n'alma vos tem.
Ausentes dúas vontades,
Qual corre móres perigos,
Qual soffre mais crueldades,

Se vós entre os inimigos,
Se eu entre as saudades?
Que a ventura, que vos traz
Tão longe de vossa terra,
Tantos desconcertos faz,
Que se vos levou á guerra,
Não me quiz leixar em paz.
Bromia, quem com vida ter,
Da vida já desespera,
Que lhe poderás dizer?

BROMIA: Que nunca se viu prazer,
Senão quando não se espera.
E por tanto não devia
De ter triste a phantasia;
Porque Vossa Mercê creia,
Que o prazer sempre salteia
Quem d'elle mais desconfia.
Eu tenho no coração,
Do senhor Amphitrião
Venha hoje alguma nova:
Não receba alteração,
Que a verdadeira affeição
Na longa ausencia se prova.

ALCMENA: Dizei logo a Feliseo
Que chegue muito apressado
Ao caes, e busque mêo
De saber se algum recado
Do porto Persico vêo:
E mais lhe haveis de dizer,

(Isto vos dou por officio)
D'alguma nova saber,
Em quanto eu vou fazer
Aos deuses o sacrificio.

SCENA II

BROMIA: Saudades de minha ama,
Chorinhos e devoções,
Sacrificios e orações,
Me hão de lançar n'huma cama,
Certamente.
Nós mulheres de semente
Somos sedenho mui tosco:
Com qualquer vento que vente,
Queremos forçadamente
Que os deuses vivam comnosco.
Quero Feliseo chamar,
E dizer-lhe aonde ha de ir.
Mas elle como me vir,
Logo ha de querer rinchar,
De travesso.
Eu que de zombar não cesso,
Por ficar com elle em salvo,
Lanço-lhe hum e outro remêsso;
Aos seus furto-lhe o alvo;
E então elle fica avesso.

Porque o melhor d'estas danças,
Com huns vindiços assi,
He trazel-os por aqui
Ó cheiro das esperanças,
Por viver.
Ha-os homem de trazer
Nos amores assi mornos,
Só para ter que fazer;
E despois ao remetter
Lançar-lhe a capa nos cornos.
Feliseo, se estaes á mão,
Chegae cá, vem como hum gamo:
Bem sei que não chamo em vão.

SCENA III

Feliseo e Bromia

Feliseo: Chamaes-me? tambem vos chamo;
Porém eu ouço, e vós não:
Senhora, que me mataes,
Se vós já nunca me ouvis,
Ou me ouvis, e vos callaes,
Dizei: porque me chamaes
Se me vós a mim fugis?
Bromia: Eu vos fujo?
Feliseo: Fugis, digo,
De dar a meus males cabo.

BROMIA: Sabei que d'esse perigo
Não fujo como de imigo,
Fujo como do diabo.
FELISEO: Dae ao demo essa tenção,
Usae antes de cortês,
Cahi vós n'esta razão.
BROMIA: Do p'rigo fogem os pés,
Do diabo o coração.
FELISEO: Dizeis-me que n'essa briga
Do meu coração fugis.
BROMIA: Ainda qu'eu isso diga...
FELISEO: Ah minha doce inimiga!
Bem sinto que me sentis.
Mas para que me chamaes?
BROMIA: Manda-vos minha senhora
Que chegueis d'aqui ao caes,
E algumas novas saibaes
De Amphitrião n'esta hora.
FELISEO: Quem as não sabe de si,
D'outrem como as saberá?
BROMIA: Não as sabeis vós de mi?
FELISEO: Má trama venha por ti,
Duna feiticeira má!
Porque não me ólhas direito,
Cadella, que assi me cortas?
BROMIA: Porque vos quero dar portas;
Que se eu olhar d'outro geito,
Trarei cem mil vidas mortas.
FELISEO: E pois para que me andaes
Enganando ha cem mil annos?

BROMIA: Dou-vos vida com enganos.
FELISEO: N'esses enganinhos taes
Acho crueis desenganos.
BROMIA: Quanto esses vos quero eu dar:
Vós cuidaes que estaes na sella?
Pois podeis-vos descer d'ella;
Que eu nunca vos pude olhar.
FELISEO: Jogaes comigo á panella?
Tendes-me ha tanto captivo,
E desenganaes-me agora?
Tudo isto he o que privo.
Assi que he isso, senhora,
Dochelo morto, dochelo vivo?
Se me vós desenganaes
No cabo de tantos annos,
Direi, se licença daes,
Daes-me vida com enganos,
Desenganos, já chegaes.
Mas se isso havia de ser,
Dizei, má desconhecida,
Desterro de meu viver,
Que vos custava dizer
Amor, vai buscar tua vida?
BROMIA: Zombaes? Fallaes-me coprinhas?
FELISEO: Rir-vos-heis se vem á mão:
Copras não, mas isto são
Ansias y pasiones minhas
Dos bofes e coração.
BROMIA: Is-vos fazendo d'huns sengos...
FELISEO: Perdóneme Dios si peco.

BROMIA: N'esses dentinhos framengos
Conheço que sois hum pêco
De todos quatro avoengos.
FELISEO: Tudo vos levo em capelo,
Já que estaes tanto em agraço.
Porém, fallando singelo,
A furto d'esse mau zêlo,
Quereis-me dar hum abraço?
BROMIA: Ora digo que não posso
Usar comvosco de fero:
Tomai-o.
FELISEO: Já o não quero,
Porque esse abraço vosso,
Sabei que he engano mero.
BROMIA: Oh! vos sois d'uns sensabores...
Abraço pedis assim?
Se eu remango d'hum chapim...
FELISEO: Tudo isso são favores:
Zombae, vingae-vos de mim.
BROMIA: Vós de furioso touro
As garrochas não sentis.
FELISEO: Vêdes, com isso só mouro:
Quando cuido que sois ouro,
Acho-vos toda ceitis.
BROMIA: Emfim, sanha de villão
Vos fez perder hum bom dia.
FELISEO: Já agora o eu tomaria;
Quereis-m'o dar?
BROMIA: Ora não.
Cocei-vos eu todavia.

FELISEO: Pois, senhora, a quem vos ama
Sois tão desarrazoada,
Quero tomar outra dama;
Que não digam os d'Alfama
Que não tenho namorada.
BROMIA: Deixae-me.
FELISEO: Vós me deixaes.
BROMIA: Deixae-me.
FELISEO: Zombaes de mi?
BROMIA: Deixae-me. Pois me engeitaes,
Eu me ausentarei d'aqui
Onde me mais não vejaes.
FELISEO: Boa está a zombaria!
BROMIA: Não são essas minhas manhas.
FELISEO: Porém is-vos todavia?
BROMIA: Voyme á las tierras estrañas
Adó ventura me guia.

SCENA IV

FELISEO *(só)*

Phantasias de donzellas,
Não ha quem como eu as quebre;
Porque certo cuidam ellas,
Que com palavrinhas bellas
Nos vendem gato por lebre.

Esta tem lá para si
Que eu sou por ella finado;
E crê que zomba de mi;
E eu digo-lhe que si,
Sou por ella esperdiçado.
Preza-se d'humas seguras;
E eu não quero mais Frandes :
Dou-lhe trela ás travessuras,
Porque d'estas coçaduras
Se fazem as chagas grandes.
Que estas, que andam sempre á vela,
Estas vos digo eu que coço;
Porque de firmes na sella,
Crem que falsam a costella,
E ficam pelo pescoço.
Que quando estas damas taes
Me cacham, então recacho.
Mas d'isto agora nó mais.
Quero-me ir d'aqui ao caes
Vêr se algums novas acho.

SCENA V

JUPITER E MERCURIO

JUPITER: Oh grande e alto destino!
Oh potencia tão profana!
Que a setta d'um menino
Faça que meu ser divino
Se perca por cousa humana!

Que me aproveitam os céos,
Onde minha essencia mora
Com tanto poder, se agora
A quem me adora por deos,
Sirvo eu como a senhora?
Oh quão estranha affeição!
Quem em baixa cousa vai pôr
A vontade e o coração,
Sabe tão pouco d'Amor,
Quão pouco Amor de razão.
Mas que remedio hei de ter
Contra mulher tão terribil,
Que se não póde vencer?

MERCURIO: Alto senhor, teu poder
O difficil faz possibil.

JUPITER: Tu não vês que esta mulher
Se preza de virtuosa?

MERCURIO: Senhor, tudo póde ser;
Que para quem muito quer,
Sempre a affeição he manhosa.
Seu marido está ausente
Na guerra, longe d'aqui;
Tu, que és Jupiter potente,
Tomarás sua fórma em ti;
Que o farás mui facilmente.
E eu me transformarei
Na de Sosea, criado seu;
E ao arraial me irei,
Onde logo saberei
Como se a batalha deu.

E assi poderás entrar,
Em lugar de seu marido;
E para que sejas crido,
Poderás tambem contar
Quanto eu lá tiver sabido.

JUPITER: Quem arde em tamanho fogo
Tira-lhe a virtude a côr
De subtil e sabedor;
E quem fóra está do jogo
Enxérga o lanço melhor.
Mas tu, que dos sabedores
Tanto ávante sempre estás,
Se deos és dos mercadores,
Sel-o-has dos amadores,
Pois tal remedio me dás.
Ponha-se logo em effeito;
Que não soffre dilação
Quem o fogo tem no peito;
E tu vae logo direito
Aonde anda Amphitrião.

SCENA VI

FELISEO E CALISTO

FELISEO: Adó bueno por aqui,
Tão longe do acostumado?

CALLISTO: Mais longe vou eu de mi,
D'ir perto de meu cuidado.

FELISEO: No andar vos conheci.

CALLISTO: E vós onde vos lançaes,
Com vossa contemplação?
FELISEO: Eu chego d'aqui ao caes
A saber de Amphitrião:
Não sei se vou por demais.
CALLISTO: Porque por demais dizeis?
FELISEO: Porque nada alli ha certo.
CALLISTO: Novas lá não as busqueis,
Que aqui as tendes mais perto.
FELISEO: Pois dae-m'as já, se as sabeis.
CALLISTO: Hum navio he já chegado
Á barra, que vem de lá;
Traz de Amphitrião recado,
Diz que o deixa embarcado
Para se vir para cá.
Tem vencido aquelle Rei;
E diz, segundo lhe ouvi,
Que esta noite será aqui.
FELISEO: Essas novas levarei
A Alcmena, que torne em si,
Porque ella tem maior guerra
Co'os temores de perdel-o,
Que elle co'o Rei d'essa terra.
CALLISTO: Onde amor lançar o sello,
Nenhuma cousa o desterra.
Porqu'inda que o pensamento
Vos fique, senhor, em calma,
Por morte ou apartamento;
Sempre vos lá ficam n'alma
As pégadas do tormento.

FELISEO: Isso he hum segredo mero,
A que o Amor nos obriga:
Por isso em caso tão fero,
Senhor, nunca ninguem diga,
Já lh'o quiz, e não lh'o quero.
Eu quiz bem a huma mulher,
Que vós conhecestes bem,
E, com muito lhe querer,
Casou-se.

CALLISTO Oh! e com quem?
Que ainda o não posso crer.

FELISEO: Com hum Mercador, que veiu
Agora do Egypto, rico.

CALLISTO: Isso traz agua no bico.
Esse homem he parvo, ou feio?

FELISEO: Pois vêdes?. d'isso me pico.
E em pago d'esta traição,
Afóra outros mil descontos
Que traz comsigo a affeição,
Sempre os signaes d'estes pontos
Trarei no meu coração.

CALLISTO: Vistel-a mais?

FELISEO: Senhor, vi,
Na janellinha da grade;
Passei, e disse-lhe assi:
Casada sem piedade,
Porque não a haveis de mi?

CALLISTO: Que vos disse?

FELISEO: Lá no centro
Lhe enxerguei pouca alegria;

E como quem lhe dohia,
Metendo-se para dentro
Disse: Já pasó folia.

CALLISTO: Ah má sem conhecimento!
Quem lhe désse mil chofradas?

FELISEO: Senhor, como são casadas,
Casam-se co'o esquecimento
Das cousas que são passadas.

CALLISTO: Lembranças de vos deixar
Picar-vos-hão como tojos.

FELISEO: Senhor, haveis d'assentar
Que onde amor vos quer matar,
Siempre allá miran los ojos.
Hum motete lhe mandei
Hum dia, estando com febre,
Só da paixão que tomei.

CALLISTO: Pois vejamos quem tem lebre.

FELISEO: Senhor, eu vol-o direi.

Mote

Vós por outrem, e eu por vós;
Vós contente, e eu penado;
Vós casada, eu cansado.
Polos santos de minha dona!

CALLISTO: Senhor, vós só o fizestes?

FELISEO: Si, que ninguem me ajudou.

CALLISTO: Se vós só o compuzestes,
Crede, que extremos dissestes.
Nunca *Orlando* tal fallou.

Senhor, fizestes-lhe pé?

FELISEO: Senhor, si; e todo hum anno...
Vós zombaes, se não me engano?

CALLISTO: Não, mas dou-vos minha fé
Que nunca vi tão bom panno.

FELISEO: Ora olhe vossa mercê.

Volta

Olhae em quão fundos váos
Por vossa causa me affogo,
Que outro me ganha no jogo,
E eu triste pago os páos.
Olhos travessos e máos,
Inda eu veja o meu cuidado
Por esse vosso trocado.

CALLISTO: Não mais, qu'isso me degola.

FELISEO: Senhor, eu haja perdão.

CALLISTO: Fizestes esse rifão
Em algum jogo de bola?
E foi-lhe elle ter á mão?

FELISEO: Digo-vos que o viu, e lh'o leu
Hum moçozinho d'escola.

CALLISTO: Está isso assi do céo.
Sabe ella jogar a bola?

FELISEO: Não.

CALLISTO: Pois não vos entendeu.
Ora eu já cheguei a ler
Petrarca, e crede de mi
Que nunca tal cousa vi.

Onde mora o bom saber,
Logo dá sinal de si.
Onde *casada* puzestes,
Dizei, porque não dissestes
La que yo vi por mi mal. (1)

FELISEO: Renunciava o metal;
Que em rifõeszinhos como estes,
Ha-se-de pôr tal com tal.
Que a trova trigo-tremez
Ha de ser toda d'hum panno;
Que parece muito ingrez
N'hum pelote portuguez
Todo hum quarto castelhano.
Ouvi outra tambem minha,
Que fiz a certa tenção,
Clara, leve, bonitinha,
De feição, que esta trovinha,
He trovinha de feição.
Como eu hum dia me visse
Morto, e a mão na candêa,
E ella não me acudisse;
Fiz-lhe esta, porque sentisse
Que dava os fios á têa.
E o proposito he
Andar eu hum dia só;
E para que houvesse dó
De mi e de minha fé,
Lamentei-lhe como Jó.

(1) Vid. Redondilhas, p. 84.

CALLISTO: Andastes, senhor, mui bem.
FELISEO: Ora, senhor, attentae,
E vêde o saibo que tem;
Se he para a vêr alguem.
CALLISTO: Ora dizei.
FELISEO: Eil-a vai.

Trova

Coração de carne crua,
Vêl-o teu amor aqui,
Que esmorecido por ti
Jaz no meio d'esta rua?

CALLISTO: Na rua, senhor, jazia?
E era em tempo de lama?
FELISEO: Senhor, quem falla a quem ama,
De si mesmo se não fia:
Haveis de mentir á dama.
CALLISTO: Volta d'isso?
FELISEO: Singular,
Senão que he muito sentida;
Far-vos-ha, senhor, chorar.
CALLISTO: Oh! diga, por sua vida!
FELISEO: Farei o que me mandar.

Volta

Porque não has d'elle mágoa,
Ó dura mais que ninguem,
Que anda o triste, que não tem
Quem lhe dê huma vez d'ágoa?

Não lhe negues teu querer,
Pois te não custa dinheiro;
Que, emfim, por derradeiro
A terra te ha de comer.

CALLISTO: Tal trova nunca se viu.
Agorentastel-a já?

FELISEO: Senhor, não; ainda está
Como a sua mãe pariu;
E não está muito má,

CALLISTO: He trova que tem por seis;
Não a posso mais gabar.
Mas, pois, tal cousa fazeis,
Senhor, não me ensinareis
D'onde vem tão bem trovar?

FELISEO: Não he a cousa tão pequena,
Como, senhor, a fizestes,
Essa que agora dissestes.
Mas porém vou dar a Alcmena
Estas novas que me déstes.
Despois, senhor, nos veremos;
Ficae ja roendo esse osso.

CALLISTO: O roer, senhor, he vosso.

FELISEO: Pois eu, por mais que zombemos,
Hei de ser vosso e revosso.

CALLISTO: Oh!... Escusae-vos d'extremos,
Qu'isso, senhor, me atarraca.
Mas nós nos encontraremos,
E sobre isso envidaremos
Dous reales mais de saca.

ACTO SEGUNDO

—

SCENA I

JUPITER E MERCURIO *transformados;* JUPITER *na fórma de* AMPHITRIÃO, MERCURIO *na de* SOSEA *escravo*

JUPITER: Mercurio, pois sou mudado
N'esta fórma natural,
Ólha e nota com cuidado,
Se está em mi o pintado
Apparente co'o real.

MERCURIO: Quem tão proprio se transforma,
Tenho por opinião,
Que na tal transformação
Lhe prestou natura a forma,
Com que fez Amphitrião.

JUPITER: Pois tu no gesto e na côr
Estás Sosea escravo seu.

MERCURIO: Muito mais farás, senhor.

JUPITER: Não o faz senão o Amor,
Que n'isto póde mais que eu.

MERCURIO: Já, senhor, te fiz menção
Como deu Amphitrião
A El-Rei Terela a morte;
Que, na guerra igual, a sorte
Póde mais que o coração.

E despois de ser tomada
Toda a cidade, com gloria
D'Amphitrião bem ganhada,
Como em sinal de victoria,
Esta copa lhe foi dada.
Por ella bebia El-Rei,
Em quanto a vida queria;
E eu, porque te cumpria,
A seu escravo a furtei,
Que n'huma caixa a trazia.
Esta poderás levar
A Alcmena, por lhe mostrar
Verdadeiro, o que he fingido;
E d'est'arte serás crido,
Sem mais outro ardil buscar.

JUPITER: Pois tudo tens ordenado
Por tão nova e subtil arte;
Como me vires entrado,
Irás dar este recado
A Phebo de minha parte:
Que faça mais devagar
Seu curso n'este hemispherio,
Que o que soe acostumar;
Que esta noite hei de ordenar
Hum caso de alto mysterio.
E á Esphera mais alta
Mandarás que fixa esteja,
Porque a noite maior seja:
Porque sempre o tempo falta,
Onde a alegria he sobeja.

E terás tamanho tento,
Que como isto se ordenar,
Venhas aqui vigiar,
Porque meu contentamento
Ninguem m'o possa estorvar.

MERCURIO: Seja feito sem debate
Tudo como te convem.

JUPITER: Pois não parece ninguem,
Como homem de casa bate,
E muda a falla tambem.

MERCURIO *(batendo á porta)*

Ó de la casa, en buena hora,
Darmehan de cenar aqui?

BROMIA *(dentro)*

Sosea parece que ouvi:
Alviçaras, minha senhora,
Que na falla o conheci.

SCENA II

ALCMENA, BROMIA, JUPITER E MERCURIO

ALCMENA: Zombaes, Bromia, por ventura?

BROMIA: Senhora, não zombo, não.

ALCMENA: Vejo eu Amphitrião,
Ou a vista me affigura
O que está no coração?

*

JUPITER: Olhos, diante dos quaes
Desejei mais este dia,
Que nenhuma outra alegria,
Senhora, nunca creaes
Que lhe minta a phantasia.

ALCMENA: Oh presença mais querida
Que quantas formou Amor!
Isto he verdade, senhor?
Acabe-se aqui a vida,
Por não vêr prazer maior.

JUPITER: Pois esta hora de vos ver
Alcançar, senhora, pude;
Para mais contente ser,
Conformem co'este prazer
Novas de vossa saude.

ALCMENA: Vida foi pezada e crua
A saude que eu sostinha;
Que em quanto, senhor, a tinha,
Temer perigo na sua,
Me fez descuidar da minha.

MERCURIO: Y pues, mi señora Alcmena,
Pese al demonio malvado,
No dirá á un su criado,
Vengaes Sosea norabuena?

ALCMENA: Sejaes, Sosea, bem chegado.

BROMIA: Bem mal cri eu, que pudesse
Vêr-te, Sosea, hoje aqui.

MERCURIO: Pues tambien yo no creí
Que en mi vida te viese,
Segun las muertes que vi.

ALCMENA: Muito, senhor, folgarei
Com novas do vencimento.

JUPITER: De tudo quanto passei,
Por vos dar contentamento,
Em summa vos contarei.
Trago, senhora, a victoria
D'aquelle rei tão temido,
Com fama clara e notoria.
Porém maior foi a gloria
De me vêr de vós vencido.
Sem me terem resistencia,
Os grandes me obedeceram,
Como El-Rei morto tiveram:
Em sinal de obediencia
Esta copa me trouxeram.
El-Rei por ella bebia:
(Ella, e tudo o mais he nosso)
Por onde claro se via,
Que tudo me obedecia,
Pois tinha nome de vosso.

MERCURIO: Sí, mas luego de rondon
La fortuna dió la vuelta.

ALCMENA: Como?

MERCURIO: Fué gran perdicion,
Porque en aquella revuelta,
Me hurtaron mi jubon.
Pero bien me lo pagaron,
Cuando comigo riñeron;
Que aunque me despojaron,
Si uno de seda llevaron,
Otro de azotes me dieron.

ALCMENA: Senhor, não posso gostar
De gôsto, que he tão immenso,
Senão muito devagar:
Faça-me mercê de entrar,
E contar-m'o-ha por extenso.

SCENA III

MERCURIO E BROMIA

MERCURIO: Yo tambien te contaria,
Brómia, si quedas atrás,
Que una noche... enojartehas?
BROMIA: Que?
MERCURIO: Soñaba, que te tenia...
No me atrevo á decir mas.
BROMIA: Dize.
MERCURIO: Pardies, no diré.
Soñaba...
BROMIA: Bem: que sonhavas?
MERCURIO: Que cuando en la cama estavas
Que yo... enfin recordé.
BROMIA: Pois tudo isso receavas?
MERCURIO: Sabe Dios qué yo acá siento:
Sola una alma vive en dos,
La cual anda dentro en vos.
BROMIA: E que quer ella cá dentro?
MERCURIO: Tambien eso sabe Dios.

SCENA IV

Mercurio: Bem se poderá enganar
Bromia, segundo ora estou,
Como Alcmena s'enganou;
Mas cumpre-me ir ordenar
O que meu Pae me mandou.
E porque seja guardada
Esta porta e vigiada
De toda a gente nascida,
Me será cousa forçada,
Ser tão depressa a tornada,
Quão prestes faço a partida.

SCENA V

Sosea, *cantando*

Amphitrion esforzado
Bravo vá por la batalla,
Siete cabezas llevaba,
De las mejores que ha hallado.

(Falla)

Quien viene de tierra agena,
Y de la muerte escapó,
La razon le permittió
Que cante como sirena,
Como agora hago yo.

Y pues canto tan gentil,
Fuera llanto si muriera.
Quiero cantar como quiera,
Una y otra, y mas de mil,
Que digan d'esta manera:

(Canta)

Dongolondron, con dongolondrera,
Por el camino de Otera,
Rosas coge en la rosera,
Dongolondron, con dongolondrera.

(Falla)

Cuando yo vengo á pensar
Que uno matar-me quisiera,
No hago sino temblar,
Porque creo si muriera,
No pudiera mas cantar.
Porque estando á un rincon
De la casa adó quedé,
Senti muy grande ronron,
Y mirando, que miré?
Vi que era un gran raton.
Empero yo nunca sigo,
Sino consejos muy sanos;
Que en estes casos levianos,
Quien desprecia el enemigo,
Mil veces muere á sus manos.

Pero mi señor allí
Mató al Rey de los Glipazos:
Yo como muerto le vi,
Juro á mi fé, que le di
Mas de dos mil cuchillazos.
Y por me librar de afan,
Me voy siempre á cosa hecha
Probar mi mano derecha;
Que aquel es buen capitan,
Que del tiempo se aprovecha.
Que quien ha de pelear,
Ha de buscar tiempo y hora.
Pero quiero caminar,
Que me muero por contar
Todo aquesto á mi señora.

SCENA VI

MERCURIO E SOSEA

MERCURIO: Mil vezes comigo vejo,
Para que meu Pae se affoute;
Pois em tão pequeno ensejo
Lhe mandei talhar a noute
Á medida do desejo.
E pois que como possante,
A mi tudo se reporta,
Chego agora n'este instante
A estorvar que este bargante
Me não chegue a esta porta.

SOSEA: No sé que miedo, ó locura,
N'este pecho se me cria:
Por Dios que se me afigura,
Que ha mucho que es noche escura,
Sin que venga el claro dia.
Mas sabed, que pienso yo
Que el sol que no se acordó
De con el dia venir,
Que á noche cuando cenó
Algun buen vino bebió,
Que le hace tanto dormir.

MERCURIO: Já sentes comprida a noute,
Que eu assi mandei fazer?
Pois mais te quero dizer,
Que sentirás muito açoute,
Se cá quizeres vir ter.
Porém, pois este bargante
Tem medroso coração,
Quero-me fingir ladrão,
Ou phantasma, e por diante
Não irá, se vem á mão.
E com tudo se passar,
A falla quero mudar
Na sua de tal feição,
Que couces, e porfiar,
Lhe façam hoje assentar
Que sou Sosea, e elle não.

(Falla castelhano)

No veo pasar ninguno,
En quien yo me pueda hartar.

SOSEA: Á quien oigo aqui hablar?
Mande Dios no sea alguno
Que me quiera aporrear.

MERCURIO: La carne de algun humano
Me seria muy sabrosa.

SOSEA: Oh qué voz tan temerosa!
Hombres comes, ó mi hermano?
No es mejor otra cosa?
Carne humana es muy mezquina.
Oh no comas deso, no!
Antes carne de gallina.
Pero se mas se avecina,
Qué mas gallina, que yo?

MERCURIO: Una voz de hombre ahora
Á la oreja me voló.

SOSEA: Pésete quien me parió:
La voz traigo boladora?
Ella quisiera ser yo.
Pues mi voz pudo volar
Do la pudieses oir;
Por contigo no reñir,
Me debiera de prestar
Las alas para huir.

MERCURIO: Qué buscas cabe esa puerta,
Hombre? Sé que eres ladron.

SOSEA: Ay que el alma tengo muerta!
Oh Júpiter me convierta
Las tripas en corazon!
MERCURIO: Quien eres? quieres hablar?
SOSEA: Soy quien mi voluntad quiere.
MERCURIO: Piensas que puedas burlar?
SOSEA: Y tú puédesme quitar
Que yo sea quien quisiere?
MERCURIO: Osas hablar tan osado,
Don vellaco bovarron?
Dí, quien eres?
SOSEA: Un criado
Del señor Amphitrion,
Por nombre Sosea llamado.
MERCURIO: Pienso que el seso perdiste.
Como te llamas, mal hombre?
SOSEA: Sosea soy, si no me oiste.
MERCURIO: Como? en persona tan triste
Osas d'ensuciar mi nombre?
Estos puños llevarás,
Pues tener mi nombre quieres.
Quiéresme dicir quien eres?
SOSEA: O señor, no me dés mas,
Que yo seré quien tú quisieres.
MERCURIO: Con tan nueva falsedad
Andaes por esta ciudad,
Delante de quien os mira?
Pues si sois Sosea, tomad.
SOSEA: Si me dás por la verdad,
Que me harás por la mentira?

MERCURIO: Y que verdad es la tuya?
Que te quiero dar castigo.
SOSEA: Si no soy Sosea que digo,
Que Júpiter me destruya.
MERCURIO: Mirad el falso enemigo:
Tomad este bofeton,
Que yo soy Sosea, e no vos.
SOSEA: Tú Sosea?
MERCURIO: Sosea por Dios,
Escravo de Amphitrion.
SOSEA: De modo que tiene dos?
MERCURIO: No tendrá, aunque tú quieres;
Que á mi solo conoció.
SOSEA: Pues luego de quien soy yo?
MERCURIO: Si tú no sabes quien eres,
Quieres que yo lo sepa? No.
SOSEA: Enfin, has me de hacer crer
Que yo no soy quien ser solia?
MERCURIO: Quien solias tú de ser?
SOSEA: Tregoas me has de prometer.
Dirtelohé sin porfía.
MERCURIO: Prometo.
SOSEA: No me darás?
MERCURIO: No, si no fuere razon.
SOSEA: Pues, hermano, tu sabrás
Que mi amo Amphitrion...
MERCURIO: Tu amo? Pues llevarás.
Mi amo es, que tuyo no.
SOSEA: Ay que un brazo me quebró!
MERCURIO: Mas que luego te matase.

SOSEA: Ojalá Dios ordenase
Que tú ahora fueses yo,
Y yo que te desmembrase!

MERCURIO: Esa tu tema tan loca,
Puños te la han de quitar.
Díme, dí, vergüenza poca,
Qué hablas?

SOSEA: Qué puedo hablar,
Si me has quebrado la boca?

MERCURIO: Dí quien eres, sin fatiga.

SOSEA: Soy un hombre, en quien tu dás.

MERCURIO: Díme pues, qué nombre has.

SOSEA: Como quieres tú que diga,
Para qué no me dés más?

MERCURIO: No me has de hablar contrahecho.

SOSEA: Toda mi vida pasada
Sosea fuy, y con despecho
Ahora soy... qué? No nada;
Que tus manos me han deshecho.

MERCURIO: Cuyo eres, pues las sientes,
Dejando consejos vanos?
La verdad; que si me mientes,
Dás con la lengua en los dientes,
Y yo dóyte con las manos.

SOSEA: No conoces Amphitrion?

MERCURIO: Hombre sin seso te llamo.
Tan fuera estás de rason!
Piensas de mí, bovarron,
Que no conozco á mi amo?

SOSEA: En su casa conociste
Uno, que es Sosea llamado,
Hombre despreciado y triste?

MERCURIO: Desa suerte lo dijiste?
Yo soy triste y despreciado?
Pues sabe que te llegó
Á la muerte tu fortuna.

SOSEA: Pues logo si yo no soy yo,
Aunque nadie me mató;
Soy luego cosa ninguna.
Oh dioses, que desconcierto!
Yo por ventura soy muerto,
Ó murióme la razon?
Yo no soy de Amphitrion?
Él no me mandou del puerto?
Yo sé que no estoy loco.
De mi madré no nací?
No ando? No hablo aqui?

MERCURIO: Pues sosiega ahora un poco,
Que yo tambien diré de mí.
Yo no sé que yo soy yo?
Yo no te dí con mis manos?
Mi señor no me llevó
Á la guerra, adó mató
Aquel Rey de los thebanos?

SOSEA: Yo eso muy bien lo sé.
Empero tú qué hacias
Cuando la batalla vias?

MERCURIO: Escucha: yo lo diré,
Y cesaran tus porfías.

Cuando mi señor andaba
Peleando, y derramaba
La sangre de algun mezquino;
Con una bota de vino
Yo la mia acrescentaba.

SOSEA: (Dice lo que yo hacia)
Con todo, saber queria
Sola una cosa, si puedo:
Tu pecho entonces sentia?

MERCURIO: Del beber grande alegría,
Y del pelear gran miedo.

SOSEA: Y despues?

MERCURIO: Muy reposado
Á dormir me eché de grado,
Desde el sol hasta la luna.

SOSEA: (Todo lo tiene contado.
Enfin, tengo averiguado
Que yo no soy cosa ninguna)
Pues de todo en un instante
Me has echado de mí fuera,
Aconséjame si quiera,
Quien seré d'aqui adelante,
Pues no soy quien de antes era.

MERCURIO: Cuando yo no ser quisiere
Ese, que tú ser deseas,
Despues que ya Sosea no fuere,
Dartehé, si te pluguiere,
Licencia que todo seas.
Y acógete luego, amigo,
Á buscar tu nombre, digo,

Pues Dios vida te dejó;
Que el Sosea queda comigo.

SOSEA: Pues contigo quedo yo,
Dios quede, hermano, contigo.
Ahora quiero ir allá
Adó mi señora está,
Contarle como es venido
Mi señor. Mas, oh perdido!
Si un otro yo tiene allá,
Todo lo terná sabido.

MERCURIO: Ah hombre...

SOSEA: Mi voz sonó.

MERCURIO: Aonde vuelves ahora?

SOSEA: Por Dios no sé onde vó,
Porque si yo no soy yo,
Ni Alcmena es mi señora.

MERCURIO: Adonde vas?

SOSEA: Con mensaje
Del señor Amphitrion
Para Alcmena.

MERCURIO: Adó, salvaje?
Pues quebraste la omenaje,
Ahi verás tu perdicion.
Yo doyte consejos sanos,
Y porfias otra vez?

SOSEA: Altos dioses soberanos!
Pues me no valen las manos,
Aqui me valgan los pies. *(Foge*

MERCURIO: D'esta arte enseñan aqui
Á hurtar el nombre ageno?

SCENA VII

SOSEA: Ay Dios, como me acogí!
Ó Júpiter alto y bueno,
Cuan cerca la muerte vi!
Quiérome ir á mi señor
Contarle cuanto hé pasado;
Y él me dirá de grado,
Si yo soy su servidor,
En que cosa me hé tornado.

ACTO TERCEIRO

SCENA I

JUPITER E ALCMENA

JUPITER: Toda a pessoa discreta
Terá, senhora, assentado,
Que hum bem muito desejado
Se ha de alcançar por dieta,
Para ser sempre estimado.
E quem alcançado tem
Tamanho contentamento;

Por conserval-o convem
Que tome por mantimento
A fome de tanto bem.
E por isso hei de tomar
Este tempo tão ditoso
Para a frota visitar;
E despois quando tornar,
Tornarei mais desejoso.
Que pois tão bom captiveiro
Me tem presa a liberdade,
Eu lhe prometto em verdade
Que torne ainda primeiro,
Que m'o peça a saudade.

ALCMENA: Ainda que se possa ir
Mais asinha do que creio,
Como hei de eu consentir
Que se haja de partir
Na mesma noite que veio?

JUPITER: Forçada he minha tornada,
Mas muito cedo virei;
Porque desque foi chegada
A este porto a Armada,
Ainda a não visitei.

ALCMENA: Pois, senhor, tão pouco estaes
Com quem vistes inda agora?
Faça-se como mandaes.

JUPITER: Vós me vereis cá, senhora,
Primeiro do que cuidaes.

*

SCENA II

AMPHITRIÃO E SOSEA

AMPHITRIÃO: Emfim tu, que estás aqui,
Estavas já lá primeiro?
SOSEA: Señor, crea que es ansí.
AMPHITRIÃO: Eu nunca entendi de ti,
Qu'eras tambem chocarreiro.
SOSEA: Señor, yo que estoy presente.
No soy Sosea su criado?
AMPHITRIÃO: Creio que não certamente,
Porque Sosea era avisado,
E tu és mui differente.
SOSEA: Pues, señor, si en mí se vé
Que no soy quien de antes era,
Vuélvome.
AMPHITRIÃO: E para que?
SOSEA: Ver se á dicha me quedé
Durmiendo por la galera.
AMPHITRIÃO: Pois me queres fazer crer
Huma doudice tão rasa,
Mais quero de ti saber:
Como não entraste em casa
D'Alcmena minha mulher?
SOSEA: Aunque Sosea quisiese,
La verdad no negará:
Aquel yo que allá está,
No quiso que á casa fuese
Estotro yo, que iba allá.

Y con furia tan crecida
Á mi se vino aquel hombre,
Que yo me puse en huida,
Y ansí le dejé mi nombre,
Por me dejar él la vida.

AMPHITRIÃO: Quem sería tão ousado,
Que tanto mal te fizesse?

SOSEA: Yo mismo Sosea llamado,
Que á casa era ya llegado,
Antes que de acá partiese.

AMPHITRIÃO: Tu chegaste antes de ti?
Este he gentil disparate.

SOSEA: Pues mas le digo d'aqui,
Que vengo huyendo de mi,
Porque yo mismo no me mate.

AMPHITRIÃO: Eram dous, ou era hum só,
Quem te fez assi fugir?

SOSEA: Pésete quien me parió:
Digo, que era un solo yo:
Mil veces lo hé de decir?
Puede ser que naceria
De aquel hombre otro alguno,
Como aquel de mí nacia;
Porque aunque fuese él uno,
Por mas de cuatro tenia.
Él tenia mi aparencia,
Empero yo nunca vi
Tal fuerza, ni tal potencia:
Esta sola diferencia
Le tengo hallado de mí.

AMPHITRIÃO: Pudeste d'elle saber
Cujo era?
SOSEA: Quien? aquel yo?
Tuyo, señor, dijo ser.
AMPHITRIÃO: Nunca eu tive mais que hum só,
E esse não quizera ter.
SOSEA: Pues, señor, si el bien doblado
Te le muestra agora Dios,
Debe ser de ti alabado;
Pues de uno solo criado
Te ha hecho agora dos.
AMPHITRIÃO: Antes para que conheças,
Que cousa he mau servidor,
Me pezará se assi for;
Que de tão ruins cabeças,
Quantas mais, tanto peor.
E já que são tão incertos
Teus ditos para se crer;
Muito melhor deve ser
Que deixe teus desconcertos,
E vá vêr minha mulher.

SCENA III

ALCMENA: Que fado, que nascimento
De gente humana nascida,
Que de escasso e avarento,
Nunca consentiu na vida
Perfeito contentamento!

Amphitrião, que mostrou
Hum prazer tão desejado
A quem tanto o desejou;
Na noite, que foi chegado,
N'essa mesma se tornou!
De se tornar tão asinha
Sinto tanto entristecer
O sentido e alma minha,
Que certo que me adivinha
Algum novo desprazer.
Mas parece este que vem,
Se não estou enganada:
Se elle he, venha com bem,
Pois que com sua tornada
Tão transtornada me tem.

SCENA IV

AMPHITRIÃO, ALCMENA E SOSEA

AMPHITRIÃO: Com que palavras, senhora,
Poderei engrandecer
Tão sublimado prazer,
Como he vêr chegada a hora,
Em que vos pudesse ver?
Certo gran contentamento
Tive de meu vencimento;
Mas maior o hei de mim,
De me vêr posto na fim
De tão longo apartamento.

ALCMENA: Já eu disse o que sentia
De vinda tão desejada.
Mas diga-me todavia:
Como não foi vêr a Armada,
Que me disse hoje este dia?
AMPHITRIÃO: D'ella venho eu inda agora
Desejoso de vos vêr,
Muito mais que de vencer.
Mas que me dizeis, senhora,
Que hoje me ouvistes dizer?
ALCMENA: Se não estava remota,
Certamente que lhe ouvi,
Quando hoje partiu d'aqui,
Que tornava a vêr a frota,
Porque era forçado assi.
AMPHITRIÃO: Sosea?
SOSEA: Señor, aqui estoy yo.
AMPHITRIÃO: Tu ouves tal desconcerto?
SOSEA: Grandes orejas ganó,
Pues estando en casa oyó
Quien estava allá nel puerto?
AMPHITRIÃO: Quando dizeis, que me ouvistes?
ALCMENA: Hoje, quando vos partistes.
AMPHITRIÃO: D'onde?
ALCMENA: D'aqui, de me vêr.
AMPHITRIÃO: Nunca vi grande prazer,
Que não tenha os cabos tristes.
Quantos males de improviso
Que causam grandes mudanças!

Que mulher de tanto aviso,
Agora minhas lembranças
A teem fóra de juizo!

ALCMENA: Quereis-me fazer cuidar
Que poderia sonhar
O que pelos olhos vi?
Nunca vos eu mereci
Quererdes-me exprimentar.

AMPHITRIÃO: Postoque he para pasmar
Vêr hum caso tão estranho,
Todavia hei de attentar,
Se poderei concertar
Hum desconcerto tamanho.
Quando dizeis que vim cá?

ALCMENA: Esta noite que passou.

AMPHITRIÃO: Dae-me alguem que aqui se achou,
Que me visse.

ALCMENA: Esse que hi está,
Sosea que comvosco andou.

AMPHITRIÃO: Sosea, pódes-te lembrar,
Que hontem me vistes aqui?

SOSEA: Nunca yo supe de mí
Que me pudiese acordar
De aquello que nunca vi.

ALCMENA: Ora eu creo, e he assi,
Que ambos vindes conjurados,
Para zombardes de mi;
Mas eu darei hoje aqui
Signaes que sejam provados.

AMPHITRIÃO: Que signaes póde ahi haver
De mentira tão notoria,
Que nem foi, nem póde ser?
ALCMENA: D'onde vim eu a saber
Novas de vossa victoria?
AMPHITRIÃO: Que novas?
ALCMENA: Dir-vol-as-hei,
Assi como m'as contastes:
Que na batalha matastes
Aquelle soberbo rei,
E tudo desbaratastes:
Não fazendo resistencia
N'huma batalha tão crua,
Dando-vos obediencia,
Vos deram uma copa sua,
Lavrada por excellencia.
AMPHITRIÃO: Sosea he culpado só
N'estes acontecimentos.
SOSEA: Señor, son encantamientos,
Porque aquel hombre, que es yo,
Le contaria estos cuentos.
AMPHITRIÃO: Quem he esse, que vos deu
Taes novas, saber queria?
ALCMENA: Quem m'o pergunta.
AMPHITRIÃO: Quem? Eu?
Quereis-me fazer sandeu?
ALCMENA: Mas vós me fazeis sandía.
AMPHITRIÃO: Ora quero perguntar:
Que fiz sendo aqui chegado?
ALCMENA: Puzemo-nos a cear.

AMPHITRIÃO: E despois de ter ceado?
ALCMENA: Fomo-nos ambos deitar.
AMPHITRIÃO: Nunca queira Deos que possa
Achar-se na minha honra
Nenhuma falta nem mossa:
Seja isto doudice vossa,
Antes que minha deshonra.
SOSEA: Bien lo supe yo entender,
Que era esto encantaciones;
Y ahora me habrá de crer
Que dos Soseas puede haber,
Pues hay dos Amphitriones.
ALCMENA: Com me quererdes tentar
Tão torvada me fizestes,
Que me não pôde lembrar
Que vos mandasse mostrar
A copa que me hontem déstes.
AMPHITRIÃO: Eu? copa? Se isso ahi ha,
Que estou doudo cuidarei.
SOSEA: Señor, bien guardada está.
ALCMENA: Bromia?
BROMIA *(de dentro)* Senhora.
ACMENA: Dae cá
A copa que hontem vos dei.
SOSEA: Pues yo parí otro yo,
Y vós otro Amphitrion,
No es mucha admiracion,
Si la copa otra parió,
Ni aun fuera de razon.

SCENA V

AMPHITRIÃO, ALCMENA, SOSEA E BROMIA

BROMIA: Eis-aqui a copa vem,
Testimunho da verdade.
AMPHITRIÃO: Oh estranha novidade!
ALCMENA: Poder-me-ha dizer alguem
Que o que digo he falsidade?
AMPHITRIÃO: Sosea, quando hontem cá vinhas,
Poder-me-has negar, ladrão,
Que lhe déste as novas minhas,
E mais a copa que tinhas
Guardada na tua mão?
SOSEA: Señor, que no pude, no,
Vêr a mi Señora Alcmena:
Si aquel eso acá ordenó,
No lleve este yo la pena
Del mal que hizo el otro yo.
AMPHITRIÃO: Ora eu não sei entender
Tal caso, nem lhe acho fundo:
Com tudo venho a dizer,
Que ha tantos males no mundo,
Que tudo se póde crer.
Se vos trouxer quem vos diga
Como esta noite dormi
Na náo, crereis que he assi?
ALCMENA: Nenhuma cousa me obriga
A que não creia o que vi.

AMPHITRIÃO: Se o Patrão aqui vier,
Que he homem d'autoridade,
Crereis o que vos disser?
ALCMENA: Sim, que ninguem póde haver
Que me negue esta verdade.
AMPHITRIÃO: Eu estou em concrusão
D'hoje desembaraçar
Tão enleada questão:
Á náo me quero tornar
A trazer cá Belferrão.
Sosea, até minha tornada
Fica n'esta casa em vela;
Qu'eu armarei tal cilada
A quem m'a a mim tem armada,
Que venha hoje a cahir n'ella.

SCENA VI

ALCMENA E BROMIA

ALCMENA: Oh mulher triste e suspensa
Da mais alta confusão
Que nunca viu coração!
Em que mereces a offensa,
Que te faz Amphitrião?
Sempre de mi foi amado,
Tanto quanto em mi sente,
Co'o coração tão liado,
Que se de mi era ausente,
N'elle o via figurado.

E pois mulher, que cumprisse
Melhor que eu fidelidade,
Não a vi, nem quem me visse
Que dos limites sahisse
Hum pouco da honestidade.
Pois porque he tão maltratada
Innocencia tão singella?
Que a pena mais apertada,
He a culpa levantada
Ao coração livre d'ella.
Mas já que minh'almà está
Sem culpa do que padeço,
Seja o que fôr; que eu conheço
Que a verdade me porá
No que eu pola ter mereço.
Bromia?

BROMIA: Senhora.

ALCMENA: Hi mandar
A Feliseo, que vá
Meu primo Aurelio chamar;
Que lhe quero perguntar
Que conselho me dará.
E pois que Amphitrião
Vai buscar sómente quem
Lhe ajude a sua tenção,
Quero eu ter aqui tambem
Quem me defenda a razão.

ACTO QUARTO

—

SCENA I

JUPITER, ALCMENA E SOSEA

JUPITER: Grão desconcerto tem feito
Amphitrião com Alcmena!
Qualquer d'elles tem direito:
Eu sou o que venço o preito,
E ambos pagam a pena.
Quero-me ir lá desfazer
Tão trabalhosa demanda,
Por nos tornarmos a vêr;
Porque, emfim, quem muito quer
Com qualquer desculpa abranda.
E pois já que a affeição
Ha de mudar tão asinha,
Quero ir alcançar perdão
Da culpa, que sendo minha,
Parece d'Amphitrião.

ALCMENA: Parece que torna cá
Amphitrião, que já se hia:
Não sei a que tornará,
Senão se lhe peza já
Dos enganos que tecia.

JUPITER: Senhora, não haja horror
Que tantos males me faça,
Porque se o contrario for,
Pequeno será o amor,
Que manencória desfaça.
E pois com tanta alegria
De tantos perigos vim,
Pezar-me-ha se achar no fim,
Que huma leve zombaria
Vos possa aggravar de mim.

ALCMENA: Com palavras de deshonra
Não se ha de tratar quem ama;
Nem zombaria se chama,
Por experimentar a honra,
Pôr em tal perigo a fama.
Bem tive eu para mim,
Que era aquillo experiencia.

JUPITER: Errei no que commetti:
Bem me basta a penitencia
De quanto me arrependi.
E se fiz algum error,
Com que vosso amor se mude
De quem vol-o tem maior;
Não exprimentei virtude,
Mas exprimentei amor.
Que se com caso tão vário
Folguei de vos agastar,
Foi amor accrescentar;
Porque ás vezes hum contrário
Faz seu contrário avisar.

D'aqui vem, que a leve mágoa
Firmeza e affeições augmenta,
Como bem se vê na frágoa,
Onde o fogo se accrescenta,
Borrifando-o com pouca ágoa.
Se hum mal grande se alevanta
N'hum coração que maltrata,
A affeição se desbarata;
Porque onde a ágoa he tanta
O fogo d'amor se mata.
E pois tive tal tenção,
Perdoae, senhora, a culpa
D'este vosso coração.

ALCMENA: Não se alcança assi perdão
D'erro que não tem desculpa.

JUPITER: Ora pois assi trataes
Quem em tanto risco pôz
O amor que vós negaes,
Eu me ausentarei de vós
Onde mais me não vejaes.
Que, pois desculpa não tem
Coração que tanto quer,
Vou-me; que não será bem
Que quem vós não podeis vêr,
Que possa mais vêr ninguem.
Se algum'hora meu cuidado
Vos der dôr, em que pequena;
Peço-vos, pois fui culpado,
Que vos não peze da pena
De quem vos foi tão pezado.

E despois que a desventura
Puzer este coração
Debaixo da sepultura,
As letras na pedra dura
Vossa dureza dirão.
Isto vos hei de dizer,
Que me ensinou minha dôr:
Se quizerdes leda ser,
Nunca experimenteis amor
Em quem vol-o não tiver.
Deixae-me ir; não me tenhaes.

ALCMENA: Amphitrião, não choreis!
Amphitrião!

JUPITER: Que quereis,
Ou para que nomeaes
Homem, que vêr não podeis?

ALCMENA: Amphitrião, se eu causei
Com manencória pequena
Cousa, com que o magoei;
Eu quero cahir na pena
D'essa culpa que lhe dei.

JUPITER: Sempre serei magoado
Se vossa má condição
Me não perdôa o passado.

ALCMENA: Perdôo, e peço perdão
De lhe não ter perdoado.

SOSEA: No le perdone, señora,
Hasta que con devocion
Tambien me pida perdon;
Que bien se me acuerda ahora
Que me ha llamado ladron.

JUPITER: Sosea?
SOSEA: Señor.
JUPITER: Vae buscar
O piloto Belferrão;
Dir-lhe-has, se desembarcar,
Que me parece razão
Que venha hoje cá cear.
SOSEA: Sí, señor, voy á la hora.
JUPITER: De nenhuma qualidade
Cure de fazer demora.
E nós vamos-nos, senhora,
Confirmar nossa amizade.

SCENA II

MERCURIO: Grandes revoltas vão lá,
Grandes acontecimentos!
Cumpre-me que esteja cá,
Em quanto meu pae está
Em seus desenfadamentos.
Porque vi Amphitrião
Vir da náo mui apressado;
E tendo corrido e andado,
Não pôde achar Belferrão,
Que lhe era bem escusado.
Parece-me que virá
Vêr se lhe abre aqui alguem:
Mas, porém, se chega cá,
Já póde ser que se vá
Mais confuso do que vem.

*

SCENA III

MERCURIO E AMPHITRIÃO

AMPHITRIÃO: Quiz-nos nossa natureza
Com tal condição fazer,
Que já temos por certeza
Não haver grande prazer,
Sem mistura de tristeza.
Este decreto espantoso,
Que instituiu nossa sorte,
He tal e tão rigoroso,
Que ninguem antes da morte
Se póde chamar ditoso.
Com esta justa balança
O fado grande e profundo
Nos refreia a esperança,
Porque ninguem n'este mundo
Busque bem-aventurança.
Eu, que cuidei de viver
Sempre contente de mi
Com tamanho rei vencer,
Venho achar minha mulher
De todo fóra de si.
Mas d'outra parte, que digo?
Que se he verdade o que vi,
E o que ella diz he assi;
Virei a cuidar comigo
Qu'eu sou o fóra de mi.

Quero vêr se a acho já
Fóra de tão seccos nós.
Ó de casa?

MERCURIO: O de allá?
Quien sois?

AMPHITRIÃO: Abre.

MERCURIO: Santo Dios!
Pues no os conocen acá.

AMPHITRIÃO: Oh que gentil desvario!
Abri-me ora se quizerdes.

MERCURIO: No haré, que en mi confio
Que de fuera dormiredes,
Que no comigo, amor mio.
(Que cancion para oir!)

AMPHITRIÃO: Ah Sosea! zombas de mi?
(Ora quero-me fingir
Que ainda o não conheci,
Por vêr se me quer abrir)
Ah senhor, não abrireis?

MERCURIO: Qué quereis, hombre, por Dios?

AMPHITRIÃO: Duas palavras de vós.

MERCURIO: Tengo dicho mas de seis,
E ahora me pedis dos?
De fuera podeis dormir,
Que entrar no podeis acá.

AMPHITRIÃO: Ora acabae, abri lá.

MERCURIO: Digo que no quiero abrir:
Dije dos palabras ya.

AMPHITRIÀO: Ora sus, bargante, abri.

MERCURIO: Si no te vuelves de aqui,
Á gran peligro te ofreces.
AMPHITRIÃO: Velhaco, não me conheces,
Ou estás fóra de ti?
MERCURIO: Bonito venis, amor.
Quien sois, que hablaes tan osado?
AMPHITRIÃO: Abre, que sou teu senhor.
MERCURIO: Vuélvase de esotro lado,
Y conocerlehé mejor.
AMPHITRIÃO: Sosea moço.
MERCURIO: Assi me llamo,
Huélgome que lo sepaes;
Empero digo que os vaes,
Que Amphitrion es mi amo;
Vos id buscar quien seaes.
AMPHITRIÃO: Pois quero saber de ti:
Eu quem sou?
MERCURIO: Y quien sois vós?
Como os llaman?
AMPHITRIÃO: Abri.
MERCURIO: Á vos os llaman Abri?
Pues, Abri, andad con Dios.
AMPHITRIÃO: Quem ha, que possa soffrer
Em sua honra tal destroço,
Que para me endoudecer
Me tem negado a mulher,
E agora me nega o moço?
MERCURIO: Mira el encantador
Como se lastima y llora,

Y fuese tomar ahora
La forma de mi señor,
Para engañar mi señora.
Pues esperad, y no os vaes,
Por un espacio pequeño;
Verná quien representaes,
Y él os hará que volvaes
El falso gesto á su dueño.

AMPHITRIÃO: Vae, velhaco, e chama cá
Esse falso feiticeiro;
Que se elle lá dentro está,
Esta espada julgará
Qual de nós he o verdadeiro.

SCENA IV

AMPHITRIÃO, SOSEA E BELFÉRRÃO

BELFERRÃO: Ora ninguem presumíra
Que tinhas tão pouco siso;
Pois vás achar d'improviso
Tão bem forjada mentira,
Que me fez cahir de riso.
Hum moço, que alevantou
Tal graça, nunca nasceu:
Porque vos jura que achou
Que ou elle em dous se perdeu,
Ou de hum dous se tornou.

SOSEA: Patron, que no burlo, no:
En uno son dos unidos,
Y en dos cuerpos repartidos;
Yo soy él, y él es yo,
De un padre y madre nacidos.

BELFERRÃO: Esse tu que lá estás,
Tão velhaco he coma ti?

SOSEA: Mas aun pienso que es mas:
Por delante y por detrás
Todo se parece á mí.
Y fue gran merced de Dios
Ayntar á mí mas uno,
Que peor fuera de nos,
Si Dios me hiciera ninguno,
Que no de uno hacer dos.

BELFERRÃO: Assi que, se te perdeste
Vieste a cobrar mais hum:
Mui gentil conta fizeste,
Pois que perdido soubeste
Que eras dous, sendo nenhum.

SOSEA: Pues teneis por abusion
Verdad tan clara, y tan rasa,
Aunque pone admiracion;
Quiera Dios, que allá en casa
No halleis otro Patron.

AMPHITRIÃO: O Patrão, que fui buscar,
Parece que vejo vir:
Não sei quem o foi chamar;
Mas que me ha de aproveitar
Se me não querem abrir?
Ah Belferrão!

BELFERRÃO: Ah Senhor!
Já sinto que fui culpado;
Porque quem he convidado,
Se tão vagaroso fôr,
Merece não ser chamado.

AMPHITRIÃO: A vós quem vos convidou?

BELFERRÃO: Sosea, por mandado seu.

AMPHITRIÃO: D'isso, Patrão, não sei eu;
Que Sosea já me negou,
E já se não dá por meu.
E se alguem vos foi dizer
Qu'eu vos chamo á minha mesa;
Mal vos dará de comer
Quem de todo lhe he defesa
A casa, e mais a mulher.

BELFERRÃO: Quem he esse tão ousado,
Que vos isso faz, senhor?

AMPHITRIÃO: Sosea, creio que enganado
Por algum encantador,
Que a honra me tem roubado.

BELFERRÃO: Se elle aqui commigo vem,
Isso como póde ser?

AMPHITRIÃO: Ah! que a íra que vou ter,
Tão cega a vista me tem,
Que m'o não deixava ver.
Porque razão, cavalleiro,
Não me abris quando vos mando?
Vós fazeis-vos chocarreiro?

SOSEA: Yo Señor? y como? y cuando?

AMPHITRIÃO: Quereis-lo saber primeiro?
Esperae, dir-se-vos-ha,
Mas será por outro son.

SOSEA: Ah Señor Amphitrion,
Porque matándome está,
Sin delito, y sin razon?

AMPHITRIÃO: Agora que vos eu dou
Me chamaes Amphitrião,
E para me abrirdes não.

BELFERRÃO: Este moço em que peccou?
Porque pena sem razão?
Não mais por amor de mi.

AMPHITRIÃO: Não, que não sou seu senhor;
Eu sou hum encantador.
Não o dizeis vós assi,
Ladrão, perro, enganador?

SOSEA: Porque fuy presto á llamar
Por su mandado al Patron,
Me quiere ahora matar?

AMPHITRIÃO: Quem vol-o mandou buscar?

SOSEA: Si no hay otro Amphitrion;
Vuestra merced sin dudar.

AMPHITRIÃO: Eu te mandei?

SOSEA: Si Señor,
Si otro no.

AMPHITRIÃO: Outro ha aqui,
Por quem tu zombes de mi?
Pois só d'esse encantador
Me quero vingar em ti.

SOSEA: Oh Júpiter, á quien bramo
Por su bondad que me vala!
Pues porque Sosea me llamo,
Yo mismo, y despues mi amo,
Me dieron venida mala!

ACTO QUINTO

SCENA I

JUPITER, BELFERRÃO, SOSEA E AMPHITRIÃO

JUPITER: Quem he o tão atrevido,
Que aqui ousa de fazer
Tão revoltoso arruido
Com meus moços, sem temer,
Que fui sempre tão temido?
Quem aqui faz união,
Toma mui grande despejo.

BELFERRÃO: Oh grande admiração!
Vejo eu outro Amphitrião,
Ou he sonho isto que vejo?

SOSEA: No mirais la encantacion,
Que aquel hizo á mi Señor?
El que sale, Belferron,
Es el cierto Amphitrion,
Que estotro es encantador.

JUPITER: Sosea?
SOSEA: Mi Señor, ya vó.
JUPITER: Patrão, só por vós espero,
SOSEA: No os lo dicia yo,
Que este era el verdadero,
Y esse que allá queda, no?
AMPHITRIÃO: Bargante, aonde te vás?
Fazes teu senhor saudeu?
Pois espera, o levarás.
JUPITER: Ó lá, tornae por detrás,
Não deis no moço, que he meu.
AMPHITRIÃO: Vosso?
JUPITER: Meu.
AMPHITRIÃO: Póde isto haver,
Que outrem minhas cousas tome?
Vós galante haveis de ser,
O que me tomaes o nome,
Casa, moços e mulher.
Eu vos farei conhecer
Com quem tendes esse trato.
JUPITER: Sosea?
SOSEA: Señor.
JUPITER: Vae dizer,
Que apparelhem de comer,
Em quanto este doudo mato.
BELFERRÃO: Oh Senhor, não seja assim,
Haja em vós concêrto algum!
E senão, pois aqui vim,
Farei que só tome em mim
Os golpes de cada hum.

JUPITER: Patrão, vossa boa estrella
Me fará deixar com vida
Quem me não merece tel-a.
AMPHITRIÃO: Não a tenho eu merecida,
Pois que vos deixo com ella.
BELFERRÃO: O homem que fôr sisudo,
N'huma tão grande questão
Ha de tomar por escudo
A justiça, e a razão;
Que estas armas vencem tudo.
E pois essa natureza
Muitos homens faz iguaes,
Dê qualquer de vós signaes
De quem he, para certeza
Da fórma que ambos mostraes.
JUPITER: Sou contente de mostrar
Polos signaes que vos dou,
Que são estes sem faltar.
AMPHITRIÃO: Que signaes podeis vós dar,
Para que sejaes quem sou?
JUPITER: Estes, que logo vereis
Se são vãos, se de raiz.
Patrão, vós sêde juiz,
Que vós logo enxergareis
Qual mais verdade vos diz.
BELFERRÃO: Eu não sinto onde consista
A cura d'esta doença,
Que ha tão pouca differença,
Que aquelle em que ponho a vista,
Por esse dou a sentença.

Mas, Senhor, vós que ordenastes
Que o juiz d'isto fosse eu,
Quando se a batalha deu,
Dizei, que m'encommendastes
Que ficasse a cargo meu?

JUPITER: Dei-vos cargo, qu'estivesse
Toda a Armada a bom recado;
E, se mal nos succedesse,
Que para os vivos houvesse
O refugio apparelhado.

BELFERRÃO: Ora vós quantos dobrões
Esse dia m'entregastes?

AMPHITRIÃO: Tres mil: e vós os contastes.

BELFERRÃO: Ambos sois Amphitriões
Pelos signaes que mostrastes.

JUPITER: Para ser mais conhecida
A tenção d'este sandeu,
Vêde est'outro signal meu,
Que he n'este braço a ferida
Que me el-rei Terela deu.

BELFERRÃO: Mostrae vós, Senhor, tambem.

AMPHITRIÃO: Aqui o podeis olhar.

BELFERRÃO: Oh cousa para espantar!
Que ambos a ferida tem
D'hum tamanho, em hum logar!

SCENA II

JUPITER, AMPHITRIÃO E SOSEA

SOSEA: Dice mi Señora Alcmena
Que no se ha de así de estar
Con un bobo á razonar,
Que se le enfría la cena.
JUPITER: Belferrão, vamos cear.
AMPHITRIÃO: Belferrão, não me deixeis.
Como? tambem me negaes?
JUPITER: Andae, não vos detenhaes,
Vamos comer, se quereis,
Não ouçaes hum doudo mais.
AMPHITRIÃO: Ah máos! assi me ordenaes
Offensa tão mal olhada?
Eu farei, se me esperaes,
Com que todos conheçaes
Os fios da minha espada.
JUPITER: As portas prestes fechemos,
Não entre este doudo cá.
SOSEA: De fuera se dormirá:
Entre tanto que cenemos,
Puede pasearse allá.

SCENA III

AMPHITRIÃO *(só)*

Oh íra para não crer,
Em que minh'alma se abraza,
Que me faz endoudecer,
E não me ajuda a romper
As paredes d'esta casa!
E porque? Não tenho eu
Forças, que tudo destrua?
Pois que tanto a salvo seu,
Outrem acho que possua
A melhor parte do meu;
Eu irei hoje buscar
Quem me ajude a vir queimar
Toda esta casa sem pena,
D'onde veja arder Alcmena,
Com quem a vejo enganar.

SCENA V

AURELIO E MOÇO

AURELIO: No hallo á mis males culpa,
Para que merezca pena
La causa que me condena.
MOÇO: Essa está gentil desculpa
Para hoje dar a Alcmena!

Tem-no mandado chamar,
E elle está tão descuidado!

AURELIO: Moço, queres-me matar?
Que desculpa posso eu dar
Melhor que este meu cuidado?

MOÇO: E não ha mais que fazer?
Com isso a boca me tapa
Para mais nada dizer?

AURELIO: Ora dá-me cá essa capa,
E vamos vêr o que quer:
Não trates de mais razão,
Pois não ha quem te resista.
Que vejo? outra novação!

MOÇO: Que he?

AURELIO: Ou me mente a vista,
Ou eu vejo Amphitrião.

MOÇO: Eu ouvi a Feliseo,
Quando cá trouxe o recado,
Como elle era chegado,
E quiz-me dizer que veo
Do siso desconcertado.

AURELIO: Isso quero eu ir saber,
Pois que tal cousa se sôa.

SCENA V

AURELIO E AMPHITRIÃO

AURELIO: Senhor, póde-se dizer
Que a vinda seja mui boa?

AMPHITRIÃO: Essa não póde ella ser.

AURELIO: Porque não?
AMPHITRIÃO: Porque he roubada
Minha honra sem temor,
E minha casa tomada,
E vossa prima enganada
Por hum grande encantador.
AURELIO: Isso he certo?
AMPHITRIÃO: E manifesto:
E tudo tem já por seu
Adúltero e deshonesto:
Tem-me tomado o meu gesto,
E faz-lhe crêr que sou eu.
AURELIO: Contaes hum caso d'espanto!
E pois não podeis entrar,
Defendei-me por em tanto,
Que eu hei de la chegar
Para vêr quem póde tanto.

SCENA VI

AMPHITRIÃO *(só)*

Se vêr deshonra tão clara
Me não tivera o sentido
Totalmente endoudecido,
Que gravemente chorára
Vêr tão grande amor perdido!
E quando vejo a verdade
Do nosso amor e amizade

Desfeita com tanta mágoa,
Enchem-se-me os olhos d'ágoa,
E a alma de saudade.
Assi que quiz minha estrella,
Para nunca ser contente,
Que agora, estando presente
Viva mais saudoso d'ella,
Que quando d'ella era ausente.
Esta porta vejo abrir
Com impeto demasiado,
Que poderei presumir,
Que vejo Aurelio sahir,
Como homem desatinado?

SCENA VII

Amphitrião, Aurelio, Belferrão e Sosea

Aurelio: Oh estranha novidade!
Oh cousa para não crer!
Belferrão: Venho cego de verdade,
Que não puderam soffrer
Meus olhos a claridade.
Sosea: Oh triste, que vengo ciego
Con rayos, y con visiones!
Y d'estas encantaciones,
Si nuestra casa arde en fuego,
Han se de arder mis colchones.
Aurelio: Vamos a Amphitrião
Contar-lhe cousas tamanhas.

AMPHITRIÃO: Que vai lá? que cousas vão?
AURELIO: Maravilhas tão estranhas,
Que me treme o coração.
Porque aquelle homem, que assi
Tantos enganos teceu,
Como era cousa do céo,
Tanto que eu appareci,
Logo desappareceu.
E em desapparecendo
Com ruido grande e horrendo.
Toda a casa allumiou;
E de arte nos inflamou,
Que nos vimos acolhendo
Do raio que nos cegou.
Estes acontecimentos
Não são de humana pessoa.
Vós ouvis a voz que soa?
Escutae, estae attentos;
Vejamos o que pregôa.

JUPITER *(de dentro)*

Amphitrião, que em teus dias
Vês tamanhas estranhezas,
Não te espantem phantasias,
Que ás vezes grandes tristezas
Parem grandes alegrias.
Jupiter sou manifesto
Nas obras de admiração,
Que por mi causadas são:

Quiz-me vestir em teu gesto,
Por honrar tua geração.
Tua mulher parirá
Hum filho de mi gerado,
Que Hercules se chamará,
O mais valente e esforçado,
Que no mundo se achará.
Com este, teus successores
Se honrarão de serem teus;
E dar-lhe-hão os escriptores,
Por doze trabalhos seus,
Doze milhões de louvores.
E d'essa illustre fadiga
Colherás mui rico fruito:
Emfim, a razão me obriga
Que tão pouco d'elle diga,
Porque o tempo dirá muito.

AUTO DE EL-REI SELEUCO

Recolhido em 1616, d'um Ms. que possuia o Conde de Penaguião

Interlocutores

DO PROLOGO

O Mordomo, ou Dono da Casa.—Martim Chinchorro.—Ambrosio, escudeiro.—Lançarote, moço.

DA COMEDIA

El-Rei Seleuco.—A Rainha Estratonica.—O Principe Antiocho.—Leocadio, pagem do principe Antiocho.—Frolalta, criada da rainha Estratonica.—Hum Porteiro da Cana.—Huma Moça da Camâra.—Hum Physico, ou Medico.—Sancho, moço do Physico.—Alexandre da Fonseca, hum dos musicos.

PROLOGO

(Diz logo o Mordomo, *ou dono da casa:)*

Eis, senhores, o Autor, por me honrar n'esta festival noite, me quiz representar huma Farça; e diz, que por não se encontrar com outras já feitas, buscou huns novos fundamentos para a quem tiver hum juizo assi arrazoado satisfazer. E diz que

quem se d'ella não contentar, querendo outros novos acontecimentos, que se vá aos soalheiros dos escudeiros da Castanheira, ou de Alhos Vedros e Barreiro, ou converse na Rua Nova em casa do Boticario; e não lhe faltará que conte. Porém diz o Autor que usou n'esta obra da maneira de Isopete. Ora quanto á obra, se não parecer bem a todos, o Autor diz que entende d'ella menos que todos os que lh'a puderem emendar. Todavia, isto he para praguentos: aos quaes diz que responde com hum dito de hum philosopho, que diz: *Vós outros estudantes para praguejar, e eu para desprezar praguentos.* Eu com tudo quero saber da Farça, em que ponto vai. Lançarote?

MOÇO: Senhor.

MORDOMO: São já chegadas as figuras?

MOÇO: Chegadas são ellas quasi ao fim de sua vida.

MORDOMO: Como assi?

MOÇO: Porque foi a gente tanta, que não ficou capa com friza, nem talão de çapato, que não sahisse fóra do couce. Ora vieram huns embuçadetes, e quizeram entrar por força; eil-o arrancamento na mão: deram huma pedrada na cabeça ao Anjo, e rasgáram huma meia calça ao Ermitão; e agora diz o Anjo que não ha de entrar, até lhe não darem huma cabeça nova, nem o Ermitão até lhe não pôrem huma estopada na calça. Este pantufo se perdeu alli; mande-o v. m. domingo apregoar nos pulpitos; que não quero nada do alheio.

MORDOMO: Se elle fôra outra peça de mais valia, tu botáras a consciencia pela porta fóra, para o metteres em tua casa.

MOÇO: Oh! se o elle fôra, mais consciencia seria tornal-o a seu dono, quem o havia mister para si.

MORDOMO: Ora vem cá: vai d'aqui a casa de Martim Chinchorro, e dize-lhe que temos cá Auto com grande fogueira; que se venha sua mercê para cá, e que traga comsigo o Senhor Romão d'Alvarenga, para que sobre o Canto-chão botemos nosso contra-ponto de zombaria. Ouves, Lançarote? ir-lhe-has abrir a porta do quintal, porque mudemos o vinte aos que cuidam de entrar por força.

(Indo-se o MOÇO *diz):*

Chichelo de Judeu, assi como foste pantufo, que te custava ser huma bolsa com hum par de reales, que são bons para escudeiro hypocrita; que são pouco, e valem muito?

MORDOMO: Moço, que estás fazendo que não vás?

MOÇO: Senhor, estou tardando, e porém estou cuidando que se agora fôra aquelle tempo, em que corriam as moedas dos sambarcos, sempre d'este tiraria para humas palmilhas. Mas já que assi he, diga-me v. m. que farei d'este?

MORDOMO: Oh fideputa bargante! esperae, que est'outro vol-o dirá.

(Faz que lhe atira com outro pantufo; vai-se o MOÇO, *e diz o* MORDOMO:)

Não ha mais máo conselho, que ter hum villão d'estes mimoso, porque logo passam o pé além da mão, e zombam assi da gravidade de seu amo. Mas tornando ao que importa; vossas mercês he necessario que se cheguem huns para os outros, para darem lugar aos outros senhores que hão de vir; que de outra maneira, se todo o corro se ha de gastar em palanques, será bom mandar fazer outro alvalade; e mais, que me hão de fazer mercê, que se hão de desembuçar, porque eu não sei quem me quer bem, nem quem me quer mal: este só desgosto tem hum Auto, que he como officio de alcaide; ou haveis deixar entrar a todos, ou vos hão de ter por villão ruim.

(Entra MARTIM CHINCHORRO, *fallando com o escudeiro* AMBROSIO, *e diz:)*

MARTIM: Entre v. m.

AMBROSIO: Dias ha, Senhor, que ando de quebras com cortezias; e por isso vou diante. Beijo as mãos a v. m. A verdade he esta, passear em casa juncada, fogueira com castanhas, mesa posta com alcatifa e cartas; além d'isto Auto para esgaravatar os dentes: esta he a vida, de que se ha de fazer consciencia.

MORDOMO: Senhor, o descanso dizem lá, que se ha de ter em quanto homem puder, porque os

trabalhos, sem os chamarem, de seu se vem por seu pé, que seu nome he.

MARTIM: Ora pois, Senhor, o Auto que tal dizem que he? Porque hum Auto enfadonho traz mais somno comsigo que huma prégação comprida.

MORDOMO: Senhor, por bom m'o venderam, e eu o tomei á cala de sua boa fama. E se tal he, eu acho que, por outra parte, não ha tal vida, como ouvir hum villão, que arranca a falla da garganta, mais sem sabor que huma perapão, e huma donzella, que vem podre de amor, fallando como Apostolo, mais piedosa que huma lamentação.

MARTIM: Para estes taes he grande peça rapaz travesso com mólho de junco, porque não andem mais ao coscorrão, mais roucos que huma cigarra, trazendo de si enfadamento.

MOÇO: Ó lá senhoras; pedem as figuras alfinetes para toucarem hum escudeiro. Ora sus, ha hi quem dê mais? que ainda vos veja todas a mim ás rebatinhas: ora sus, venham de mano em mano, ou de mana em mana.

MORDOMO: Moço, falla bem ensinado.

MOÇO: Senhor, não faz ao caso, que os erros por amores tem privilegio de moedeiro.

AMBROSIO: O' rapaz, não me entendes? Pergunto-te se tardarão muito por entrar.

MOÇO: Parece-me, senhor, que antes que amanheça começarão.

AMBROSIO: Oh que salgado moço! Zombas de mi? Vem cá. D'onde és natural?

MOÇO: D'onde quer que me acho.

AMBROSIO: Pergunto-te onde nasceste.

MOÇO: Nas mãos das parteiras.

AMBROSIO: Em que terra?

MOÇO: Toda a terra he huma; e mais eu nasci em casa assobradada, varrida d'aquella hora, que não havia palmo de terra n'ella.

MARTIM: Bem varrido de vergonha que me tu pareces. Dize: Cujo filho és? He para vêr com que disparate respondes.

MOÇO: A fallar verdade, parece-me a mi, que eu sou filho de hum meu tio.

MARTIM: Vem cá. De teu tio! E isso como?

MOÇO: Como? Isto, senhor, he adivinhação, que vossas mercês não entendem. Meu pae era clerigo, e os clerigos sempre chamam aos filhos sobrinhos; e d'aqui me ficou a mi ser filho de meu tio.

MARTIM: Ora te digo que és gracioso, Senhor, d'onde houvestes este?

MORDOMO: Aqui me veiu ás mãos sem piós nem nada; e eu por gracioso o tomei; e mais tem outra cousa, que huma trova fal-a tão bem como vós, ou como eu, ou como o *Chiado*.

AMBROSIO: Não! quanté d'isso nós havemos-lhe de vêr fazer alguma cousa, em quanto se vestem as figuras. Ainda que, para que he mais Auto, que vêr-mos a este?

MORDOMO: Vem cá, moço: dize aquella trova que fizeste á moça Briolanja, por amor de mi!

Moço: Senhor, si, direi; mas aquella trova não he senão para quem a entender.

Martim: Como! tão escura he ella?

Moço: Senhor, assi a fiz e a escrevi na memoria, porque eu não sei escrever senão com carvão; e porém diz assi:

> Por amor de vós, Briolanja,
> Ando eu morto,
> Pezar de meu avô torto.

Martim: Oh como he galante! Que descuido tão gracioso! Mas vem cá: que culpa te tem teu avô nos desfavores que te tua dama dá?

Moço: Pois, senhor, se eu houve de pezar de alguem, não pezarei eu antes dos meus parentes, que dos alheios?

Mordomo: Pois ouçam vossas mercês a volta; que he mais cheia de gavetas, que trombeta de Serenissimo de la Valla.

Moço: A volta, senhores, he mui funda; e parece-me, senhores, que nem de mergulho a entenderão. E por isso mandem assoar os engenhos, e metam mais huma sardinha no entendimento; e póde ser que com esta servilha lhe calçará melhor: e todavia palra assi:

> Vossos olhos tão daninhos
> Me trataram de feição,
> Que não ha em meu coração
> Em que atem dous reis de cominhos.
> Meu bem anda sem focinhos
> Por vós morto,
> Pezar de meu avô torto.

Martim: Ora bem: que teem de vêr os caminhos com o teu coração?

Moço: Pois, senhores, coração, bofes, baço e toda a outra mais cabedella, não se pódem comer senão com cominhos: e mais, senhores, minha dama era tendeira; e este he o verdadeiro entendimento.

Martim: E aquella regra que diz: *Meu bem anda sem focinhos,* me dá tu a entender; que ella não dá nada de si.

Moço: Nunca vossas mercês ouviram dizer:

> Meu bem e meu mal
> Lutarão hum dia;
> Meu bem era tal,
> Que meu mal o vencia?

Pois d'esta luta foi tamanha a quéda que meu bem deu entre humas pedras, que quebrou os focinhos; e por ficarem tão esfarrapados, que lhe não podiam botar pedaço; por conselho dos Physicos lh'os cortaram por lhe n'elles não saltarem erpes; e d'aqui ficou: *Meu bem anda sem focinhos,* como diz o texto.

Ambrosio: Tu fazes já melhores argumentos, que moços de estudo por dia de S. Nicolau.

Martim: Senhor, aquillo tudo he bom engenho: este moço he natural para Logico.

Moço: Que, senhor? Natural para loja! Si, mas não tão fria como vossas mercês.

Mordomo: Parece-me, senhor, que entra a primeira figura. Moço, mete-te aqui por baixo

d'esta mesa, e ouçamos este representador, que vem mais amarrotado dos encontros, que hum capuz rôxo de piloto que sahe em terra, e o tira da arca de cedro.

MARTIM: Senhor, elle parece que aprende a cirurgião.

AMBROSIO: Mais parece ourinol capado, que anda de amores com a menina dos olhos verdes.

MORDOMO: Emfim, parece figura de Auto em verdade.

(Entra o Representador)

He lei de direito, assaz verdadeira,
Julgar por si mesmos aquillo que vem;
Peloque, se cuidam que zombo de alguem,
Eu cuido que zombam da mesma maneira,

E assi a qualquer parece que está mais dobrado, sem nenhum conhecer seu proprio engano, por grande que seja. Ora, senhores, a mim me esquece o dito todo de ponto em claro: mas não sou de culpar, porque não ha mais que tres dias que m'o deram. Mas em breves palavras direi a vossas mercês a summa da obra: ella he toda de rir, do cabo até á ponta. Entrarão logo primeiramente quinze donzellas que vão fugidas de casa de seus paes, e vão com cabazes apanhar azeitona; e traz ellas vem logo oito mundanos, metidos em hum covão, cantando: *Quem os amores tem em Cintra;* e despois de cantarem farão huma dança de espadas; cousa

muito para vêr: entra mais El-Rei Dom Sancho bailando os machatins, e entra logo Catharina Real com huns poucos de parvos n'huma joeira; e semeal-os-ha pela casa, de que nascerá muito mantimento ao riso. E n'isto fenecerá o Auto, com musica de chocalho e businas, que Cupido vem dar a huma alfeloeira a quem quer bem; e ir-se-hão vossas mercês cada hum para suas pousadas, ou consoarão cá comnosco d'isso que ahi houver. Ora pois ficareis *in vanum laboraverunt,* porque atégora zombei de vós, por me forrar de êrro da representação como quem diz, *digo-te, antes que m'o digas.*

AMBROSIO: Ora vos digo, senhores, que se as figuras são todas taes, que acertaria em errar os ditos; aindaque me parece que este o não fez, senão a ser mais galante. Mas se assi he, ella he a melhor invenção que eu vi; porque jágora representações, todas he darem por praguentos; e são tão certas, que he melhor errál-as, que acertal-as.

MORDOMO: Parece-me que entram as figuras de siso: vejamos se são tão galantes na practica, como nos vestidos.

Entra El-Rei Seleuco *com a* Rainha Estratonica

Rei: Senhora, desque a ventura
Me quiz dar-vos por mulher,
Me sinto emmeninecer;
Porque em vossa formosura
Perde a velhice seu sêr.
Hum homem velho, cansado,
Não tem força, nem vigor,
Pará em si sentir amor:
Se não he que estou mudado
Com ser vosso n'outra côr.
Muito grande dita tem
A mulher que he formosa.

Rainha: Senhor, grande: mas porém
Se a tal he virtuosa,
Quer-lhe a ventura mór bem.

Rei: Si; mas porém nunca vêmos
A natureza esmerar
Adonde haja que taxar;
Que quando ella faz extremos,
Em tudo quer-se extremar.
Eu fallo como quem sente
Em vós esta calidade,
Pelo que vêjo presente;
E se me esta mostra mente,
Mente-me a mesma verdade.
Huma só tristeza tenho
Que não tem a meninice,

Que no mór contentamento
O trabalho da velhice
Me embaraça o sentimento.

RAINHA: Senhor, novidades taes
Far-me-hão crêr de verdade...

REI: Novidades lhe chamaes!
Folgo, senhora, que achaes
Na velhice novidades.

RAINHA: Senhor, dias ha que sento
Em o Principe Antiôcho
Certo descontentamento:
Dera alguma cousa a trôco
Por saber seu sentimento.
Vêjo-lhe amarello o rosto,
Ou de triste, ou de doente:
Ou elle anda mal disposto,
Ou lá tem certo desgosto
Que o não deixa ser contente.
Mande, senhor, vossa Alteza
A chamal-o por alguem,
Saberemos que mal tem,
Se he doença de tristeza,
De que nasce, ou de que vem.

REI: Certo que eu me maravilho
Do que vos ouço dizer.
Que mal póde n'elle haver?
Ide dizer a meu filho
Que me venha logo vêr.

RAINHA: Se curar não se procura
Huma cousa d'estas taes,

Vem despois a crescer mais.
Quando já não se acha cura,
Toda a cura he por demais.

(*Entra o principe* ANTIOCHO, *com seu pagem por nome* LEOCADIO)

PRINCIPE: Leocadio, se és avisado,
E não te falta saber,
Saber-me-has dar a entender,
Quem ama desesperado,
Que fim espera de haver?

PAGEM: Senhor, não.
Mas porém porque razão
Lhe avem sabel-o, ou de que?

PRINCIPE: Pergunto-te a conclusão;
Não me perguntes porquê.
Porque he minha pena tal,
E de tão estranho sêr,
Que me hei de deixar morrer;
E por não cuidar no mal
O não ouso de dizer.
Que maneira de tormento
Tão estranho e evidente,
Que nem cuidar se consente!
Porque o mesmo pensamento
Ha medo do mal que sente.

PAGEM: Não entendo a vossa Alteza.

PRINCIPE: Assi importa á minha dôr.

PAGEM: E porque razão, senhor?

*

PRINCIPE: Para que seja tristeza
Castigo do meu temor.
Porque ordena
O amor, que me condena,
Que se haja de sentir,
E sem dizer nem ouvir.
Bem-aventurada a pena
Que se póde descobrir!
Oh caso grande e medonho!
Oh duro tormento fero!
Verdade he isto, que eu quero?
Não he verdade, mas sonho
De que acordar não espero.
Quero-me chegar a El-Rei
Meu pae, que já me está vendo.
Mas onde vou? Não me entendo.
Com que olhos eu olharei
Hum pae, a quem tanto offendo?
Que novo modo de antolhos!
Porque n'este atrevimento
Devera meu sentimento
Para elle não ter olhos,
Nem para ella pensamento.

(Chega aonde está El-Rei)

REI: Filho, como andaes assi?
Que tanto desgosto tomo
De vos vêr como vos vi!

PRINCIPE: Não sei eu tanto de mi,
Que possa saber o como.
Dias ha já, senhor, que ando
Mal disposto, sem saber
Este mal que possa ser;
Que se n'elle estou cuidando,
Quasi me vejo morrer.

REI: Pois, filho, será razão
Que meus Physicos vos vejam.

PRINCIPE: Os Physicos, senhor, não;
Que os males que em mi estão,
São curas que me sobejam.

RAINHA: Deite-se; que na verdade
Hum corpo, deitado e manso,
Descansa á sua vontade.

PRINCIPE: Senhora, esta enfermidade
Não se cura com descanso.

RAINHA: Todavia, bom será
Que lhe façam huma cama.

PRINCIPE: (Hum coxim abastará,
Que assi não descansará
O repòuso de quem ama.)

REI: Vamos, filho, para dentro,
Em quanto a cama se faz:
Repousae como capaz;
Que a mi me dá cá no centro
A pena que assi vos traz.

(Vão-se, e vem huma Moça *a fazer a cama e diz:)*

Moça: Mimos de grandes senhores,
E suas extremidades,
Me hão de matar de amores,
Porque de meros dulçores
Adoecem.
Então logo lhes parecem
Aos outros, que são mamados;
E os que são mais privados,
Sobre elles estremecem.
Certo (e assi Deos me ajude!)
Que são muito graciosos,
Porque de meros viçosos,
Não podem com a saude.
Mas deixal-os,
Porque elles darão nos vallos,
D'onde mais não se erguerão,
Inda que lhe dem a mão
Os seus privados vassallos.

(Entra hum Porteiro *da Cana, e bate primeiro e diz:)*

Porteiro: Traz, traz.
Moça: Jesu! Quem 'stá ahi?
Porteiro: Já vós, mana, ereis mamada:
Para vos levar furtada
Nunca tal ensejo vi.
E vós estaes descuidada!
Moça: E meus descuidos que fazem?

PORTEIRO: Vossos descuidos? cadella!
Ah minh'alma! Sois tão bella,
Que esses descuidos me trazem
Dous mil cuidados á vela.
Pois sou vosso ha tantos annos,
Mana, tirae os antolhos,
E vereis meus tristes damnos.

MOÇA: Não tenhaes esses enganos.

PORTEIRO: Nem vós tenhaes esses olhos;
Que de vossos olhos vem
Esta minha pena fera.

MOÇA: De meus olhos? Assim era.

PORTEIRO: Moça, que taes olhos tem,
Nenhuns olhos vêr devera.

MOÇA: E porque?

PORTEIRO: Porque cegaes
A quantos olhos olhaes,
Posto que por vós padecem.
Olhos, que tão bem parecem,
Porque não os castigaes?

MOÇA: Deos dê siso, pois de vós
Tirou o que aos outros deu.

PORTEIRO: Desatae-me lá esses nós
Que mais siso quero eu,
Que não ter siso por vós?

MOÇA: Fallaes d'arte; eu vos prometo
Que a resposta vem á vela.
Isso he olho de panella.
Quanto ha já que sois discreto?

PORTEIRO: Quanto ha já que vós sois bella?

MOÇA: Daes-me logo a entender
Que eu sou feia, a meu vêr.
PORTEIRO: E isso porque o entendeis?
MOÇA: Porque? Porque me dizeis
Que só de meu parecer
Vos procede o que sabeis.
PORTEIRO: He verdade.
MOÇA: Pois bem sento
Que o vosso saber he vento.
Fica a cousa declarada,
Meu parecer não ser nada.
PORTEIRO: Olhae aquelle argumento:
Além de bella, avisada!
Oh nem tanto, nem tão pouco!
Vêde vós o que fallaes.
MOÇA: Cego no saber andaes.
PORTEIRO: No siso, mas não tão louco
Como vós, mana, cuidaes.
Ora dizei, duna má:
Que não amaes, quem vos ama?
MOÇA: Ouvistes vós cantar já:
Velho malo, em minha cama?
Ja m'entendereis.
PORTEIRO: Ha, ha.
Senhora, estaes enganada;
Que com huma capa e espada,
E com este capuz fóra...
MOÇA: Ora bem: tirae-o ora,
E fazei huma levada.

PORTEIRO: Não: se me eu hoje alvoróço,
Achar-me-heis d'outra feição.

(Aqui tira o capuz)

Tenho má disposição?
Estas obras são de moço,
Se as mostras de velho são.

MOÇA: Tendes mui gentis meneios.

PORTEIRO: Não, senhora; faço extremos.

MOÇA: Passeae ora, veremos
Se tendes tão bons passeios.

PORTEIRO: Tudo, senhora, faremos.

MOÇA: Virae ora a ess'outra mão.

PORTEIRO: Esta disposição vede-a;
Que tenho gentil feição.

MOÇA: Tendes vós mui boa rédea.
Soffreis ancas?

PORTEIRO: Isso não.

MOÇA: Por certo que tendes graça
Em tudo quanto fizerdes.
Fazei mais o que souberdes.

PORTEIRO: Não sei cousa que não faça,
Senhora, por me quererdes.

MOÇA: Tendes vós muito bom ár.

PORTEIRO: Mais que isto faz quem quer bem.

MOÇA: I-vos asinha, que vem
O Principe a se deitar.

PORTEIRO: Nunca huma pessoa tem
Huma hora para fallar!

(Entra o PRINCIPE *com o seu pagem* LEOCADIO, *e diz:)*

PRINCIPE: Seja a morte apercebida,
Porque já o Amor ordena
A dar a meu mal sahida;
Porque o fim da minha vida
O seja da minha pena.
Não tarde, para tomar
Vingança de meu querer,
Pois não se póde dizer
Que não tem já que esperar,
Nem com que satisfazer?
Os Physicos vem e vão,
Sem saberem minhas mágoas,
Nem o pulso me acharão;
E se o querem vêr nas ágoas,
As dos olhos lh'o dirão.
Se com sangrias tambem
Procuram vêr-me curado,
O temor de meu cuidado
O mais do sangue me tem
Nas veias todo coalhado.
Quero-me aqui encostar,
Que já o esprito me cae.
Leocadio, vae-me chamar
Os musicos de meu Pae;
Folgarei de ouvir cantar.

(Aqui se deita, como que repousa, e falla dizendo assi:)

Senhora, qual desatino
Me trouxe a tanta tristura?
Foi, senhora, por ventura
A força do meu destino,
Como vossa formosura?
Bem conheço que não posso
Ter tão alto pensamento;
Mas d'isto só me contento,
Que se paga com ser vosso
O mór mal de meu tormento.

(Entram os musicos, e diz ALEXANDRE DA FONSECA *hum d'elles:)*

ALEXANDRE: Senhor, de que se acha mal
O Principe, ou que mal sente?

PAGEM: Senhor, sei que está doente;
Mas sua doença he tal,
Que entender se não consente.
Os Physicos vem e vão,
Huns e outros a meude,
Sem o poderem dar são.
Quanto mais cura lhe dão,
Então tem menos saude.
O Pae anda em sacrificios
Aos deuses, que lhe dem
A saude que convem;
Dizendo que por seus vicios
O mal a seu filho vem.

Eu suspeito que isso são
Alguns novos amorinhos,
Que terá no coração.

ALEXANDRE: Amores! com quem serão,
Que lhe não dem de focinhos?

PORTEIRO: Senhores, que lhe parece
Da doença de Antiôcho?

ALEXANDRE: Diga-lh'a quem lh'a conhece.

PAGEM: Que toma morrer a trôco
De callar o que padece.

PORTEIRO: Isso he estar emperrado
Na doença; que he peor.
Tem-no os Physicos curado?

ALEXANDRE: Oh! que de mal del amor
No ha, señor, sanador.

PORTEIRO: Fallaes como exprimentado;
Que eu cuido que esta fadiga,
Que o faz com que desespere;
Y por mas tormento quiere
Que se sienta, y no se diga.

ALEXANDRE: Pois, senhor meu, isso asselle,
Porque a pena, que sabeis,
Que eu cuido que está n'elle,
Dar-lhe-ha penas crueis,
Pues no hay quien la consuele.

PORTEIRO: Folgo, porque me entendeis.

PAGEM: Hemo-nos, senhores, de ir,
Porque nos está esperando.

PORTEIRO: Pois eu tambem hei de ir;
Que não me posso espedir
D'onde vejo estar cantando.

PRINCIPE: Cantae, por amor de mi,
Alguma cantiga triste;
Que todo meu mal consiste
Na tristeza em que me vi.
PORTEIRO: Mande-lhe cantar hum Chiste.
ALEXANDRE: Chiste não, que he deshonesto,
E não tem esses extremos:
Outro canto mais modesto;
Porém não sei que diremos.
PAGEM: Gaolcão o dirá presto.
PORTEIRO: Dá licença vossa Alteza
Que diga minha Tenção?
PRINCIPE: Dizei: seja em canto-chão.
PORTEIRO: Pois crêde que he subtileza,
Que os Anjos a comerão.
Digam esta:

Enforquei minha esperança,
E o Amor foi tão madraço,
Que lhe cortou o baraço.

ALEXANDRE: Não me parece essa boa.
PORTEIRO: Haja eu perdão,
Porque não a entenderão.
ALEXANDRE: Entender!
PORTEIRO: Bofé, que he boa:
Não lhe cahis na feição?
ALEXANDRE: Dizei ora outra melhor,
Com que nos atarraqueis.
PORTEIRO: Ora esperae, e ouvireis:
Se a esta não daes louvor,
Quero que me degolleis.

(Cantiga)

Com vossos olhos Gonçalves,
Senhora, captivo tendes
Este meu coração Mendes.

ALEXANDRE: Essa parece mui taibo,
Porque mostra bom indicio.
PORTEIRO: Vós cuidareis que eu que raivo.
ALEXANDRE: Todavia tem mau saibo.
Ora mal lhe corre o officio.
PRINCIPE: Tá, não vá mais por diante
A zombaria, que he má:
Cantae qualquer d'ellas já;
Que esse Porteiro he galante,
Ninguem o contentará.

(Aqui cantam, e em acabando, diz o)

PAGEM: Parece que adormeceu.
PORTEIRO: Pois será bom que nos vamos.
ALEXANDRE: Senhor, quer que nos vejamos?
PORTEIRO: Senhor vir-me-ha do céo:
Releva-me que o façamos.

(Entra a RAINHA *com huma sua criada por nome* FROLALTA, *e diz:)*

RAINHA: Frolalta, como ficava
Antiôcho em te tu vindo?

FROLALTA: Ficava-se despedindo
Da vida que então levava,
E assi seus dias cumprindo.

RAINHA: Oh grave caso de amor!
Desesperada affeição!
Oh amor sem redempção,
Que alli te fazes maior
Onde tens menos razão!
No mais alto e fundo pégo
Alli tens maior porfia:
Razão de ti não se fia.
Quem a ti te chamou cego,
Mui bem soube o que dizia.
Por ventura hia chorando?

FROLALTA: Chorando hia e chamando
Ao Amor, Amor cruel;
E em, senhora, se deitando
Lhe cahiu este papel.

RAINHA: Que papel?

FROLALTA: Este, senhora.

RAINHA: Amostra, que quero lel-o.
Agora acabo de crêl-o;
Que ao que mostra por fóra,
Aqui lhe lançou o sello.

(Aqui lê o papel)

Oh estranha pena fera!
Desditosa vida cara!
Oh quem nunca cá viera,

E com seu Pae não casára,
Ou em casando morrêra!

FROLALTA: Ainda que eu pêca são,
Senhora, tudo bem vejo.
Attente, que na eleição
O que lhe pede o desejo
Não consente o coração.

RAINHA: Frolalta, pois que és discreta
Nada te posso encobrir;
Porque, se queres sentir,
A huma mulher discreta
Tudo se ha de descobrir.
O dia que entrei aqui,
Que a Seleuco recebi,
Logo n'esse mesmo dia
No Principe filho vi
Os olhos com que me via.
Este principio soffri-lh'o,
Para vêr se se mudava;
Antes mais se accrescentava:
Eu amava-o como filho,
E elle d'outr'arte me amava.
Agora vejo-o no fim
Por se me não declarar.
E pois já que a isso vim,
A morte que o levar,
Me leve tambem a mim.
Porque já que minha sorte
Foi tão crua e desabrida,
Que me não quer dar sahida;

Sejamos juntos na morte,
Pois o não sômos na vida.
Oh quem me mandou casar,
Para vêr tal crueldade!
Ninguem venda a liberdade,
Pois não póde resgatar
Onde não tem a vontade.
Que não ha mór desvario,
Que o forçado casamento
Por alcançar alto assento;
Que, emfim, todo o senhorio
Está no contentamento.
Não sei se o vá vêr agora,
Se será tempo conforme,
Ou se imos a deshora.

FROLALTA: Despois iremos, senhora,
Que agora dizem que dorme.

(Entra o PHYSICO *a tomar-lhe o pulso, e tomando-o diz:)*

PHYSICO: Su madrasta oyó nombrar,
Y el pulso se le alteró:
Esto no entiendo yo,
Porque para le alterar
El corazon le obligó.
Pues que el corazon se altere,
Es porque en un momento
Algun nuevo vencimiento
De aficion terrible le hiere,
Que causa tal movimiento.

Pues que aficion cabe así
Con madrasta? Digo yo,
Dos razones hay aqui:
La una dice, que sí,
La otra dice, que no.
Empero yo determino
De exprimentar la verdad,
Y hacer una habilidad,
Que declare es agua, ó vino
Esta su enfermedad.
Porque toda esta mañana
Tengo estudiado su mal,
Sin ver causa efectual
De su dolencia inhumana,
Ni otra de su metal.
Llamar quiero este asnejon;
Mas aun debe de dormir,
Segun que es dormilon.
Sancho? ó Sancho?

SANCHO: Ah señor.

PHYSICO: Ea, aun estás dormiendo?

SANCHO: Estoyme, señor, vestiendo.

PHYSICO: Pues vellaco y sin sabor,
No me respondes dormiendo?
Vestios presto, ladron.
Oh qué mozo, y qué ventura!

SANCHO: (Mas qué amo y qué cabron!)
Embíeme acá el ropon,
Que no hallo mi vestidura.

PHYSICO: Que embie el ropon acá?
Parece que os desmandaes.
SANCHO: Que vaya, señor? ha, ha.
Que buenos dias hayais.

(Entra o moço embrulhado em huma manta)

PHYSICO: Di como vienes así
Con la manta, y para qué?
SANCHO: Yo, señor, se lo diré:
Por venir presto vestí,
Lo que mas presto me hallé:
Porque viendo que él me llama,
Dormiendo yo sin afan,
Salté presto de la cama,
Que parezco un gavilan,
Hermoso como una dama.
PHYSICO: Mas es tu bovedad tanta,
Que vienes d'esta facion?
SANCHO: De mi vestido se espanta?
De noche sirve de manta,
Y de dia de ropon.
PHYSICO: Embióme El-Rey á llamar
Otra vez.
SANCHO: Y á mí?
PHYSICO: Y á ti!
SANCHO: Y él qué presta allá sin mí?
PHYSICO: Qué puedes tu aprovechar?
SANCHO: Yo se lo diré de aqui:

*

	Si por la ventura quiere
	Para que le dé consejo,
	Cuando doliente estuviere;
	Digo, coma, si pudiere,
	Y beba buen vino anejo;
	Porque este es el licor
	Que dá fuerza, y es sabroso;
	Que segun dicen, señor,
	Vinum lætificat cor
	Hominis, y le es provechoso.
PHYSICO:	Ya sabes la medicina,
	Que Avicena nos refiere.
SANCHO:	Pues, señor! porque es divina.
	Pero El-Rey qué le quiere,
	Qué manda, ó qué determina?
PHYSICO:	El Principe está doliente.
SANCHO:	Oh mesquino! Y qué mal ha?
PHYSICO:	Y á ti, necio, que te vá?
SANCHO:	O señor, que es mi pariente!
PHYSICO:	Gracioso el bovo está.
	Y pues díme por tu fé:
	Llorarás si se muriere?
SANCHO:	No, señor, no lloraré;
	Empero, señor, haré
	La peor cara que pudiere.
PHYSICO:	Ea, bovo, vé corriendo,
	Y ensilla la mula ayna.
SANCHO:	Véngala ensillar mejor.
PHYSICO:	Oh velhaco, y sin sabor!

SANCHO: Yo por cierto no lo entiendo.
Pero una medicina
Le he de pedir, Dios queriendo,
(Porque ando atribulado,
Y no sé parte de mi
Con este nuevo cuidado)
Para un sayo esfarrapado,
Que me dicen hay allí.

PHYSICO: Ora ensilla: y nunca viva,
Pues sufro tus desatinos.

SANCHO: Señor, pasion no reciva:
Ya cavalga Calaínos
A la sombra de una oliva.

(Aqui sahe bolindo com a almofada, e acorda o PRINCIPE, *e diz:)*

PRINCIPE: Oh bella vista e humana,
Por quem tanto mal sostenho!
Oh Princeza soberana!
Como? nos braços vos tenho,
Ou este sonho me engana?
Pois como, sonho, tambem
Me queres vir magoar?
E para me atormentar
Mostras-me a sombra do bem
Para assi mais me enganar?
Assi que, com quanto canso,
Já não posso achar atalho,
Pois que o somno quieto e manso,

Que os outros tem por descanso,
Me vem a mi por trabalho.
Pois ha hi tantos enganos
Que condemnam minha sorte;
Não o tenho já por forte,
Se á volta de tantos danos
Viesse tambem a morte.

(Aqui entra EL-REI *com o* PHYSICO, *e diz:)*

REI: Andae e vêde se achaes
O rasto d'este segredo,
Que me dizem que alcançaes;
Ainda que tenho medo
Que lhe seja por demaes.

PHYSICO: Plega á Dios que aqueste sea
Para salud y remedio
Desta dolencia tan fea.
Yo buscaré todo el medio,
Que presto sano se vea.

(Aqui lhe toma o PHYSICO *o pulso)*

Aflojen, señor, sus ais.
Como se halla en su penar?

PRINCIPE: Como me acho perguntaes?
E como se póde achar
Quem sempre se perde mais?

PHYSICO: (La respuesta abre el camino.)
Imagina de contino?

PRINCIPE: Não tenho outro mantimento,
Nem outro contentamento,
Senão o em que imagino.

(Aqui entra a RAINHA *e diz:)*

RAINHA: Como se sente, senhor?
Tem a febre mais pequena?

PRINCIPE: Responda-lhe minha pena.

PHYSICO: (Conocido es su dolor.
Ora sea en hora buena,
Tomada está la tristeza
Á las manos.) Qué sentió?
(Usaré de subtileza.)

(Diz contra EL-REI:*)*

Cúmpleme que solo yo
Platique con Vuestra Alteza.

REI: Cheguemos-nos para cá.

RAINHA: Não deve desesperar,
Que em fim, se bem attentar,
Para tudo o tempo dá
Tempo para se curar.

PRINCIPE: Que cura poderá ter
Quem tem a cura, senhora,
No impossivel haver?

RAINHA: Ficae-vos, senhor, embora,
Que vos não sei responder.

(Vai-se a Rainha.)

REI: N'este mal, que não comprendo,
Que meio daes de conselho?

PHYSICO: Señor, nada entiendo dello;
Y supuesto que lo entiendo,
Yo quisiera no entendello.

REI: Porque?

PHYSICO: Porque he entendido
Lo mas malo de entender,
Para lo que puede ser,
Porque anda, señor, perdido
De amores por mi muger.

REI: Santo Deos! que! tal amor
Lhe dá doença tão fera!
Que remedio achaes melhor?

PHYSICO: Forçado será que muera,
Porque no muera mi honor.

REI: Pois como! a hum só herdeiro
D'este reino não dareis
Vossa mulher, pois podeis;
Que tudo faz o dinheiro?
Pois este não o engeiteis;
Dae-lh'a, porque eu espero
De vos dar dinheiro e honra,
Quanto eu para elle quero.

PHYSICO: No tira el mucho dinero
La mancha de la deshonra.

REI: Ora bem pouco defeito!
He pequice conhecida,
Quando deixa de ser feito;
Porque com elle daes vida
A quem vos dará proveito.

PHYSICO: Cuan facilmente aporfia
Quien en tal nunca se vió!
Del consejo que me dió,
Vuestra Alteza que haria
Si agora fuesse yo!

REI: A mulher que eu tivesse
Dar-lh'a-hia. Oxalá
Que elle a Rainha quizesse!

PHYSICO: Pues déla, si le parece,
Que por ella muerto está.

REI: Que me dizeis?

PHYSICO: La verdad.

REI: Sem dúvida, tal sentistes?

PHYSICO: Sin duda, sin falsedad.
Pues señor, ahora tomad
Los consejos que me distes.

REI: Certamente qu'eu o via
Em tudo quanto fallava.
Como o vistes? porque via?

PHYSICO: Nel pulso, que se alterava
Si la via, ó si la oía.

REI: Que maneira ha de haver?
Que eu certo me maravilho,
Possa mais o amor do filho,
Do que póde o da mulher.
Finalmente hei-lh'a de dar,
Que a ambos conheço o centro.
Quero-o ir alevantar,
E iremos para dentro
N'este caso praticar.

(Diz contra o PRINCIPE:)

Levantae-vos, filho, d'hi
O melhor que vós puderdes,
E vinde-vos para aqui;
Porque, emfim, o que quizerdes
Tudo havereis de mi.

PAGEM: Ah senhores, oulá, ou?

PORTEIRO: Viestes em conjunção
A melhor que póde ser:
Haveis aqui de fazer
A tosquia a hum rifão.

PAGEM: Deixae-me, senhor, dizer:
Haveis isto de acabar:

> Coração, hi bugiar,
> No esteis preso en cadenas,
> Que pois o amor vos deu penas,
> Que vos lanceis a voar.

PORTEIRO: Por certo que bem coprou.

PAGEM: Ora sabeis o que vai?
Antiocho que casou
Com a mulher de seu Pai,
E o mesmo Pai o ordenou.

PORTEIRO: Isso como?

PAGEM: Não o sei;
Porque dizem que a amava,

E que só por ella andava
Para morrer; e El-Rei
Deu-a a quem a desejava.

PORTEIRO: Se o casa por querer bem
Com a moça a quem elle ama,
Direi eu que a mim me inflamma
O amor mais que a ninguem.

PAGEM: Pois pedi-lhe a nossa dama.

PORTEIRO: Por São Gil, que eil-os cá vem,
Elle pela mão com ella.

(Entra EL-REI, *e* ANTIOCHO *com a* RAINHA, *pela mão, e diz:)*

REI: Que mais ha hi que esperar?
Olhae que estranheza vai!
O muito amor ordenar,
Ir-se o filho namorar
De huma mulher de seu Pai!
Querer bem foi sua dor,
Negar-lh'a será crueldade;
Assi que já foi bondade
Usar eu de tal amor,
E de tal humanidade.
Ella deixou de reinar
Como fazia primeiro
Por se com elle casar;
E por amor verdadeiro
Tudo se póde deixar.

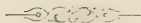
Eu que n'ella tinha pôsto
Todo o bem de meu cuidado,
Deixei mais que ella ha deixado;
Que mais se deixa no gôsto,
Que no poderoso estado.
Mas já que tudo isto vemos,
Hajam festas de prazer,
As que melhor possam ser;
Porque em tão grandes extremos,
Extremos se hão de fazer.
Hajam cantos para ouvir,
Jogos, prazeres sem fundo;
Porque, se quereis sentir,
D'este modo entrou o mundo,
E assi ha de sahir.

(Aqui vem os Musicos e cantam, e depois de cantarem, sahem-se todas as figuras, e diz:)

MARTIM CHINCHORRO

Ora, senhor, tomemos tambem nosso pandeiro, e vamos festejar os noivos; ou vamos consoar com as figuras, porque me parece que esta he a mór festa que póde ser. Mas espere v. m., ouviremos cantar, e na volta das figuras nos acolheremos. Moço, accende esse môlho de cavacos, porque faz escuro, não vamos dar comnosco em algum atoleiro, onde nos fique o ruço e as canastras.

ESTACIO DA FONSECA: (1)

Não, senhor, mas o meu Pilarte irá com elles com hum par de tições na mão; e perdoem o máo gasalhado. Mas d'aqui em diante sirvam-se d'esta pousada; e não tenham isto por palavras, porque essas e plumas, o vento as leva.

(1) Era enteado de Duarte Rodrigues, reposteiro de el-rei D. João III. Jur., *Obras*, t. IV, p. 480.

CARTAS

CARTA I

Desejei tanto huma vossa, que cuido que pola muito desejar a não vi; porque este he o mais certo costume da Fortuna, consentir que mais se deseje o que mais presto ha de negar. Mas porque outras náos me não façam tamanha offensa, como he fazerem-me suspeitar que vos não lembro, determinei de vos obrigar agora com esta; na qual pouco mais ou menos vereis o que quero que me escrevaes d'essa terra. Em pago do qual, d'ante mão vos pago com novas d'esta, que não serão más no fundo de huma arca para aviso de alguns aventureiros, que cuidam que *todo o mato he ouregãos,* e não sabem que *cá e lá más fadas ha.*

Despois que d'essa terra parti, como quem o fazia para o outro mundo, mandei enforcar a quantas esperanças dera de comer até então, com pregão público: *Por falsificadoras de moeda.* E desen-

ganei esses pensamentos, que por casa trazia, porque em mim não ficasse pedra sobre pedra. E assi posto em estado, que me não via senão por entre lusco e fusco, as derradeiras palavras que na náo disse, foram as de Scipião Africano: *Ingrata patria, non possidebis ossa mea.* Porque quando cuido, que sem peccado que me obrigasse a tres dias de purgatorio, passei tres mil de más linguas, peores tenções, damnadas vontades, nascidas de pura inveja, de verem *su amada yedra de si arrancada, y en otro muro asida*... Da qual tambem amizades mais brandas que cera, se accendiam em odios que disparavam lume que me deitava mais pingos na fama, que nos couros de hum leitão. Então ajuntou-se a isto acharem-me sempre na pelle a virtude de Achilles, que não podia ser cortado senão pelas solas dos pés: as quaes de m'as não verem nunca, me fez vêr as de muitos, e não engeitar conversações da mesma impressão, a quem fracos punham máo nome, vingando com a lingua o que não podiam com o braço. Emfim, senhor, eu não sei com que me pague saber tão bem fugir a quantos laços n'essa terra me armavam os acontecimentos, como com me vir para esta, onde vivo mais venerado que os touros de Merceana, e mais quieto que a cella de hum frade Prégador. Da terra vos sei dizer que he mãe de villões ruins, e madrasta de homens honrados. Porque os que se cá lançam a buscar dinheiro, sempre se sustentam sobre agua como bexigas; mas os que sua opinião deita *á las*

armas Mouriscote, como maré corpos mortos á praia, sabei que antes que amadureçam, se seccam. Já estes que tomavam esta opinião de *valentes* ás costas, crêde que nunca:

Riberas de Duero arriba
Cavalgaron Zamoranos,
Que roncas de tal soberbia,
Entre si fuesen hablando;

e quando vem ao effeito da obra, salvam-se com dizer que se não podem fazer tamanhas duas cousas, como he, prometter e dar. Informado d'isto veiu a esta terra João Toscano, que, como se achava em algum magusto de rufiões, verdadeiramente que alli era:

Su comer las carnes crudas,
Su beber la viva sangre.

Callisto de Siqueira se veiu cá mais humanamente, porque assi o prometteu em huma tormenta grande em que se viu. Mas hum Manoel Serrão, que, *sicut et nos,* manqueja de hum olho, se tem cá provado arrezoadamente, porque fui tomado por juiz de certas palavras, de que elle fez desdizer a hum soldado, o qual pela postura de sua pessoa era cá tido em boa conta. Se das damas da terra quereis novas, as quaes são obrigatorias a huma carta, como marinheiros á festa de Sam Frei Pero Gonçalves, sabei que as Portuguezas todas cahem

de maduras, que não ha cabo que lhe tenha os pontos, se lhe quizerem lançar pedaço. Pois as que a terra dá? além de serem de rala, fazei-me mercê que lhe falleis alguns amores de Petrarcha, ou de Boscão; respondem-vos huma linguagem meada de hervilhaca, que trava na garganta do entendimento, a qual vos lança água na fervura da mór quentura do mundo. Ora julgae, Senhor, o que sentirá hum estomago costumado a resistir ás falsidades de hum rostinho de tauxia de huma dama lisbonense, que chia como pucarinho novo com água, vendo-se agora entre esta carne de salé, que nenhum amor dá de si. Como não chorará las memorias de *in illo tempore!* Por amor de mi, que ás mulheres d'essa terra digaes de minha parte que se querem absolutamente ter alçada com baraço e pregão, que não receiem seis mezes de má vida por esse mar, que eu as espero com procissão e palio, revestido em pontifical, aonde est'outras Senhoras lhe irão entregar as chaves da cidade, e reconhecerão toda a obediencia, a que por sua muita idade são já obrigadas. Por agora não mais, senão que este *Soneto* que aqui vai, que fiz á morte de Dom Antonio de Noronha, vos mando em sinal de quanto d'ella me pezou. Huma *Egloga* fiz sobre a mesma materia, a qual tambem trata alguma cousa da morte do Principe, que me parece melhor que quantas fiz. Tambem vol-a mandára para a mostrardes lá a Miguel Dias, que pela muita amizade de D. Antonio, folgaria de a vêr; mas a occupa-

ção de escrever muitas cartas para o Reino, me não deu lugar. Tambem lá escrevo a Luis de Lemos em resposta d'outra que vi sua: se lh'a não derem, saiba que he a culpa da viagem, na qual tudo se perde.

Vale.

CARTA II

Esta vai com a candeia na mão morrer nas de v. m.; e se d'ahi passar, seja em cinza; porque não quero que do meu pouco comam muitos. E se todavia quizer meter mais mãos na escudella, mande-lhe lavar o nome, e valha sem cunhos.

La mar en medio y tierras, he dejado
A cuanto bien cuitado yo tenia:
Cuan vano imaginar, cuan claro engaño
Es darme yo á entender que con partirme
De mí se ha de partir un mal tamaño!

Quão mal está no caso quem cuida que a mudança do logar muda a dôr do sentimento! E senão, diga-o *quien dijo que la ausencia causa olvido.* Porque emfim la tierra queda, e o mais a alma acompanha. Ao alvo d'estes cuidados jogam meus pensamentos á barreira, tendo-me já, pelo costume, tão contente de triste, que triste me faria ser contente:

Porque o longo uso dos annos
Se converte em natureza.

Pois

O que he para mór mal,
Tenho eu para mór bem. (1)

Ainda que, para viver no mundo, me debruo d'outro panno, por não parecer coruja entre pardaes, fazendo-me hum para ser outro, sendo outro para ser hum; mas a dôr dissimulada dará seu fruito; que a tristeza no coração, he como a traça no panno.

E por tão triste me tenho,
Que se sentisse alegria,
De triste não viviria.
Porque a tal sorte vim,
Que não vejo bem algum
Em quanto vejo,
Que não nasceu para mim;
E por não sentir nenhum,
Nenhum desejo.

Porque cousas impossiveis, he melhor esquecel-as que desejal-as. E por isso

Só, tristeza, vos queria,
Pois minha ventura quer
Que só ella
Conheça por alegria;
E que se outra quizer,
Morra por ella.

(1) Vid. *Crisfal*, st. 10 e 12.

Pouco sabe da tristeza quem (sem remedio para ella) diz ao triste que se alegre. Pois não vê que alheios contentamentos a hum coração descontente, não lhe remediando o que sente, lhe dobram o que padece. Vós, se vem á mão, esperaes de mim palavrinhas joeiradas, enforcadas de bons propositos. Pois desenganae-vos, que desque professei tristeza, nunca mais soube jogar a outro fito. E porque não digaes, que não sou gente fóra do meu bairro, vedes, vai huma *Volta* feita a este *Mote,* que escolhi na manada dos engeitados; e cuido que não he tão dedo queimado, que não seja dos que El-Rei mandou chamar; o qual falla assi:

Não quero, não quero
Jubão amarello.

Se de negro fôr,
Tão bem me parece,
Quanto me aborrece
Toda alegre côr:
Côr que mostra dôr,
Quero, e não quero.
Jubão amarello.

Parece-vos que se póde dizer mais? Não me respondaes: Quem gabará a noiva? porque assentae, que fui comendo e fazendo, ou assoprando, que não he tão pequena habilidade. E porque vos não pareça, que foi mais acertar, que querêl-o fazer; vêdes, vai outra do mesmo jaez, com tanto que se não vá a pasmar.

Perdigão perdeu a penna,
Não ha mal, que lhe não venha.

Em hum mal outro começa,
Que nunca vem só nenhum;
E o triste que tem hum,
A soffrer outro se offreça;
E só pelo ter conheça,
Que basta hum só que tenha,
Para que outro lhe venha.

Que graça será esperardes de mim propositos em cousa que os não tem para commigo? Pois ainda que queira, não posso o que quero; que hum sentido remontado, de não pôr pé em ramo verde, tudo lhe succede assi; e cada hum acode ao que lhe mais doe; e mais eu, que o que mais me entristece he ter contentamento, pois fujo d'elle, que minha alma o aborrece, porque lhe lembra que he virtude viver sem elle. Que já sabeis que mágoa he, vêl-o-has e não o paparás. Por fugir d'estes inconvenientes,

Toda a cousa descontente
Contentar-me só convinha
De meu gôsto:
Que o mal, de que sou doente,
Sua mais certa mézinha
He desgôsto.

Já ouvirieis dizer: Mouro, o que não pódes haver, dá-o pola tua alma. O mal sem remedio, o mais certo que tem, he fazer da necessidade virtu-

de: quanto mais, se tudo tão pouco dura, como o passado prazer. Porque, emfim, *allegados son iguales los que viven por sus manos*, etc. A este proposito, pouco mais ou menos, se fizeram humas *Voltas* a hum *Mote* de enchemão, que diz por sua arte zombando, mais que não de siso (que toda a galantaria he tiral-a d'onde se não espera), o qual crêde que tem mais que roer do que hum praguento. Por tanto *Recuerde el alma adormida,* e mande escumar o entendimento, que d'outra maneira, *de fuera dormiredes, pastorsico.* E o meu senhor diz assi:

Dava-lhe o vento no chapeirão,
Quer lhe dê, quer não.

Bem o póde revolver,
Que o vento não traz mais fruito;
E mais vento he sentir muito
O que, emfim, fim ha de ter.
O melhor, he melhor ser,
Que o vento no chapeirão,
Quer lhe dê, quer não.

Huma cousa sabei de mim, que queria antes o bem do mal, que o mal do bem; porque muito mais se sente o porvir, que o passado; e a morte até matar, mata. Não sei se sereis marca de voar tão alto; porque para tomar a palha a esta materia, são necessarias azas de nebri. Mas vós sois homem de prol, e desculpa-me a conta em que vos tenho. E a que de mi vos sei dar he:

Que esperança me despede,
Tristeza não me fallece,
E tudo o mais me aborrece.
Já que mais não mereceu
Minha estrella,
Só a tristeza conheço,
Pois que para mi nasceu,
E eu para ella.

No mundo não tem boa sorte, senão quem tem por boa a que tem. E d'aqui me vem contentar-me de triste. Mas olhae de que maneira:

Vivo assi ao revés,
Tomando por certa vida
Certa morte,
Com que fólgo em que me pês;
Pois minha sorte he servida
De tal sorte.

Huma cousa sabei, que o mal, inda que ás vezes o vejaes louvar, não ha quem o louve com a bocca, que o não tache com o coração.

Ajuda-me a soffrer
Vida tão sem soffrimento,
E tão sem vida,
Vêr que, emfim, fim hão de ter
Desgosto e contentamento
Sem medida.

Attentae que não são maus confeitos de enforcado para os que estão com o baraço na garganta,

cuidar que o bem e o mal, ainda que sejam differentes na vida, são conformes na morte; porque vêmos

> Que não ha tão alta sorte,
> Nem ventura tão subida,
> Ou desastrada,
> A quem o assôpro da morte
> Não sopre o fogo da vida.
> A seu fim todas cousas vão correndo;
> Nem ha cousa, que o tempo não consumma,
> Nem vida, que de si tanto presuma,
> Que se não veja nada, em se vendo.
> Que o mais certo que temos,
> He não termos nada certo
> Cá na terra,
> Pois para seus não nascemos;
> Se o seu nos dá incerto,
> Nada erra.

Quero-vos dar conta de hum *Soneto* sem pernas, que se fez a hum certo recontro que se teve com este destruidor de bons propositos, e não se acabou, porque se teve por mal empregada a obra; cujo teor he o seguinte:

> Forçou-me amor hum dia, que jogasse;
> Deu as cartas, e az de ouros levantou;
> E sem respeitar mão, logo triumphou,
> Cuidando que o metal, que me enganasse.
> Dizendo, pois triumphou, que triumphasse
> A huma sota de ouros, que jogou,
> Eu então por burlar quem me burlou,
> Tres páos joguei, e disse que ganhasse.

Principes de condição, ainda que o sejam de sangue, são mais enfadonhos que a pobreza; fazem com sua fidalguia, com que lhe cavemos fidalguias de seus avós, onde não ha trigo tão joeirado, que não tenha alguma hervilhaca. Já sabeis que basta hum Frade ruim, para dar que fallar a hum convento. Duas cousas não se soffrem sem discordia; companhia no amar, mandar villão ruim sobre cousa de seu interesse. Não se póde ter paciencia com quem quer que lhe façam o que não faz. Desagradecimentos de boas obras destruem a vontade para não fazel-as a amigo que tem mais conta com o interesse, que com a amizade: rezae d'elle, que he dos cá nomeados.

Grande trabalho he querer fazer alegre rosto, quando o coração está triste; paino he, que não toma nunca bem esta tinta; que a lua recebe a claridade do sol, e o rosto do coração. Nada dá quem não dá honra no que dá: não tem que agradecer, quem, no que recebe, a não recebe; porque bem comprado vai o que com ella se compra. Não se dá de graça o que se pede muito. Estae certo, que quem não tem uma vida, tem muitas. Onde a razão se governa pela vontade, ha muito que praguejar, e pouco que louvar. Nenhuma cousa homizia os homens tanto comsigo, como males de que se não guardaram, podendo. Não ha alma sem corpo, que tantos corpos faça sem almas, como este purgatorio a que chamaes honra: onde muitas vezes os homens cuidam que a ganham, ahi a perdem. Onde

ha inveja, não ha amizade; nem a póde haver em desigual conversação. Bem mereceu o engano, quem creu mais o que lhe dizem, que o que viu. Agora ou se ha de viver no mundo sem verdade, ou com verdade sem mundo. E para muito pontual, perguntae-lhe d'onde vem: vereis que *algo tiene en el cuerpo, que le duele*. Ora temperae-me lá esta gaita, que nem assi, nem assi achareis meio real de descanso n'esta vida; ella nos trata sómente como alheios de si, e com razão;

> Pois sómente nos he dada
> Para que ganhemos n'ella
> O que sabemos.
> Se se gasta mal gastada,
> Juntamente com perdel-a
> Nos perdemos.

Emfim, esta minha senhora, sendo a cousa por que mais fazemos, he a mais fraca alfaia de que nos servimos. E se queremos vêr quão breve he,

> Ponderemos e vejamos
> Que ganhamos em viver
> Os que nascemos:
> Veremos que não ganhamos,
> Senão algum bem fazer,
> Se o fazemos.

E por isso respeitando,

Que o por vir tal será,
Enthesouremos;
Porque ao certo não sabemos
Quando a morte pedirá
Que lhe paguemos.

Nunca vi cousa mais para lembrar, e menos lembrada, que a morte: sendo mais aborrecida que a verdade, tem-se em menos conta que a virtude. Mas com tudo, com seu pensamento, quando lhe vem á vontade, acarreta mil pensamentos vãos; que tudo para com ella he um lume de palhas. Nenhuma cousa me enche tanto as medidas para com estes que vivem na mór bonança, como ella; porque quando lhe menos lembra, então lhe arranca as amarras, dando com os corpos á costa; e, se vem á mão, com as almas no inferno, que he bem ruim gasalhado.

E pois todos isto temos,
Não nos engane a riqueza,
Por que tanto esmorecemos,
Traz que vamos;
Já que temos por certeza
Que quando mais a queremos,
A deixamos.
Gastamos em alcançal-a
A vida; e quando queremos
Usar d'ella,
Nos tira a morte lográl-a:
Assi que a Deos perdemos,
E a ella.

Porque já ouvireis dizer: *Ninho feito, pêga morta.* Que me dizeis ao contentamento do mundo, que toda a dura d'elle está emquanto se alcança? Porque acabado de passar, acabado de esquecer. E com razão, porque acabado de alcançar, he passado; e maior saudade deixa, do que he o contentamento que deu. Esperae por me fazer mercê, que lhe quero dar umas palavrinhas de proposito.

Mundo, se te conhecemos,
Porque tanto desejamos
Teus enganos?
E se assi te queremos,
Mui sem causa nos queixamos
De teus damnos.
Tu não enganas ninguem;
Pois a quem te desejar,
Vêmos que danas:
Se te querem qual te vem,
Se se querem enganar,
Ninguem enganas.
Vejam-se os bens que tiveram
Os que mais em alcançar-te
Se esmeraram;
Que huns vivendo, não viveram,
E outros só com deixar-te,
Descansaram.
Se esta tão clara fé
Te põe claros teus enganos,
Desengana:
Sobejamente mal vê,
Quem com tantos desenganos
Se engana.

Mas como tu sempre mores
No engano em que andamos,
E que vêmos,
Não crêmos o que tu podes,
Senão o que desejamos
E queremos.
Nada te póde estimar
Quem bem quizer conhecer-te
E estimar-te;
Que em te perder ou ganhar,
O mais seguro ganhar-te
He perder-te.
E quem em ti determina
Descanço poder achar,
Saiba que erra;
Que sendo a alma divina,
Não a póde descançar
Nada da terra.
Nascemos para morrer,
Morremos para ter vida,
Em ti morrendo:
O mais certo he merecer
Nós a vida conhecida,
Cá vivendo.
Emfim, mundo, és estalagem,
Em que pousam nossas vidas
De corrida:
De ti levam de passagem
Ser bem ou mal recebidas
Na outra vida.

Á fuera, á fuera Rodrigo, que eu se muito fôr por este caminho, darei em enfadonho de que me parece me não livrará, nem ainda privilegio de cidadão do Porto. E pois me vendo a vós, soffrei-me com meus encargos. E porque não digaes que sou

herege de amor, e que lhe não sei orações, vêdes, vae huma: *Di, Juan, de qué murió Blas?* com hum pé á portugueza, e outro á castelhana: e não vos espanteis da libré, que eu em qualquer palmo d'esta materia perco o norte. E os supplicantes dizem assi:

Di, Juan, de que murió Blas,
Tan niño y tan mal logrado?
Gil, murió de desamado.

Dime, Juan, quien se engañó,
Que com amor se engañase,
Pensando que el bien hallasse,
Adonde el mal cierto halló?
Despues que el engaño vió,
Que hizo desengañado?
Gil, murió de desamado.
Travou com elle pendença,
Em ter razão confiado;
Mas Amor, como he letrado,
Houve contr'elle a sentença:
E co'aquella differença,
Disse entre si o coitado:
Gil morreu de desamado.
Quem tem razão tão cerrada,
Quem não saiba, sendo rudo
E sem respeito,
Que sem Deos he tudo nada,
E nada com elle tudo
Sem defeito?
E sendo isto assi tão certo,
Como todos confessamos
E sabemos;
Não troquemos pelo incerto
O em que tão certo estamos,
Pois o vêmos.

A tudo isto podeis responder, que todos morremos do mal de Phaeton, porque *del dicho al hecho, vá gran trecho.* E de saber as cousas a passar por ellas, ha mais differença que de consolar a ser consolado. Mas assi entrou o mundo, e assi ha de sahir: muitos a reprehendel-o, e poucos a emendal-o. E com isto amaino, beijando essas poderosas mãos huma quatrinqua de vezes, cuja vida e reverendissima pessoa nosso Senhor, etc.

O seguinte fragmento de uma composição satyrica em prosa e verso, em que Luiz de Camões descreve huns jogos de canas, com que na cidade de Gôa se festejou a successão de Francisco Barreto no governo d'aquelle Estado, appareceu na 2.ª edição das suas Rimas, *com as duas antecedentes cartas, e em seguimento da ultima. O intento do Poeta he mostrar por meio das divisas que tiraram os Justadores, que todos elles eram ou sacerdotes de Baccho, ou parvos, ou homens perdidos.*

. . . . . . e hum que bebia excessivamente, tirou por divisa hum morcego; ave em que foi convertida Alcithoe com as irmãs, por desprezarem os sacrificios de Baccho. E como aquelle que se em tal êrro cahisse, não queria ser convertido em tão baixo animal e tão nojoso, dizia a sua letra assi em castelhano:

Si yo desobediciere
Á tu deidad santa y pura,
En *al mudes* mí figura.

Alguns praguentos quizeram dizer que esta letra era maliciosa, e que não queria dizer tanto desejar este galante de ser *mudado* em *al,* como que desejava *almudes* d'este licôr. Mas he muito grande falsidade, que sendo a letra assi feita, acaso acertou de sahir aquella palavra, com que molhava as suas quem tirava a divisa. Do que o innocente Autor, despois ficou para se enforcar. Mas outro galante, que de fino bebado já passava os limites do bom e costumado beber, tirou por divisa huma palmeira; árvore, que entre os Antigos significava victoria; e ao pé d'ella alguns ramos de vides e de parreiras pizadas; e dizia a letra assi:

Ficae vencidas, sem gloria,
Vós vides e vós parreiras;
Porque os ramos das *palmeiras*
São os que tem a victoria.

Tambem aqui não faltaram praguentos, que quizeram dizer que este devoto, deixando já atraz Portugal, commettia com valeroso animo *Orracas* (1) e *Fullas,* (2) tendo em pouco Caparicas e

(1) *Arach,* agua-ardente de arroz.
(2) *Fula* ou Sura, vinho distillado do sumo doce da *palmeira.*

Seixaes. Mas quem ha que fuja de más linguas, ou de mal costumadas gargantas?

Outro galante, a quem fazia mal ao estomago beber o vinho *aguado*, tirou por divisa huma peça de chamalote sem *aguas*, que apresentava Baccho; e dizia a letra, como por parte do mesmo Baccho:

> Sem águas, senhor, levai-o
> Se for bem.
> Que las aguas de Moncaio
> Frias son.

Aqui não tiveram praguentos que dizer, por ser opinião de physica, serem melhores os mantimentos simples, que os compostos.

Outro, que no beber lançava a barra inda mais além que os acima escritos, tirou por divisa hùma salamandra, passeando por cima de humas brazas de fogo; e a letra dizia:

> En el fuego vivo yo.

Mas o pintor errando as letras, acertou de pôr: *De fuego la bebo yo*. D'onde os praguentos quizeram adivinhar que este galante bebia *Orraca* de fogo. O demonio foi fazer tal erro, para d'elle sahir tamanho acêrto.

Outro devoto, que desque estava quente, dizia dos companheiros, quaesquer que fossem, o que de cada hum sabía, sem respeito, tirou por divisa hum demoninhado, lançando os olhos em alvo, escu-

mando e apontando com o dedo para hum frasco de vinho; e dizia a letra:

Se fallar demasiado,
Não m'o tachem, porque, emfim,
Aquella alma falla em mim.

Sendo atéqui introduzidos os religiosos de Baccho, pediram dous d'outra religião que tambem os deixassem jogar as canas, e que elles tirariam tal divisa, com que se tirasse a limpo sua habilidade; e sendo entrados ambos juntos, por certa conformidade que havia entre ambos, trouxeram pintados nas bandeiras cada hum seu par de pombas; e dizia a letra:

Se, como vós, ha hi *par*,
Vós o podereis julgar.

Certo, que atéqui chegou a malicia dos homens, porque tão subtilmente quizeram interpretar a innocencia d'esta letra, que tomaram a derradeira syllaba da primeira regra, e ajuntaram-n'a com a primeira da derradeira, que vem a dizer *parvos;* e disseram que juntos significavam isso aquelles dous innocentes. Mal peccado! tão errada anda a maldade humana, que logo tem por parvos aos que sabem pouco!

Outro homem entrou tambem por adherencia nas canas, o qual dizem que tinha partes maravilhosas; porque era tão perfeito em suas cousas, que o seu comer havia de ser o melhor temperado e o

mais suave do mundo; e os seus vestidos eram sempre dos mais finos pannos e sitins, que se podessem descobrir; e esta perfeição até nos amores e amizades se lhe estendia, porque com os amigos sempre tinha subtilezas de conversação, e com as amigas hum fingir que queria o que não queria. E, emfim, até no jogar usava d'aquellas manhas todas, as que para ganhar eram necessarias. E tinha mais hum revez da fortuna recebido, que se lhe estendia desde a ponta do nariz até huma orelha. Este senhor tirou por divisa huma camisa toda lavrada de *pontinhos*, lavor antigo; e a letra dizia assi:

Pontos de honrado e sisudo
Sempre na vida quiz ter;
Apontado no viver,
Apontado mais que tudo
Em meu vestir e comer.
Pontos subtis no meu gôsto,
Mais subtis no conversar:
Tanto me vim a *apontar*,
Que *apontado* trago o rosto,
E as cartas para jogar.

Muitos outros homens illustres quizeram ser admittidos n'estas festas e canas, e que se fizera memoria d'elles, conforme suas qualidades; mas infinita escritura fôra, segundo todos os homens da India são assinalados; e por isto esses bastem para servirem de amostra do que ha nos mais.